



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

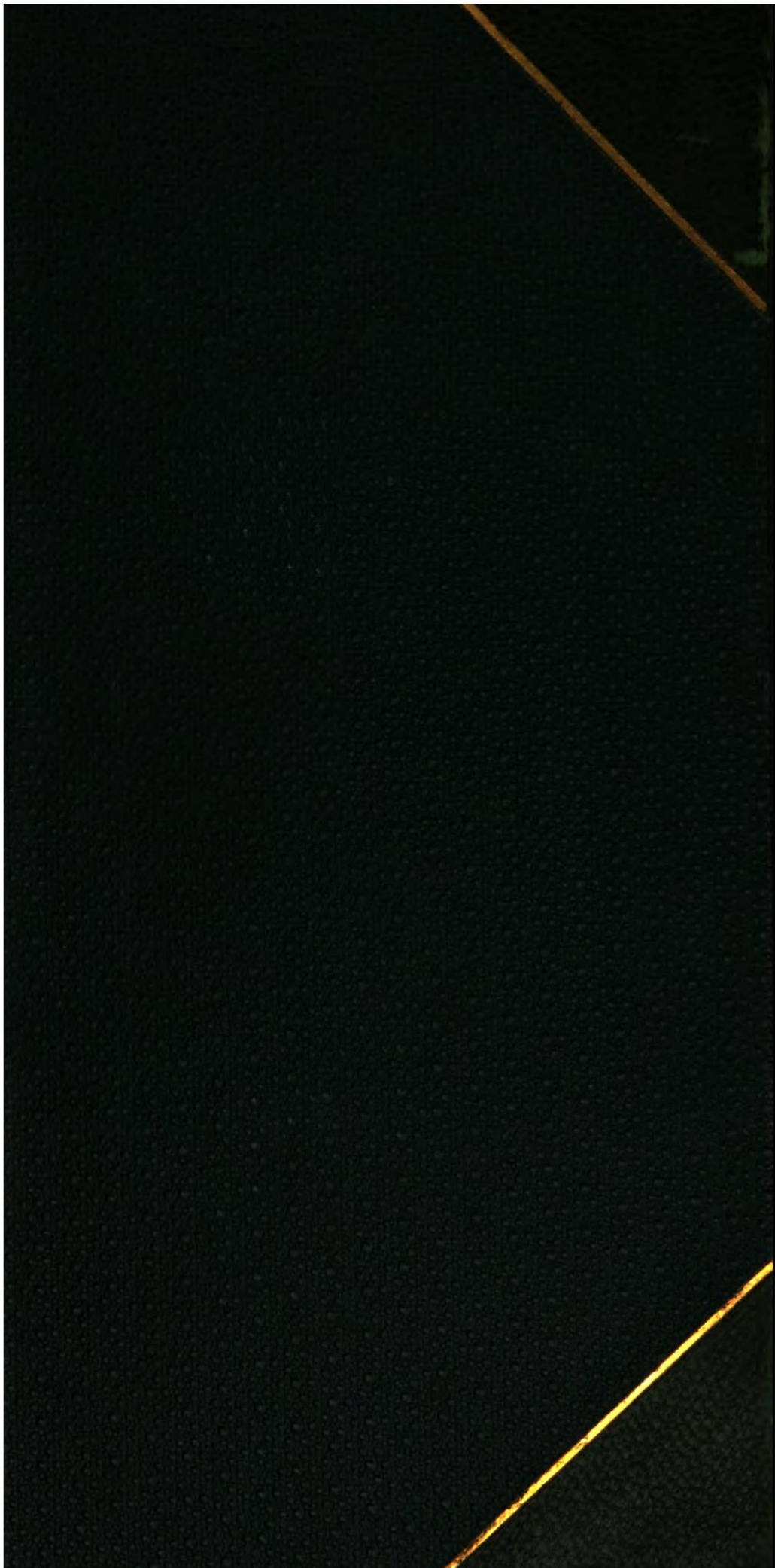
This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.



✓

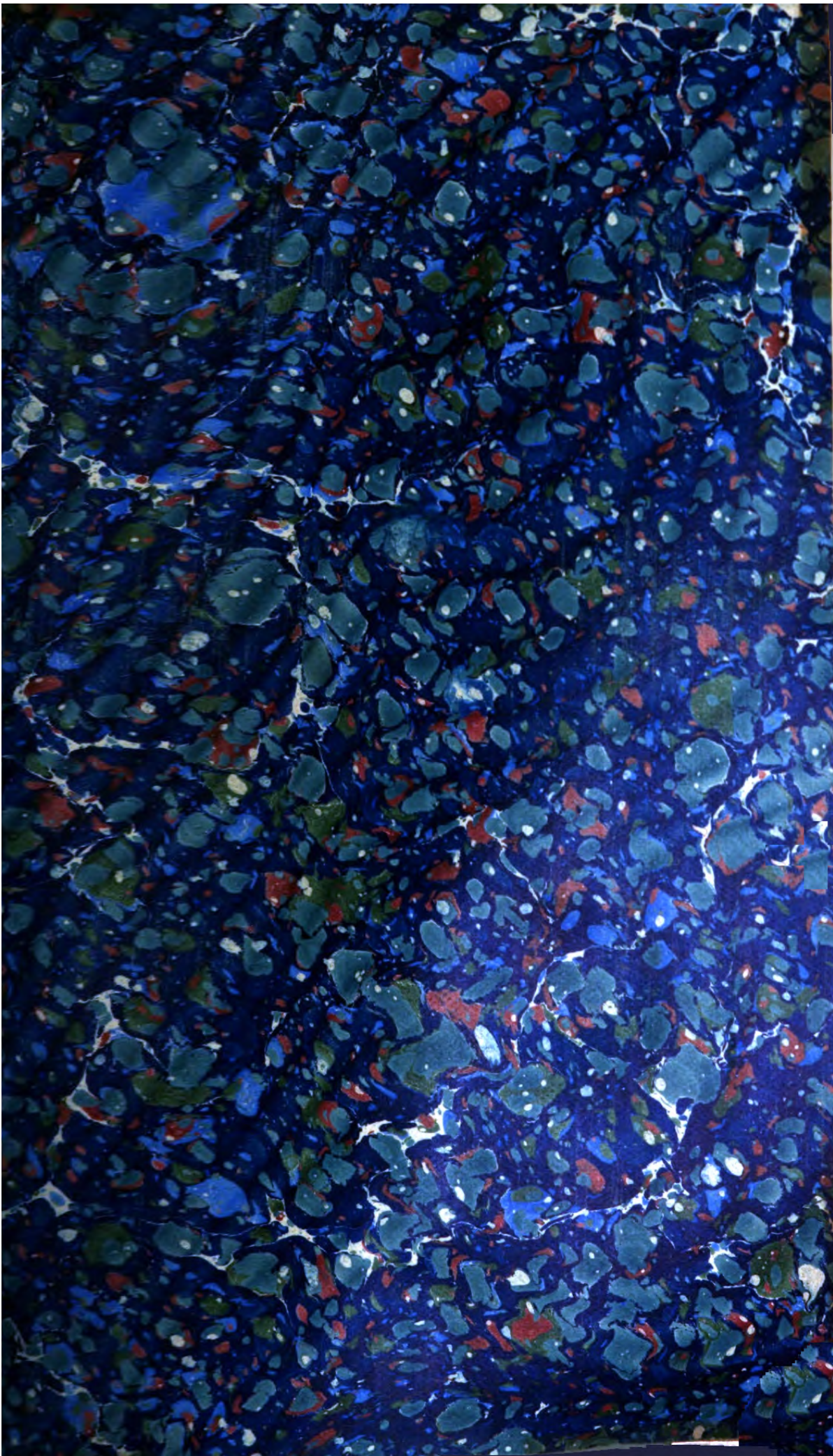
29606

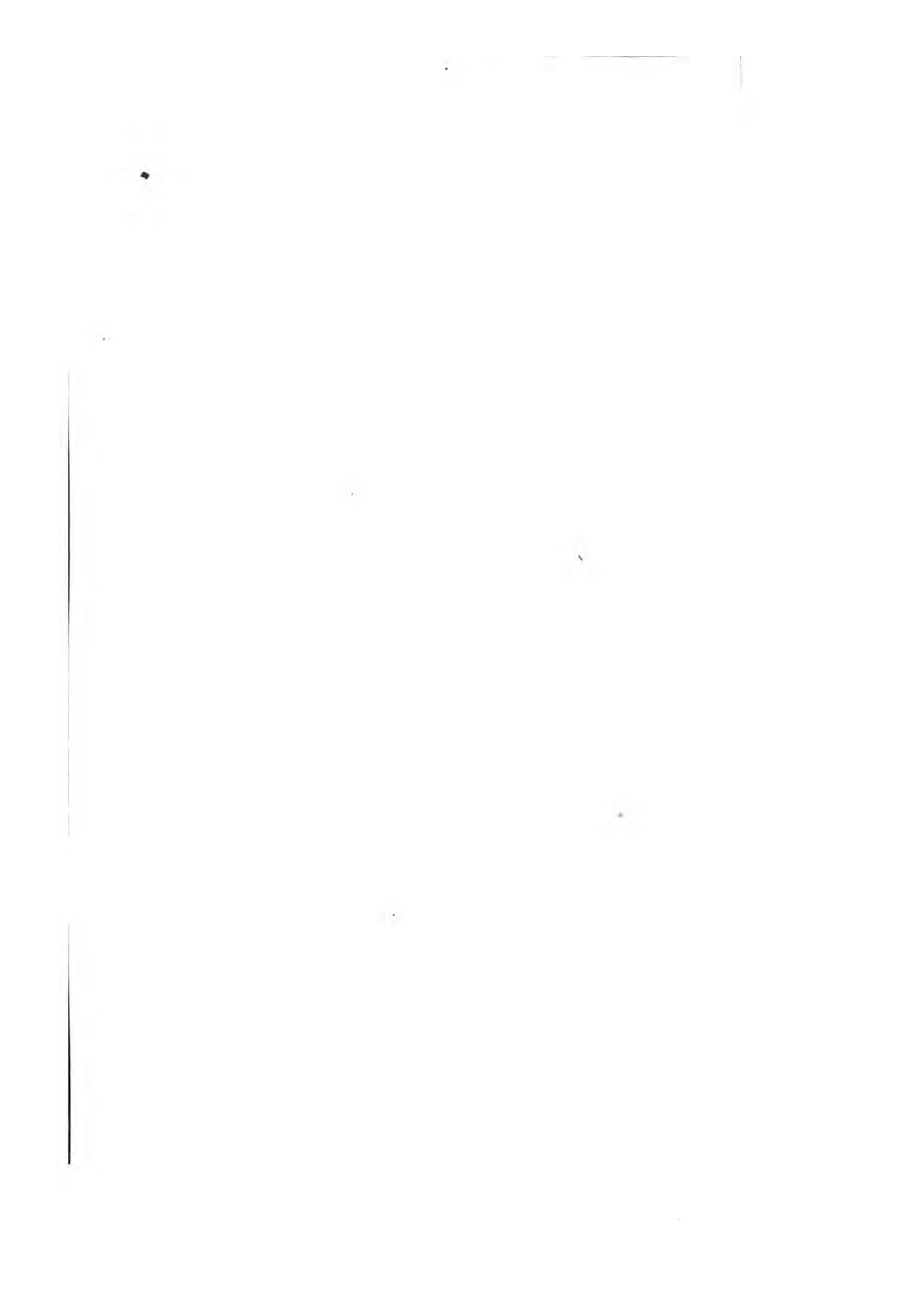
H. 101.



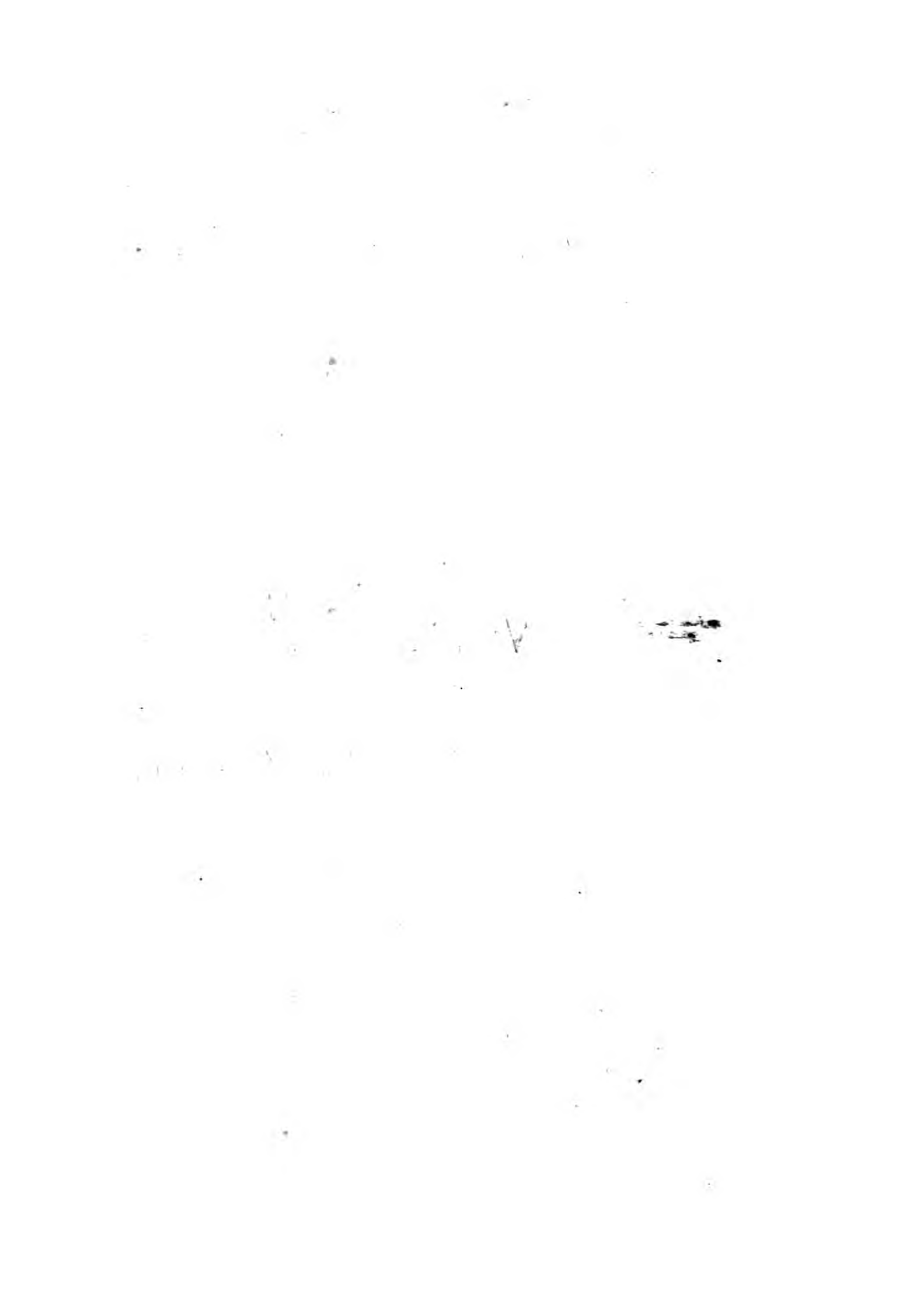
M
1895







VERSOS
DE
FILINTO ELYSIO.



V E R S O S
D E
F I L I N T O E L Y S I O .

Tomo VII.º - VIII

~~~~~  
**PARIS,**

**Chez BARROIS, Libraire, quai  
Voltaire N<sup>o</sup>. 5.**

---

**Anno de 1806.**

2343 V



---

## O D E

AO ILL<sup>mo</sup>. E EX<sup>mo</sup>. COMMENDADOR

JOZÉ MANOEL PINTO,

EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM ROMA:

---

Ad summam, sapiens uno minor est Jove.

*Horat. lib. 1, ep. 1.*

---

QUAM cegos, quam errados no caminho  
Da sólida verdade,  
Foraõ esses mortâes, que imaginaraõ,  
Que em lettras expozeraõ  
Serem de tóscos troncos produzidos  
Os homens; (1) e inda agóra

---

(1) Arcades huic veteres, astris lunaque priores  
Agmina fida datis, nemorum quos stirpe rigenti  
Fama satos, cum primùm pedum vestigia Tellus  
Admirata tulit. Nondum arva, domusque neque

( Urbes

Connubiique modus: quercus, laurique ferebant  
Cruda puerperia, ac populos umbrosa creavit  
Fraxinus, et fætâ puer excidit orno.

*Statius.*

Conservarem da origem tósca os rasgos !  
    Tam bronco é Homéro , ou Newton ?  
Jazem na mente de Rosseau divino  
    Brutézas d'uma enzinha ?  
Quem pôde compassar giros dos Orbes ;  
    Quem dar semblantes , géstos  
A idéias incorpóreas , fingidas ,  
    Vem de rayzes brutas ?  
Tu de árvore Celéste só podéras  
    Ser , Rousseau , descendente :  
Que só rompem dos troncos do alto Olympo  
    Tal sizo , e táes virtudes. (1)  
Sim , de árvore Celéste vem os homens ;  
    Que como tu , oh Pinto ,  
Compreendem co'a alta mente o vasto cerco  
    Das Artes , das Sciencias ,  
E que ornaõ co'a grinalda das Virtudes  
    Quanto a sciencia abrange.

---

(1) Digne de l'âge d'or , et de l'antique Rome ,  
Protecteur de l'enfance et de l'humanité ,  
L'apôtre précurseur de notre liberté.

## E P I T A P H I O.

Aqui jaz, mui contente de seu Fado,  
Jacinto Palmeiraõ ; (1)

Que quatro lindas vezes foi cazado,  
E quatro foi cabraõ.

Cazou pobre; e morreu ricco, e faceira. (2)  
Quanto val ter mulher bella, e Loureira. (3)

---

(1) O nome mudei-lho eu aqui por não ofender a sua memoria; mas a verdade do Epigramma podem abona-la muitos, que como eu, o conheceraõ. O tal cabraosinho, com tanto que a mulher, ou mulheres, com quem cazou ( que todas lhe conheci formosas, e elle como tães as escolhia para o trato ) lhe recheassem a algibeira, para galear a seu gosto, nunca perguntou d'onde lhes vinha o ganho.

(2) Vejaõ, no Anatómico jocoso, a definição de *Faceira*.

(3) *Loureiras* chama D. Francisco Manoel ( na Guia de cazados ) as mulheres, que os franceses chamaõ *femmes galantes*. Creio que a razão de lhes dar esse titulo é tirada do costume dos taverneiros, que poem louro à porta, como signal; a que na Lógica, que eu aprendi, chamaraõ *ex instituto*.

O D E  
A' LIBERDADE,  
DEDICADA  
AO ILL<sup>mo</sup>. E EXC<sup>mo</sup>. SENHOR  
MARQUEZ DE BOMBELLES,  
EMBAIXADOR DE S. M. CHRISTIAISSIMA  
EM PORTUGAL:

---

Jupiter illa piæ secrevit littora genti.  
*Horat. Epod. 16.*

---

QUE é o que eu ouço , oh Deoses !  
A minha eburnea lyra ,  
Que repouza , depois que a clara gloria  
Cantei soberbo , do Albuquerque duro ,  
Naõ toccada resôa ,  
E , do Vate incurioso , a maõ convida ?

\* \* \*

Respeitavel Prodigio ,  
Acceito o auspicio fausto :  
Feitos altos , a Musa , que te excita ,

( 5 )

Em grandiloquo métro me aparelha.  
Já me assinala as cordas ,  
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta.

\* \* \*

Qual ; da Sicyonia praia ,  
Parte o Agenorio (1) incerto ,  
Buscando a linda Irman , mal-confiada  
No fallaz touro de nevada fronte ;  
E dôbra ancioso as crespas  
Pontas dos alongados promontorios :

\* \* \*

Por insólitos mares ,  
Calcando insanos medos ,  
D'alem Colomb , daqui o inclito Gama  
Vaõ tremolar Occidentáes bandeiras  
Entre povos , que ajoelhaõ  
Ante homens Numes , dos trovoês Senhores.

---

(1) Cum pater ignarus, raptam perquirere Cadmo  
Imperat, et pœnam, si non invenerit, addit  
Exilium, facto pius, et sceleratus eodem.  
Orbe pererrato (quis enim deprendere posset  
Furta Jovis?) profugus patriamque, iramque  
Vitat Agenorides. (parentis

*Ovid. Metamorph. lib. 3, ad init.*



( 6 )

Os Tritões insoffridos ,  
Que os não rompidos mares ,  
Com desatado arrojo , assim devasse  
Do extremo Ocaso o morador affeito ,  
Depoem a ingrata nova  
Ante o trono do cêrulo Tyranno.

\* \* \*

Neptuno enfurecido  
Do sòlio se arremessa ,  
E c'o braço potente abala o fundo  
Do mar , que se amontoa , e se espedaça ;  
Que encapellado atira  
De sérra a sérra , os descorados lenhos.

\* \* \*

Eis ja , Cabral , descòbres  
Os Brazis não buscados :  
C'os salgados vestidos gotejando , (1)  
Pezado bejas as douradas praias ;  
E , aos Pòvos , que te-hospedaõ  
Ignaro do vindouro , os grilhoês lanças.

\* \* \*

A Bondade , a Innocencia ,

---

(1) Com o marulho das ondas embatidas trazia os vestidos humidos , e pezados quando desembarcou.

( 7 )

Que immemoriaes impéraõ  
Nos Reinos não avaros de aurea veyã ,  
Dos costumes da Europa espavoridas ,  
As gentes desamparaõ  
Miserandas. . . . Éntam a Liberdade ,

\* \* \*

As azas , não manchadas  
De baixa tyrannia ,  
Soltou izenta pelos ares livres ;  
Mal que avistou a Escravidãõ ao longe ,  
Roupas trajando sanctas ,  
Vir estes climas demandar ditosos.

\* \* \*

Ao vento se desfraldaõ ,  
E as vélas já branquejaõ ,  
Que as leis escuras trazem , sanguinosãs ,  
Trazem cordas , grilhoes , trazem segúres ,  
( Da Liberdade em troco )  
Para as Naçoës , que o crime mal conhecem :

\* \* \*

Géme a America ao pezo ,  
Que insolente lhe aggrava  
Dos Vicios a cohorte maculosa : (1)

---

(1) Maculosum nefas. — *Horat. lib. 1, ed. 5,*

( 8 )

O veneno da Europa se derrama ,  
E os mudos valles trôão  
C'ò trémulo fragor do bronze rouco.

\* \*

Themis , co' as mãos ao rosto ,  
Subito os olhos cerra ,  
Quando encara as fogueiras flammejando ,  
O Rei maniatado , o algoz sedento ,  
Pelo ouro mal-devoto (1)  
Decependo as cabeças innocentes.

\* \*

Mas. . . . Que doce violencia  
Me retira de tanta  
Scena de horrores? Qual me esparges néctar ,  
Musa , pelos mortáes , pezados membros ;  
Que mal tòcco , ligeiro ,  
As azuladas , transparentes ondas ?

\* \*

Deste licor banhado ,  
O dulcisono Orpheo ,  
Assim seguia a pròvida Calliope ,

---

(1) Que não tinha sido até entam empregado  
em pagar missas , e outras devoções.

( 9 )

Desde os mares da Grecia , ao Nilo ignoto ;  
Quando o mysterio Egypcio  
Quiz registrar , do alto saber avaro.

\* \* \*

Salve , copado Bosque ,  
Salve , placido Azylo  
Da casta , foragida Liberdade.  
Là vejo o Templo seu aprîco , immenso ,  
Que encerrar-se não deixa (1)  
De bronzeas portas , artezoados tectos.

\* \* \*

Là vejo , inda entalhado  
Nessa arvore robusta ,  
Do humanissimo Pen o nome grato :  
Inda os costumes saõs , que elle plantara ,  
Recendem nestas veigas ,  
Orvalhados de amiga tolerancia.

\* \* \*

Aqui , nos terroës toscos  
Sentados , acceitavaõ  
Os Selvagens indigenas o preço

---

(1) Como antigamente se não fechavaõ em  
Roma as portas das Cazas , em que moravaõ os  
Tribunos do Povo.

\*

Da terra ja alem-dada : (1) exemplo insigne ,  
Que insculpirà infamia  
Nos que as plagas não suas captivaraõ !

\*  
\* \*

Naõ mais , naõ mais , oh Musa ;  
Naõ mais furor me accendas.  
Sinto o sangue correr atropellado ,  
O cerebro assaltar-me aguda chamma  
De fatidico incendio :  
Jà , do futuro , a Jove arrança as chaves.

\*  
\* \*

Como risonha , e déstra  
Treze Regioes discorre :  
Como co' as alvas maõs lhes quebra o jugo ,  
E as toma , a Liberdade , em annel firme !  
Como as dextras lhe enlaça ,  
Sõpra em seus peitos brios , esperanças !

\*  
\* \*

Soltaõ-se os pendoes livres  
Ao teu sizudo aceno ,  
Philosopho Francklin , que arrebataste

---

(1) Veja se o Diccionnario dos Homens Il-  
lustres na palavra Penn.

Aos Céos o Rayo, o Sceptro a Tyrannia; (1)  
E ao teu aviso, em Boston  
O Lyrio (2) ajudador tremôla, ovante.

\* \* \*

De honra e valor armado,  
Washington, alli te érgues,  
E ao Congresso indeciso a fé abonas.  
Tu és sua muralha, e seu escudo;  
Qual, outrôra no Lacio,  
O Fabio tardador, (3) à afflicta Roma.

\* \* \*

Os Socios protegidos,  
Os Tyrannos exhaustos  
São eternos braços da tua gloria,  
Que cresce triumphal na redondeza,  
Como os circulos crescem  
Em lago, que no centro foi ferido.

\* \* \*

Neste limpo terreno

---

(1) Eriquit cælo fulmen, sceptrumque tyrannis.

*Verso de M.r Turgot a Francklin.*

(2) A armada Franceza, que foi em seu socorro.

(3) Vistricesque moras Fabii, — *Propert.*

Virà assentar seu throno  
A san Philosophia , mal acceita ;  
E Leis màis brandas regerão o mundo ,  
Quando homens màis humanos ,  
C'ò rayo da Verdade , a luz espalhem.

\*  
\* \*

Jà de Sapiencia ricos ,  
Enxames Philadelphios  
Vaõ conquistar com almo ensino a Europa ;  
Sem bayonetas , sem canhoës escravos ,  
Vaõ plantar generosos  
Ramos da restaurada Liberdade :

\*  
\* \*

Quães , do florido Hymetto ,  
Mellificas abelhas ,  
Entre as azas do Zephyro amparadas ,  
Vaõ demandar , com vôo dezejoso ,  
As remotas devêzas ,  
Que haõ-de adoçar c'os fabricandos favos.

---

L Y R A S.

---

Vê como brilhaõ no azulado tecto  
As nitidas estrellas,  
Que nas pouzadas bellas  
Engastou o riquissimo Architecto.

Lá vem , Marfisa , por detraz do monte ,  
A Lua prateada ,  
Que deixa desmayada  
De tanto astro a luz , co' a clara fronte.

Veràs da Aurora o apavonado riso  
Revestindo as campinas ,  
E às tochas diamantinas  
D'outro splendor maior trazer o aviso :

E n'um coche flammivomo , o Monarcha  
Da luz vivificante ,  
Alagar radiante  
Os Céos , a terra que estendido abarca.

Sò não verás ( o porque estou ansiando )  
Nos teus olhos formosos ,  
Dous sões mais graciosos  
Abrir-se para mim , amor rayando.



## ODE

A O S E N H O R

AUGUSTO MARQUET D'URTUBISE.

---

**V**ERDADE austérea me resôa na alma.  
Mortal, ouve o teu Mestre.  
Sobre as azas das Musas remontado,  
Bebi liçoês augustas;  
Ella me nomeou, ella me envia,  
De suas leis constantes, pregoeiro.

\*  
\* \*

Ordem guardaõ nas rápidas campinas,  
Esmaltadas de estrellas,  
Exercitos de mundos, que navegaõ  
Espaços sem medida;  
Nas ordenadas órbitas rodando,  
Espreitaõ do alto Nume o antigo aceno.

\*  
\* \*

Ordem mantêm, quanto elle tem creado:  
Ella rege sobrana  
Zephyros brandos, Euros tormentosos;

Nas mãos tem a cadeya  
Que até o verme arrastado pela terra ,  
Ao Rei soberbo , que dispoem do mundo.

\*  
\* \*

O Bem geral da vasta imbellè Prole  
É nossa lei primeira.  
Feliz serei , se não quebranto iniquo ,  
Com criminoso insulto ,  
A tranquillã ventura dos Humanos ,  
Unico bem , para que à luz fui dado ;

\*  
\* \*

Se , contra o meu Dever , não luttã na alma  
Paixões descomedidas ;  
Se esse interesse vil , que as esporêa ;  
Que levanta as querêlas ,  
Me não tóma no peito alto dominio ,  
E a captiva Razaõ c'os pes-naõ calca.

\*  
\* \*

O çujo Charco dos brutães deleites ,  
Com amarga peçonha ,  
Embebe os tãlos das viçosas plantas :  
Enfastiadãs horas  
Vem embotar o gume do Desejo ,  
E dos marmóreos Paços foge o Somno.

\*  
\* \*

Sê desata a Alegria limpas fontes

( 16 )

No coração, que é puro :  
Pelas portas das lóbregas masmorras  
Mette serenos dias  
O puro irrefragavel testemunho  
Da benefica vida, ao Crime adversa.

\*  
\* \*

Com quanto não me exprobre atròz remorso  
Maléficas lembranças,  
Que me importa que os Bens, a Vida, a Fama  
Sejaõ lanço do Embuste ?  
Que pelo pò me arraste, desvalido,  
A traidora Fortuna, caprichosa ?

\*  
\* \*

Duro não peço ao soberbaõ piedade,  
Nem quartel ao injusto :  
Aggravado, innocente, mal-punido  
Tenho de ser ditoso,  
Co' a paz suave, na cabana humilde,  
Entre os braços do puro Regozijo.

\*  
\* \*

Porque heide cobiçar os bens sobejos  
De que desdenha o Sabio,  
E porque tanto o imprudente anhéla ?  
Assim, por léves nada,  
Càhem dos olhos, lagrimas mimosas  
Aos ignorantes, àvidos meninos.

( 17 )

Pròvido Fado o Bem , o Mal reparte :

Ora meigo nos léva

Por prados , que de rozas nos tapiça ;

Ora , para arrancar-nos

Da mão ferrenha do contente Vicio ,

Por verêdas de abrolhos nos empucha.

\*  
\* \*

Da lutta audaz c'o indocil Appetite

Te lembrarás com gosto ,

Quando se abrir um dia à tua mente

Esta Harmonia , esta Ordem

Que , do futuro austéro o véo nublado ,

A nossos olhos temerarios véda.



A S T U C I A  
C O N T R A A M O R .

VINHA Amor resolute a assettear-me :  
Eis, que eu lhe opponho um Odre aos cégos ti-  
Farpaõ sobre farpaõ cuida encravar-me, (ros.  
Ouvindo astutos , languidos suspiros.  
Quando vazia a aljava ,  
E a voz morta me sente ,  
A vêr o estrago o Atirador chegava ,  
E as feridas contar na rêz jacente.  
Mas , do meu couto , pelas azas cruas  
Colho o Daninho ;  
Nas nalgas nuas  
Pezadas mãos colérico lhe assento.  
O Coitadinho ,  
No seu tormento ,  
Em vaõ me chòra ,  
Piedade implora ;  
Que eu surdo a rogos , surdo a terno pranto ,  
Por me vingar de tanto insulto e tanto ,  
Que em minha vida ,  
Este homicida  
Me fez àcintemente ,  
Com ira incontinente ,  
No odre , que me amparou , sãnhudo o affògo ,  
Onde deu um arranco , e morreu lôgo.

---

O D E

A' MINHA MUSA  
APPETITOSA DE CORRER MUNDO.

---

Tu, nisi ventis debes ludibrium,  
Cave. . . . Horat. lib. 1, od. 14.

---

**M**USA, que te affoutaste a vér comigo,  
( Mal acceita na patria ) estranhas terras,  
Hoje sem mim te vãs, desamparada,  
Tentar incautos Climas.

Naõ confies na arajem lisongeira,  
Nem nas azûes campinas perguiçosas;  
Retalhados cachopos se te escondem  
Nas fementidas aguas.

Téme o estrangeiro Céu, téme as tormentas  
Desse pégo famoso por naufragios:  
Mâis possantes baixeis, de louro ornados,  
Fraquearaõ rendidos,

A's severas rajadas; e rompidas  
As mal-colhidas vélas, uma sérra  
De agoa encurvada acapellou trementes  
Os descorçoados bordos.

Naõ convem aos humildes (1) a affoiteza ;  
E as praias coalhadas de destroços  
Te védaõ os arrojõs ; nos alheios  
Te inculcaõ que escarmentes.

Dorindo , que bonanças te encarece ,  
Naõ acomette os mares , nem permite  
Que as suas nãos seguras , e alterosas  
Desafferrem do porto.

---

(1) — — Operosa parvus

Cármina fingo. — *Horat. lib. 4, od. 2.*

Naõ m'o attribua o Leitor a falsa , e ambi-  
ciosa modestia ; nunca eu menos cazo fiz de  
meus versos , que agora , privado ( pela ausencia )  
dos meus , do uso da minha lingua , e dos Clas-  
sicos della ; sem Quintilio , sem Pisoës , que me  
aconselhem , me censurem , etc. etc. etc.

Na Carta ao meu mui estimavel Amigo  
Avellar , que reimprimi , puz de propósito por  
inteira toda a passagem de Petronio que pertence  
aos que entraõ na Carreira poetica ; porque  
sirva de espelho , em que os Alumnos se mirem.  
Os que sentirem em si as qualidades requisitas ,  
estampem aquellas sentenças na memoria , para  
nunca se esgarrarem da Vereda alli apontada.  
E os que não acharem sua alma disposta como  
Petronio a requer , tómem outro caminho , e  
seremos menos inundados de máos versos. Eu  
devia tomar esse conselho para mim. Mas sem-  
pre tive má cabeça.

S O N E T T O

M O T T E

A magica Poesia os Céos encanta.

G L O S S A.

**C**o' a dextra avermelhada Jove horrendo  
Quiz alluir dos Orbes a structura ,  
E ao bá Rathro lançar a prole impura  
Do lôdo vil , mil rayos devolvendo.

Já nas entranhas do Ethna está gemendo ,  
Aos gôlpes do martéllo , a massa dura ,  
Já nos ares se espessa a nuve' escura ,  
Que ha-de fender-se com fragor tremendo...

**E**m tanto se érgue aos Céos um som Divino ,  
Que das Musas entoã a turba Sancta. — —  
Lá rompe o firmamento cristallino ;

**E**sfria a Jove o rayo , iras quebranta.  
Que valia não tens, Aonio Hymno !  
A magica Poesia os Céos encanta.

---



---

---

## AD GALLOS,

Quum orfis inter Magistratus dissidiis, acceptisque in Italia cladibus, nova belli civilis incendia nuntiarentur.

ANNO VII.

QUAE vesania, quis furor!  
Quàm cæco miseri turbine volvimur!  
Sors brutis melior feris  
Si nullo regitur gens moderamine.  
At quò, quò ruitis? novæ  
Cur cristæ galeis, telaque, et impiæ  
Aptantur manibus faces?  
Ardebitne suâ Gallia dexterâ?...  
Eheu! jam satis et super  
Certatum est odiis exitialibus;  
Cives parcite civibus,  
Atque iras acies vertite in hosticas...  
Pallent; nec moniti audiunt,  
Feralique premunt ora silentio.  
Errandine necessitas,  
Aut erroris amor desipientium  
Turbam præcipitem trahit?  
Nec jam certa Rei nec Ducibus fides;  
Expers Curia consili  
Delirat, populus plectitur innocens.

---

---

T R A D U Ç A Õ.

OH desatino ! oh furia !  
Qual ( tristes ! ) cégo vortice nos volve ?  
Se aos homens nada enfreia ,  
Sorte melhor aos brutos coube. Onde ides  
Assomados ? Que novos  
Cocares embêbeis (1) nos capacetes ?  
Que lanças , que fogachos  
Empunháes co' essas mãos despiedadas ?  
Será , quem ponha o fogo  
A' França a dextra vossa ? Ay ! mais que muito  
Com stragadores odios  
Se combateu téqui. Poupai , magnanimos  
Sangue Frances , Franceses  
Vertei na hostil cohorte as vossas iras.  
Inflaõ.... nem já escutaõ  
Avisos meus. Mortal silencio lhe áta  
Os labios. — No despenho  
Lança , a esse bando nescio , ansia de errarem ?  
Ou lhes faz o Erro força ?  
Nos Cabos , na Republica a Confiança  
Vacilla : de prudencia  
Falta , delira a Curia. Paga-o o Povo  
Innocente. Oh Discordia ,  
Onde impelles as mentes transviadas ?

---

(1) *Embêbe a sétta no arco disse Vieyra.*

Quò Discordia devias  
Mentes proripiet ? Numquid adhuc parùm  
Fusum est sanguinis , et piget  
Trites imperii relliquias suis  
Non convellere sedibus ?  
Ergo funeribus funera , ( proh dolor ! )  
Accedet nova stragibus  
Strages , oppositæ læta Britanniaë !  
Tectis squalida dirutis ,  
Oppressisque silént artibus oppida :  
Desertis dolet in viis  
Pubes immeritis orba parentibus ;  
Indignoque terit pede  
Fraternis silices cædibus ebrias ;  
Et cultore carent suo  
Versis in gladios arva ligonibus.  
Urget dedecus additum  
Damnis , inque dies vix medicabili  
Gliscit pernicies malo ,  
Dum rerum bona pars irrita defluit.  
Ingens præsidium et jubar  
*Sublatum ex oculis quaerimus anxii :*  
Adsit qui velit improbas  
Fraudes , et *rabiem tollere civicam ;*  
Adsit qui PATRIAE STATOR (1)

---

(1) Quo sensu dicatur STATOR declarat Cicero ,  
de Fin. Lib. III. « Atque etiam Jovem quum  
» optimum et maximum dicimus, quumque eum-

-Não é inda bastante  
O' já vertido sangue ? E bem vos péza  
    Não ter desarraygado  
Do sitio os tristes restos deste Império ?  
    Cumpre ( oh mágoa ! ) que às mórtes  
Mórtes se unaõ , e a estrágos máis estrágos ?  
    Delicias de Albion invida !  
Esquálidas as villas em-mudecem ,  
    Esbroadas as Cazas ,  
As Artes opprimidas : as Crianças  
    Nas érmas ruas , orphans  
Choraõ dos Páes as mórtes não-devidas ;  
    Com pé sanhudo , as pédras  
Roxas do sangue fraternal , pizando.  
    Forjados em alfanjes  
Os enxadaõs , de seu Cultor carecem  
    As geiras. Sobre posta  
Carréga sobre as Perdas , a Deshonra.  
    No mal , quasi-incursavel  
D'um dia em outro , o extremo damno cala ,  
    Em quanto embalde escóa  
Bôa parte dos bens. O esteio ingente ,  
    O splendor , que dos olhos  
Nos desviarãõ , ansiosos inquirimos.  
    Acuda quem destrúa  
Improbas fraudes , Civicas vinganças.  
    Acuda quem se atrêva  
A ter nome de Páe da Patria ; e às rédeas  
    Aos devassos terrores

Seribi , ac terrificam strenuus audeat

*Refrænare licentiam , et*

Libertate novâ luxuriantibus

Metas figere aheneas ;

Præsens Ille suis carus et exteris.

O Navis , tibi creditum

( Seram orbis requiem , fataque postera )

Serves depositum , precor :

Quamvis remigio nudaque linteis ,

Tot defuncta periculis ,

Mauros ó utinam , ritè faventibus

Euris , effugias sinus ;

Spem gentisque bonam votaue sospites !

---

» dem Salutarem , Hospitalem , *Statorem* ; hoc  
» intelligi volumus salutem hominum in ejus  
» esse tutela. »

Et SENECA , de Beneficiis , Lib. IV. « Et Jo-  
» vem illum optimum ac maximum ritè dices et  
» Tonantem et *Statorem* , qui non ( ut historici  
» tradiderunt ) ex eo quòd post votum susceptum  
» acies Romanorum fugientium stetit , sed quòd  
» *stant* beneficio ejus omnia , *Stator* stabili-  
» torque est. »

---

( 27 )

Encolher alentado ; e pôr balizas  
De bronze aos desmandados  
Co' a Liberdade nova , aós seus ( presente ) (1)  
Amado assumpto , e a estranhos.  
Rogo-te , oh Não , que salves a confiança  
Em ti depositada  
( Tardo Socègo do Orbe , e extrêmos Fados ! )  
Bem que desarvorada  
De mastos , e velâme ; e tantos p'rigos  
Hajas corrido. Oh praza  
A Deos , que às prayas Mouras bons Favonios  
Te escondaõ , e nos rimas  
Da França o anhêlo , e as esperanças boas !

---

## E F F E I T O S

### DO AMOR MAL-CORRESPONDIDO.

QUANDO uma Mocetona lhe resiste ,  
O soberbaõ Inglez crê que ella o offende ;  
O Italiano chora , e se arrepende :  
Nada há hi que console o Hespanhol triste ;  
O Allemaõ cóme , bébe , e se consola ,  
Para o Francez — repudio é carambola.

---

(1) Præsens divus habebitur Augustus.

*Horat. lib. 2 , od. 5.*

O D E  
A LA FORTUNE,  
DE M.<sup>r</sup> J. - B. ROUSSEAU.

**F**ORTUNE , dont la main couronne  
Les forfaits les plus inouis ;  
Du faux éclat qui t'environne  
Serons-nous toujours éblouis ?  
Jusques à quand , trompeuse Idole ,  
D'un culte honteux et frivole  
Honorons-nous tes autels ?  
Verra-t-on toujours tes caprices  
Consacrez par les sacrifices ,  
Et par l'hommage des mortels ?

Le Peuple dans ton moindre ouvrage  
Adorant la prospérité ,  
Te nomme Grandeur de courage ,  
Valeur , Prudence , Fermeté.  
Du titre de Vertu suprême  
Il dépouille la Vertu même ,  
Pour le Vice que tu chéris :  
Et toujours ses fausses maximes  
Erigent en Héros sublimes  
Tes plus coupables Favoris.

O D E

A' FORTUNA,

DO SENHOR J.-B. ROUSSEAU,

**Q**UERES co' a falsa luz que te rodeia,  
Sem termo, deslumbrar-nos,  
Fortuna, que os flagícios mais estranhos,  
Com cega mão corôas?  
Até quando haõ-de honrar os teus altares,  
Idolo fraudulento,  
A ti rendidos os mortâes insanos;  
E pròdigos de victimas,  
Com vergonhosos, frivolos respeitos,  
Adorar teus caprichos?

No teu menor Feitura acòta o Povo  
O teu prospero Numen:  
Valor te chama, generoso Brio,  
Sizo, Constancia chama.  
Para enfeitar o Vicio que perfilhas,  
Vàs despir a Virtude  
De seus mais nobres, mais altivos fóros.  
Falso discorre, e exalta  
Os mais facinorosos teus validos  
Como os Heròes egregios.



Mais, de quelque superbe titre  
Dont ces Héros soient revêtus,  
Prenons la Raison pour arbitre,  
Et cherchons en eux leurs Vertus.  
Je n'y trouve qu'extravagance,  
Faiblesse, injustice, arrogance,  
Trahisons, fureurs, cruautés.  
Étrange Vertu, qui se forme  
Souvent de l'assemblage énorme  
Des Vices les plus détestés !

Apprens que la seule Sagesse  
Peut faire les Héros parfaits :  
Qu'elle voit toute la bassesse  
De ceux que ta faveur a faits :  
Qu'elle n'adopte point la gloire  
Qui naît d'une injuste victoire,  
Que le Sort remporte pour eux :  
Et que devant ses yeux Stoïques,  
Leurs Vertus les plus héroïques  
Ne sont que Crimes heureux.

Quoi ! Rome et l'Italie en cendre  
Me feront honorer Sylla ?  
J'admurerai dans Alexandre  
Ce que j'abhorre en Attila ?  
J'appellerai Vertu guerrière,  
Une Vaillance meurtrière

Embora os ornem titulos honrados  
Aos teus Heròes ufanos ;  
Venha a Razaõ, estrême-lhe as Virtudes  
Co' a vara judiciosa ;  
Là lhe aponta injustiças , arrogancias ,  
Fraquezas , devaneios.  
Vejo traiçoës , furores , crueldades . . .  
Que hediondas Virtudes !  
Bruto parto do enorme ajuntamento  
Dos máis horrendos Vícios.

Sabê , oh Deosa , que sô a Sapiencia  
Produz Heròes perfeitos ;  
Que ella accusa os senões dos que esse nome  
Por mercê tua alcançaõ :  
Nem braçoës , que forjou victoria injusta ,  
Tem cabimento co' ella.  
O Acazo os grangeou , naõ teus validos ;  
E táes heroicos feitos  
Com vista stòica os sobre-vê , e os conta ,  
Entre os ditosos crimes.

Honrarei Sylla , porque a Italia e Roma  
Metteu a ferro e fogo ?  
Louvarei de Alexandre a crua insania ,  
Que em Atila aborreço ?  
Queres que chame bellica Virtude  
Os brios homicidas ,

Qui dans mon sang trempe ses mains ?  
Et je pourrai forcer ma bouche  
A louer un Héros farouche ,  
Né pour le malheur des humains ?

Quels traits me présentent vos Fastes ,  
Impitoyables Conquérens ?  
Des vœux outrés , des projets vastes ,  
Des Rois vaincus par des Tyrans :  
Des murs que la flâme ravage ;  
Des Vainqueurs fumans de carnage ;  
Un Peuple au fer abandonné ,  
Des Mères pâles et sanglantes ,  
Arrachant leurs Filles tremblantes  
Des bras d'un Soldat effréné.

Juges insensés que nous sommes ,  
Nous admirons de tels exploits !  
Est-ce donc le malheur des Hommes  
Qui fait la Vertu des grands Rois ?  
Leur gloire féconde en ruines ,  
Sans le meurtre et sans les rapines  
Ne saurait-elle subsister ?  
Images des Dieux sur la Terre ,  
Est-ce par des coups de Tonnerre  
Que leur Grandeur doit éclater ?

Mais je veux que dans les allarmes  
Réside le solide Honneur.

Que as brutas mãos ensôpaõ no meu sangue ?

Não dobrarei a Lyra

A que entõe um Heròe feroz , nascido

Para estrago dos homens.

Abro os vossos annaes, Leoês sedentos ;

Daqui , dalli descubro

Sobejas ambiçoês , largos projectos.

Aqui razas muralhas ,

Là Reis atropellados por tyrannos. —

Do golpeado povo

Em sangue quente o Vencedor fumêa ;

E as Mães sem côr , e esqualidas

Dos braços do soldado infrene arrancaõ

As tremebundas Filhas.

Insensatos Iuizes admirâmos

Taes feitos , taes ruínas !

Faz a virtude pois os Reis preclaros

Co' as desditas dos homens ?

Nem seus louros fecundos de destrôços ,

Sem mortes , sem rapinas

Não se pôdem soste'r ? Deoses da terra ,

Imagens dos do Olimpo ,

Quereis patentear o poder vosso

No estampido , nos rayos !

Surja embora da guerra , e das conquistas

A perduravel Honra.

Quel Vainqueur ne doit qu'à ses armes  
Ses triomphes et son bonheur ?  
Tel qu'on nous vante dans l'Histoire ,  
Doit peut-être toute sa gloire  
A la honte de son Rival.  
L'inexpérience indocile  
Du Compagnon de Paul-Émile  
Fit tout le succès d'Annibal.

Quel est donc le Héros solide ,  
Dont la gloire ne soit qu'à lui ?  
C'est un Roi que l'Équité guide ,  
Et dont les Vertus sont l'appui :  
Qui prenant Titus pour modèle ,  
Du bonheur d'un Peuple fidèle  
Fait le plus cher de ses souhaits :  
Qui fuit la basse Flatterie ;  
Et qui , Père de sa Patrie ,  
Compte ses jours par des bienfaits.

Vous chez qui la guerrière Audace  
Tient lieu de toutes les Vertus ,  
Concevez Socrate à la place  
Du fier meurtrier de Clitus.  
Vous verrez un Roi respectable ,  
Humain , généreux , équitable ,  
Un Roi digne de vos autels.  
Mais à la place de Socrate ,  
Le fameux Vainqueur de l'Euphrate  
Sera le dernier des Mortels.

Qual vencedor deveu à méra lancea  
Os felices triumphos ?  
Quanto Herde não ganhou na Historia quadro ,  
A quem rendeu mais gloria  
O desar do rival , que o proprio esforço ?  
O indocil e inexperto  
Varraõ , co' infausta intrepidez de Cannas ,  
Esclareceu a Annibal.

Mas qual é , Musa , o Herde que em si só funda  
Da sua gloria a baze ?  
Lá vejo um Rey , que firme na virtude ,  
Toma por Mestre a Tito ;  
E na Equidade os olhos encravando ,  
Poem seu mais doce anhelo  
Em bem-afortunar o leal povo ;  
Que espanca a vil Lizonja ,  
E vèro Pai da Patria , com bondades  
Assinalla os seus dias.

Tu , ante quem a bellica affouteza  
Vale as virtides todas ,  
No auge do féro mattador de Clyto  
Poem Socrates benigno ;  
Veràs um Rey grandioso , respeitavel ,  
Um Rey humano e justo ,  
Digno de teus altares : mas o altivo  
Conquistador do Euphrates  
Serà , se o poés de Socrates no posto ,  
O repúdio dos homens.

Héros cruels et sanguinaires ;  
Cessez de vous enorgueillir  
De ces lauriers imaginaires ,  
Que Bellone vous fit cueillir.  
Envain le Destructeur rapide  
De Marc-Antoine et Lépide  
Remplissait l'Univers d'horreur :  
Il n'eût point eu le nom d'Auguste ,  
Sans cet Empire heureux et juste  
Qui fit oublier ses fureurs.

Montrez-nous , Guerriers magnanimes ,  
Votre Vertu dans tout son jour ;  
Voyons comment vos cœurs sublimes  
Du Sort soutiendront le retour.  
Tant que sa faveur vous seconde ,  
Vous êtes les Maîtres du Monde ,  
Votre gloire nous éblouit.  
Mais au moindre revers funeste ,  
Le masque tombe : l'Homme reste ;  
Et le Héros s'évanouit.

L'effort d'une Vertu commune  
Suffit pour faire un Conquérant.  
Celui qui dompte la Fortune ,  
Mérite seul le nom de Grand.  
Il perd sa volage assistance ,  
Sans rien perdre de la constance

Herões crueis , Herões sanguinolentos ,  
Cessai de empavonar-vos  
Dos chimericos louros , mal colhidos  
Nos campos de Bellona.  
Em vão o Destruidor arrebatado  
De Lépido , e de Antonio ,  
De horror cubria o mundo ; que de Augusto  
Nunca alcançara o nome ,  
Se os seus furores não lavara manso  
Com justo , almo governo.

Exponde à clara luz vossa virtude ,  
Magnanimos Guerreiros ;  
Volva a Fortuna a rôda. — Como a aguardaõ  
Esses peitos sublimes ?  
Em quanto ella as proëzas vos bafeja ,  
Senhores sois do mundo ;  
Co' brilho nos cegais. Mas se os azares  
Despêde carrancuda ,  
Cabe a mascara aos pés , desfaz-se o Herôe !  
E que nos resta ? O Homem.

Para um Conquistador sobeja esforço  
De trivial virtude :  
Mas só merece bem de Grande o nome ,  
Quem subjuga a Fortuna ;  
Quem perde os seus affagos , sem que torça  
Da rigida constancia ,



Dont il vit ses honneurs accrus :  
Et sa grande ame ne s'altère  
Ni des triomphes de Tibère,  
Ni des disgraces de Varus.

La Joie imprudente et légère  
Chez lui ne trouve point d'accès ;  
Et sa crainte active modère  
L'ivresse des heureux succès.  
Si la Fortune le traverse,  
Sa constante Vertu s'exerce  
Dans ses obstacles passagers.  
Le Bonheur peut avoir son terme :  
Mais la Sagesse est toujours ferme,  
Et les Destins toujours légers.

Envain une fière Déesse  
D'Énée a résolu la mort ;  
Ton secours , puissante Sagesse ,  
Triomphe des Dieux et du Sort.  
Par Toi Rome , après son naufrage ,  
Jusques dans les murs de Carthage ,  
Vengea le sang de ses Guerriers ;  
Et suivant ses divines traces  
Vit au plus fort de ses disgraces ,  
Changer ses Cyprès en Lauriers.

---

Com que sostêve as cumuladas honras ;  
Nem lhe vêrga a alma illustre  
C'o triumpho invejoso de Tiberio ,  
Nem co' a rôta de Varo.

A's imprudentes , léves alegrias  
Fecha as modestas portas ;  
E o desatino das ditosas quadras  
Rege c'o argos receio ;  
Quando a Fortuna o vêxa eom revêzes ,  
O affan robusto emprêga  
Contra os empêços , que em seu rumo tôpa.  
Encurte-se-lhe a dita :  
Que elle , c'os pés seguros na Sapiencia ,  
Zomba dos léves Fados.

Em vaõ a altiva Deosa decretàra  
A morte a Enéas pio.  
Tu, potente Sapiencia , o defendeste  
Da Fortuna e dos Deoses.  
Por ti vingou a naufragante Roma ,  
Nos muros de Carthago ,  
A affronta de Varraõ , de Emilio o sangue ;  
E os passos teus trilhando ,  
Mudar vio , no rigor de seus desastres ,  
Em louros os cyprestes.

---

---

## A P R I M A V É R A .

---

**S**ALVE , oh Divina , oh rósea Primavera ,  
Que a Terra visitar , donosa Virgem  
Vens , para a cumular de beneficios !  
Vem , que abhorridos , longo tempo os Campos  
Esperando-te estão . Vem ; que as florestas  
Solitárias muito há que te dezejaõ .

Parecida c'os Zephyros livianos ,  
Chegas apenas , que co' a aérea planta  
Vás animando os prados , que discorres .  
Das pégadas te bróta , oh Mãe de flores ,  
E ri , nascendo , a molle Violéta .

Mal chegas , vem contigo as gorgejadas  
Alvoradas dos bósques ; Mayo lindo  
Primogénito do Anno , coroado  
De fastosas grinaldas multicores ,  
Te vai fazendo alegre comitiva .

Com meiga luz rayando a alégre Aurora  
Debruça o dia dos erguidos montes ;  
Acclamada dos mates , das Campinas ,  
Saúda os prados , que alma enriquecera  
Co' a renascente espiga , que se nutre  
Para a ansiada fouee do Ceifeiro .

Naõ espalha inda o Sól do meio-dia  
Crestado ardor, nem fende inda o seu rayo  
Da Terra o seio, nem as frescas sombras.  
Busca a Juvença ainda; entre o florido  
Trêvo, accesa em dezejos, olha, e berra.

Possante Primavera, remoçado  
Sente o redil lanoso o teu influxo,  
Pelas rêlvas do arroyo alêgre pula;  
Com mór ruído as torrentes vem rodando  
A despenhar-se nos umbrosos valles.

Os pastios fecundos se alentaraõ,  
Os altivos Narcisos, régias Tulipas  
Ouviraõ tua voz. Já se embalançaõ,  
Chegaõ-se, amoigaõ-se, e por Ti creadas  
Te obedecem, amando, e sendo amadas.

Diligente o Cochicho alteia o vôo  
Ousado aos ares, e c'o Canto inspira  
Na alma do Lavrador contentamento.  
Ay! que não sente as artes pèrfidas dos homens,  
Que suaves cantigas não desarmaõ.

Ao terno Rouxinol a màgica arte  
Da melodia ès tu quem lh'a ensinaste;  
De ouvi-lo pasmaõ os auritos bósques.  
Seus modulados hymnos entraõ na alma,  
E a preparaõ do Amor aos meigos tóques.

No delicado ramo do Espinheiro  
Recem-florido , embalançar se deixa  
Do bocejo do Zéphyro , e là sôlta  
Brillantes sons , que lavraõ na espessura.  
Suspensa busca em vaõ vê-lo a Pastora ,  
Que, a ouvir-lhe o canto , vê que o Amor o inspira.

Dás novo lustre às faces das donzellas,  
Que as Graças dõtaõ de p'rigoso agrado ;  
Na alma dos Jòvens brotaõ os dezejõs  
Vivido nóvo ardor , que lhes ensina  
A adivinhar suspiros amorosos.

Já vagar vejo cubiçosas vistas  
De tudo conquistar : vejo ólhos prètos ,  
Que brilhaõ , subjugando os máis rebeldes :  
Azues languidos ólhos , que sem custo  
Triumphãõ da izençaõ por feiticeiros ?

Na flor da idade , como o teu influxo  
Deixarei de sentir ? Tua viva flamma  
Me arréda da Cidade , e seu bulicio.  
Louco bulicio ! A Ti , oh Primavera  
Busco no camponez sagrado azylo.

Vejo-te, e em brincaõ bando Risos , Jòcos ;  
Vejo Vénus , c'o seu maldoso Filho ;  
Vejo as Nymphas , co'as Graças meio-nuas ,  
Que ora fógem dos pérfidos Cupidos ,  
Ora léves traz elles vaõ correndo.

Deitado à sombra de entrançadas Tílias  
Cada dia virei vêr-te , e encostar-me  
Nas margens deste arroyo , té que o somno ,  
Guiado pelas mãos do Amor , me enleve ,  
E me encante e'um sonho deleitoso.

Vós , que ao véro deleite dáes valia ;  
Que immolâes os prazeres da Cidade  
A gózos máis suaves , vinde ; as Terras  
Primavéra fugaz curto-visita.  
Gozai do breve prazo , que ella outorga.

E vós , Moças formosas , vinde vê-las  
As sombras namoradas , onde esperaõ ,  
Suspiraõ vossa vista Amantes meigos.  
A rósea Primavéra vos inveje  
Do rosto as rosas , sejaõ feiticeiro premio  
Mil térnos corações a vós submissos. (1)

---

(1) Esta Primavéra , com as suas tres Irmans ,  
saõ obra traduzida por desenhado meu , e para  
estimulo de nóvos Poetas. Que não sei que a  
língua Portugueza lógre ainda , como as linguas  
estrangeiras , Poema descriptivo das quatro Es-  
taçoês do Anno. Lançai-vos , até que o haja , oh  
Moços de talento , à traducção de Thompson , ou  
de St.-Lambert. Mas considerai antes , e pezai ,  
como diz Hor: cío — *quid valeant humeri* , — e  
depois persuadi-vos bem destes dous versos de  
Boileau :

Sans la langue , en un mot , l'auteur le plus divin  
Est toujours , quoiqu'il fasse , un méchant écrivain.

O D E  
A FELIZ ACCLAMAÇÃO  
DA FIDELÍSSIMA RAINHA  
DE PORTUGAL,  
A SERENÍSSIMA SENHORA  
D. MARIA I.ª

*No dia 13 de Mayo, do anno 1777.*

---

Em quanto apacentar o largo Pòlo  
As estrellas, e o sòl dêr luz ao mundo,  
Onde quér que eu viver, com fama e gloria  
Vivirãõ teus louvores na memoria.

*Barreto, lib. 1, estanc. 132.*

---

Eis descem as Camenas  
Do bifido Parnasso,  
Num puro vaso de aguas consagradas,  
Que traz nas mãos Calliope,  
Versifica virtude,  
Apellinea ousadia ardentés fervem.

A que mortal sequioso,  
Musa, o licor destinas?  
Com que altos hymnos vãs a alma abraçar-lhe?  
Que Heròe de claros feitos  
Quêres, com nova gloria  
A Alcides comparar, ao divo Achilles?

» Bêbe ( me diz ) esgóta,  
Ousado, a grande taça:  
Banha de almo licor o esquivo seyo:  
Que tens de volver hoje  
Divinos pensamentos  
Na atropellada bocca altisonante.

» Queremos que hoje Elysia,  
Com nunca ouvido Canto,  
Celébre a nunca vista Soberana;  
Que o tempestuoso léme  
Do governo menêa  
Ella, o primeiro Rei, (1) do Reino Luso.

» Para mais animar-te  
Aqui tino do peito  
O Fatidico livro, a inteira folha,  
Que as accoês de Maria  
Encerra em Lettras faustas.  
Lê-as; e nega-te a cantar, se o podes.»

---

(1) *Moriamur pro Rege nostro Maria Theresia* juraraõ os Hungaros, etc.

Vid. Journal des Débats, 30 floréal an 11.



Pòvos , ouvi attentos  
Oraculos divinos ,  
Que beberaõ meus òlhos assombrados.  
Que grande luz se espalha  
Na mente , e ao peito desce  
Doce , e suave , e de prodigios cheia !

Eis os tempos ditosos ,  
Dezejados dos Lusos.  
Que em folhas , na Cuméa ( 1 ) lapa ondearaõ.  
Comsigo as éras de ouro ,  
No peito , e no semblante  
Nos traz ao throno a candida Rainha.

No assento Magestoso  
Quam bella representa  
As sans virtudes , que lhe pulsaõ na alma !  
Nunca no throno Assyrio  
Semiramis famosa  
Ganhou tães cultos do vencido Oriente.

Já correm a amparar-se  
Da sua regia sombra  
As Artes , as Sciencias desvalidas.

---

(1) Mas a folhas não sejaõ commettidas  
Respostas de tam gran merecimento  
Para que turbadas , e movidas  
Não vaõ em por esse ar, ludibrio ao vento.

*Barretto , lib. 6 , estanc. 17.*

Oh quam bem que entenderaõ!  
Jà, com maõ bemfeitora,  
Lhe abre na patria pròvidos asylos.

Os portos franqueados,  
Vem depór na Ulysséa  
Veli-vagos baixéis do Orbe as riquezas;  
E as Quinas vaõ usanas  
Nos hombros de Neptuno,  
Levar a ambos os Pólos, teus louvores.

Vem, século ditoso,  
Dos bens enriquecido,  
Affortunar os fortes Lusitanos:  
Outras graves conquistas,  
Outras pazes honrosas  
Venhaõ com nòvos Gamas, e Alboquérques.

Do teu formoso rosto,  
Dos ólhos refulgentes  
Trasbórda o amor dos teus vassallos:  
Das tuas maõs grandiosas  
Jà càhem cento a cento  
As benignas mercês, bem-repartidas.

Teu Pòvo, affortunado  
Aos Céos envia as graças  
Da Rainha, antes Mãe, mãis que Rainha:  
E as arredadas gentes  
Buscaõ na Elysia abrigo,  
Do teu brando governo convidadas.

Aos vãosos Monarchas  
Darás roedora inveja ,  
Porás grilhoês à lingua da Calumnia ,  
Que exprobrava odiosa  
Ser fraca a mão feminea  
Para as rédeas sostêr d'um grande imperio.

Tu , de Princepes dignos  
Benemerita herdeira  
Os passos pizarás , que elles correraõ :  
Na strada da Victoria ,  
Do Mérito no templo  
Tens por Nórte os Avos , o Pãe por Mestres

Jã n'um lugar excêlso  
O sólio te preparaõ  
Entre Cath'rina illustre , e Isabel sancta ;  
E já com alvoroço  
Técem teu elogio ,  
Quando à sphêra immortal mui tarde subas.

---

*Lugduni Batatiphagorum*

O D E

A O S E N H O R

FRANCISCO JOZÉ MARIA BRITO

No dia 23 de Dezembro de 1793, dia dos meus  
annos.

---

Credite me vobis folium recitare Sibyllæ.  
*Juvenal. Satyr. 8.*

---

QUE me rendeou vir cá morar na Hollanda ?  
Vermelhos olhos, dentes abalados :  
E o do sizo, com tanta dôr nascido,  
Com tanta dôr tirado.  
Meus firmes dentes, meus agudos (1) olhos,

---

(1) Não cuidem os mal intencionados, que eu  
tenho os olhos pontudos, como as pedras *das Ca-  
zas dos bicos* na ribeira velha; que ( graças a  
Deos ! ) minha Mãe, quando me deu os olhos  
pequenitos, que tenho, cuidou muito em m'os  
dar mui redondinhos. Se eu lhe chamo *agudos*,  
é porque antes tinhaõ aguda a vista, que hoje  
(com pezar meu) tem romba.

Tam mimózos de mim , tam prestadios ,  
Hoje nutantés; — hoje enremelados

Amaldiçoáes a Hollanda.

Que tinheis vós que vêr , por estes bréjos ?  
Graças da Natureza ? Primor da Arte ?  
A Primavera em flor ? O Outono em fructo ?  
Sól claro ? Limpos áres ?

Todo o bom lhes negou Deos justiceiro. —  
Frio sól , longa néve , escuros ares ,  
Máo fructo , e pécco , e pouco , com mil lidas

Extorquido às areias ,

São dons , quáes Jesus déra carrancudo  
A Judas , e a Pilatos , se Pilatos ,  
E Judas convertidos lhe pedissem

Hospicio em Katwyk. (1)

Quantos ornatos vês pelas Cidades ,  
Por Sállas , por Jardins , Quintas , Aldeias  
São cinzas da Alegria em mortas Urnas. (2)

---

(1) Katwyk é uma aldeya mui agréste entre os areáes , em que fenece o Rheno , que ama melhor sumir-se alli , que ir por diante , e passar-lhe pelas abas délla.

(2) Com effeito (fallando prosa) o enfeito ordinario de móveis , de caixas , de séges , quintas , cazas , etc. etc. são Urnas para os remates ; e cordoês , para pendentés e apanhados ; com que signifaçõ aos estrangeiros , que aqui morreu

Oh sepulchral vivenda!

Pois se quereis com sons harmoniosos

Regalar os ouvidos delicados.....

Fugi daqui, do arripiado grásno

Que arranhando esganição. (1)

Là stà Itália; staõ as Lusas térras

Dotadas, pela Deosa da Harmonia ;

De meiga lingua, de celeste canto,

Que as almas vos enléva. —

Contaõ, que Apóllo, e as nóve Irmans, um dia,

Que vinhaõ de tomar seu régabófe,

Nas sállas de crystal, de búzio, e nácar,

Do barbi-longo Oceáno;

Pozeraõ pés nas prayas Batatíphagas,

Curiósos de vér com os seus ólhos

( Naõ crér *Jornaes*, e desmentir *Viagens* )

O refugo do Mundo.

Que haviaõ de elles ver? Viraõ areias,

Viraõ charcos, lagôas verdoengas,

Animáes de dous pés sem pluma, ou cáuda,

---

a Alegria, e que naquellas Urnas estaõ as cinzas della; e os cordoës inculcaõ, que com elles se deve strangular quem ( como já fez Judas, por não viver entre Judeos ) se não vái daqui, para se forrar despeito e enfadamento.

(1) Aconsélho-o assim a quem não quizer estragar os ouvidos.

Pasmados da visita.

Que ao vêr caras (1) de gente ; ouvir vóz meiga,  
Tal grito estrugidor, táes alaridos  
Levantaraõ as Rans, os verdes Sapos,

E os trombudos Piûgas,

Que Apóllo, e as Musas, com voáz arranco,  
Trilharaõ estrada do ar, tapando ouvidos;  
E longe de táes bérros, táes bezérros

Se pozéaraõ em salvo. —

Cobrados da assoada, allí Apollo  
Consultou as Piérides des-surdas :

Que castigo, que maldiçaõ cabia

A matûla azoinante ?

O susto atroador entam depôsto,  
Thalía abriu os já-risonhos lábios,  
E soltou a sentença em aureos dittos

De zombadora graça :

Sejaõ Sapos, e Koakem (2) seus cantares : (3)

---

(1) Os Piûgas, de quem falla o Poéta, em lugar de caras, tem outra cousa, que se não diz diante de gente de cutiliquê.

*Quello, che' abbiamo, e che non s'ha da dire,*  
Ricciardetto. cant. 26, est. 49.

( Nota do Editor. )

(2) Poesia imitativa lhe chama muita gente, que escreve livros, quando as vózes significantes imitaõ, com o som, o significado. Ora eu

Sejão Saturnos, sem social deleite:

Fiquem mudos; ou rásquem vóz tam ruda,

Que raspe, quando a empurrem.

que ouvi ao mesmo tempo cantar os táes Piúgas, e os Sapos também cantarem a seu modo, não deparei com verbo, que melhor imitasse os dous cantares. Nem a invenção é minha. Já o Rousseau poeta, que assistio algum tempo nêssas provincias baixas, o tinha usado na descripção desses cantares.

(3) Dans les réjouissances, leurs cris ou leurs hurlemens tiennent lieu de chansons. — *François Leguat, page 164, seconde partie.* — O certo é que tam inteirados estão os táes casmurros da zanga dos seus des-musicos cantares; que ao que nós chamamos modinhas, chamaõ elles, ás suas zanga. *Vid. Diction. Holland. verb. zang.* — Já n'outras Odes que andaõ impressas, e que tocaõ este assumpto, me desculpei com os bons Holandezes, a quem darei sempre o louvor merecido. Estes rasgos despeitosos nascerão d'umã melancholia exaltada: e como os que tem ictericia vem amarello, o que talvez é verde ou azul, assim os melanchólicos rabujentos vem de travéz quanto se lhes poem diante. Riaõ os bons Holandezes desta destampação, como eu rio das satyras dos Francelhos.



---

## F A B U L A

O DEOS PAN, E UM ALDEAÕ.

---

**U**M Aldeaõ tinha herdade , e mui rendosa:

Mas ( por mal de peccado )

Visitada dos pássaros a miudo.

Lógo que à seára o Estio

Curvava a testa , e cabisbaixa a punha ;

Da colheita as primicias

Os Pardaes vinhaõ desfructar lampeiros.

O Aldeaõ desadorava

Bramando. E que nos presta ter-mos Deoses ,

( Pagaõ éra o tal rústico )

Que golósem offrendas , sacrificios ?

Que val dar culto a Numes ,

Que comnosco naõ óbraõ com justiça ?

Seus templos saõ celleiros ,

Saõ adégas , de vinho , e trigo , e bólos.

Ninguem com maõs vazias

Entra lá ; — mas ligeiro , e léve sáhe.

E o galardaõ que jando !!!

Pedrisco , Incendios , Tempestades , Cheias ,

E maldiçoés que farte.

Que assim pagaõ ingratas Divindades. . . .

Mas cumpre ser devoto ;  
Ou parece-lo ao menos : que é boa arte.  
Bofé , sem tal mania ,  
Não vira nenhum Deos , à minha custa ,  
Assado no seu forno.  
Mâis longo iria o bruto co' a parlenda....  
Mas chifton ! que vio gente ;  
E o que vio éra um Deos , um Deos humano ;  
Que um Deos pagaõ às vezes  
Nos pregou péça , com o tal disfarce.  
Ouvira elle as blasphemias ;  
Dissimulou porém ; vái seu caminho.  
Mas eis que pára , e affavel  
Diz : « Que ricco trigo ! Nunca eu vi mâis grãdo ;  
Déves de estar contente.  
— Ah senhor ! ( lhe responde o meu Tartuffo )  
— Mâis , que eu mereço , os Deoses  
Me concedem , e eu só o instante aguardo  
Da ceifa , em que as primicias  
Lhe offerte. — O Deos despede-se ; e o Velhaco  
Que o seu papél assenta  
Ter bem comediado , e ser chapado  
Na arte de bem dar ópios :  
— Festeja-se à manhan , se eu bem me lembro  
— O Deos Pan ; faz ao cazo  
— Deslumbra-lo com dàdivas. — O hypocrita  
A certo lôgro se arma ,  
Que não lhe sahio bem. Rosnou comsigo ,  
Que os Deoses ter propicios

Custa caro ; e que ponto nunca déraõ  
    ( Como os frades ) sem nó.  
E que é toleima himpa-los com offrendas ,  
    Que nos sáyaõ da bolsa ;  
— Mâis val , que os convidemos com o alheio.  
    ( Dórme , que é noite vélha )  
— O Visinho , e na vinha hà ricas uvas ;  
    — Demos-lhe uma saltada , — —  
Vai manso , e manso , e falseando o trillo....  
    Velhaco tólo , ignoras.  
Que não ha para os Numes noite escura ?  
    Entra na vinha , apanha  
Os mâis chorudos cachos... Ay do misero !  
    Que eis na mâis clara gloria  
Se espéta ante ellê o Deos co'a dextra armada  
    D'um tanchaõ rechonchudo.  
« Dize , infame blasphemo , aqui te cólho —  
    ( Disse o Deos Pan sevéro )  
» Do que os pássaros cómem fâzes queixas ?  
    » Não sabes , que são todos  
» Os animâes do Creador feiturâs ;  
    » Que herdaraõ o que apanhaõ ?  
» E que é sempre o Céo justo em seus decretos ?  
    » Queres que morra tudo  
» Que Deos creou , e comaõ só os homens ?  
    » Vivaõ todos ; que às Aves.  
» Deu Deos os campos para seu sustento :  
    » Do seu comem sem culpa.  
» Não são bons os precalsos , quando as caças ,

» E as lévas ao mercado ?  
Das Costellas , do visco tiras lucros ?  
Mas com que lei , malvado ,  
Tómas áuso de usar do bem alheo ?  
— Mui beato , mui concho  
— Lhe responde o Aldeaõ : Meu bom fidalgo ,  
— Se o fiz , foi para offrenda  
— Ao Deos Pan , que melhor , que algum dos Nu-  
— Merece o nosso culto. ( mes ,  
— E acatamento , e fé. — « Ah graõ velhaco »  
( Replica o Deos colérico )  
» Infame exemplo sejas para sempre !  
» O templo ornar com roubos !  
» Fazeres-lhe presentes de maldade ! »  
Disse Pan , e à maõ-tente  
Chôve nelle bordoadas , como pédra.  
« Por dô ( diz ) não te matto.  
» Não dó de ti , mas dó dos teus criancos.  
» A elles o agradece.  
» Mas lembra-te da Lei que claro falla ;  
» E na alma està sculpida :  
» Téme os Numes , não faze a alguém aggravo.  
» Terás gradas searas  
» E do Deos Pan esta lição acceita. »

---

Dos táes beatos anda o mundo inçado :  
Cuidado co' essa gente de olhos baixos ,

Mais daninhos mil vezes que os raposos ,  
Mais ruins que o pulgão , e que a lagarta .  
Sanctos no parecer , por ahi andão  
Contas na mão , punhal na faldriqueira ,  
Fallando em Deos a mim , a ti , a todos ,  
Palavrinhas de mél , alma de canto . ( 1 )  
Ao som de trompa espalhaõ as esmolas ,  
Enfeitaõ sanctos , mandaõ dizer missas ;  
Mas é muito a miudo , à custa alheia .

---

## EPIGRAMMA.

**S**OPRANDO os dedos Phebo assim gritava :  
« Morramos , Clio , que não temos fogo . »  
E Clio , que de frio tiritava :  
« Tens mais ( lhe diz ) que arder-mos ja e logo :  
» Coplas , Romances , Epicos modernos ,  
» Eaquentar-mo-nos bempor quatro Invernos ? »

---

(1) *Alma de cantaro* dizem os que não sabem  
que *canto* significa pedra dura , d'onde vem pe-  
dra de *cantaría* , e *canteiro* o que a lavra .

Ora Leiaõ Camoës no primeiro Canto estancia :  
91 , e acharaõ este verso :  
*A pedra , o páo , o Canto arremessando .*

---

---

## O D E

AO Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. JOZÉ MARIA  
DE SOUZA E PORTUGAL.

---

—— Nec tu pessima munerum  
Ferres.

*Horat. lib. 4, od. 8.*

---

QUAL vai honesta Virgem passeiando  
Pelo Campo esmaltado de boninas ;  
Aquí cólhe a flor branca, alli a roxa ;  
Que entrança no toucado ;  
Assim ando eu colhendo entre os Amigos  
As flores das virtudes, dos talentos,  
A generosa acção, o espirito ardente,  
Que entranço nos meus Hymnos.  
Que emprego há hi mais digno dos bons versos !  
Apollo, e as Musas vem mui prèsto ao Vate,  
Com águas da Castália, humedecer-lhe  
A desenvolta veyã.  
Tempèra-lhe uma a Lyra, outra lhe affina  
A voz, que ha-de entoar sagrado Canto ;  
Phébo lhe inspira os sons que elle bebêra  
De Jupiter supremo.

Influxos tães senti, quando cantava  
Araujo, Braamcamp, Brito, Bezerra;  
E o bom Souza, que dà licor (que Baccho  
Plantou na Lusitania,

Com suas mãos Divinas ) para o bródio,  
Com que entre Amigos, entre Damas bellas,  
Celébro o dia, em que escapei às garras  
De malévolos Bonzos.

Tambem sentia influxos tam Celestes  
Quando Marcia, ou Marfisa resoavaõ  
Nas doces còrdas da suave Lyra,  
Dicada à formosura.

Alli era meu gosto sobre humano  
Cantar os seus agrados, os seus mimos,  
Merecidos da minha fé constante,  
Do meu coração terno.

Hoje; que a mão do Tempo rigorosa  
Me esfriou os ardores da aurea Idade,  
Só canto da Amizade os saõs louvores,  
Com singéla Harmonia.

Nem tu, Morgado, (1) levarás menores  
Os prémios de teu peito franco, e nobre,  
Na Lyra de Filinto, grata aos Lusos  
De índole não-esquiva.

---

(1) O Ill.mo e Ex.mo Senhor D. Jozé Maria:  
de Souza e Portugal, Morgado de Matheos.

---

C O N T O .

---

**U**M certo Prégador de prósa guápa,  
*Com unção* dava as nórmãs do Evangelho,  
Cortando o Vicio, a gólpes de montante,  
Ouvio-oum homem bom : co'a alma contrita,  
Vem a caza, e à Consorte dando parte,  
Diz, que por se salvar, dà mão de tudo.

M U L H E R.

Maõ de tudo ?

M A R I D O.

De tudo. O Padre o disse :

*« Tenha um vestido só quem quér salvar-se, »*  
Eu tenho dous : Vende um, léva o dinheiro.  
Aos póbres do Hospital.

M U L H E R.

Dessa sentença

Não se appellá ? — Vejamos, se o bizarro  
Prégador nos dá geito.... Vou me a elle.

C R I A D O.

Quem é ?

M U L H E R.

Està em caza ?...



( 14 )

C R I A D O.

Neste instante.

Coméça a debicar na sobremeza.

M U L H E R.

Esperarei.

C R I A D O.

Tem de esperar quatro horas :  
Que há-de vir o Caffé , o Rozasólis....

M U L H E R.

A' noite tornarei.

C R I A D O.

A' noite sáhe  
A' jogar o Pacá co'as Confessadas.

M U L H E R.

Pois virei de manhan.

C R I A D O.

Lá por déz horas ;  
Que não tem de uso erguer-se co'a alvorada.

M U L H E R.

Ouvi déz horas : poderei fallar-lhe ?

C R I A D O.

Um nadinha , e ve-lo-há.

M U L H E R.

Inda a táes horas :

Jaz na Cama ?

( 15 )

C R I A D O.

Oh ! que não. — Mas vái ao Campo,  
E mudá de vestido.

M U L H E R.

De vestido !!!

Adeos. Já não preciso de fallar-lhe.  
Vou-me a Caza dizer a meu Marido,  
Que pois o Prégador, no seu Cabide,  
Tem vestido que muda; porque mude,  
Tambem guarde o meu home' os dous vestidos. (1)

---

(1) Muito há já que os SS. PP. e os Concilios clamaõ, que mais que os Sermoës eloquentes, vale o bom exemplo do Prégador.



---

---

O D E

A O S E N H O R

ANTONIO MATHEVON DE CURNIEU.

---

— — Non ego sanius  
Bacchabor Edonis : recepto  
Dulce mihi furere est amico (1) *Horat.*

---

**J**A as Hyadas abração  
As Urnas tempestuosas,  
Que haõ-de entornar nas prolongadas noites..

\*  
\* \*

E o Bõreas já se ensaya  
Para as refregas duras,  
Com que os mares açoita, os montes vèrga:.

\*  
\* \*

Trava do thyrsos, Aõnio.  
Naõ ouves as Bacchantes  
Co' uyvo sagrado estremecer as selvas,

---

(1) Tinha-me este sempre constante, e muito  
Honrado amigo promettido uma larga visita, que  
eu ansioso, depois de muitos annos esperava.

( 17 )

Que eo' a escaldada planta  
Seccou , mirrhou sedento ,  
O abafadiço , avermelhado Estio ?

\*  
\* \*

O ondado chamalote ,  
Que a Nayade vestia ,  
Em baixa , se estreitou , mesquinha veyã ;

\*  
\* \*

E o Cravo , que não bebe  
Da Aurora o fresco pranto ,  
Na terra encosta a languida cabeça.

\*  
\* \*

Esquece-se o Favonio  
De vir bejar o seyo  
Da desbotada , ressequida amante.

\*  
\* \*

Mas Pomona roliça ,  
De faces rubicundas ,  
Vale máis do que Flora delicada.

\*  
\* \*

Vamos ; que alto nos chama.  
Não a ves coroada ,  
( Lá no caramanchão ) , de uvas pendentas ?

\*  
\* \*

Olha as eyvadas mentes  
Das trépidas Bassarides ,  
Brandindo as impias hasteas retorcidas.

Aqui resoaõ trémulos  
Os sistros turbulentos ,  
De brancas , azoadas mãos feridos.

\* \* \*

Lá abaixo os gritos — Ouve —  
E os gemidos agudos  
Das roscas do lagar , que Bromio apèrta.

\* \* \*

Vê que loura sangria ,  
De cheirosa espadana ,  
Corre nas cuvas , pelas bórdas verte:

\* \* \*

Evohé, Padre Baccho ,  
Sòlta as sagradas fontes  
Do alegrissimo nectar , succulento ;

\* \* \*

Láva as impuras almas  
De cuidados, de enredos ;  
De fastosa ambição , de avara industria:

\* \* \*

Vamos , vamos banhar-nos  
Na liquida doçura.  
Dà-me a mão. Vem comigo , Aònio ; desce:

\* \* \*

Do cangiraõ grò , grò ,  
Grita Baccho , sahindo ,  
Eseumando , saltando pelos còpos.

( 19 )

Vê como o abraça , e o beja ,  
E no peito o recosta ,  
O capripede Satyro , risonho ;

\* \* \*

E a Driade festiva ,  
Que as côxas de alabastro ;  
Na dança alvoroçada mal encobre.

\* \* \*

Ouves o rizo imberbe  
Dos petulantes Faunos ,  
Vendo o pandô , oreihudo rocinante ?

\* \* \*

E o bibulo Sileno ,  
A quem Lyeo gorgeia  
Nas plenas fauces , que inda pede vinho ?

\* \* \*

Poem de parte as liçoês  
Da sizuda Sapiencia ,  
Que fécha a porta aos lépidos prazeres.

\* \* \*

O Tempo de si nado ,  
E seu proprio verdugo ,  
Vem sobre nós , ja nos alcança os passos.

\* \* \*

Veloz mais do que Fôlo ,  
A todos nos rebanha ,  
E de nós dá despojo opimo às Parcas.

Côrta as demoras , desce ,  
E beja o verde scèptro  
Do ardente Bassereu auri-crinito.

\*  
\* \*

Do Conquistador bravo  
Das indomadas Indias ,  
Quem ser vassallo , rustico recusa ?

\*  
\* \*

O Macedonio Moço ,  
O aventureoso Gama ,  
Bejaraõ-lhe os vestigios , reverentes.

\*  
\* \*

E as Musas , que o cantaraõ  
Vencedor vingativo  
De Pentheo insultuoso , e de Licurgo ,

\*  
\* \*

Primeiro , n'uma dôrna  
De ebrifestante sũmo ,  
Os semblantes abstemios mergulharaõ ,

\*  
\* \*

Que a crôa lhe tecessem  
De vivaz louro ufano ,  
Quando sahio dos tenebrosos reinos ;

\*  
\* \*

E as Furias indignadas ,  
Que os olhos retorciaõ ,  
Ao ver-lhe desandar do Orco as veredas ,

Por entre ellas bizarro,  
Sorrindo à linda Esposa,  
Duas vezes com tanto amor rendida. (1)

---

## ESFUZIO TE.

---

— — Nisi quód pede certo  
Differt sermoni sermo merus.

*Horat. satyr. 8, lib. 1.*

---

**O**s Deoses dos Pagaões, no tempo antigo  
Desciaõ ás mortáes de lindo gésto;  
Qual ora em névoa Jove, outróra em touro  
Se trocou por Calisto, ou por Europa;  
Ou qual Neptuno, rinchador ginéte  
Se fez, para lograr a gorda (2) Céres.  
Agóra as Deosas de Lixboa descem  
Aos.... Não digas a quem Musa travéssa.  
Tanto pôde o desmancho dos costumes!  
Que diriaõ os nossos bons passados

---

(1) Baccho rendeu Ariadna, na ilha de Naxo, quando deixada por Theseo, a tomou por esposa; e depois quando, a pezar de Plutaõ e do Tartaro todo, a trouxe comsigo triumphante à luz do dia.

(2) *Lucretio, lib. 4.*



De venerandas barbas te á cintá,  
 Se soubessem que as Nétas, em desdouro  
 Do recato e biôco Lusitano,  
 Assim sevandijávaõ seus soláres ?  
 O vicio, que lavrou por todo o mundo  
 Não tinha inda manchado taõ affouto  
 As camas castas dos Fidalgos Lusos :  
 E mais já nos palacios se sabia,  
 Que as nobres Damas da guerreira Roma,  
 Deixando um Senador, deixando um Consul,  
 Os olhos abattiaõ amorosos  
 Ao Gladiador, que na tingida areia  
 As carnes descozia denodado  
 Dos astutos rivais. Sempre os valentes,  
 Bem o sabes, valêraõ mais co' as femeas,  
 Que os sabios Cidadãos, que os virtuosos.  
 Esta paixãõ privou com ellas sempre ;  
 Esta fez, que as Princezas das novellas  
 Prezassem mais que tudo, o ser amadas  
 Dos andantes basbáques Cavalleiros ;  
 Só por que eraõ brigoês, e promettiaõ  
 Lançar-lhe, por fineza, aos pés rendidas  
 Mil testas de Gigantes encantados :  
 E por que nos torneios, e nas justas  
 Fara a sua *Senhora* ter a palma  
 Da mais formosa, entre as Senhoras todas,  
 Faziaõ confessa-lo assim aos outros ;  
 Ou a bótes de lança, em lide honrada,  
 Lhes faziaõ morder ráyvando a terra.

Assim durou tégora incontestada  
Esta razaõ de avaliar amantes,  
Pelo Orbe todo, desde a mãis dengõsa,  
Até á mãis ridicula fregona.

Haja vista ás bandárras Alfamistas,  
Que o amante official sizudo largaõ  
Pelo Marujo bebado, bulhento,  
Que có a fáca d'aljava, faz na Penha,  
E Beáto, tumultos do Diabo.

Tu bem sentiste quanto he máo este uso,  
Namorado Barroco; a tua Dama,  
Que taõ grandes finezas te devia,  
Trocou por hum soldado o amante Vate.  
Naõ scube o que trocou; que a estas horas  
Lhe teriaõ as cazas entulhado

Sáccas de Odes, canastras de Sonettos  
Aos seus annos, a auzencias, e saudades.

Tu o soffreste, por que assim se usáva.  
Mas que hoje um... ( Tapa o'bico Musa.) Suppra  
Naõ digo as vezes do tolaz Marido,  
Que cazou por negocio, ou fidalguia;  
Mas as vezes do turgido Capucho,  
Do Cadéte infiel aperaltado,  
Naõ he posto em razaõ. Sigaõ as couzas  
Os seus termos cabáes. Tremaõ os leitos  
C'os furtos dos adulteros usados;  
Que assim, desde que Jove teve barbas, (1)

---

(1) *Juvenal. Satyr. 6.*

Este mundo foi sempre ! E *outro sim* tire  
 Mancheas de moédas da algibeira  
 Hum mochilla brejeiro , só por que áta  
 Co' a liga preta hum *côtto* (1) desmarcado  
 Com que a Ama enfeitçou desde o noivado ,  
 Quem poderá soffre-lo ? *As longas éras*  
*Naõ mudaõ de costumes , mas de môdas.*  
 ( Dizia hum estrangeiro meu vizinho. )  
 Quanto he máis ricca a Moça , e máis mimosa  
 De Pai , e do Marido , e das criadas ,  
 Máis fastio tomou ao que lhe é proprio ;  
 Os comeres de caza mal lhe sabem ;  
 As armaçoës , os trastes são sem gosto ,  
 Sem elegancia as joias e os vestidos ;  
 E tanto a enjoa tudo , e lhe aborrece ,  
 Que he para ella o marido o homem máis feyo ,  
 Bem que aposte co' Adonis gentileza.  
 Viste a nova pejada , que momenta  
 Despreza as iguarias saborosas  
 Da lauta meza , se o appetite ardente  
 Póz nas migas grosseiras dos pastores ,  
 Ou nas louras filhóses da taverna ?  
 Assim he toda a Dama : *aplico el cuento.*  
 Ora tu que és Doutor , que foste a Coimbra ,  
 E gastate a teu Pai grosso dinheiro ;

---

(1) Rabicho curto e grosso , que nesse tempo era o primor da sécia. Haja vista ao Entremez do Garçaõ.

Tu que lês pelos livros de *fitinha*,  
Naõ me dirás quem dá este dezejo  
De amar o que he vedado ? e ter em pouco  
Tudo o que he proprio ? Dá-o a Natureza ?  
Vem da massa corrupta ? Vem das modas ?  
Que te responde a san *Philosophia* ?  
Virá ( como cá dizem ) de que o alheio  
Tenha em si de agradar virtude occulta,  
Para a sabor dos *Phyzicos* rançózos  
Se cumprir bem à lettra o velho adagio :  
— Que he mãis gorda a gallinha da vizinha —  
Deixemos isso ás velhas dos *soalheiros*.  
Busquemos em nós mesmos o motivo  
Deste ignóto segredo. A variedade,  
Crê nisto, meu *Barroco*, vem com nosco ;  
É congenita à nossa Natureza.  
Cada instante mudamos de dezejos,  
Porque tambem se muda a cada instante  
Da nossa consistencia a forma inteira.  
Tu naõ és hoje o homem que éras hontem :  
De teu composto as mãis pequenas partes  
Mudáraõ de figura, e de lugares ;  
Pelas que transpirando evaporaste  
Outras, pela comida, se apossáraõ  
Do lugar que ficou para ellas vago.  
Tudo anda em nós em incessante móto :  
Nós sentimos o menos das mudanças,  
Que dentro em nós se fazem, só co' a mente  
Rastreamos um tanto o giro interno

Dos espiritos vitais que nos abálaõ  
Ora uma , ora outra parte da memoria.  
A mudança de todo o nosso corpo  
É facil de se crer , mal se contemple  
No impulso que não pára ( em quanto a vida  
Se não acaba ) e communica ao todo  
Perpetuo movimento ; bem que em muitas  
Partes se não percebe , é n'outras claro ;  
E taõ claro , que faz que comprehendamos  
Quanto o espirito delle participa ,  
Para variar de idéas cada instante.  
Sim , Barroco , sujeito o nosso espirito  
Do corpo ás variedades , tambem sente  
No modo com que opéra iguâes mudanças.  
Tu não viste em rastilho tortuoso  
A polvora accender-se ? Reparaste  
Como o fogo , elemento esprituoso ,  
Ségue obediente os seios meandrosos ,  
Que a infantil mão traçou a seu capricho ? —  
Quando a *curva Bahia* demandavas,  
Não sentio a tua alma , *puro Esprito* ,  
Todo o vaivem da Náo ? Pois dessa sorte  
Se explica , bem que em grosso , o que eu te digo.  
Os que andavaõ vestidos em Coimbra  
De togas amarellas no teu tempo ,  
C'um exemplo bem claro haõ-de abonar-te  
Tudo o que eu discorri : dirãõ que attentes  
No corpo o mais sadio , quando pérde  
Este dom da benigna Natureza :

Mal nos orgãos se altera a consonancia,  
 Que nasce do equilibrio dos humores,  
 O rosto amarellece, as forças quebraõ,  
 Os membros de pezados mal acódem  
 A's funcões mãis devidas; mas — é corpo —  
 Me dirás tu — sujeito à intemperança  
 Das estações, e a mil diffrentes cazos. —  
 Mas cresce a febre, atropellado o pulso  
 Batte sem tino, o sangue *galopando*,  
 Aguilhõa os espiritos, sobe á mente  
 A tropa acceleráda, a praça ássaltaõ,  
 As confusas idéas titubeaõ,  
 E em breve tempo o que era raciocinio  
 Dispára n'um delirio rematado.  
 E é tambem corpo o insano entendimento?  
 Muda-o, ou não, dos orgãos a desordem?  
 Confessemos, Barroco, e com lizura  
 Que somos varios, porque em nós varia  
 Co' giro do composto, a idéa, a ordem  
 Deste nosso querer; não ponhas culpa  
 A causas arredadas de nós mesmos.  
 Queremos, não queremos, sem mãis cauza,  
 Que a nossa involuntaria variedade.  
 A moça a mãis gentil, a mãis discréta,  
 Por quem, por consegui-la esmorecêmos,  
 Já não é taõ gentil, nem taõ discréta,  
 Mal a sorte a entregou em nossa posse:  
 A perdiz, o capaõ, o fresco lombo,  
 Do lodoso animal, se vem tres dias

A' opipara meza , ja enjoaõ.  
Poem o exemplo em ti; lembrá-te , Amigo,  
Quantas vezes objectos cubiçaste  
Muito ancioso , que logo aborreceste ,  
Uns mal possuidos , voutros não gozados ?  
Nem tu foste assim só; assim saõ todos.  
O coração faminto sórve os gostos  
Mal *trilhados* , e fita logo a vista  
N'outros novos manjares , que a Esperança ,  
Qual fome insaciavel lhe alcovita.

---

O tal Esfuziote é , ( como diz muito bem o  
Epigraphe , ) prosa tal e que janda ; e se a  
imprimo aqui é para que mais realce a resposta  
seguinte , que é d'uma fidalga em quem os dotes  
do animo supêraõ a antiquissima , e bem illus-  
trada nobreza. Não ponho aqui seu nome  
( ainda que por muitos titulos o mereça ) por  
que razoës , que devo respeitar , me atalhaõ :  
mas a belleza , e altivez de seus versos , e da  
sua imaginação a farão distinguir de quantas ,  
e ainda de quautos sorrem a mesma verêda.

---

---

---

# E P I S T O L A

## A F I L I N T O .

---

A PENAS soltou Phebo a Lyra d'ouro,  
No teu dia primeiro, e tu, Filinto,  
Viste agitar do vento os seus cabellos,  
Sobre os despidos montes da Thessalia:  
As Deosas engraçadas do Permesso,  
D'alvos Cysnes um bando á terra enviam:  
Os prodigios de Delos renovando,  
Sette vezes, em torno do teu berço,  
Revoando, as Canções meigas soltaraõ:  
Sette vezes o vôo remontando,  
Battem nos ares musicas sublimes.  
Prenhe de sons da parte do seu Nume  
Co'a septi-corde Lyra te prendáram.

Entam as cordas d'ouro vendo absôrto  
Co'a terra mãõ já feres huma, ou outra,  
Té que firme, qual novo Orpheo soltaste,  
Os poderes immensos da Harmonia.  
Novos prodigios cada dia surgem.  
Se a meiga Vénus cantas, sáe das ondas  
O corpo, serenando os céos, a terra,



A espada cãe da mão ao rijo Marte ;  
Os Numes se revêm na bella forma ;  
E das Filhas de Themis léve dansa  
Festeja em Chypre a Deosa dos Amores.  
Se cantas a Virtude , os Eccos vagão  
D'um orbe ao outro , os céos todos atroaõ ,  
Vê-se o Nume despido , qual Meteóro ,  
Que , brilhando , consola os Póvos tristes ,  
De quem Delio não fia as luzes gratas ;  
E os coraçõens auritos se desfazem  
Em dezejõs , que a Lyra te bafejaõ.

As Lemniades mansas vem dos pégos  
Curiosas mostrar a verde tésta :  
*É Filinto — É o Vate* n'agoa sôa ;  
E a crespã superficie se revólta ,  
Mandando o gosto espuma aos leves ares.  
Hamadria não há , que não conserve ,  
Teus versos , mutilando os proprios membros ,  
Por entalhar no tronco as Cançoês lindas ,  
Que dos beiços colheste á branda Euterpe.

Deste Valle as Napéas ( Valle agreste )  
Quantas vezes , Filinto , a Lyra forçaõ ,  
Porque diga um louvor digno a teus versos.  
O comprido cabello aos ventos sólto ,  
Entrelaçado de frondente louro ,  
Cinjo à venda sagrada , o véo me cõbre ;  
O rosto accezo em chammas Apollineas ,  
Alternadas cantigas sólto e Daphne ,  
Sem que arte , ou mestre reja os sons na Lyra :

É Phebo mesmo quem me inspira o canto ,  
Quem revolve o futuro , quem me brada :  
« Honra a Filinto , honra a copia minha. »  
E os esforços do Deos , que nos possue ,  
Quazi que a alma desprendem de seus laços.  
O Prophético sôpro rompe as boccas ,  
Agouro , a teu favor , mil couzas bellas ;  
E depois de rasgar os véos da Noite ,  
Com raios , que em meus beijos lança Apollo ,  
Pallida , fatigada , ouço em silencio ,  
As Drias , que ao Luar formaõ coréas  
E com teu nome as Musicas adornaõ.

Como págas , Filinto , ao gentil sexo ?...  
Ah ! que inda ardentes lágrimas me banhaõ  
O rosto descorádo pelo susto.  
A lyra , que cantar devia os Numes  
Canta os erros das Tagides sinceras ?  
E as grinaldas virentes de assucenas ,  
Com secca maõ , a Satyra desfolha ?  
Ah Filinto , piedade ! não , não roubes  
Em versos immortalés , a immortal nuvem  
Com que abáfa a Cautéja melindrosa  
Do travesso Cupido insanos furtos.

Mas Tu , longe de ti , nada me escutas :  
Ao furor da Poezia o peito aberto ,  
Agitado , arquejando communicas  
O fogo , que te abraza , ao verso altivo :  
A torrente de idéas pullullantes  
Dessa mente fecunda , onde combatem ,

D'onde opprimidas , férvidas se expulsão  
 Variadas pinturas da Desordem,  
 Prodigamente aos olhos teus presentaõ.  
 Do enthusiasmo ardente conduzido  
 Ergues o panno à scena pavarosa ,  
 E arrazando segredos , me recordas  
 A ouzada mão de Cezar derrubando  
 A floresta dos medos , respeitavel  
 Ao Druida , que a investiga desmaiado.  
 Dos misterios , que aos Luzos hoje escreves ,  
 Desviáraõ os olhos temerosos  
 Os Heróes , que a Nação inda celebra.  
 Bem como vendo a selva denegrida  
 Torcia o raio timido o caminho ,  
 Voáva longe o passaro medroso ,  
 E os ventos fugitivos , lá distantes  
 Murmurávaõ temor com surdo sopro.  
 Applica a tócha Cezar atrevido,  
 E a chamma , que devora o altivo bosque ,  
 Mostra em lugar de Nume , um feio spectro ,  
 TEUTATIS , devorando entranhas cruas ,  
 Enroscados dragoens , que a si se mordem ,  
 Erinnes feias , Scyllas horrorosas ,  
 Cujos bramidos entre a chamma eställaõ.  
 Tais verdades no mundo que aproveitaõ ?  
 Feliz uma illuzão , quando é suave !  
 Feliz quem julga a candida Innocencia  
 Battendo as puras azas sobre os tectos  
 Das donzellas ; quem crê que dos céos desce

De nacar puro um carro magestoso ,  
 Onde o Pudor com rozeas mãos dispende  
 Céstons ás Ninfás , gloria a seus costumes !  
 Bem como naufrago Ajax se segura  
 A um penhasco , que o mar emforno açouta ,  
 Um gentil bando péga-se ao silencio :  
 Mas qual Neptuno fero parte a rocha  
 C'um golpe do tridente , tu , Filinto  
 Divides esta penha ; assim naufraga  
 A Esperança das tristes Portuguezas ;  
 A Patria brada , a pudica Ulissea  
 Ante meus olhos surge enternecida  
 Cercaõ-na os ais das miseras donzellas.  
 Qual vaga , como Cynthia , sem alinhio  
 A esconder-se no bosque envergonhada ,  
 Toda n'um feixe d'ouro a louro trança ,  
 Negligente lhe cáe nos ombros alvos :  
 Qual mostra descorado o lindo rosto ,  
 Por onde em fio lagrimas serpeaõ ,  
 Arguindo c'os olhos cristalinos  
 A mão que o véo lhe rasga , o céo que o soffre.  
 Purpureos ais das boccas vem rompendo  
 Quaes fagulhas , que voaõ vingadoras  
 A abraçar de Cupido as leves azas.  
 Em crespo fumo as plumas consumidas  
 Sóbem aos ares. Sóbem os suspiros  
 Férvidas queixas tornaõ-se em coriscos.  
 E quem sabe , Filinto , se este fogo  
 Colhido pelas aguias lá nos ares  
 Vira vingar as Ninfas Lusitanas ?

O D E  
AO TEMPO PASSADO.

---

— Vixere fortes ante Agamemnona  
Multi. —

*Horat. lib. 4, od. 9.*

---

VIVEM nos campos bemaventurados,  
Descansados das bélicas fadigas,  
Os pugnaces Achilles, os Nu n'alvres,  
Impávidos Espantas: (1)  
Pelos vermelhos rostos, luzidãos,  
Lhe entorna o nectar Hébe sempre-moça;  
E Orpheo lhes repinica, na aurea banza,  
Por pontos, a Amoroza.  
Coitados dos que, em ocio não-cantado,

---

(1) Os que não tem lido a Historia universal, e ainda a Historia particular do nosso Reino, não terão idéia clara deste Heróe, se não estudarem o Poema de Antonio Duarte Ferraõ, que começa assim: « *Bella Cotovicæ quondam infestantia campos.* »

Nunca déraõ tapônas, nem mattaraõ ,  
Senaõ saltante pulga , ou mal-cheiroso ,  
Estivo persovejo !

Esquecimentos lívidos , seus nomes  
Abafarãõ , e as carnes naõ-valentes  
Passarãõ mudas às vindouras éras ,  
Sem Ode , sem lettreiro.

Diff'rente Fado espèra ao Graõ Talaya ,  
Ao curto Alpoim , ao ralhador Damazio ; (1)  
Heróes , e Pães de Heróes da loquaz Fama  
Esfalfarãõ a tuba :

Macêdo comporã os Epinicios  
Em Zamperino mettro , e Hèbe engilhada ,  
Já Maria da Costa (2) lhes confeita  
Sumarentas ambrosias.

D'alem do Stygio pégo verde-negro ,

---

(1) Criado grave de Senhor D. P. B. assistente , nessa época , em Paris. Esqueceu ao Poéta ajuntar ao epitheto *Ralhador* , o de *Valentaõ* , que era elle uma ; e outra couza. Talvez que ao Poéta lhe naõ coubesse no verso , este segundo , muito energico epitheto.

*Nota do Edttor.*

(2) Criada velha do ditto Senhor , cujas reconditas receitas compunhaõ a mais assucarada Livraria , que nenhum goloso Abbade possuiu tégóra.

O valente Roldaõ, indo a passeio,  
A' formosa Floripes assim falla

A' sombra d'um castello. (1)

« Quanto é para iuvejar o Cavalleiro ,  
» Que do aureo camarim d'uma Princeza ;  
» Dêsce ao curvo torneio , a mãis de quatro  
» No róxa areia estende !  
» Oh tres, e quatro vezes venturosos ,  
» Os que enfrascados em sanguineas guerras ,  
» D'uma campal batalha empoeirados ,  
» Vaõ entrar n'um duélo !  
» Oh ditoso Oliveiros; que mão-grado  
» Os dous barris de balsamo, venceste  
» O enorme Ferrabràs ! Oh feliz Duque ,  
» Que taõ bom murro dêste ! (2)  
» E tu , Ricarte, astuto Paladino ,  
» Que , co'a cappa escarlata , encandeaste  
» O manhoso Galafre , e de mergulho  
» O mandaste a Mafoma !

---

(1) — — Quæ cura nitentes

Pascere equos, eadem sequitur tellure repostos.

*Virg. Æneid. Lib. 6.*

(2) O Duque Nemé, no sobrinho do Almirante Balaõ, que veio mui lampeiro saber o que faziaõ os Pares de França no quarto de Princeza Floripes.

*Vide Historia do Emperador Carlos Magno.*

- » Estes sim , que occupavaõ desmedidos  
« As cem bocças da Fama , os nove plectros  
» Das Aónias donzellas , e os laúdes  
» De altisonos Homeros.
- » Eu com esta... ( e despio a Durindana )  
» Mas por que cõrto de Epica fadiga  
» Aos Ariostos óbra ? Assaz , e muito  
» Colhi de inclitos louros.
- » Sò no rijo valor que abõla , e talha ,  
» Consiste a vèra gloria ; a boa fõlha ,  
» Que descõse nas carnes inimigas ,  
» Poem um Herõe nas nuvens.
- » Estes bonécos , que de nõs descendem ,  
» Naõ pòdem c'uma lança : apenas raya  
» No Homem de ferro do brigaõ Saõ Jorge ,  
» A dura força antiga.
- » Os séculos degenèraõ. Quantos descem  
» Das humanas pouzadas , mal nos contaõ  
« Que um visinho , um parente há ja muito anno ,  
» Desembainhou a espada.
- » Arrõtaõ mòdas , sonhaõ ballarinos ;  
» Arreganhaõ fivellas octogonas ;  
» Em tufadas golilhas , alporquentas  
» Empapaõ os pescòços.
- » Sò nos fallaõ de Globos , de Travéssos  
» Que vaõ com bandeirinhas pelos ares.  
» Quem tal crèra dos nétos de Oliveiros !  
» Dos do alto Carlos Magno ! »



## S O N E T T O

Que sérve de retrato d'um Squelêto  
poligloto , etc. , etc. , etc.

---

**U**MA cára chuchada das Caróchas ,  
Tarraxada no esteyo d'um Cabide ,  
Arcar de braços , que ao jantar preside ,  
Ao pôr a sôpa , ao repartir garróchas :

Cazáca , véstia ; Borjacaõ — ( máóchas  
Que selhe assente em carne, a mãis que lide!)  
Só lhe ajouja o arcabouço , onde reside ,  
Sob pèlle , ossada sécca , como bróchas.

Descem-lhe do derrengo da cintura  
As vaquêttas esguias , d'onde ao claro  
Vertem signaes do quatorzeno schépio.

Quem vio désta armadilha , e má figura  
Sahir um chórro de ingrimanço raro ,  
Vio o meu Mestre-salla do Prezépio.

---

O D E

A M A R F I S A .

*No dia 20 de Julho de 1785.*

---

Chante ( me dit l'Amour ) sa grace et sa beauté ,  
Sabouche, ses beaux yeux , sa douceur, sa bonté ;  
Je la garde pour toi , le sujet de ta plume.

*Ronsard.*

---

**P**ARA quem os nevados Lyrios teço  
Em fragrantés capellas ?  
Para quem cubro de fumoso incenso  
Thuricremos altares ?  
E para quem discorro na aurea lyra  
Divina cantilena ?  
Senaõ para Marfisa , que os Amores  
No terno seyo abriga ,  
Quando indignados da perjura insania  
De amantes bandoleiros ,  
De Nymphas inconstantes , fementidas ,  
Trespasados de pena ,  
Vem depór no seu cõllo arcos trahidos ,  
E sétas embotadas.

Marfisa houve por sorte , em seu oriente ;  
Um coração composto  
Por mãos de amenas Fadas virtuosas ,  
Que sentadas em torno  
Do gracioso berço , estes annuncios  
Na mente lhe entornáraõ.

« De estranhas terras , por austéro Fado  
» A teu amor trazido ,  
» Filinto renderàs c'os ternos olhos ,  
» C'o vencedor recato.  
» Tu no seu coração seràs sobrana ;  
» No coração que nêga  
» Entrada a novo ardor , quando o captiva  
» Disvellada Ternura. »

Eisque a mais bella , a quem se accende o rosto  
De rayados rubores ,  
A quem furioso Deos no peito serve ,  
Subito o corpo erguendo  
Abalado e convulso , os olhos fita  
Na luz , que a fere , e assombra ,  
Nos arcanos patentes , e desata  
A voz entumecida :

« Là jaz na rôxa relva , borrifada  
» De quentes espadanas ,  
» A desgraçada Procris ; com gemidos  
» As queixas entre-tece  
» Do mal-aconselhado vil ciûme :  
» Do seu fiel Esposo  
» Ouve ( E quam tarde ! ) o amante desengano »

» Essa Aura tam mímosa ,  
» A quem tenras caricias desbarãta ,  
» Naõ é dos bosques Nympha ,  
» Nem das Cidades bella habitadora ;  
» É doce refrigerio  
« De calmosos , cansados Caçadores ,  
« Na abrazadora sêsta.  
» Quam ditosa que fôras , triste Procris ,  
» Se aos conselhos dos zelos ,  
» Do coração , irada , ambas as portas  
» Fechãras avisada !

---

## COMPARAÇÃO.

UM Author , (1) que de muitos é louvado ,  
E de mui poucos lido ,  
C'o estérco mal-cheiroso , o ouro luzido ,  
Por pique , ou por desdem tem comparado.  
Que dizes tu do símile , Araujo ?  
Vês por onde equivalem ?  
Naõ creio. Que o primeiro é muito sujo ;  
E pela nitidez loura , e ridente  
Os chicos muito valem.  
Ora ouve o meu conceito.  
É o ouro como o esterco : ambos proveito  
Daõ só , quando os espalha maõ prudente.

---

(1) Bacon.

---

---

O D E  
A D S O D A L E S.

---

— — Jure perhorru  
Late conspicuum tollere verticem.  
*Horat. Lib. 3 , Od. 16.*

---

**L**A' vem a Aurora, o manto apavonado  
Lançando pelas crôas dos outeiros ;  
Soprando os brandos Zephyros lhe ondeaõ  
As faldas roçagantes :  
Orvalhadas boninas  
Cubiçaõ de enfeitada ;  
Do verde leito de enleada murta  
Se ergue a sauda-la o Rouxinol canoro.

\*  
\* \*

Campos , com que prazer , com que saudade  
Buscar-vos corro , Escravo fugidõ  
Do império duro da violenta Côte !  
Sêde-me azylo , oh Bosques  
De affortunada sombra ,  
Contra as douradas magoas ,  
Contra o riso traidor da vil Lisonja ,  
Contra a voz indigente da Cubiça.

Verdes àlamos trémulos, cubri-me  
De sombrio socego; e tu, ribeiro,  
Que entre pardos penedos te espedaças,  
Manda esquecido somno,  
Com teu rouco murmûrio,  
A' mente inda abalada  
Dos crebros sobresaltos, veladores,  
Dos turvos medos, subitas justiças.

\*  
\* \*

No seyo destas placidas campinas,  
Que bordoa Flora com mimoso estudo,  
Venho despir os trajés dos Desgostos.  
Aqui renasce o Sabio;  
Aqui, das mãos graciosas  
Da alegre Liberdade,  
Bebo em rústica taça, escarmentado,  
Do tranquillo prazer o nectar puro.

\*  
\* \*

Naõ venha aqui com as servís riquezas  
Assoberbar-me ufano esse Valido,  
Que a tantos cortezaõs azeda os dias;  
Que aos pés do idolo cego  
Da Privança, recuso  
Lançar dons, nem serviços.  
Fechada a estrada tenho de ser grande;  
Por que nunca aprendi a envilecer-me.

( 44 )

Vai , Avarento ; vai , Ambicioso ,  
No culpado regaço colhêr honras ,  
Colhêr os dons , que arroja desvairada  
Sobre os mãos a Fortuna ;  
Por que possas soberbo  
Calcar do virtuoso  
A singélla confiança , e dar ao valgo  
Mâis uma estatua , que insensato adore.

\*  
\* \*

Ama o vulgo a riqueza , inveja as honras ;  
Porque esquivo da luz da Sapiencia ,  
Dos verdadeiros bens não vê o trilho :  
Por entre lidas , medos  
Se arroja extraviado ,  
Apoz um bem nocivo ,  
Apoz uma chiméra enganadora ,  
Que em pouco vai soltar-se em vago fumo.

\*  
\* \*

Eu , ao pé desta fonte sandosa ;  
Deitando ao longe os repousados olhos ;  
Por entre os arcos dos annos freixos ,  
Contente me divirto  
Co' cordeiro , que affaga  
A retezada ovelha ,  
Co' cabrito saltaõ , que pendurado  
Trême no agudo serro , aventureiro.

Em quanto espero pela branda Musa ,  
Que benevola os Céos às vezes deixa ,  
Por vir-me acompanhar neste retiro.

Então me adéstra os dedos  
Sobre as divinas cordas ,  
E me entôa as virtudes  
Do honrado Mathevon , ou de Dorindo ,  
Ou de outro nome que ao Olvido arranca.

\*  
\* \*

Alguma vez Amor vem não-pensado ;  
Troca-me a Lyra , e poem-me inda defronte  
O rosto meigo da gentil Marfisa ;  
E espartando , no peito  
Já quebrantado , e frio ,  
Adormecidas brazas ,  
Revolve o cofre das amantes nôtas ,  
E manda à bocca deslembrados versos.

\*  
\* \*

Se , da cova de Caco , os bens roubados ,  
Me salva amiga mão de Hercules novo ;  
E pôsso nestas veigas nova chôça ,  
Em aurea mediania ,  
Erguer desassombrado ;  
Em são deleite e puro  
Envolverei alégre os justos dias  
De benefica vida , descansada.



Porei por guarda à porta a Experiencia,  
C'uma longa alabarda , que affugente  
A cohorte importuna dos Cuidados ,  
    A Ambição insoffrida ,  
    E os vesgos , longos olhos  
    Da descarnada Inveja.

Marfisa , amigos poucos , poucos livros  
Me ampararáo do ensosso Enfadamento.

---

## EPIGRAMMA.

**E**STE , que assim galôpa afervorado  
Na doirada berlinda , é um Prelado ,  
Que pôz de parte , com saber profundo ,  
    O antigo andar a pé ,  
    Por ir prégar a fé  
Mâis présto , às peccadoras deste mundo.

## TRADUCTION.

Vois-tu , dans ce char éclatant ,  
Courir ce galant personnage ?  
C'est un Prélat qui sagement  
Renonçant à l'antique usage ,  
Trotte , galope incessamment ,  
Poussé d'une ardeur sans seconde ,  
Pour convertir plus lestement  
Les pécheresses de ce monde.

*Ant. Math. de Curnieu.*

---

---

O D E

A O SENHOR DOUTOR

ANTONIO DE MORA'ES E SYLVA

---

Quidquid ætatis retro est mors tenet.

*Senec.*

---

**C**OMO fõge , Morães , o veloz Tempo  
Unico bem , que não fostêm resgate :  
Das azas sò lhe trãva quem se arroja ,  
Da Honra ao asp'ro cume ;  
Sò delle tira lucro  
Quem , como Tu , em sério estudo o emprêga .

\*  
\* \*

O invicto Domador do imperio Asiano ,  
Alexandre , os umbrais do negro Averno  
Descortinando na final Aurora ,  
Em que a Morte immatura  
Os olhos mal-abertos  
Lhe assustava co' a foice luzidã ;

\*  
\* \*

Que riquezas , que estados que não déra  
Ao sagaz , salutifero Esculapio ,  
Que lhe esquivasse , por escassos dias ,

A fronte sentenciada  
A Sumano avarento ,  
Do instante golpe de certo gume !

\*  
\* \*

Perdemos dias nòs , perdemos annos ,  
E o tempo longo d'uma longa vida ,  
Irados contra o Sol , que não estende  
O distrahido açoite  
A's anafadas ancas  
Dos ronceiros , quadrijugos cavallos.

\*  
\* \*

Vemos passar instante apoz instante  
Do fio que nos dòba a Parca austera ;  
Vemos cahir no pélago do Nada  
Nossa vida em pedaços ,  
E sem abàlo vemos  
Como o melhor de nòs nos sôrve o gôlfaõ.

\*  
\* \*

Assim , sentado à borda do ribeiro ,  
O mentecapto conta embasbacado  
Uma onda , que desliza apoz outra onda ; (1)  
E os brutos olhos cràva  
Nas agoas movediças ,  
Por ver se chega a vaga derradeira.

---

(1) Rusticus expectat dum defluat amnis : at ille  
Labitur , et labetur in omne volubilis ævum.

*Horat. Lib. 1, Ep. 2.*

---

---

# O D E

A

## OLINDO (\*),

No dia 23 de Dezembro de 1804.

---

*Vina diem celebrent.*

*Tibull. lib. 2, el. 1.*

---

**C**OMO é grato acordar na madrugada,  
Entre os gorgeios das pintadas aves,  
Abrir os olhos, ver no róxo Oriente  
Arder a luz Phebéa!

Como é grato o passeio entre boninas  
Aljofradas co' as lágrimas da Aurora!  
Colhêr os sazoados pòmos de ouro  
Que assucarou Natura!

Tal me é grato lançar pela memoria  
Os olhos da Amizade, e ver virentes  
Imagens d'um Olindo generoso,  
No esmalte das virtudes.

Tambem me é grato olhar bem povoada  
De agradaveis Amigos esta meza;

---

(\*) O Ill<sup>mo</sup>. e Ex.<sup>mo</sup> Commend. or A. d'Ar.  
d'Az. P. P. etc., etc., etc.

E as Damas, c'um sorriso ayroso e meigo  
Festejar este dia.

Que nem póstos, nem ouro os convidaraõ  
A celebrar meus annos com lisonjas :  
Meu proceder sem mancha, alma Amizade  
Lhe empenhaõ as saúdes.

Aquí é meu prazer, aquí me pulaõ  
Do seyo da alma a Gratidaõ, os Versos ;  
Chamo ditosas éstas cans, que alcançaõ  
Amiga companhia.

Nem me lembraõ os meus quatorze lustros ;  
E as mesmas cans da fronte se me arrêdaõ :  
Vivido lume dà calor às cinzas  
Dos antigos talentos.

Quasi que é meu maior prazer ter vida,  
Em que conte cada anno um dia destes,  
Que desfiar um dia apoz um dia,

Por dizer : — VIVI MUITO. —

Vivo mais neste dia, que n'um século :  
Os mais dias me cahem da lembrança,  
Este crava os momentos na memoria  
Com rijo diamante,

---

LYRAS

A' VIOLETA:

---

\*  
\* \*

QUANDO Adonis morreu, do eburneo dente  
Do javali cerdoso,  
Livida cor lavrou incontinente  
Pelo corpo formoso.

\*  
\* \*

Vénus, com prantos, com cruéis saudades  
A Terra enternecia,  
Enternecia as altas Divindades  
Da Olympia Monarchia.

\*  
\* \*

Jove, que amou, e que se compadece  
D'uma Vénus chorando,  
Mandou, que a Terra em torno florecesse  
Do Mêço miserando;

( 4 )

\*  
\*\*

E a flor trouxesse em si a cor escura,  
Que tanta pena dava  
Aos olhos da saudosa Formosura. —  
A Terra, a quem regava

\*  
\*\*

A corrente de lágrimas mimosas,  
O seyo humido abrindo,  
Violetas brotou, que maviosas  
A dor lhe estão sentindo.

\*  
\*\*

« Sereis entre os Amantes, e os Poétas,  
» Todo o tempo futuro  
( Vénus disse : ) » Oh ternissimas Violetas,  
» Symbolo de amor puro ».

---

Mais de trinta annos há, que as táes Lyra-  
sínhas foraõ escritas. Dizer agora se ellas saõ  
de minha colheita, ou traduzidas, a tanto  
naõ chega a minha memoria. Se agradarem a  
algumas almas derretidas, o author, ou tra-  
ductor lhes naõ pede mais, que um suspiro,  
hem arrancado lá dos entre-folhos do coração.

---

# C A R T A

A O S E N H O R \* \* \*

6 de Janeiro de 1788.

O Sabio, (1) doutrinou-o a Natureza:

Os filhos d'Arte, garrulos prolixos,

Frustradas gallias grasmaõ

A' ave Olympia de Jove.

*Pindaro: no 2. Ode Olympicas*

---

Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque ea  
Magnasonaturum, des nomini hujus honorem;

*Horat. lib. 1. Satyr. 4.*

---

**T**u dizes, que meus versos são merdidos (2)  
D'um, e d'outro Censor, que marca à unha  
« Este que é duro, a idéa é mal-atada,  
» O sentido é difficil por escuro ».

---

(1) Pindaro dá aqui o nome de sabio (*sophos*)  
por excellencia ao Poéta Lyrico, o qual no seu  
parecer, é o que tem uma imaginação capaz  
de produzir, sem estudo, um grande numero



Dizes, que as Damas fazem meigo apreço  
 Dos molles versos do affectado Mevio,  
 E da prosa rimada de Medaço;  
 E enráyvas desse apreço, e dessas unhas?  
 Com bem pouco te férve na alma a Ira!  
 Por versos criticados te apaixonas?  
 E por versos não-teus? — Os pobres versos  
 Meus filhos são, Amigo, e eu não me dóo  
 Dos golpes, que lhes dão. — « São d'um Amigo:  
 » São versos ( dizes tu ), que achei moldados ;

---

de idéas inteiramente novas, e dignas dos  
 Deoses, e Heróes. Os que á força de lectura e  
 arte, fazem Odes, recitaõ poemas alheos,  
 que decoraraõ, ou daõ, pelo assim dizer,  
 sómente um novo vernís ás idéas poéticas de  
 outros, não são outra cousa mais, do que uns  
 garrulos atrevidos, cujos versos, ou canto,  
 Pindaro compara aqui, por desprezo, ao grasnido  
 frustrado, que levantaõ os Córvos, contra a po-  
 derosa voracidade da Aguia.

(2) Critiquer, selon eux, c'est ne pardonner rien,  
 Grossir toujours le mal, et déguiser le bien;  
 Qui, faux aigles, et vrais butors,  
 S'imaginent, dans leur aveugle ivresse,  
 Planer sur les eaux du Permesse,  
 Dont ils n'ont jamais vu les bords.

*Piron.*

» Nas régras , que deixou o Venusino ,  
 » E magoa-me o ver , que os abocanhaõ  
 » Os enfrestados dentes d'um Taréco. »

Espanca essa amargura despeitosa ,  
 Philosopho Avellar , desfranze a testa ;  
 Mira-te ao bom espelho , a que eu me miro ,  
 Quando alimpo da Critica as mascarras :  
 Bébe da fonte , d'onde eu bebo a fio  
 O almo licor da jovial Pachorra.

Invejas não me agastaõ , daõ-me riso :  
 Inveja , antes que Lastima , procurõ.  
 Força é subir , co'a Inveja sempre ao lado ,  
 Do immortal Templo a alcantilada rócha.  
 A vida é curta , se as paixões a rálaõ.

Zomba do Zoilõ , zombarei contigo :  
 Que há muito neste arrimo estou seguro :

« Imita os bons , se queres iguala-los.  
 » Despréza o Zoilo de empéstada lingua. »  
 Paixões na saõ de lucro : as paixões nossas  
 Saõ pratos , com que os Criticos engórdaõ.

Eu quando os escrevi , esses , que agóra ,  
 Versos mórдем ( meus filhos mal-fadados )  
 Foi porque quiz dar fólga a muita idéa ,  
 Que na pejada tésta borbohava ;  
 Quiz abrir campo à Gratidaõ , aos justos  
 Louvores da benévola Amizade ;  
 Quiz ornar meus poemas , com os nomes  
 De Marfisa , de Marcia , e de Delmira.  
 O Prazer os gérou , não a Vangloria :

Que bem sabes quam pouco os julguei dignos  
Do traslado, ante quem sempre os compunha,  
Minhas delicias, meu prezado Méstre. (1)  
Sem soçóbro soltava entam os diques  
A' corrente Apollinea despenhada,  
Sem temer unhas, sem buscar louvores,  
Como quem d'uns, e d'outras se surriá.  
O verdor juvenil, o sancto lume  
Que as Musas poem no sprito digno dellas,  
E o fogo, que Amor lança nãs entranhas,  
Nessa idade viçosa, e presumida,  
Rompeu na labareda, que em Sonetos,  
Em Odes campanudas sahio fóra.  
Mas não tam fóra, que deixasse o claustro  
Das gavêtas do Vate, ou dos Amigos;  
Onde com medo do profano vulgo,  
Quaes Virgens pudibundas se encerravaõ.  
O Frazier os gerou; hoje a Penuria (2)  
(Máo Fado o quiz assim!) os poem na rua.  
Lá vaõ desamparados, sem valias  
Correr tormenta entre os baldões, e as mofas  
De mil versejadores assanhados.  
Que navalhas, (3) que gumes não se affiaõ

---

(1) *Horacio.*

(2) *Paupertas impulit audax ut versus facerem.*

*Horat. lib. 2. Ep. 2.*

(3) *Molem et montes. Virg.*

Contra o innocente buço barbi-louro  
 De meus coitados versos ? Zoilos, comprem-mos  
 Comprem-mos, e critiquem-mos embora.  
 Dinheiro, e não louvores necessito.  
 Qual, na Guiné, o Negro os filhos vende,  
 Em tanto amor gerados, e nascidos, (1)  
 Para manter a Mãe; muito-que saiba,  
 Que haõ ser açoutados, e pingados  
 Das brutas mãos do squalido Mineiro.  
 Tanto pôde a fatal Necessidade !

— São duros (2) Costumadas as orelhas  
 Ao molle Albano, à molle Damiana,  
 Ao molle semsabor de térnas glossas,  
 Naõ podem supportar gũerreira Tuba,  
 Um Som alto, uma Furia sonora,  
 Qual Camoões a pedia à sua Musa. —  
 Se têmem, que as orelhas se lhe estraguem  
 Co' a dureza dos meus. . . Ah! naõ os leiaõ:  
 Que euc'um Vate (3) direi: « Naõ leio os seus. »  
 Contentar-me-hei com poucos de bom sizo,  
 De estudo, de criterio delicado,  
 Que os lem, sem lhe arranharem os ouvidos.

(1) Camoões.

(2) — Duri chiama i miei carmi  
 Ma che ? son duri, e pur son belli i marmi.

Torquato Tasso, *In un Madrigale*.

(3) Garçaõ, *satyr. I.*

O molle Cortezaõ , que véste Olandas ,  
 Que traja tafetás , calça pellicas ,  
 Fraquêa ao morriaõ , géme no ferro  
 Do rebatido arnez , prendem-no as grevas ,  
 De sôpezar a grossa lança , súa.

Versos molles , ensossos , e aprosados  
 Nunca do Pindo entraraõ nas balizas ;  
 C'um látego nas mãos , Pindaro , Horacio ,  
 Das fraldas da montanha , os affugentaõ.  
*Naõ soffre' as altas Musas (1) mean-mente  
 Serem tratadas. Rojaràs (2) por terra ,  
 Por pouco que da altura te desvies.*

Muitos ( pelo adoçar ) suaõ , tres-suaõ ,  
 Roendo o triste verso , como traça ,  
 Sem sangue o deixaõ. Muito mimo  
 Empéce à terra planta. Qual é a lingua  
 Que em bem nascido verso prove os fios ?  
 Verso primeiro vem , que às vezes tanta  
 Natural graça traz , que uma das nove  
 Deosas , parece , que o inspira , e canta.  
 Ferreira , Oh bom Ferreira , bem te queixas  
 Destes juizos cégos , que igualmente  
 Gostaõ da Musa doce , e Musa fria.  
 Eu amo o verso brando e torneado ,

(1) Ferreira , lib. 1. carta 8. a Pero d'Andrada Caminha.

(2) Horacio , na Arte Poetica , ver. 378.

( E alguns se achão talvez em meus poemas )  
Quando o requer o assumpto. Quando a cazo  
Sentado na sombria, e verde margem  
D'um limpido ribeiro saudoso,  
Olindo canta ao som, ao murmurio  
Da branda veyra as mágoas d'uma auzencia:  
Quando Tirso ós (1) auritos (2) arvoredos  
Contente narra a chamma doce, e pura,  
Que lhe accendeu no peito um olhar meigo.  
Da formosa Amarillis. N'outro assumpto  
Sempre terei em mófa, e menosprezo  
Mulher cayada, e verso delambido (3).

---

(1) Em lugar de — *aos* — licença, que muitas vezes tomaraõ os nossos Classicos, que tinhaõ mais delicado ouvido, e mais familiaridade co'a Grammatica, do que os meus doutissimos Censores.

(2) *Auritas ducere quercus. — Horat.*

(3) Multos, O juvenes, carmen decepit; nam ut quisque versum pedibus instruxit, sensumque teneriorem verborum ambitu intexuit, putavit se continuo in Heliconem venisse. Sic forensibus ministeriis exercitati, frequenter ad carminis tranquillitatem, tanquam ad portum faciliorem confugerunt: credentes facilius poema extrui posse quam controversiam sententiolis vibrare.

Quero nos versos ; que gostoso leyo ,  
 Valentia de phrase , e de sentença ;  
 Robustas cores no formoso rosto ,  
 Meneio marcial , d'onde respire  
 Antes cheiro de polv'ra , que de almiscar.

---

tibus pictam. Cæterum neque generosior spiritus  
 sanitatem amat, neque concipere aut edere  
 partum mens potest, nisi ingenti flumine litte-  
 rarum inundante. Effugiendum est ab omni ver-  
 borum, ut ita dicam, vilitate; et sumenda  
 voces à plebe summotæ, ut fiat: *Odi profanum  
 vulgus et arceo*. Præterea curandum est ne sen-  
 tentiæ emineant extra rationis modum expressæ,  
 sed interto versibus colore niteant. Hæmerus  
 festis et Lyrici, Romanusque Virgilius, Hora-  
 tiique curiosa felicitas. Cæteri enim aut non  
 viderunt viam qua iretur ad carmen, aut visam  
 timuerunt calcare. Ecce belli Civilis ingens opus  
 quisquis attigerit, nisi plenus litteris, sub onere  
 labetur. Non enim res gestæ versibus compre-  
 hendendæ sunt, quod longe melius historici  
 faciunt quam Poetæ: Sed per ambages Deorum-  
 que ministeria, et fabulosum sententiarum  
 tormentum præcipitandus est liber spiritus, ut  
 potius furentis animi vaticinatio appareat, quam  
 religiosa orationis sub testibus fides.

*Petron.*

Outros prezão melhor versos de alfêoa (1):  
Lá tem o Chagas, chupem-no, regalem-se  
C'os seus doces romances de ovos molles,  
E se inda o achão duro, tem o Zuniga,  
Que em seus versos de fôfo caramelo,  
Naõ tem Lunar, (2) naõ tem *Simul cadente*  
*Simul soante*, ou verbo, que naõ venha  
Na Cartilha do Padre Mestre Ignacio.

Lá ressambrá uma nódoa, que segundo  
O parecer dos Doutos meus Censores,  
Que aprendem Portuguez pela Gazeta;  
Uma nódoa é, que affeia os meus escritos,  
Que enxovalha o melhor das minhas Odes.  
Termos *novos*, ou *drogas da antigualha*,  
Que se achão só em Barros, em Lacena,  
Velhos Sebastianistas, que este mimo  
Do fallar Luso-Gallico naõ provão:  
Termos, de que jamais na Academia  
Usou tanto Author sabio, e respeitavel,  
Que tam vastos volumes compozeraõ  
De estampas régias, de opulenta margem.  
« Um Author de folhetos ( dizem elles )

---

(1) Quam citò id, quod valde dulce est, as-  
pernatur et respuit!

*Cicer. 3.º de Oratore.*

(2) Vid. a Approvaçãõ das obras de Domingos  
dos Reis Quita.



» Per quatro Odes , que fez , mal-alinhadas ,  
» Quer mais authoridade ter , mais pezo ,  
» Que tam dignos Varões ? Melhor lhe fora  
» Escrever como nós (1). O Sapateiro  
» A Rascôa , inda o mais boçal Mochilla  
» Entendem nossos versos , e os decóraõ:  
» Os seus , só o Diniz , só o Pereira ,  
» Ou algum dessa récova os descifra .  
» O Mattos nunca usou de *sotto-postos* ,  
» De *aferrolhar* , de *nitidos* , nem *fulgidos* ,  
» Nem d'outros termos vís , avelhentados ,  
» Carcomidos nas tróvas Affonsinhas.  
Tem razaõ ( lhes dirás ) dirás comigo :  
» Para esses meus senhores nunca escrevo ,  
» Nem para quem decóra táes refugos.  
» Escrevo para mim , para Dorindo ,  
» Para Ti , Avellar , que sem piedade  
» Aqui córtas o ramo mui-viçoso ,  
» Alli o pécco ; o escuro me esclareces ,  
» E o baixo , e vil , me dizes que levante.  
Assim Virgilio , Horacio poetavaõ  
Para Augusto e Mecenas , para Vario ,  
E com chuffas aos Mevios respondiaõ.

---

(1) Ecrire en vers pour les faire mauvais est la plus haute de toutes les sottises. *Volt. fragment d'un discours histqr. et critiq. tom. 6 de l'édit. de Beaumarch.*

Os que como Diniz (1), Garçaõ, Ferreira  
Meditaõ, folheando noite e dia (2)  
Os Gregos, e Romanos de alto preço,  
E daõ moldados versos nestes cunhos,  
Dignos de entrar no Templo do Bom Gosto;  
Saõ os que estimo só (3), de quem recebo  
Com gosto, e com respeito o bom reparo. (4)  
Que muitos há, que estudaõ com proveito;  
Mas faltos de escrever (ja de medrosos,  
Jà de esquiva Perguiça avassallados)  
Como campos não tem, nem tenras vinhas,  
Que o saltante granizo lhes pedreje (5).

---

(1) Pindarici fontis qui non expalluit haustus.

*Horat. Epist. ad Jul. Pl.*

(2) Neque concipere, aut edere partum mens  
potest, nisi ingenti flumine litterarum inundan-  
te. Petron.

(3) Cæteri autem aut non viderunt viam quã  
iretur ad carmen, aut visam timuerunt cal-  
care. *Idem.*

(4) Cette flamme qui brûle au sein des grands  
auteurs,

Doit être le flambeau qui guide les censeurs;  
Il faut également que le ciel les inspire,  
Les uns pour critiquer, les autres pour écrire.

(5) Dizemos *juntar, sentar, levantar, e ajun-*

Zombaõ das seccas, zombaõ dos negrumes,  
E do pobre rendeiro, que anda à espreita  
Do soaõ, da tormenta furiosa, (cos :)  
Que lhe crêste os botoes, lho arranque os tron-  
Naõ têmem nos escritos tempestade,  
Despiedadamente nos mais ferem.  
Por mui severos, estes os recuso; (1)  
E aos que não lem, por Criticos rejeito; (2)  
Que saõ cegos, de cores não distinguem.  
*E quem não sale d'arte, não a estima* (3).

Quem escreve : quem sabe o quanto é arduo  
Vestir de ricco trajo a idea nõbre,

---

*tar, assentar, alevantar — pedrejar, e apedrejar. — Ponho esta nota, porque não sei com quem fallo.*

(1) *Cæteros pũdeat, si qui ita se litteris abdi-  
derunt ut nihil possint ex his neque ad com-  
munem afferre fructum, neque in aspectum  
lucemque proferre. — Cicero pro Archia.*

(2) Há certos Criticos, que a tudo poẽm pẽ-  
cha, e que não escrevendo, nem sendo capazes  
de escrever, querem impedir que os outros es-  
crevaõ. Eu não acho comparaçaõ, que lhes qua-  
dre melhor, que a dos Eunuchos do serralho.  
*Il n'y fait rien, et mĩt a qui veut faire.*

(3) *Camões.*

Com que appareça honrada, entre esse Vulgo,  
Que, mais que na Virtude, e modo honesto,  
Repara na riqueza, e no vestido : —  
Que é penuria todo o ouro d'uma lingua,  
Se alma (1) e feições dar queres ao Conceito :  
Que se estranhas, antigas, novas vozes  
No taboleiro escolhes, uma (2) apenas  
Acha graça em teus olhos rabujentos. —  
Que esta no verso é longa, aquella é curta,  
Chôcha não sôa, ou retinnindo estruge. —  
Esse orna só c'o merecido louro  
O verso cheio de uteis pensamentos,  
Novos (3) na phrase, novos na substancia;  
Esse arroja da banca estudiosa,  
( Costumada a leituras escolhidas )

---

(1) Vi um manuscrito d'um Sermão de Vieira, onde para escolher a phrase. — Embebê a setta no arco — havia 23. entre-linhas de 25. phrases, que antes desta lhe descontentarão.

(2) Tout prend un corps, une ame, un esprit,  
( un visage.

*Boil. Art. Poétiq. Chant III.*

( ) Dicam insigne, recens, adhuc  
Indictum ore alio.

*Horat. I ib. III, Od. 25.*

Summendæ voces à plebe summotæ, ut fiat :

*Odi profanum vulgus, et arceo. Petron.*

Dourado livro de garridos versos ,  
 Cuja dicção trivial , ôcca harmonia (1)  
 Brillhou já nos corrilhos do Erario ,  
 Ou trouxe-a do Brazil fôfa e confeita ,  
 N'um barril de melasso , um Carióca. (2)  
 Esse da banca arroja os ( por alcunha )  
 Do *Sentimento* deslavados versos ,  
 Que das paixões não vem , que não vem da alma ,  
 Nem poem à luz , em quadros falladores ,  
 De bem-sentido affecto os vivos rasgos :  
 Versos , que Apollo condemnou à queima ,  
 Por frios , e enfeixados em má prosa ,  
 Que a Mõda , e não as Musas inspiraraõ.

Que thezouro não cumpre ter aberto  
 De opulenta linguagem , ante os olhos ,  
 O grandiloquo Vate , ás Musas caro ;  
 Ou que serras não cõrta , minas rompe ,  
 Sangrando ricas veyas de ouro puro ,  
 Com que relêve , e enfeite a Ode altiva ,  
 Emûladora da Aguia ali-potente ,

---

(1) Fabula nullius veneris , sine pondere et arte ,  
 Versus inopes rerum , nugæque canoræ.

*Horat. de Art. V. 320*

(2) Sei que há muitos Bazileiros de bons es-  
 tudos , que desprezaõ os momos , e affectações  
 de quatro bandalhos , que por ellas campãõ :  
 com esses não fallo ; antes os louvo , e os estimo.

Que fita o Sól na fulgida carreira,  
E na nuve enrolada esconde o vóo ;  
Ou , franqueando estreitas leis , devolve  
Dithyrambo atrevido , embriagado ,  
Dos outeiros do Ménalo ruidoso ,  
Rodeado de Férulas , de Thyrsos ,  
De capripedes Satyros saltantes ?

Aqui os transes são , aqui da fronte  
Do trabalhado Vate corre em fio  
O suor , que reluz na rôxa face :  
Aqui . . . . mas là lhe traz do verde Pindo  
Meigo soccorro o affavel Soberano  
De altos versos . . . . Lá franco lhe concede (1)  
Cartaz para a plebéa , que ennobreça  
Com fóro , e moradia ; a peregrina (2)  
Naturalize , e cidadan se chame ;

---

(1) Geralmente foi dada boa licença

A's linguas ; umas a outras se roubaraõ.

*Ferreira , Lib. 2 , carta 1.*

(2) AMAT PEREGRINA VERBA . . . .

*Latio* fonte cadant parece detorta.

*Horat. de Art. Poet.*

Na qual quando imagina ,  
Com pouca corrupçaõ cré que é a Latina.

*Camões.*

Assente em tribunal ( entre as modernas  
Barbi-louras ) a antiga , ( 1 ) veneranda  
Pelas honradas cans , grandes serviços ;  
Ou juntando em travado matrimonio  
( Estremado dizer lhe chama Flacco ) . ( 2 )  
Duas bem-conhecidas , forme a nova  
Com cunho Portuguez , embora vinda ,  
Com que a si , com que aos seus mais enriqueça .

Mas cá me vem dos bréjos de Aganippe  
Um grasnido ( 3 ) rouquenho do Vulgacho  
Arrumador dos ados , idos , e osos , ( 4 )  
Que o verso estimão só , que os conscoantes

---

( 1 ) *Multa renascentur quæ jam cecidere.*

*Horat. de Art. Poet.*

( 2 ) *Dixeris egregie , notum si callida verbum  
Reddiderit junctura novum.*

*Horat. de Art. Poet.*

( 3 ) *Clamore nequicquam procaci*

*Rauca crepant crocitantque corvi  
Contra ministrum fulminis alitem.*

( 4 ) Si par hasard , en cherchant une rime , on  
trouve une pensée , on renonce souvent à em-  
ployer une pensée vive , délicate ou sublime ,  
faute de pouvoir l'incruster dans les bornes  
du vers , ou de la faire sonner par le grelot  
de la rime .

*Voyag. Philos.*

Sacóde , como guisos na colleira. (1)

« Não há um consoante nessas Odes ,

• Nesse escuro delirio. Abate o vóo.

• Desce do Régaso. A'ta as tuas tróvas —

• Que não lhe achamos ponta , nem atilho. » (2)

Musa , que me prendaste com a Lyra

Que Horacio pendurara d'um loureiro ,

Do Sacro bosque , em frente do aureo throno ;

Em que Pindaro (3), e Orpheo , estão sentadas :

---

(1) Solo per piacere all'occhio del comun popolo , che pago , e contento de quel semplice stitillamento e prarito , non penetra addentro nel midollo , e nella sostanza della matéria. — Prologo da traducção italiana do Cataõ de Addison , impressa em Florença no anno de 1735.

(2) — Mihi nunquam  
Bilem , sepe jocum vestri movere tumultus.

*Horat. Lib. 1 , Ep. 19.*

(3) Son caractère dominant est la noblesse , la sublimité , l'enthousiasme. C'est un homme , qui quand il a pris son essor , dédaigne de s'assujettir aux règles ordinaires , néglige les liaisons et les transitions dans le discours , s'élève comme un aigle dans la région des foudres et des tempêtes. Ce n'est plus le langage des hommes qu'il tient ; c'est celui que notre imagination prête aux Dieux.... Mais au même tems ce désordre même



Musa , que sobre as cordas sonoras ,  
Quando a mão me adestravas , e influías  
Canto divino em minha voz grosseira ,  
Me dizias mórmente : « Novo Alumno ,  
» Fóge , fóge do humauo , humilde idioma ,  
» Que nascido na terra , a terra busca ,  
» Prezo caminha , preza ao lodo a idéa .  
» Tu estuda o fallar dos altos Numes ,  
» D'onde te vem o 'sprito : o rayo puro  
» Que gera o Vate , gera alados versos ,  
» Que pelos soltos ares , soltos voaõ  
» A chegar-se, nos Céos, à sua Origem. » (1)

---

est une des grandes beautés de l'Ode, laquelle se propose d'élever notre imagination , et non de nous former le jugement. Ses Ouvrages sont des modèles de la plus grande élévation et du plus grand enthousiasme , dont la Poésie soit capable. Ses pensées sont vives et fortes , son expression pompeuse , sa versification rapide.

*Abrégé de l'Hist. Grecq.*

(1) Majores ego spiritus

Gestans , sub pedibus degenerem metum  
Projeci , et sola deserens

Ad cælum ravior plenus Apolline :  
Indoctisque reconditos

Fontes AEMONIÆ visere gestiens ,  
Magnum , crudus adhuc senex ,

Flaccum pone sequar per nemora inuia.

J. B. D. S. R.

Que mandas , Musa , que responda agora  
Aos baldoés , que em meu nome , a Ti disparaõ ?  
Permittes que o segredo lhes descubra ;  
Que a vereda escondida patentêe  
Por onde vôa o remontado Vate ,  
Quando em conselho radioso os Numes  
Vai escutar , e c'o elles gosta o nectar ,  
Na fatidica taça do alto Apollo ?

Qual pallido na Eleusis trême , e jura  
Guardar o Grego os mysticos Arcanos ;  
Tal eu jurei , nas tuas mãos mimosas ,  
Guardar o arcano dos sublimes versos ,  
Que me trouxeste da morada Olympia.  
Assim jurou o teu Rousseau divino :  
E bem ( como eu ) vexado por pedantes ,  
O vedado segredo encerrou na alma.

Ouvi , como este Vate mâis - que-humano ,  
Tomado do furor que Apollo inspira ,  
Cresce no 'sprito , e ufano se agiganta :  
Subindo ao cume do partido monte ;  
Aos detractores do Estro sublimado ,  
Aos Criticos pygmeos abate o orgulho ;  
E sem que estrague o honrado juramento ,  
Os esconços juizos vexadores  
Co' a rocha do desprezo esmaga , e enterra.  
Ou qual Perseo no alado bruto monta ,  
E descobrindo a anguifera Gorgona ,  
C'o terrifico escudo assombra , im-pédra  
Esguios Zoilos de franzida fronte ,

« Fraco espirito (1) que a tórta senda ignoras  
 » Do Pindo, e medir queres c' o de Euclides  
 » Compasso, o devaneio de meus versos,  
 » Aprende, que iguaes raptos deu Virgilio  
 » As Sicelides Musas. Tu só podes,  
 » Feliz Delirio, eternizar o canto  
 » Dos Mestres da alta Lyra. » — Emudeceste,  
 Marréco granador? Comtigo falla;  
 Comtigo, que vês tudo escuro e solto,  
 Se não t' o poem à porta em taboleta,  
 Ou qual ramal de peros enfiado.

Quererás tu, que Pindaro ruidoso,  
 Quando mais ferve, (2) e da profunda bocca  
 Delirado desata a gran torrente  
 Por fragas, por barrancos despenhada. . . .

Aquí alaga, alli violento arranca  
 Rochedos e pinheiros. . . . vá a tento,  
 Com uma arte na mão, (3) costeando as regras

(1) Ode ao nascimento do Duque de Bretanha.

(2) Fervet, immensusque ruit profundo  
 Pindarus ore. — *Horat. Lib. 4, Od. 2.*

(3) Non enim res geste versibus comprehen-  
 denda sunt. . . . Sed per ambages, Deorumque  
 ministeria, et fabulosum sententiarum tormen-  
 tum precipitandus est liber spiritus; ut potius  
 furentis animi vaticinatio appareat, quam re-  
 ligiosæ orationis sub testibus fides. — *Petron.*

D'um ético roteiro de apprendizes ,  
Por não te molestar o çafio engenho ?  
Pisco Censor , que perdes de olhos a Aguidã ;  
Quando despréga as implumadas forças ,  
E accommette dos Ceos a azul barreira ,  
Não canta para ti Pindaro altivo.

O espirito ségüe a Apollo , a Ovelha o trilho  
O estylo impetuoso de uma Ode  
Atropella , não piza ; esconde a esteira ,  
Que talhou despedida , a turvos olhos.  
Os que criou Calliope divina  
Em seu inclyto seyo ; os que nascendo  
Bafejou Phebo com ardente sopro ,  
Podem sós , com a vista , rastrea-la.

O Venusino , imitador do Cysne  
Dirceo , que em alvo Cysne (1) transformado ,  
Maior que a Inveja , deixa Roma em baixo ,  
Para estender o vôo até os Polos ;  
Que lidás , que suor (2) não deixou prestes  
A Salmasios , a causticos Lambinos ,  
Quando o laço escondeu desta Ode egregia :

---

(1) Jam , jam residunt cruribus asperæ  
Pelles , et album mutor in alitem.  
Invidiæque major  
Urbes relinquam. — *Horat. Lib. 2, Od. 2.*

(2) Quantus adest sudor !

*Horat. Lib. 1, Od. 15.*

*Ao Varaõ justo , e firme em seu propósito  
 Não lhe abulaõ a mente incontrastavel  
 Injustas ordens de assemado Povo ,  
 Nem de Tyranno o rosto resolute ,  
 Austro , revolto Rei do Adria inquieto ,  
 Nem de Jove tonante a maõ ingente.  
 Caya , sobre elle , espedaçado , o mundo ,  
 Feri-lo-haõ ; mas impávido as ruínas.  
 Pollux nesta arte , e o vago Alcides fixos ,  
 Os alcaçares igneos alcançaraõ :  
 Entre elles bébe , com purpurea bocca ,  
 Augusto o nectar recostado ; nesta  
 Benemérito , Oh Baccho Páe , teus tigres  
 Te rodaraõ , tirando o indocil jugo ;  
 Nesta arte fixo Romulo se escapa ,  
 Nos cavallos de Marte , do Acheronte.  
 Aqui punha Scaligero as balizas ,  
 E o fim à Ode ; outra Ode lhe era o résto.  
 Não vio , nam c'õ elle viraõ muitos outros ,  
 ( Com quem te envergonharas por-te à barba ,  
 Tu que enojosas criticas arrojás )  
 Que a soltura apparente , que o delirio ,  
 Que subito se appossa do Poeta ,  
 Não se deixa colher de olhos vulgares ;  
 Poucos , que Apollo amou , em cuja mente  
 Poz throno , poz morada ; e correr pôdem  
 ( Bem que de longe ) a estrada Venusina ,  
 Vem o fio , e vereda do sentido.  
 \* Muito sei , diz , que é péça de obra prima*

» A poetica falla , onde contra Ilio  
» Juno disfére o seu rancor inteiro ;  
» Onde ( máo grado seu ) toda a grandeza  
» Já , dos Romanos , ante-diz , futura.  
» Mas onde prende , onde é que está o laço ,  
» Que esta falla ao principio entronca , e une ?  
» Eu não o vejo (1) » — Horacio bem o via ;  
Que via mais que tu , mais que Scaligero ,  
Que os seus netos em critica , e os bis-netos ;  
Mas vem comigo ainda ; aguça a vista ,  
Para vêres prodigios mais occultos.  
Vé se os listoës distingues , com que Pindaro  
As estrophes liberrimas enlaça ,  
Quando se iguala ao Rei , (2) que illustre offrece ,  
Na taça nupcial micante orvalho  
Do rubido Lyco , ao genro egregio . . .  
*Assim brindo eu , c'o a taça , os vencedores ;  
Do almo nectar da Fama transbordando ,  
Doce fructo do engenho , dom das Musas.  
Rhodes , Noiva do Sol ; de Venus Filha ,  
Que longe-reinas nos cavados mares ,*

---

(1) M<sup>r</sup>. Le Fevre , páe de Mad. Dacier , foi quem primeiro descubrio o sentido , e o nexo desta Ode. Os que não tem as obras deste erudito , podem ver as notas , que seu genro Mr. Dacier fez a Horacio.

(1) *Pind. Olymp. 7.*

*Teu Filho canto , coroado Athleta  
Do Alpheo nas ribas , e Castalia fonte.  
Quero pregoar no Orbe , que em Alcides,  
Por Tleptolêmo entronca o nascimento.  
Quanto Error pende sobre o peito humano !  
Censor , que buscas néxo , que investigas  
Os fios , com que o Vate urde o delirio ,  
Ségue a Pindaro agora extraviado  
Por longes terras , por prolixas ondas ,  
Prezo aos Fados do invicto Tleptolemo.  
Do fatidico Apollo eis busca as âras ;  
Eis peregrina a éssa Ilha affortunada ,  
Onde Jove choveu os flóccos de ouro ,  
Quando , da frente , por Vulcaneas artes ,  
Pallas lhe rebentou , gritando : « A l'arma ,  
» A l'arma », que abalava os Céos , e o mundo.  
Entam o Deos , que os Orbes allumia  
No carro chammejante , aos caros Rhodios  
Manda erguer aras à guerreira Filha  
Do ouri-chuvo Deos : Minerva grata  
Arte , e engenho esparzio com mão profusa ;  
E as , que , 'statuas nas praças lhes respiraõ ,  
Daõ largo nome a Rhodes no Universo.  
Enfezado (1) maisin do verso escuro ,  
Espreita o ovante Pindaro , que bate  
A's esculpidas portas da Memoria ;  
Desta Ilha illustre os titulos consulta :*

---

(1) A. P. D. S. C.

Allí vê qual partilha os Deosos fazem  
Entre si , das Cidades que protegem ;  
Como o Sol ( vindo tarde ) é desherdado :  
Mas Jove , Jujz recto , ao Sol concede  
Uma Ilha , que ( correndo a méta usada )  
Brilhar vira nos seyo de Neptuno.

*Sóbe Rhodes à flor da azul campina ;  
O Guia dos ignivomos ginettes  
Della ha sette mancebos ( despozando a )  
De gentil rosto , de estremado sizo ,  
De sette altas cidades fundadores.  
Poz termo a seus erróres n'uma dellas  
Tleptolêmo , e das gentes , por virtudes ,  
Por trabalhos , qual Deos é adorado.*

Canta depois as crôas , as victorias ,  
Que Diágoras válido ganhara :  
Despêde a Jove poderosos rogos ,  
Que dê força , e virtude ao seu Athleta ;  
Olha de longe o grato regozijo  
Da vencedora Patria , o empenho alégre  
Dos Rhodios Cidadãos , e fécha o Canto.

Onde a trama ves tu , onde a ordidura  
Da bem-tecida , bem-bordada téla !  
Se da crôada Élide avistar-te ,  
C'os teus atilhos , c'o teu olaro e doce ,  
Pisco pygmeo , se Pindaro podéra ,  
Neste arredado século mesquinho ,  
Cuidas , que para ti baixando o vóo ,  
Iria passo a passo pela estrada



Contando pelos dedos os successos ,  
Qual nos conta apoucado Gazeteiro  
Os navios que entraraõ pelo Sunda !

- « Que tenho eu cà com Pindaro ( responde. )  
» Que Grego para os mais, para mim Turco,  
» Me falla desvairada algaravia ?  
» Digo , que quero ler versinhos claros,  
» E que os teus naõ entendo, por escuros. »

Tambem eu no Camoës, no bom Ferreira  
No principio alguns li, sem que colhesse  
Logo o sentido: mas re-leio, e estudo,  
E o que era escuro, claro se me torna.  
Tóma este meu costume por conselho,  
E naõ serás por nescio reprehendido.  
Mas se de espirito bóto, e vista curta  
Te amúas contra Pindaro, e Horacio,  
Contra mim, que de longe os sigo, e canso;  
Naõ quero porfiar; façamos pazes.  
Contigo assaz zombei, assaz fui duro.  
Somos amigos : consolar-te quero.  
Lá vejo vir, com rosto prazenteiro ,  
Minha gorda Paxorra, amiga velha ;  
Se ella ajudar-me quér a dar-te gosto,  
Naõ desconfio de compor-te uns versos  
Claros, molles, versinhos para Freira,  
Recheados de affectos, de finezas,  
De frautas, de surroës, e de cajados,  
Atados com brillantes maravalhas,  
Sonôros, bem farfantes, campanudos.

Com cascaveis de guápos consoantes;  
E assucara-los-hei com palavrinhas  
De muito não-sentido *sentimento*, (1)  
Com que, lendo-os, de mim sejas contente,  
E eu, compondo-tos deite nma can fóra....

Longe de mim, medrosos Consoanteiros,  
Fleugmaticos na frágos dos furores,  
Que dictais, por capitulos, as Odes:  
Phebo seu fogo vos negou avaro.

Amo o Poeta, que emboccando a Tuba:  
« Não sou mortal (me diz). Apollo, Apollo  
» Me revolve as idéas, m'as escolhe,  
» E ordenadas à lingua m'as envia. »  
Que assim cheia do Deos a Pythia alheada  
Pela bocca exhalava o vapor sancto,  
Que da tripode ao peito lhe batia,  
E insano lhe lavrava nas entranhas..... (2)

---

(1) On parle sans cesse dans notre siècle de *sentiment*; c'est un grand mot; et je soupçonne qu'on ne le repète si souvent, que parce qu'on ne l'entend pas.

*Geofr.*

(2) — Ubi vaticinos concepit mente furores  
Incaluit que Deo, quem clausum pectore habe-  
( bat.

*Ovid. Metamorph. v. 640.*

Alguns Amigos me dizem, que eu não faço

**Naõ tens tu, Avellar, — que eu sou ja longo,  
E que a minha Perguiça enfastiada  
Boceja, e quer dormir, de ver o sério,  
O estomagado texto d'uma carta,  
Que comecei por méro desfastio!  
Pois, boa noite : adeos (1); que vou deitar-me.**

---

bem em citar tanto os authores; e que é des-  
luzir os meus pensamentos, o apontar as palavras  
de outros, que já o tinhaõ ditto : mas eu que  
nessas tróvas, me naõ dou nunca por talento  
divino, que diz com sublimidade o que nin-  
guem antes d'elle disse, allégo o author, se elle  
me lembra, e as tróvas irãõ como podérem, à  
eternidade — ou à tenda para embrulhar adubos.

(1) Trop paresseux pour abrégér.

Trop occupé pour corriger,  
Je vous livre mes rêveries.

. . . . .

J'abandonne l'exactitude  
Aux gens qui riment par métier.  
D'autres font des vers par étude,  
J'en fais pour me desennuyer.

*Gresset.*

---

SONETTO. \*

**T**RISTES Cyprestes de agourada rama,  
Horror desta feyssima espessura,  
A vós me envia a minha Desventura,  
O meu mortal Destino a vós me chama.

Nésta rocha, em que o mar rebenta, e brama,  
Elejo abrir medonha sepultura,  
Em que entérre comigo a magoa dura, (ma:  
Com que a alma lotta, ausente do Bem que a-

Vós, Troncos inclinai com dor sentida  
Maviosa sombra a meu penar sobejo:  
Frio punhal, que me atravessa a vida!

Ternas aves, cumpri com meu dezejo;  
Tristes cantai, na amarga despedida,  
Que ja vos dou, se Marcia vir não vejo.

---

\* E' muito usual na idade de 18 annos sentir as penas tam agudas da saudade; estaõ as carnes mãis brandas, e o coração co' as pórtas abertas, para receber os tiros. Mas em 70 que já por mim passaraõ, foi-se endurecendo, e encorreando o peito desórte, que para nelle abrin brécha o Amor, lhe fora necessario em lugar de arco, e flechas, disparar ballas de 24.

---

## ODE A VÊNUS.

---

Si . . . . mavis, Erycina ridens,  
Quem jocus circumvolat et Cupido.

*Horat. lib. 1, od. 2.*

---

**S**E ao teu Nume offreci , piedosa Vénus ,

O coração estreito em prisões de aço ,

E se amorosas lagrymas sentidas

Verti em teus altares ;

Se assiduo sérvio , em teu sonoro templo ,

Maviosos hymnos te enviei alados ,

Entre cheirosas , enroladas nuvens

De estremados perfumes ;

Se a bemaventurar baixaste outróra

C'um almo riso , o'um divino bejo

De requintado mimo , affavel , meiga ,

Teus leais amadores . . .

Lembre-te o lonro filho de Cinyras ,

Quando as sélvas pizaste em seu alcance ,

E quando , só de o ver terçar um dardo ,

Te estremecia o peito.

Falle o Simoente , e os ulmos piedosos ,

Que , curvados , os ramos enlaçavaõ

Para acantar os soffregos abraços

Do mui-ditoso Anchises.

No Ida ovante Páris te olhou nua . . .

Possûe Anacreonte a vocal Pomba ,  
Que em galardaõ d'um hymno lhe cedeste ,  
Voluntaria servente . . . .

E eu , que antigo devoto me acobarde  
Ante esta tua imagem fria , escassa  
De teu meigo fallar , meneio airoso ,  
Teus olhos derretidos !

Eu que a teu filho , e a seus sarpoês prolixos  
Abri no peito campo à aljava inteira ,  
Que a Ti , que às tuas Nymphas, da aurea lyra  
Votei todas as cordas !

Porque não péço , que te a mim descubras ,  
Qual em Paphos reluzes , quando em torno  
Do césto poderoso te surriem  
As nuas, lizas Graças !

Mas sou eu digno ! . . . Dobrarei offrendas ,  
Votos pendurarei cheios de affecto ;  
Escreverei nas immortaes paredes  
Escravidão devota ;

Encurvando os joelhos importunos ,  
Teu Nume dobrarei. Que assim foi digno  
Esse esculptor rebelde aos teus festejos ,  
Quando te orou prostrado ,

Que , esquecida do atroce menosprezo ,  
Na fria estatua espiritos soprasses —  
Já se aquéce o marfim , azúes as veias  
Entre a pélle resaltaõ , . . .

Já a bocca se avermelha , os olhos luzem , . . .  
Lá se descurva o braço retardão . . . .

**Na lingua inérte a voz atropellada**

**Prova encetada a vida. —**

**Eu devaneio ! O dardo flammejante**

**Que me varou o peito , Amor iniquo ,**

**Em lágrimas de amantes deliriosos**

**O tinhas temperado.**

**Tanto não peço , oh Deosa , só supplico. . .**

**Oh Musas , ajudai-me. Aqui convosco**

**A dulcisona voz aмеigadora**

**Trazei do brando Phebo :**

**Aquella mesma , que soltou suave**

**Nas ribeiras do Amphryso , quando a Jove**

**Derreteu as colericas vinganças**

**A quebrar-lhe o desterro.**

**Essa voz peço ; e se outna inda há mais doce ,**

**Essa requieiro. Co' ella intento , anhele**

**Supplicar , aмеigar a Cytheréa**

**Que aos votos meus aspire.**

**Venus , Venus ! Oh Deosa da ternura ,**

**De branda compaixão perenne fonte ,**

**Senhora das benévolas florestas ,**

**Das sombras namoradas :**

**Desce a meus olhos das Olympias nuvens.**

**Faze feliz com teu divino rosto. . . .**

**Por Ti , oh Diva , endeosado seja**

**Teu sérvio ardente , assiduo.**

**Não temas o sorriso malicioso**

**Dos envejosos Deoses. Se o receias**

**Toma a forma de Anarda ; que a miudo**

( 37 )

Por Cypria a teve o Orbe:

Ella tem as douradas , molles tranças ,  
Que Adonis tantas vezes , pelos bosques ,  
Te desembaraçou de humida relva ,

E de amassadas flores :

Seus olhos como os teus dardejaõ gosto ,  
Que aquéce , que inquieta o assento da alma ;  
Da bocca virginal correm-lhe algemas ,

Como as com que tu prendes.

Dá-me que eu possa , em teu disfarce illuso ,  
Beber dos labios seus o amante riso ,  
E às pudibundas rosas de seu rosto

Chegar a accessa face :

Dá a meus famintos braços , que lhe cinjaõ  
O eburneo collo , voluptuoso golfaõ ,  
Onde acerbos ondeaõ separados.

Os não tóccados pommos.

Mas qual estranho som se ouve no templo !...  
Que encanto em meus sentidos !... Eis que as aras  
Mór perfume recendem !... (Que alto assombro!)

Volvem mãis clara flamma !

Faustos sinais os ares alvoroaõ ;  
Despem os Céos as nevoas descontentes ;  
O Sol accende em chamma aureo-rozada

O festivo horisonte :

Os prados se ornaõ de matiz estranho ;  
Nova esmeralda vestem as campinas ,  
E os troncos desabrochaõ novas flores

Pela copada rama.



Que ouço ! Lá sôa a porta do alto Olympo ,  
Sobre os burnidos quicios bipatentes :

As columnas avisto de diamante ,  
Os sólios de carbunco.

Os Deoses assentados radiosos  
A attençaõ immortal com gosto inclinaõ  
A' celeste harmonia , a vista passem  
No subjacente mundo.

Levantaõ-se as menores Divindades ,  
E em longo fio aos pórticos caminhaõ :  
Toda a turba divina corre , vôa ,  
E correndo recresce.

Os atrios , as arcadas se povoaoõ ;  
Mil fileiras de aligeros Cupidos ,  
Flóreos arcos travando , os ares rasgaõ ,  
Cortejo abrindo alegre ;  
Por entre elles , em rápidas choréas ,  
Os Jocos , os Prazeres vem dançando.  
Diviso as Pombas , e o doirado coche ,  
Com a bella Erycina.

Eis da alta concha assetteando airosa  
Vem , c'os rayos azuis dos olhos lindos ,  
Homens , e Numes. Que gentis feridas ! . . .

O Filho desenvolto ,  
Aqui , alli o sceptro meneando ,  
Manda aos Amores despejar aljavas ,  
Sacudir pela esphéra os fachos vivos ,  
Té que os ares se inflammem.  
Como vem sobre nós a ardente chuva !

Amorosas faiscas nos reluzem ,  
Nos accendem , nos lavraõ pelo seyo ,

A dar rebate ao sangue !

Qual vïvida influencia omni-parente  
Se espalha , e desce aos penetráes anciosos  
Da Madre Terra ! Oh como aviva , e enfeita

A innumera progenie !

Retumbaõ nas lidadas officinas  
Eccos gostosos de nascentes almas ,  
Que nõvos corpos a habitar se espalhaõ :

Acóde vida aos gommos.

Nos dobradiços ramos balançando-se ,  
As ternas aves , enlaçando os bicos ,  
Pre-sentem já , no estremecido arrulho ,

Os propinquos prazeres :

Co' as auri-verdes caudas escamosas  
Os Tritoeãs arrazando as ondas crespas ,  
Trás as bellas Neréas se arremessaõ ,

Em concertados pulos :

Os felpudos , capripedes Sylvanos ,  
Affittando as cornigeras orelhas ,  
Chammas os olhos , descomposto o passo ,

Se entranhaõ pelos bosques. —

Salvai-vos deste abrazador dezejo ,  
Nympphas , que os lizos membros de alabastro  
Banhais na lympha pura , ou mal da vista

Os recatais dançando . . .

Aqui descem , ( Que instante deleitoso ! )  
Os alegres Amores , que saltando

Se estremaõ pelá relva , e com ligeiro ,

Travesso riso me olhaõ.

Com mil sétas subtis , que humedecéraõ

No mel Hymetto , e na Acidalia fonte ,

Me emplumaõ todo , embebem-me as entranhas

De insólita doçura.

Eis desce contra mim , buscando a terra ,

A Cypria concha... Amor ! que affavel me olhas !

C'o a ponta da aza , a pomba do alvo jugo ,

Me affaga meiga a face.

Amor , Amor ! Que vejo ! Quem conduzes !

Vénus tomou de Anarda o gesto lindo ?

Naõ. — É Anarda , Anarda. Saõ seus olhos :

É seu grato sorriso.

Naõ sou em mim. Oh Deoses , acudi-me.

Tanto prazer no seio naõ me cabe ;

Pela alma me transborda ; à bocca estreita.

Vem de tropel as vozes.

Ah ! que incerto naõ sei por onde encéte....

A Gratidaõ... o Amor... tanta estranheza — —

Vénus , no meu enleio , naõ nas fallas ,

Vê meu santo respeito.

Jove a teus votos sempre amigo , affavel....

Ah ! nunca Adonis , nunca Marte frios....

Nunca o Sol vingativo te descubra

Mal-roubados deleites.

Nova Psyquis , Amor , naõ-curiosa.

Te abrace eternamente affortunado....

Cupidos , ajudai-me a agradecer-lhe.

Favor taõ sem medida.

S E R M A Ò  
C O M S U A N O V I D A D E .

---

**P**RÉGAVA um Cura; e em seu prégar dizia :  
« Tem meu sermaõ tres pontos, e declaro  
Que eu entendo o primeiro; mas vòs nada.  
Eu do outro nada; e vòs entendeis tudo.  
Ora (Deos me perdóe!) do terceiro  
Nem eu, nem vòs pescamos cousa alguma.  
Vamos ver. O que eu muito entendo, e quéro,  
E a que vòs vos não dáes por entendidos,  
É cuidar nos concertos, que precisaõ  
As cazas em que móro. Ora o segundo,  
Que é pôr no ôlho da rua eu a minha Ama,  
Vòs o entendeis; mas nada entendo eu disso. —  
O terceiro.... tem dente de coélho!  
Nem eu, nem vos, Villoés, gente abrutada,  
Delle entendemos nada.  
Eu vo-lo digo já. — E' o Evangelho.

---

---

---

O D E.

Em 23 de dezembro 1784, dia de meus annos.

---

— Mea nec Falernæ,  
Temperant vites, nec Formiani  
Pocula colles —

*Horat, lib. 4, od. 2.*

---

**Q**UEM poderá dizer co' amigo Horacio :

• Traze, Rapaz, decrépita botêlha,  
» Que sob o Consul Manlio foi lacrada,  
» Para festivos bródios! »

Mas quem perdeu, como eu, na ingrata Patria,  
Os naõ-culpados bens, naõ tem na adêga  
Preciosos Falérnos; da taverna.

Bêbe as chilres surrapas.

E quem me tólhe, de chrisma-las hoje!

De as chamar Carcavéllos, Malvasia?

Menos Bispo sou eu, que o Taverneiro,

Que o chrismou por Borgonha?

Brindo pois co' Borgonha ao meu Dorindo;

Dorindo, que com Marcia, Anfriza e Alfeno,

Honrou meus Lares, e tornou eterno

O dia de meus annos;

Como Augusto, e Mecenas, (Grandes nomes!)

Vinhaõ sentar-se à naõ-sobeja meza,

E desfranzir as frentes negociosas

Co' pachorrento Vate.

**A** cêga Deosa, que baralha as sortes;  
**Q**ue sem tino arremessa os bens aos nescios,  
**E** os prudentes subjuga com desgraças,  
    **N**ão me acurvou de todo.

**I**nda a meu lado os olhos me requêbra,  
**C**o' a taça em punho, a nitida Marfisa;  
**E** risonhas, a escolha lhe engrandecem,  
    **A**s tres Irmans formosas.

**I**nda no coração fortificado  
**C**o' a san philosophia, larga brécha  
**N**ão pode abrir, com todos os revêzes,  
    **Q**ue lhe asestou irosa.

**O**s corados amigos, que se espêtao  
**C**o' picante vapor do accêso Baccho,  
**C**hamao as Graças, chamao a Alegria,  
    **C**'os polidos donaires.

**L**ouros frécheiros, de malinos olhos,  
**A**qui, alli os aroos encarando,  
**P**or virôtes disparao bota-fôgos  
    **D**e namorado estrêmo:

**E** debatendo as azas de alvo arminho  
**E**m redór das entranhas (que encravarao  
**C**'os alados farpoês) à labarêda  
    **D**ao sollicito alento.

**A**mor por entre os côpos adejando,  
**S**acode o facho, e còbre de faiscas  
**O** almo licor de Baccho, que nos peitos  
    **V**ai atear incendios.

**R**ondando as boccas das gentis Donzellas.

Vejo os Rizos, os Jócos prazenteiros,  
E Vénus, que lhes banha de caricias

Cada falla que sótaõ :

Mil acezos Dezejos, despedidos  
De inquietas entranhas, se derramaõ  
Se cruzaõ, se abalroaõ, té que cspiraõ

Ante as frustradas portas : (1)

Dos olhos, que chammejaõ, sahem vistas  
Exploradoras, que calando a furto,  
Por empoladas cássas (2), vaõ sentar-se  
Sobre apressados peitos.

Tambem tu, se aqui fóras, meu Dorindo,  
( Bem que a táes golpes duro, e callejado )  
C'um pontapé de Amor, darias facil,  
Derretido suspiro.

Co' motím das saúdes, que retinnem,  
Esvoação es trépidos Amores,  
E os apertados animos se estendem,  
Para hospedar-te, oh Bromio.

Evoé, Nyctileu viti-comado,  
Tu de Vénus sustento, e companheiro,  
Vem alagar os coraçõs sedentos,  
Em máres de deleites.

As almas nos espérta, que enfraquecem,  
Com amantes branduras; saltem fóra  
Da molle bocca, em vez de vaõs requébros,  
Os cantos da Alegria.

---

(1) *Portas do coração.* Portas muito conhecidas dos suspiros. — (2) *Fichus menteurs.*

---

---

## S O N E T T O

A uma Tia velha , Donzella , muito avarenta ,  
que por sua morte deixou trinta moedas a ca-  
da uma de suas tres sobrinhas , Maria , Feli-  
cidade , e Margarida .

---

**A** LMA Christan , c'o bem-haver cazada ,  
Virgem e Martyr de carnal dezejo ;  
Que excepto algum abraço , ou algum bejo ,  
Do folguedo viril foste privada .

Em dinheiro amuar toda empregada  
De hervas te alimentaste , e de abadejo ;  
Cruel só contra a pulga , ou persevejo ,  
Nunca a pintos por ti foi morte dada .

Anjos , e Cherubins à tua sahida  
Do corpo , a boa-vinda , com mesura  
Rasgada , te annunçiaõ , mui devida :

Com repiques , o Céu na excelsa altura  
Do campanario seu , celebra a vida , (ra. (2)  
(Que abre a verba) (1) às sobrinhas menos du-

---

(1) A verba da testamento .

(2) Vamos devagar , e entoadado . Este *dura*  
concorda com a vida das sobrinhas , e não co'a  
*Verba* .



O D E.

Em 23 dezembro de 1799 dia dos meus annos.

---

Tardiora fata te votis manent.

*Horat. ad Canid.*

---

**D**AS ribeiras do Sena tam fallado,  
Se estendo da alma os olhos  
Até a branda Elysia deleitosa,  
Que assumptos tam-magoados  
Descubro à saudade sempre-viva,  
No centro de meu peito!  
O desterro, em que vivo desvalido,  
A's meigas formosuras,  
Que lá deixei na Elysia sempre-amada,  
Avulta a graça, as prendas.  
Assim parêce mais frondoso, e verde,  
O Platano copado,  
Na ouréla viçosa de um ribeiro,  
Além de áridos êrmos.  
Alvas Nymphas do Téjo delicadas,  
Que, c'os brilhantes lumes  
De vossos lindos olhos engraçados  
Abrazáes tantas Troyas  
De almas esquivas, corações rebeldes,

Lembrai-vos de Filinto,  
Do Vate, em que influisteis Delio canto;  
Do Vate, que as primicias  
Vos offertou da mal-expérta Lyra.  
Oh vinde, vinde amenas  
Consolar neste dia de seus annos,  
Enôjos de Filinto. —  
Depois que o Fado etérno consultaraõ  
Acerca de meus dias  
Essas tres desdentadas fiandeiras,  
Disse Atropos a Clotho :  
« Esta estriga que vês, na Styx mollada  
Por um dos dous extremos,  
Pelo outro com caricias affagada  
Por Vénus, pelas Musas,  
Tal a tens de fiar para um Poéta  
Das margens là do Tejo.  
Assim m'a deu o Fado. Poém na réca  
Qual, máis te aprâz, dos cabos.  
Se o Cabo da ventura logo fias,  
Serão annos ditosos  
Os que Filinto encetarà da vida,  
E os ultimos aziagos.  
O contrario serà, se a estriga vóltas.  
Com tal condaõ foi dada. »  
Clótho a cingio na róca por tal geito,  
Que fui feliz em quanto  
Logrei da Elysia os ares; desditoso,  
Mal que os perli ausente.

---

---

## SONETTO

TRADUZIDO. (1)

- » **E**u sou ( gritava Apóllo a Daphne um dia ,  
Atráz della , sem fôlego , correndo ,  
E a longa Ladainha descozendo  
Das raras perfeiçoês , que possuía. )
- » Sou sábio de nascença ; e da Poesia  
Deos. Ella aos versos o nariz torcendo ,  
Fugia. (Ap.) Tócco a Lyra. (Da.) Naõ entendo.  
E, dando aos calcanhares, mais corria.
- » ( Ap. ) Sei o préstimo à hérvá máis rasteira ;  
E sou da Medicina o Deos famoso.... »  
Mal tal palavra ouviu Daphne , voava.
- Dissesse : « Vê que pérdes co' essa asneira  
» Um Deos galan , robusto , e grandioso. »  
Que Daphne ( apósto ) a cara lhe virava.
- 

(1) Este sonetto é traduzido d'um sonetto de Fontenelle , que o traduzio d'outro sonetto de Regnier des Marais , que coméça. — Ferma , diceva Apollo a Daphne bella.

---

# O D E

AO SENHOR M. J. DE C.

— — Neque fervidis  
Pars inclusa caloribus  
Mundi, nec Boreæ finitimum latus,  
Duratæque sole nives  
Mercatorem abigunt ! horrida callidi  
Vincunt æquora navitæ ?

*Horat. lib. 3. od. 24.*

---

CYPRINA, ou louro néctar,  
Que do peito os cuidados affugenta ; (1)  
Trabalhados manjares, (2)  
Da Lyra os sons, das aves os gorgeios  
Naõ mattaõ sede de ouro,  
Que se afferra nas intimas entranhas

---

(1) — — Neque  
Mortales aliter diffugiunt sollicitudines.

*Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) — Non siculæ dapes  
Dulcem elaborabunt saporem. — *Idem*

( 2 )

Desse tórvo avarento

A quem nunca, nps ólhos sempre à l'érta ,  
Coou placido Somno :

O Somno , que antes busca a chóça humilde  
Do simples Pegureiro , (1)

Do que os dourados tectos dos Monarchas.

O que em riqueza excédê

Quanto Africa possue , e' inda aureas minas ,

Que virgens guarda a Terra ,

Bem que quasi dous terços da Cidade

Abarque o seu alcaçar ;

Se o Nume , que ás leis todas dá de rosto ,

NECESSIDADE dura , (2)

Os cravos de diamante nelle enterra ,

Sua alma allî captiva

De sustos senaõ salva , e a cerviz sua

Curva sujeito ao laço ,

Que , com certa maõ lhe atira a Morte.

Oh quanto com mãis sizo

---

(1) — Somnus agrestium

Lenis virorum non humiles domos

Fastidit.

Horat. lib. 3. od. 24.

(2) — Sæva Necessitas

Clavos trabales , et cuneos manu

Gestans aheua — Idem. lib. 1. od. 35.

O Scythá guia a casa vagabunda , (1)  
Onde mãis se lhe alvitra !  
Quanto aprouve melhor à Natureza  
Dar campinas sem-marcos , (2)  
Lavouras d'um só anno , (3) aos duros Getas !  
O mar erguido em sérras ,  
Ou quando o Arcturo desce , ou sóbe o Capro  
Ao sabio não demóve ,  
Contente da sua aurea mediania : (4)  
Pedrisco , o não assusta ,  
Que as esperanças québra ao Vinhateiro ; (5)  
Nem crestadas seáras ,  
Nem burladas as árvores de fructos :  
Arda o Sól , géle o Hynverno ,  
Que hà que enoja-lo possa? Os bens, que elle ama

---

(1) Quorum plaustra rite trahunt domos.

*Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) Immetata quibus jugera. — *Idem.*

(3) Nec cultura placet longior anno. — *Idem;*

(4) Desiderantem quod satis est , neque  
Tumultuosum sollicitat mare,  
Nec sævus Arcturi cadentis  
Impetus , aut orientis Hædi... — *Idem.*

(5) Non verberatæ grandine vineæ ,  
Fundusque mendax. — *Idem.*

( 4 )

Immortaes saõ , como elle.  
Homem só tu feliz ! Homem só ricco ! —  
Se as honras ambiciosas ,  
Se os Palacios , que róçaõ pelas nuvens,  
Se a ambrósia , e doce néctar  
O peito não contentaõ , que se nutre  
Só do tranquillo abono  
Da consciencia san , do mal lavada , (1)  
Com que fim sólto o panno ,  
A correr mares , à mercê de Eólo ?  
Perigos apalpando ,  
Por colhêr os thesouros de mil climas ?  
Debl de himpaõ riquezas  
Na alma , em que sófrega ansia a fio nasce. (2)  
Táli a , ávido mercante ,  
Desde a Aurora ao Poente , o mar iroso ;  
Cérca do Norte ainda  
Até à Maura areia , meio mundo ;  
Com improba fadiga

---

(1) *Ínteger vitæ , sceleris purus.*

*Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) — *Scilicet improbæ*

*Crescunt divitiæ ; tamen*

*Curtæ nescio quid semper ab est rei. — Id.*

*Crescit indulgens sibi dirus hydrops ,*

*Nec sitim pellit. — Idem.*

Váí , se o pôdes , fugindo de ti mesmo.... (1)  
Mas fugir te é vedado  
Do Sobrosso , que te urge , e Sobresalto ,  
Que do baixel o léme  
Menea a bel prazer. Mas eu que a Musa  
Ama , farei que os ventos (2)

---

(1) — Patriæ quis exul  
Se quoque fugit ?

Scandit æratas vitiosa naves

Cura. — *Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) Musis amicus , tristitiam et metus

Tradam protervis in mare Creticum

Portare ventis. — *Horat. lib. 1. od. 26.*

---

Parece-me que os estou ouvindo , certos Dou-  
tores , dizerem com desdem : « Foi bazófia no  
« tal Filinto , alardear um chorrilho de citaçoês ;  
» metter-nos a cada instante , o seu Horacio á  
» cara , e . . . . » — Devem ( lhes respondo )  
saber , meus Senhores Criticoês , que perdem  
comigo o desdem , e o feítio delle. Naõ ha hi  
cousa que tanto me divirta como é o palhetar  
com certos Censores , como VV. mms ; e nisto de  
Horacio muito melhor , e com mais gosto. Já de



Por Albion semeiem meus pezares :

Por Albion , que agora  
Tisiphone atribula , e que esmorece

Com ver , oh C<sup>\*\*\*</sup> , os lenhos ;  
Que apparelha o mimoso da Fortuna.

---

Há muito estão VV. mms informados , que ainda que sou máo discipulo, tomei por Mestre a **H**oracio ; e cada vez que faço alguma trovinha , se depois a leio , e deparo nella com algum arremedo seu , fico máis satisfeito do arremedo, que da obrinha tal, e que janda. Honro-me tanto com esses arremedos, que o meu mór dezejo fôra que tudo quanto eu escrevesse soubesse a **H**oracio. Se a VV. mms lhe não agrada , he por que há differentes gostos neste mundo ; uns gos; taõ disto , outros *daquillo*.

---

---

## SONETTO.

---

**N**ASCI. — Lógo a meus Páes custou dinheiro  
O baptismo, (1) que Deos nos dá de graça.  
Tive uso de razaõ. — Perdi a graça —  
Dei-me ao ról — chegou Pachoa — dei dinheiro.

Quiz cazár c'uma Moça. — Máis dinheiro.  
Brinquei com élla. — Naõ brinquei de graça :  
Que aos nóve mezes, me custou a graça  
Para o Mergulhador (2) Cappa (3) e dinheiro (4)

---

(1) Les prêtres nous prennent en naissant, et ne nous quittent pas même en mourant ; et tout cela, pour de l'argent. — *Le P. du C.*

(2) Mergulhavaõ (naõ sei se ainda hoje é a móda) as crianças na pia. Lembra-me, ter visto o *P. Manoel que é clérigo*, Cura entam da minha freguezia, metter um filho de Joanna Rosa tam atabalhoadamente na agua, que lhe amolgou os téstos c'um encontrãõ, que lhe deu na quina da pédra do baptisterio, de que o rapaz nunca sáron.

Morreu minha Mulher. — Não lhe achei graça:  
E menos graça no árbitral (5) dinheiro  
Da Offérta; — que o Prior (6) não vai de graça.

Se o ser Christaõ requer sempre dinheiro, (7)  
Como cumprem com dar graças de graça (8)  
Os que as graças nos vendem por dinheiro ?

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS.

---

(3) Quem quer Cappa mãis ricca : e todos a que-  
rem por se não exporem ao risinho do andador.

(4) Dinheiro pela Cappa ; em vez de Cappa e  
dinheiro. E' figura muito trivial nos Poetas,  
como o *molem et montes* de Virgílio por *montes  
magnæ molis*.

(5) Não há hi regataõ, como um Prioste —  
dizia o Lobo moderno n'um Souetto.

(6) *Fertilibus Domino Priori ..* — Horat. lib.  
2. od. 15.

(7) *Quasi vulva mulieris quæ numquam, etc.*  
Salomon in Proverb.

(8) *Quod gratis accepistis gratis date* —  
S. Paul.

(9) Vendem ?— Vendem, e re-vendem.— Se-  
não diga-o eu.

---



---

## DESFECHO POÉTICO. (1)

— — Credat, Compadris, et istud  
 Certum habeat, fertur quod vates nemo sobradi  
 Levantasse cazas. Imo experientia monstrat  
 Andare hos miseros semper pingando, nec un-  
 (quam,  
 Qua matent fòmem, vel panis habere fatiam.  
*Queixumina.*

---

**E** Como vem serêno, ladeado,  
 Das Musas, pelos áres deslizando,

---

(1) Ler a fío discursos sérios sò o uaõ profundos Estadistas, ou Philosophos de franzidas sobran-celhas. Ora eu (que a pezar de infortunios, desterros, e pobreza) escrevo para gentes de-senfastiadas, e escrevo para desenfasiar-me a mim mesmo, vou entremeando as Odes sérias com estes acepipes; se lhe não acharem graça, serãõ do meu parecer, que lhes não acho muita. *Para que a; ozeste pois?* ( me dirà alguem ) Para ac-commodar aquí nesta nota ( lhe respondo ) um

O Senhor Phébo Apollo ! Pela pinta  
 O conheci , mal o avistei de longe.  
 Eis se apeiaõ da lâcida quadriga ,  
 Bâtem à porta , e entrados já no páteo ;  
 Enfiaõ a escadinha ao canto esquérdo ,  
 Sóbem de patuscada. — Eu de barrête ,  
 E os surrados chichellos arrastrando  
 Os recébo cortez , lhe offreço a Caza —  
 Ei los sentados. — Mui sobr'ano , e dino  
 O Deos , que cria o ouro , e cria os vérsos  
 Assim se explica. . . Venho de propósito ,  
 Os dons offerecer-te , que possuo.  
 Que dezejas de mim ? Dize-o sem pejo ,  
 Naõ gósto de acanhados ; péde affouto ;  
 Que esse teu têrmo honéstô , e cans honradas ,  
 E mais que tudo , os gratos elogios ,  
 Que me tens dado , e às nóve Mocetonas ,  
 Muito hà que estaõ por ti mercês clamando.  
 — Eu , meu ricco Senhor , ( tórno em resposta )  
 Que lhe póso pedir ? — Dê-me dinheiro ,  
 Que é só quanto me falta : que os tács vérsos  
 Dê-os vossa mercê aquem lh'os péça ,  
 Para castigo seu , e inveja alheia. —

---

pedacinho de latim, que li n'um dos meus alfar-  
 rabios. — *Nec quisquam est illustrium poeta-  
 rum , qui non aliquid operibus seriis stilo re-  
 missiore præluserit.* — Statius , Stellæ , lib. 1.

Ficou mammado o Deos do verde Pindo;  
Que tal retruque, d'um Poéta vélho  
Nunca ouvi-lo cuidou. Mas disfarçando,  
Mudou conversaçãõ, e disse a Clio:  
« Tu, qui sábes que género mais ama  
De Poezia, e em que elle mais se exerce,  
Tira-o dessa algibeira, e da-lho a rôdo. »  
Mai lampeira à Mocinha desenróla  
Odes, mais Odes, mais.... Deos nos acuda.  
Deito a fugir gritando; — Senhor Phébo,  
Guarda as Odes, que de Odes já me enfado;  
E máis do que eu, se enfadaõ meus Leitores. —  
Córre a Musa traz mim — pelo rabicho  
Me agarra co' as maõsinhas de alabastro —  
« Escuta, escuta ( diz ) meu póbre vélho;  
Olha éstas guápas Odes, escolhidas,  
Entre mil de estrondosa bandarrice:  
São tres, para os teus grandes tres amigos;  
Pinheiro, Britto, Olindo, que o salgado  
Neptuno vomitou do vérde bójo.... »  
— Adeos, Senhora Clio; gratifico-a.  
C'um abraço, que eu dê em cada um delles,  
Bem rijo, avanço mais, que com dez Odes.

---

---

---

O D E

A' FELIZ INAUGURAÇÃO  
DA ESTATUA EQUESTRE  
DO FIDELISSIMO REY DE PORTUGAL  
DOM JOSÉ I<sup>o</sup>.

*No dia 6 de Junho, de 1775.*

---

Non immerenti marmoribus super  
Ex ære signum Lysia consecrat ;  
Josephus ille est quem sonoro  
Per populos agit ore Fama :  
Cælo inserendus sic Patriæ Pater  
Princepsque terris incolumis diu  
Spectetur, æternumque regnet  
In domina Reparator Urbe.

*Ant. Mathevon de Curnieu.*

---

As correntes auríferas , que entorna  
Da Urna undosa o Tejo ,

Na estrada , que soberbas enfiavaõ ,  
Se reprezaõ de assombro  
Ante a praça vaidosa de Ulisséa.

Qual via o flavo Tibre laureado ,  
Na septicólle Roma ,  
De Anciaõs Herões magnanimas estatuas ,  
E , honrando-lhe as virtudes ,  
Bejava as bases dos ufanos bronzes.

Naõ dá glorioso nome o Ocio brando :  
Por ingremes atalhos  
Rompe o Varaõ altivo , que procura  
Ter fama encanecida ,  
Que se ouça nos vindouros mais distantes.

Assim os Decios , pródigos da vida ,  
E os Cecropios Monarchas ,  
Pela Patria animosos se votaraõ ;  
E , em pacifica empreza ,  
Assim lidou Solon , assim Licurgo.

O radiante esplendor da Majestade  
Acaba c'o Reinante :  
Sò à pezar dos annos brilha egregio  
Seu nome saudoso ,  
Se elle o soube esculpir em almas nobres.

No concavo da Tuba Mantuana  
Ondeãõ hoje ainda



Do pio Heròe os sempre claros feitos ;  
E , na sancta Solyma ,  
Guerrêa ainda o Capitaõ illustre.

Sim : dignos Filhos do immortal Tonante ,  
Vos demandâes meus versos.  
Eis sólto a voz , eis lanço maõ da Lyra :  
Do bifrente Parnasso ,  
C'os dons das Musas , vos farei éternos.

Dái lugar , Antoninos , e Trajanos ,  
Ao novo Páe da Patria ;  
Com arrojado salto o vão transpondo  
Do Tartaro invejoso ,  
José , deixa apoz si os Alexandres.

José magnanimo entre vos sublime ,  
Entrando gósta o néctar ,  
E na aula marchetada alto repousa (1).  
As Musas apressadas  
A festeja-lo com os Hymnos correm.

---

(1) Hac arte Pollux , et vagus Hercules  
Innixus , arceis a tigit igneas :  
Quos inter Augustus recumbens  
Purpureo bibit ore nectar.

A Fama com cem linguas pregoeiras  
Atrôa o azul convêxo.  
As Virtudes se alegraõ , se gloreaõ  
No bem medrado Alumno  
Da sua sapiente , alma doutrina.

Todo o Templo do saõ Merecimento  
Se alvoroga , e revólve :  
Em tropas , uns aos outros se perguntaõ ,  
Os Varoës excellentes ,  
Quem dà tanto rumor ao manso templo ?

Erguem-se do alto assento , os degrãos descem ;  
Amiudando os passos ,  
Joaõ segundo , Manoel affortunado ,  
O justicoso Pedro ,  
O graõ Dinis , os bélicos Affonsos.

Musa , que ao brando Orpheo , no fausto Oriente ,  
Em braços acolheste ,  
E a vos suave , douda modulaste ,  
Sostem meu canto agora ;  
Mòve na lyra a trepidante dextra.

Alto Varaõ , de respeitada frente ,  
Os graves passos móve  
Ao novo Semì-deos encaminhado  
É Joaõ Quinto , o Grande ,  
A quem escuta o Valoroso Filho.

« Fizéste o que não pude. Cinge o leuro , »  
» Que o Deos , que aqui nos rege ,  
» Guardado tinha , para quem , com brio  
» Os Monstros atterrasse ,  
» E á Virtude , e à Sciencia Altar erguesse.

» Dos ditosos Vassallos Rei ditoso ,  
» Abre virtuoso exemplo  
» Para a tua Nação , para as estranhas ;  
» E longas éras vive ,  
» Adorado dos Bons , dos Mãos temido. »

Assim disse : e Minerva que honrar traça  
O Heróe do seu ensino ,  
Depoem a desgrenhada Égide torva ;  
Ligeira Divindade  
Dà dois passos , e à porta Empyrea aponta.

N'uma aurea nuve eis desce ao ricco leito ,  
Em que o Tejo recósta  
A verde testa do diadema ornada ,  
E às Tagides , que escutaõ ,  
Sob'rana ordena heroicos labores.

« Tu , nas ( que eu te ensinei ) télas fallantes  
» Recamaràs , Lagéa ,  
» De José Pio a próvida Abundancia ;  
» O paternal carinho ,  
» Com que acudio á lugubre Lixboa ;

- » Quando rasgado o seio em mil voragens
  - » De flammivomo alento ,
- » De Vulcano, e Neptuno acometida ,
  - » Tremeu nos duros eixos ,
- » E de cinza alastrou a coma de ouro.
  
- » Quero que Tu , Olmida , n'outro quadre
  - » M'o bôrdes destemido ,
- » Calcando com pé firme asp'ros abrólhos
  - » De malévolô Embuste :
- » Sâya radioso do vencido assalto.
  
- « E Tu , que em imitar-me te assinalas ;
  - » Destrissima Orythia ,
- » Co' a sabia agulha as cores enleando ;
  - » Tira na tēla ao vivo
- » A Sciencia , voltando aos Reinos Lusos ;
  
- » Os Lyceos despejados de chiméras ,
  - » E de inuteis ambages ;
- » A clara luz no centro desparzida
  - » Dos penetraes escuros
- » Do recondito estudo , emmaranhado.
  
- » Vòs dareis alma à seda auri-mesclada ,
  - » C'os duradouros feitos ,
- » Em quanto eu a mim tōmo a empreza altiva
  - » De inspirar novos cantos ,
- » Do novo Augusto , a novos Mantuanos. »

---

---

## S O N T T O .

### M O T T E

Tanto póde um Ciúme atraído.

#### GLOSSA.

**D**ESPE a Neméa pelle , arrója a massa  
Alcídes , que na hervada véste ardia ;  
Lava-se em sangue , as carnes arrepia  
Grudadas c' o venêno , que as traspassa .

Eis uma fáya , eis um cypreste abraça ,  
E arranca — agudos ais aos Céos envia :  
Batte rayvando a terra , que mugia ;  
E os rochêdos c' os punhos despedaça .

Triste Lichas , pelo àr , da maõ ingente  
Foste em gyro tres vezes volteado ;  
Hoje te açouta o mar , rócha innocente . (1)

---

( cavata . . . .

(1) Ecce Licham trepidum , latitantem rupe  
Corripit Alcides , et terque quaterque rotatum  
Mittit in Euboicas tormento fortius undas .

*Ovid. Metam. , lib. 3.*

( 19 )

O fogo em fim o Herculeo sp'rito alado  
Desatou d'outro fogo mais ardente.  
Tanto póde um Ciûme atraídoado.

---

---

Haya.

## O D E

No dia 4 de Julho de 1794.

Curam, metumque.... rerum juvst  
*Lulci Lyæo solvere.*

*Horat Epod. id. 9.*

---

**Q**UE me vale ter sido em verdes annos  
Prendado por Polihymnia  
Com o dom do alaûde Venusino ,  
Se o deixo quêdo , e mudo,  
No dia mâis festivo dos meus dias ?  
Que ingrato sou a Apóllo !  
E que ingrato aos sollicitos amigos !  
Hoje das garras curvas  
Da assanhada superstição hedionda

Me esquivou , me esquivaraõ ,  
Amigos bons , e o meu risonho Fado.  
Nas lôbregas masmórras ,  
( Onde tanto innocente martyrizaõ )  
Se arrastra o Monstro , e raiva ,  
Mordendo as mãos , -d'onde escapou a prêza.  
Moço ! Ligeiro , e préstes  
Traz aqui cópos , traze aqui garrafas :  
Pelo lembréte escólhe  
Aquelle *doce* Baccho , que douraraõ  
As cêpas de Araujo ,  
Junto à Ponte feliz do claro Lima.  
Bébe , Filinto , e alégre  
Enfeita agóra com viçósos Lyrios  
O sonóro instrumento ;  
Que naõ só tens de antigas amizades  
Cantar ( salvo do p'rigo )  
Mas de nóvas (1) cantar à quem do Mòsa  
O generoso peito.  
Quando mais prompto me cingia ao Canto ,  
Me belisca na orélha  
Apóllo , e diz : « Escuta ; e nárra aos homens  
» Como a Amizade houvéraõ. —  
» Jazia a humana próle bronca e dura ;  
» Errantes , despegados ,  
» E sós , e sem amor , e sem Esposas

---

(1) Amizades.

- » Mais estranha que aos brutos  
» Lhe era ternura dos gerados filhos.  
» A progénie dos róbres (1)  
» Só na enzinha , e em seu fructo affadigava. ]  
» Houve homem mais humano ,  
» Que ao bom Jove implorou céleste alivio  
» De tam sobejos males ;  
» Que a Jove commoveu. — Entam dos homens,  
» Dos Divos o Monarcha  
» Do mais nóbre , e mais intimo do Peito ,  
» Deu abérta à Amizade ,  
» ( Quál a Pallas Minérva lhe rompêra  
» Da fronte radiosa. )
- 

(1) *Gensque virum truncis , et duro robore nati.*

*Virg. Æneid. 8. v. 315.*

*Vivebant homines , qui rupto robore nati  
Compositique luto nullos habuere parentes.*

*Juvenalis Satyr. 6.*

---



## SONETTO

AO S.ra D. M. J. R. D.

---

**D**ÉSCE a meus braços , désce , alma Alegria  
Consolação de míseros amantes :  
De teu rôsto , e teus olhos radiantes  
Me vem mais claro o Sól , mais claro o dia.

Tréme de ansia a cruél Melancholia  
Só de te ouvir as vozes exultantes ;  
C'o passo enleiado , os peitos palpitantes ,  
Fóge a tarda Molestia , a Dôr impia.

J'à sinto , pelos membros desgostosos ,  
Sacudir-me um vital Esprito ardente  
• Do frio sangue os passos vagarosos ;

Jà o prado ri , e este ár é mais luzente ;  
Que vem com Marcia os Rizos graciosos ,  
Com que a mim , com que ao mundo tras  
( contente.

O D E.

Unde nil maius generatur ipso  
Nec viget quidquam simile aut secundum:

*Horat. lib. 1. od. 12.*

Par toi la Vérité démasqua l'Imposture :  
Tu fus de nos tyrans la terreur et l'effroi,  
Et le vengeur de la Nature,  
Et l'interprète de sa loi.

*A. M. de C.*

---

COMO quando ao descer dá escura tréva,  
Sobre o mudo horisonte,  
Aqui luz uma strella, alem outro astro ;  
E logo vem rompendo  
Por cento, por milhares infinita  
Cópia de resplendores,  
Pela abóbada azul circum-brilhante :  
Assim, quando a *He'oisa*  
Desceu ás mãos da árdente juventude,  
Aqui fálscia um lume  
Alem outro : e ao passo da leitura,

Vão com ella rayando,  
Luzeiros pelo *Emilio*, pelo *Pacto*  
De social congresso.  
Dezejadas virtudes resplandecem,  
Em chuva, na escripta  
De Rousseau immortal. Toda estrellada  
A Liberdade raya;  
E o vulto do embruscado Despotismo  
Se amargûra, e se encólhe.  
Animoso Rousseau, tu dêste a régra,  
Com que os homens se igualaõ;  
Tu clamaste por vicio o captiveiro (1);  
Dêste soltura á infancia,  
Dos láços, que rejeita a Natureza;  
Dêste saudavel pejo,  
Com que se honre, e se enfeite a formosura;  
E aos homens apontaste  
O rumo de ser livres, de ser hommes . . .  
Em que pèze aos Tyrannos !

LOURENÇO DA SYLVEIRA, E MATOS.

---

(1) On peut donc être surpris que la vérité, qui devait être si fatale à toutes les superstitions, ait pu traverser les siècles entourée des bûchers de l'inquisition, et retenue dans les entraves que lui donnaient les Rois, et poser, enfin, dans notre âge, la borne où se briseront toutes les erreurs des hommes !

---

## MANIFESTO.

— — Namque in malos asperrimus  
Parata tollo cornua. — *Horat. Epod. 6.*

---

**A**h frades! frades! Ah relé maldita  
Da bocca da sagrada Natureza!  
Quando não fora o terem préza os frades,  
Nos céppos do P....., a nobre Európa,  
Os Reinos da Asia, a América singéla,  
E de Africa os sertoês; o ter curvado  
Aos pés do Papa as coroadas frontes:  
Que ódio execrando, que cruel castigo  
Não péde ao Nume a desgraçada gente,  
Contra uns facinorosos, que inventaraõ  
O infame tribunal, que poem mordança  
Na bocca da allumiada sapiencia? (1)

---

(1) Sed qui nos damnant, histriones sunt maximi,  
Nam Curios simulant, vivunt Bacchanalia.  
Hi sunt præcipue quidam clamosi, leves,  
Cucullati, lignipedes, cincti funibus,  
Superciliosum, incurvicervicum pecus,

Déscce, que é tempo, do Celeste Alcaçar,  
 Sancto Rayo dos Céos, Razaõ sublime,  
 Espálha o teu luzeiro, que affugente  
 Do cérebro dos homens ignorantes  
 As trévas, que tam pérfida tecera  
 A Monachal superstição grosseira.  
 Hóje encontras c'um throno já erguido,  
 Por teus Alumnos na libérta França.  
 Tu és, Razaõ, a Lei, a Liberdade;  
 Tu és o cóffre das mãis sans virtudes.  
 Com tanto, que nas mãos tómes a mente  
 Dos mortâes, e que à tua idéia a moldes  
 De curva, que éra co' asp'ro Despotismo,  
 De frouxa co' temor supersticioso,  
 Tu lhe altivas a frente.— O peito esfórças,  
 A' captiva, gemente Christandade,  
 Que enfileirada em campo irá mui foute  
 Desbaratar os bandos malfeitores;  
 E irá pizar, com mérito desprezo,  
 Do General o triplice Diadema.

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS.

---

Qui, quod ab aliis habitu et cultu dissentiunt,  
 Tristesque vultu vendunt sanctimonias  
 Censuram sibi quandam et tyrannidem occu-  
 Pavidamque plebem territant minaciis. (pant,

*Angel. Politian.*

*Lugduni Batatiphagorum ,*  
*11 de Novembro de 1796.*

## O D E.

Assim como em selvatica alagôa

As rans , no tempo antigo, Lycia gente:

*Camoés.*

---

**E** hei-de inda eu aturar , um mêz prolixo ,  
A vista casmurral destes Piûgas ?  
Terei de encasmurrar-me , à pura fôrça  
De residir entre elles ?

**Oh** que não , minha Clio !... Um teu abraço  
Divinamente dado , pode alçar-me  
Novo Cysne , e das azas c'o remigio ,  
Fender-me ares mais léves.

**Pouco** te péço. Em quanto apprésto o vôo ,  
Dà-me o rir de Demócrito ; que os thêmas  
Já Mómo m'os compôz cà nestes bréjos  
Da fedorenta Hollanda.

É certo o que em mim sinto ! Olhai , Amigos.  
Já Clio me escudou. — Já pelo peito  
Começaõ a empurrar-se as gargalhadas,  
Que vem de escála à bocca.

Naõ vèdes a Galhófa , que me tinge  
O rosto , os ólhos de folgáz despéjo ?  
Oh dai-me os parabens ; que esmaiaõ, sumem-  
As tristezas , e enojos. ( 59

Ah ! se Clio , que póde dar-me os vóos  
De novo Cysne , — desse *chocalhinho!*.. (1)  
Màis longe punha o fito , màis ao largo  
Esprayava a galhófa.

Paciencia ! Dái , comtudo , ao baço ensanchas, (2)  
Que enchentes vem de riso. — Olhai compós-  
Desses focinhos as chorudas bêbas (tas  
C'um Nariz , e um Cachimbo

Que a táes caras tam gôrdas , tam vermêlhas  
Do ardor ginébro , da batáta himpante ,  
Naõ convem nome de avivado rosto ,  
Mas de focinho , e bêbas.

---

(1) Dinheirinho de N. S.<sup>r</sup> que chocalha na  
bolsa.

(2) A' maneira dos franceses , que dizem em  
casos táes ; *épanouissons la rate.*

Vistes vós , na panela , róxa couve ,  
Que depois de ferver horas , e horas  
Deita à flor d'agua , lá dos ranços do unt o ,  
Dous ólhos de gordura ?

Pois viste a effigie da Hollandez caraça ,  
E o bólhaõ , que érgue as folhas na fervura  
Reméda o fumo, que as bochéchas lhe incha,  
Quando cachimba , e sórna. (1)

Com mudez emperrada a fálla açáima :  
E se algum monosyllabo lhe escápa ,  
Poem cadeado aos outros , que não méxaõ ,  
Mais do que um , — d'hóra em hóra.

Pois as bêbas das caras das mulhéres ; —  
Nem por mãis brancas, nem melhór-corádas  
Se salvaõ de mui mudas , de mui bêstas (2)  
Sem sal , sem gèsto , ou gála.

---

(1) — — Trunco simillimus Hermæ  
Nullo quippe alio vincens discrimine, quam quod  
Illi marmoreum caput est, tua vivit imago.

*Juvenal. sytir. 8.*

(2) Dizia dellas um homem , que todos conhe-  
cemos, que de todas as Hollandezas mãis graúdas



Se se impertiga um Bátavo Peralta ,  
Môno de mal-assêntes francezias ,  
Para entam quéro eu risos , e remóques  
De ameno des-fastio.

Como me lembrã entam o bom Fontaine ? (1)  
Quando nos conta os ademaês bizzarros ,  
Com que o Burro da Fabula arreméda  
Gaifonas do fraldeiro ?

O Francez , bonifrate em seus meneios ,  
Dá graça a mil risiveis mogigangas ;  
Que o Bátavo pezado mal-affécta  
Com sem-sabor nojoso.

Dos homens apupado , e escarnecido ,  
Abhorrido dos Numes , e engeitado  
Mal poderã Saturno, a quem semélhaõ  
Salva-los d'embeléco.

---

com quem communicou, uma só não encontrou,  
que entretivesse uma conversação de 7 minutos,  
se d'outra cousa se fallasse , alem do governo de  
caza.

(1) Jamais un lourdaut , quoiqu'il fasse ,  
Ne saurait passer pour galant.

*La Fontaine — fable de l'âne  
et du petit chien.*

Talvez , que Jove , um dia , em que lhe ráo  
Juno olhi-toura os bófes , com ciúmes ,  
Converta , de agastado , estes Lapuzes ,  
Em verdenegros sápos.

-Entam , ( se a tanto se me alárge a vida ! )  
Dou por cá um rabisco ; a vér-lhe as cáras  
Mudadas em trombíferos focinhos ,  
De que o cachimbo é tromba.

Tal pena cábe a embezerrados mônos ,  
Esquivos da amigavel convivencia ,  
A' qual Deos destinou os homens , quando  
Lhes deu a fálla em dóte. (1)

---

(1) Perdoem-me os bons Holandezes este chorrilho de destemperos : que estava eu , quando tal fiz tam agastado comigo de me ver só , e de não saber fallar Holandez , que destampeei nesse desafogo , dando no papel pancadas de cégo.

---

---

## S O N E T T O

Dat veniam corvis , vexat Censura Columbam.  
*Juvenal. satyr. 2.*

---

**Q**UIZ pôr na scena a Oréstes , avexado  
Pelas sagradas Furias ( Lastimoso  
Spectaculo ! ) amostrando o braço iroso  
De sangue Maternal inda manchado.  
Quiz c'o este exemplo acs ólhos transladado ,  
Assustar todo o filho despiedoso ,  
Foi meu trabalho vaõ , sobre pechôso.  
Dou-o à Censura , fica lá amuado.  
Que pôdem censurar de arte , ou sciência  
Fr. Póvoas (1) Fr. Tris-tris (2) Fr. Flatulencia  
Com Fr. Môffo (4) Fr. Fardo de avaria? (5) (3)  
Ou que cábe no seu boçal miôlo ;  
A naõ ser Concluções de Theologia ,  
Em que é sábio , o que em tudo o mais é tólo ?

---

(1) Frade conhecido para vergonha de quem o  
lá poz. — (2) Fr. Luis de Monte Carmelo mais  
conhecido ainda pelos sonetos de Fr. Forjaz, e  
P. Braz. — (3) Fr. Mainé que fallava a todos nos  
flatos que o per-seguiaõ. — (4) Certo P. Fe-  
dorento Sardo, e ruyvo. — (5) Fr. J... da R....  
mui conhecido pela avariada reputaçãõ.

---

## ELEGIA D'OVIDIO

*Æstus erat , etc.*

---

**P**ARTIA o dia em meio o Sól calmoso ;  
Reclino o corpo a descansar no leito ,  
Mal-abérta a janella , e mal-cerrada ;  
Qual usa per-meiar a luz nos bósqnes,  
Qual crepusculo deixa , ao despedir-se ,  
Phebo, ou fôge a Noite, á vista da Alva :  
Luz, que convem às Moças vergonhosas ,  
E em que o timido pejo ache escondrijo.  
Eis vem Corinna , em mal-cingidas roupas ,  
( Sólta a madeixa o niveo peito occulta )  
Qual Semiramis ( diz-se ) ao leito fôra ,  
Gentil ; e fôra Láis , de muitos Dama.  
Dispo-lhe a roupa , ( que empecia pouco ,  
De rára ! ) Ella pugnava por cubrir-se ;  
Mas , como quem não quer vencer , pugnava.  
Mal stêve ante meus ólhos toda nua ,  
Não lhe vi um senão no corpo todo.  
Quaes vi , quaes os palpei , hombros e braços !  
Quaes maminhas tam guapas de empalma-las !

\*

( 34 )

Quam liso o ventre desce do alto peito !  
Que cintura, e infantis, roliças côxas !  
Que mais direi ? mimoso é quanto hei visto ,  
E toda c'o meu côrpo a cingi nua.  
Que há mais que ouvir ? Cansámos; descansámos;  
Corraõ-me a fio tâes os meios dias.

GREGORIO DA SILVA PINTO.

---

## O D E

---

Dedimus profectò grande patientiæ documentum , et sicut vetus ætas vidit quid ultimum in libertate esset, ita nos quid in servitute, adempto per inquisitiones et loquendi audiendique commercio; memoriam quoque ipsam cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci, quam tacere.

*Tacit. in vita Agricolæ.*

---

QUAL , no cume do Cáucaso escarpado ,  
Despéde ao longe as ramas orgulhosas ,  
Membrudo tronco , vegetal gigante  
Entre áridos penhascos :

**Negrejando esvoaçãõ os abùtres  
Famintos , em redór do Rei alpéstre ;  
Azues-fiscáes serpentes se debruçãõ  
Das rayzes , silvando :**

**Tal se arrayga o medonho Despotismo  
N'um throno descarnado; aos pés , e aos lados  
Sôffregos Cortesaõs , vis Delatores  
Técem calumnias , roubos. (1)**

**Bando de infames máximas de escura,  
Perversa catadura , no ár librado ,  
C'o as longas , torpes azas estendidas  
Assombra , e em-noita o throno;**

---

(1) Il est avide , car il faut qu'il assouvisse les fantaisies cupides du Despote et de ses satellites. Il pille , il engloutit les biens et la subsistance de tous les esclaves qui rampent sous son empire ; une nouvelle spoliation signale chacun de ses progrès , parceque l'on y tient lieu de tout ; tous les ressorts sont corrodés : vertu , force , courage , émulation , génie ; tout se ressent de l'avilissement de l'ame : la corruption est la mesure de la puissance du Despote , et le gage de l'impunité le père de tous les vices.

*Essai sur le Despotisme.*

**Seu hálito pestífero derrama ,  
Pela Corte , Cidades e Campinas ,  
Contagios de costumes des-regrados  
Que animos saõs definhaõ.**

**Iniquos Lémures ligeiros lévaõ  
Té às rayas do Imperio , a fraude , o crime ,  
A pobreza , a rapina , o captiveiro ,  
E a pérfida lisonja.**

**Sacerdotes subtis , (1) soberbos nóbres  
Engórdaõ co'a substancia, e puro sangue  
Que dos mesquinhos maltratados Póvos  
Malvadas maõs esprémem.**

---

(1) Os Astrólogos, e os Sacerdotes viveraõ sempre de enganar os Povos. Aquelles com o futuro desta vida ; estes com o futuro da outra , e com a velhacaria de entreterem os homens de cousas alem do alcance humano , lhes desviaõ a vista da alma das cousas naturaes, e interesses civis , que mãis importaõ : entenébreaõ-nos com a ignorancia ; e assim vendados , e subjugados , lhe assentaõ o jugo, e os governaõ com vára de ferro. A philosophia nos desmascarou já as velhacadas dos Astrólogos. A Assembléa Nacional nos livrará dos outros.

Mil verdúgos , que vivem das migalhãs  
D'opiparos tyrannos , afivellaõ  
Nas bôccas dos Authores destemidos  
Os freios , as mordaças.

Mas lá vem longe , c'um bastão de férro ,  
A Desesperaçãõ (1) tardia e certa :  
Lá no throno , à maõ cheia descarréga,  
O ruinoso gólpe.

Cáhe o Tyranno , ou assustado córre  
A arredar-se dos ólhos da vingança ;  
E o negro bando , que embruscava o throno  
Fende medrosa estrada.

A culpa , à vossa inercia ponde , oh Povos ,  
Que deixáes reforçar-se em vosso sangue

---

(1) Diderot s'échauffait dans la conversation, et même il s'emportait jusqu'à la fureur, surtout quand il parlait des souverains oppresseurs de la tyrannie sacerdotale liguée avec eux; alors il passait les bornes : « Le genre humain » (criait-il) ne sera heureux, que quand on aura étranglé le dernier Roi avec les boyaux » du dernier prétre. » — *Mercier.*



Essa hydra , que com boccas cento e cento  
Vos chupa , e vos devóra ; (1)

E esses astutos Malandrins , que as mentes ,  
Com phósphoros theológicos vos cegaõ ,  
Para melhór as garras vos ferrarem  
Nas míseras cervizes ;

E vendados , e prezos arrastrar-vos ,  
Se tendes sangue , ao pasto dos abutres ;

---

(1) Oui , peuples de l'Europe , on se joue de votre crédulité ; on vous parle de *mystères de cabinet* , pour vous tenir à la chaîne , et dans le ténèbres. L'intérêt des nations , la gloire de l'espèce humaine , appellent parmi vous un grand changement : il vous suffit de vouloir , pour élever ou pour détruire ; osez , et vous verrez pâlir tous ces tyrans reverés ; osez , et proclamez le droit inaliénable de l'homme à la liberté : tout pouvoir légitime est dans le peuple. Le peuple qui veut est celui qui triomphe ; le propre du despotisme est de trembler quand une nation se lève.

Peuples de l'Europe , votre aveugle soumission doit cesser ; car elle engendre les *guerres* ; les *trahisons* , les *assassinats*. — Mercier.

( 3 9 )

Ou ao cêppo do algôz , se tendes lingua ;  
Que os vicios lhe descubra. (1)

JOZÉ PINHEIRO DE CASTELLO BRANCO.

---

---

## ERROS DA VIDA.

---

**E**RRAMOS , lógo apenas que nascidos :  
Erramos inda mais , quando crescidos ;  
E nossos erros , na viril idade ,  
São de mais pezarosa qualidade.  
Quando velhos nosso erro é já tontice :  
E se a Razaõ nos luz lá na Velhice,  
É só para ( em máo grado ) arrepender-nos.  
Mas lembraõ-me inda certos erros ternos ,  
Que me affagaõ , em quanto a vida dura ,  
E atalha esse erro o eu ir-me à sepultura.

---

(1) Este Poeta , que eu conheci em Londres ,  
éa um moço de grandes estudos em Direito  
Publico : alguma veyta tinha para a Poesia , à  
qual se deu um tanto , pouco antes de morrer.  
Alguns versos conservo delle , que a seu tempo  
imprimirei.

*O Collector das trovas.*

---

---

S O N E T T O .

---

**Q**UANDO, em Màyo, as correntes debruçando,  
Pela encósta de fresca formosura,  
Arroyo de crystal órla a verdura  
Por entre rôtas quédas murmurando :

A candida assucena, aos áres dando  
O ricco traje de mimósa alvura,  
Quando ufana o formoso enfeite apura,  
De Flora o vario esmalte avassallando :

Ensayo foi de frívola ousadia,  
Que a Natureza deu; mas do arremédo  
Zombou Amor, quando o teu gésto urdia.

Que élla te imite, afásta, oh Marcia, o médo.  
Artifice tam primo não confia  
A tóscas mãos seu divinal segredo.

---

(1) Estes encarecimentos não são novos nos Poetas. Verdade é que a tal Marcia, de que

## O D E

— — Naturaque mitior illis

Contigit; ut quædam, sic non manifesta videri  
Forma potest hominis.

— *Ovid. Métamorph. lib. 1.*

Quiconque est loup, agisse en loup.

*La Fontaine;*

---

**S**e , pelas Nacionaes, outróra régias  
Tuilerias passeio ,  
**E** c'o marmore tópo do Flautista ,  
Que o multi-foro tubo  
**C**'o sonoro sôpro inchar parece ,

---

Filinto faz tantos elogios , éra ( eu a vi algumas  
vezes ) uma Moça bastantemente alva e loura ,  
com lindos ólhos, muito derretidos; mas eu que  
naõ a via com os ólhos amantes de Filinto , naõ  
fizera por ella tanto Sonetto, e tanta duzia de  
Odes como o nosso Author compoz a seu res-  
peito. — *Nota do Editor.*

Digo entre mim refléxo :  
« Este home' é Hollandez. » Este uma flauta  
Embócca, e não dá som.  
Os Casmurros , que eu vi lá pelos bréjos ,  
Tem bocca , e não daõ vóz.  
Os cachimbos tomáraõ por insignia ,  
Como este tomou flauta.  
São signaes de mudez flauta, e cachimbos  
No marmore , e Casmurros.  
Como vivem os Lóbos pelas tóccas ,  
Por negras espessuras ,  
Vivem esses Casmurros pelas tristes  
Aldeias , e Cidades.  
Como , de longe em longe , em seus presépes  
O Boi, o Pótro , o Burro  
Sólta mugido , solta agudo rincho ,  
Ou zurro arrepiado :  
Como outros brutos máis daõ raros uyvos  
Daõ elles (1) as palávras.  
Tanto é potente o natural costume  
Da primitiva origem !  
O Homem primeiro , que habitou , fugido (2).

---

(1) Os Casmurros.

(2) E' muito conducente a todo o Poéta cuidar que as suas obras não sò deleitem , mas instruaõ ; *miscuit utile dulci* disse o Venusino. Seguindo este preceito , folheou Filinto Elysio as

Éssas fétidas práyas, —  
Que se vio só , perdida a confiança  
De humana companhia ,  
Tanto rezou , e enjoou a Divindade ,  
Com pedimento de *homens* ,  
Que Deos , por dar um tálho a tal canseira  
Foi desbastando o bronco  
De alguns Ursos , de Lóbos , e de Sápos ,  
E lhe deu *Hollandezes* (1).

---

Chronicas mais antigas de fundação, e povoação  
de Hollanda, e dellas tirou o que nesta e ou-  
tras Odes máis nos diz. — *Nota do Editor.*

(1) Como já déra os Mirmidones , formigas que  
foraõ convertidas em homens. O mesmo nome  
no-lo indica.

---

S O N E T T O.

---

**E**STA , que vês , Caverna triste e escura ,  
Foi de Anfriso Pastor gentil morada ;  
Tam gentil , quando foi delle habitada ,  
Quam feya , óra , que é sua sepultura .

**U**ma Pastora , mais que as pênhas dura  
Foi ( por seu mal ! ) deste Pastor amada !  
De surda à sua queixa namorada ,  
Lhe fez perder a vida , de amargura .

**P**astor , que o caso ouviste lastimoso ,  
Beja esta Campa , chóra o bem Anfriso ,  
Zagal , que nos será sempre saudoso .

**D**elle , para as Pastoras , tóma aviso .  
Se Ellas te amaõ , desfructa amor gostoso ;  
Se te saõ desdenhosas , dá-lhe um riso (1) .

---

(1) Bem creio eu , e talvez o crerão alguns dos meus amigos , que se eu tivesse a pachorra de

emendar essas táes e que jandas Poesias , sahi-  
riaõ ellas mãis desenxovalhadas à luz do Mundo ;  
mas o pouco caso, que eu dellas sempre fiz , e o  
firme conceito, em que sempre estive , e em que  
ainda hoje estou , de que nunca, nem por som-  
bras , arremedariaõ o modélo , que tenho diante  
dos olhos , fez , que se as fiz para meu desafogo,  
ou para me occupar neste des-occupado desterro,  
nunca me mereceraõ , que as olhasse com ca-  
rinho. Muitas me viéraõ à mão já impressas,  
para a correcção das próvas , que entam, e só  
entam as vi pela segunda vez, depois que as es-  
crevi ; e dellas há , que eu compunha ao mesmo  
passo que se iaõ imprimindo , de que é abonada  
testemunha o Impressor. Digaõ embora que é  
bazofia ; que eu direi, que é descontentamento,  
sobre preguiça. Achára-lhes eu aquella imita-  
ção de Horacio , que lhes eu dezejo, e que  
nunca consegui , que à fé vos juro , que entam  
poria peito ao trabalho , e lhes daria boas roça-  
duras de lima. Táes quâes saõ , bem valem as  
Poesias, que os Cégos vendem ; e com tanto que  
me rendaõ alguns vintens , darei por valioso o  
tempo , que despendi em escreve-las.

---



Paris , 4 de Julho 1797.

O D E.

Quò me, Bacche , rapis tui  
Plenum ? — *Horat. lib. 3. v. 25.*

---

**Q**UE tenho eu que fazer , em tam chuvoso  
Tam deslavado dia ? Naõ passeios ,  
Naõ vista de viçosas formosuras  
Pódem prender-me os olhos.

Irei dormir ? Naõ fòra máo , se um Démo  
De métrica relé naõ me azoara  
O revolto miollo , e a leve pluma  
Na maõ naõ me embebêra. —

Dormi ; dormi a somno sólto , oh Musas ,  
Que naõ irei , com voz estorvadora ,  
Quebrar-vos o descanso , como o atrévem (1)  
Tanto vate das duzias.

---

(1) Démos satisfação a Grammaticos perluxos.  
Assim é que o verbo *atrever* naõ rege accusativo :

Cà me irei remendando como póssa  
Com retalhos do Métrico Palito ,  
Co'as nêsgas de Malhaõ, dando-me as linhas  
O Venusino Méstre.

Virã Marfisa , e o roxo humor da vide  
Vertendo neste cópo transparente ,  
O nome lhe dará , dará a virtude  
Das ondas da Castalia.

Mas inda a mente não pario o assumpto ,  
Nem sabe o verso a quem descubra a mamma ,

---

assim é que *tanto vate* parece estar no singular, e reger o verbo *atrevem* no plural. Mas se ainda em algum recanto da minha velha retentiva, conservo tal qual resquicio das regras da rudimenta, diz uma dellas que os nomes collectivos lévaõ o verbo ao plural. Em quanto ao dar accusativo aos verbos, que o não tem, bizzarria tem sido éssa, que muitos Clássicos exerceraõ, e nos déraõ a faculdade, com o seu exemplo, de ser-mos bizzaros com os pobres verbos neutros. Se não daõ crédito à minha verdade, escrevaõ-me, e pelo correio seguinte lhes mandarei os abonos della. Fico para servir  
VV.ms.

**E ja na penna apanta a apoiadura ;  
Que cáhe pinga a pinga !**

**Hoje , quatro de Julho , foi o dia  
Em que os *Clérigos tristes* me mandavaõ  
*Citote* , e seu morcêgo me queriaõ  
Nas tóccas do Rocío.**

**Oh Luz divina ! Oh Deos das providencias !  
Tu dás nos coraçõs cértas pancadas....  
Tu me salvaste ; e aos pés fizéste acêno  
De por-se em polverosa.**

**Soffri desterros , fômes , e as miserias ,  
De quem dobroêsnaõ róda em terra estranha,  
Perdi amigos , e mui meigas Damas  
Na saudosa Patria ;**

**Mas fallei , sem mordança inquisitoria ;  
Escrevi , sem temer malsins Censórios ,  
Dei dous trincos bem rijos para os Bronzos ,  
E mais dous para os Nayres.**

---

---

# DEBIQUE

OFFERECIDO

AO SENHOR H. J. B.....

---

*Compadecido de que a las hermosuras legas, por justos juizios se les aya revestido en el cuerpo tan estraña gerihabla, y viendo que los clamistas de noche, al son de campilla dizen: — Acuerdense hermanos de los que estan en pecado mortal, y de los que andan por la mar, y de aquellos, y aquellas que estan en poder de Francelhos. Por todas estas cosas he resuelto.....*

Quevedo.

---

**E**IS que, como Quevedo, me resolvo  
A debicar convosco, meus Francelhos,  
Que vos desempulháes de meus socátes,  
C'um baboso dizer — *Patraó da lancha  
Carregada das drogas da antigualha.*  
Cuidáes que me insultáes: e eu tenho em honra

Ter os Clássicos lido, e ter lembrança  
 De suas nobres phrazes, quando escrevo.  
 Que assim fazia Freire, assim Vieyra,  
 Dous lumes da eloqñencia portugueza,  
 No século anterior. Que ( por desgraça  
 Da lingua nossa ! ) os outros Escriptores  
 Imitar não souberaõ. Succedeu-lhes  
 Um phrazejar mesquinho, um mui-poupado  
 Meneio de palavras. — Já dèssa Era  
 Todo o termo por nescios não sabido  
 Era a desterro injusto condemnado.  
 Entam se entrou a arremessar no Olvido  
*Soér, quiça, mão grado, apraz, azinha,*  
 E outras vozes de enérgica estreiteza,  
 ( Nóbres na Castro, nóbres nos Lusíadas )  
 Para as substituir com termos ôccos,  
 Com palavroés sesquipedáes, bazofios,  
 Com adverbios de longo rabo-léva,  
 Como este, que d'um verso a caza occupa :  
**MISERICORDIOSISSIMAMENTE,**  
 Que se cantou por fecho d'um sonetto,  
 Impréssõ n'umas festas muito régias.

Veio, por fado máo, fortuna insulsa,  
 Depois, para deshonra deste século,  
 Um fallar mascavadas francesías,  
 Que se apossou dos cascos dos Tarélos,  
 E pôz o peito à barra, muito ufano,  
 A enlabuzar a lingua Lusitana  
 Com certa mixtiforia frandulagem.

Vendo que não pegavaõ táes unturas ,  
 Mais que em carinhas tolas , macaqueiras ,  
 Mais que n'uns certos Nayres , certos Bonzós  
 N'algumas Mulherinhas de refugo (1) ,  
 Ou Rapazes da fufia ; — e que homens lidos ,  
 E os de juizo assente os apupavaõ ,  
 Déraõ-se entam a baforar vapores  
 Com que o lustre da lingua mareassem ,  
 E assim se desferrassem dos remoques ,  
 Com que o Diniz (2) , e Elysio os chasqueavaõ.  
 Como vos enganæes , meus badamécos !  
 A lingua Portugueza pura , e clara  
 Vivirá quanto vivaõ amadores

(1) Não é minha intenção offender pessoa alguma em particular : e bem se vê , que me fóra impossivel ; pois que não conheço um só dos que em Portugal péccaõ em francesismo. Mostrar-lhes quanto é ridiculo o abuso em que cahem , indica só dezejos de os ver sahir de mão caminho , e entrar na estrada real. — *Ceux qui se reconnaissent dans les descriptions générales ou dans les portraits , doivent se corriger , et ne se plaindre que des personnes assez méchantes pour faire des applications odieuses et contraires à l'esprit de société.*

L'empire des Zaziris.

(2) Hyssope.

Da Latina facondia , Mãe da Lusa ,  
 Quanto vivaõ Camoões , vivaõ Ferreiras :  
 E a vossa lingua , eyvada de Galeno ,  
 Morrerà , como as môdas dèssa Láya. —  
 Morrerão os *Telonios* , as *Mallrukas* ;  
 Morrerão as *Çodutas* , os *Affrosos* ,  
 Com os mâis da relé do *francesismo*.

Quando a primeira vez ouvi as fállas  
 Desses Francelhos , que na lingua Lusa  
 Meçtiaõ Francesias , cismeï muito  
 D'onde esse destempêro acarretaraõ.  
 Cismeï , .... cismeï , .... e à força de cismar-lh  
 Adormeci cismando. — Eis vem-me um sonho :  
 E como em sonho apprendo muito , agòra  
 Direi o que sonhei , que vem a pélo.

Vi um vasto Palacio , com feitiõ  
 De Alfandega Mourisca , onde as fazendas  
 Eraõ missangas , talcos , azeviches ,  
 Toucados à francesa , schalls à Turca.  
 Mil Bonifrates , mil Turinas sécias  
 Rodeavaõ taes fardos , e os cheiravaõ ,  
 Namorados da guapa mercancia.....  
 Eis que se abre uma pórtã. — Vou entrando  
 Na salla , que éra térrea , e por parêdes ,  
 Por tecto , e por caixillos das janellas ,  
 Tinha papêl pintado , sem mâis nãda ,  
 Unido , e preso por painéis , por cantos  
 Com cordas de viõla , sem mâis pédras ,  
 Mâis cál , mâis táboas , mâis ferrage , ou tórno.

( 5 )

Que o tal papel.... Eis vejo um Cavalheiro  
De mui pretos bigodes retorcidos,  
Castelhano no traje, e na postura,  
Com carinha de escarneo.... « Este é Quevedo  
( Disse eu logo entre mim ) Que bom encontro !

E U.

» Não me dirá que sítio é este ? »

Q U E V E D O.

Amigo ;

Este é o Reino da moda. Eu vim cá ve-la  
Para della contar as maravilhas  
Aos meus patáos; como é meu uso antigo ,  
Chasquea-los com sonhos de cáveyras ,  
Chafurdas de Plutaõ , Latini-parla.....

E U.

Meu Senhor, meu Quevedo, Cavalheiro  
De Santiago, e Mómo do Parnasso,  
Ja que em Latini-parla aqui me tóca,  
Não me dirá ( des-que anda nestes sitios )  
Se co' a Gallici-parla deu de acerto !

Q U E V E D O.

Que me diz lá. — Bésta é, que eu não conheço,  
A tal Gallici-parla. No meu tempo



Chamavaõ fallar culto o intermeado  
 De Latim na conversa , e na escriptura ,  
 Mas entrançar francez é mais asneira.  
 Que ao menos o *Latim* vislumbres dava  
 De quem aulas cursou, syntaxe soube ;  
 Mas *francez*.... de que deu liçoës um birba ,  
 Um...

## E U.

« Meu senhor , vái o tiro inda mais longe.  
 No seu tempo o latim lá se fallava  
 Mettido em réstea com *atqui* , com *ergo*.  
 Hoje o *francez* se falla em assembléas  
 Mui de cutiliquê , muito entonado ,  
 Por quem nem stêve , nem nasceu em França ;  
 E inda os que mais graúdos se espanejão ,  
 Não sabem o que lem , que não comprehendem  
 A allusaõ deste ditto , a força , o chiste  
 Daquella phraze , ou da accépçaõ genuina  
 Dos termos mais correntes. Lem *Mollere* ,  
*La Fontaine* , e jejuão da finura ,  
 Que encérta a voz , que lem a trôxe môxe. (1)

---

(1) Cá estou eu em Paris há mais de 26 annos , e ainda me envergonho do mão francez que fallo , e do que ainda peyor escrevo. Creio que é por falta de engenho.

## Q U E V E D O.

Eu inda não entrei ness' outra salla,  
 Cujas pórtas, bem vê, que bipatentes  
 Tem quatro conclusões por almofadas:  
 Inculcão bem sabença. — Talvez dêmos  
 Lá dentro co' a instrucção, que haver pertende.  
 Entremos.

Lanço a vista pela salla,  
 Onde, em pannos de Arraz traci-comidos,  
 Toda a Iliada em quadros entre-vejo  
 Lacerados, e n'outros só os fios  
 Despídos da lan tincta; os móveis éraõ  
 Os de Nestor... ou netos do Diluvio.  
 Deito-me logo a vêr, com sério affinco,  
 Os géstos das Figuras, que compunhaõ  
 O conspicuo (1) auditorio. Vejo barbas,  
 E grisalhas melénas de Prophétas,  
 Quaes vão na Processão de S. Francisco;  
 Um que aponta c'o dêdo o pó, e as cinzas,  
 Em que todos nos temos de tornar,  
 Outro óssos descarnados, e a cáveyra  
 Despertadora do final arranco.  
 Mas o que mais lá vimos, nunca visto,

---

(1) Deste epitheto usou em caso semelhante o  
 Padre Mestre Fr. Perada no sermaõ, de que  
 dei conta na carta ao Marechal de C.

( 8 )

Foi umas tantas Vêlhas desdentadas  
Com cáras de Sybillas. — Eraõ dôze ;  
No feitio , nos trajos differiaõ ,  
Uma da outra , mas todas éraõ vêlhas ,  
E um rôlo de papéis cada uma tinha  
Na mão direita : os ólhos tinhaõ fitos  
Na imagem do Futuro , que éra um Vulto  
Annuviado , e esquivo , e sós uns visos  
Dava , de vez em quando , pouco claros ,  
Que subito as Sybillas escreviaõ.

E U.

« Não vejo aquí fazenda , que me quadre. —  
Em que haja de parar o Gallicismo  
Muito há que eu ja o sei. — Escarneos , váyas  
Espéraõ ajoujar esses Tarelos ,  
Que trafficaõ language hermaphrodita.  
Vejamos , se há aquí sàlla do passado ,  
Que da Gallici-parla a môda asnática  
Descubra na rayz.

Q U E V E D O .

— Vamos mais dentro

Aquí vejo uma pórtã acubertada  
De vêlhos manuscriptos quasi cegos ,  
Fôrçoso é que haja dentro antigas cousas.

E U.

> Não muito antiga é a môda. Já talude

Era eu, quando pario na nossa Elysia  
 Certa má Fada o tal fallar mestiço.  
 Mas entremos, tal vez ache o que eu busco.

Q U E V E D O.

— Não entre. — Que ouço além grande arruído  
 No çagoã. — Vejo muitos Petimétres,  
 Muitos Bonzos de buço amoladinho,  
 Damas à *la Titus*... Alli há mércia :  
 Que *çagoã de Francelhos* diz o rótulo.  
 Vamos lá. — Como tudo afestado  
 Está de Orêlhas d'asno !!! orelhas d'asno  
 Dá o Bedel a quantos vem sentar-se  
 Em frente do Orelhíssimo francelho :  
 Ouçamos o que diz, que há de ser guapo.

FRANCELHO MOR.

*Elèves meus charmans*, eu sou gostoso  
 De ver quanto *foisonna* a nossa móda.  
 Graças vos dou da contumaz *conduta*,  
 Com que este nosso *affaire intéressant*  
*Puxaes* com nóbre ardor, e dáes *ressurça*  
 A Damas, Bonzos, *pirouetantes* Nayres  
 De fallar *culto*, sem saber máis lingua,  
 Que nácos de livrinhos de fitinha.  
 Vêde quanto vos poupo de trabalho,  
 De estudos, de grammáticas prolixas,  
 De ler Barros, Lucenas, Britos, Freires,  
 E tantos alfarrabios affonsinhos,

Com que Elpino, Garçaõ, Filinto, Alfeno  
 Tem queimado as pestanas. Vós entre elles  
 Campaes nas mãs brilhantes assembleas,  
 E os acanhães, *mystificais-los* todos. —  
 Quando quærem fallar, *moquamos* delles,  
 De modo que se callaõ; muito apenas  
 Lançaõ um golpe de olho de travéz  
 Sobre nós, que é garante irrefragavel  
 Do interdito que ficaõ destas vózes,  
 Que lhes *frappaõ* no mãs sensivel da alma.  
 Pois se nós lhe atiramos mui-redondos  
 C'um sentimento, (bem que escuro seja  
 A nós, e a muitos seu significado)  
 Entam vo-los dou eu por concluidos.  
 E olhando-se entre si, *lévaõ espaldas* :  
 Eu os vi, que *stancando-lhe* um ressorte,  
 Um bem gritado *affroso*, estremeciaõ,  
 Espantados da nossa vasta sciencia.  
 Elles não ousaõ *deployar* dos labios  
 Termo, ou phrase, que não lhes traga o cunho  
 D'algum rançoso author, que nós não lêmos;  
 E nós *pourvu* que do francez nos venha  
 A palavra, ou a phrase, temos gáudio  
 De lhes dar corrimaça, e *persiflage*.  
 Quem nos defende afrancesar a lingua  
 C'os termos desse século gabado (1)

---

(1) Pois que esses Francelhes só do que vem

De Luiz quatorze, e authores de alto *rango*,  
 Que estima toda a Europa, a Europa estuda.  
 Se em francez são sublimes, mais sublimes  
 Darão ao Portuguez lustre *eclatante*.  
 Desterremos com elles esta *affrosa*  
*Platitude* da lingua seiscentista.  
 Toda a clássica phrase, que ignorarmos,  
 Gritemos logo — *Drogas da antigualha* —  
 Insultemos as Obras de Filinto,  
 As de Alfeno, Bocage, e outros sédiços.  
 Digamos, que o Garçaõ, se elle apprendera  
 A fallar como nós, fôra um portento;  
 Fôra o melhor Poëta Lusitano,  
 Que nem o Camoës mesmo lhe chegára  
 Ao bico do sapato. O Diniz.... esse  
 Inteiro se perdeu co' a tal Arcadia.  
 Tomasse elle as lições da nossa schóla,  
 Talvez que com seus versos igualasse  
 Do Telémaco nósso a bella prósa,  
 E mesmo alguns sermoes, nossos consocios.

---

de França fazem caso, porque não tomão a  
 móda dos francezes, em conservar com pureza  
 a lingua do nosso século augusto, como elles  
 punem por conservar a lingua do século de  
 Luiz XIV? Leiaõ as criticas, que nos Jornaes  
 apparecem contra os livros, que se arredaõ dessa  
 pareza.

Ter-lhe-hiamos aqui *dressado* statua.  
Verdade é , que *Escrivaês* temos bem poucos  
Que os *fins recúem* desta lingua sécia ;  
Mas o nosso Telemaco mil vale.  
Se não teve atéquî *chalans* em barda ,  
Que acodissem à compra , *elle é* o motivo  
Que inda a lingua rançosa tinha muitos  
Partidarios , e que o nosso fallar culto  
Poucos adoradores tinha. — Poucos ,  
Desses amantes do fallar dos Barros ,  
Só para o criticar , de ódio banzando ,  
O lêraõ... mas acharaõ-se bem *dupes* ;  
Que o nosso stylo , a que *arrivar* não pôdem  
Lhes fez perder o gosto de ir avante  
De mãis de duas láudas. Em *revanche*  
Pelo Reino , e Colónias estendemos  
Muito ao largo este nosso *séduisante*  
Fallar *franccz* , que afflige esses rançosos ,  
Do seu *patois* puristas obstinados ;  
Assim fallou. Quevedo logrativo ,  
Voltando a mim o rosto. — » Que tal ácha  
A destampada arenga ?

E v.

Obra de nescios.

---

Houve pessoa dada a bons estudos , e affei-  
çoada à boa linguagem Portugueza , que repa-

rou no muito rechêo de francesismo, que havia nesta falla, e que nenhum dos francelhos usava attochar a conversaçãõ com tantos intrusos. O reparo é muito specioso, e quisera eu, que a todas as minhas tróvas houvesse quem me apontasse com juizo os defeitos dellas, que eu prometto que com muito gosto, e proveito meu, e dellas, as emendara. Por desgraça minha e desgraça das minhas tróvas ninguem quiz tomar esse trabalho — Vamos ao reparo. Assim pôde ser, que os francelhos, que hoje fazem adulterio na lingua Portugueza, não sejaõ ainda tam chapados na asneira, como o Francelho mór: mas pela mesma razaõ, que elle é Francelho mor, mais fartas de francesismo devem de ser as suas fallas. Os outros apenas são discipulos, elle é o Lente da Gallici-parla.

---

Amor da Patria, e dezejos de que se não es-  
 cureça inteiramente a gloria, que nos gran-  
 gearãõ entre as naçõs estranhas os bons Autho-  
 res do nosso bom século litterario, e não outro  
 algum motivo, me incitãõ a destruir ( se me  
 é possivel ) com as armas do ridiculo, a seita  
 do francesismo, que tanto deshonna a clássica  
 linguagem Portugueza. Bem sinto em mim não  
 ter forças bastantes para a empreza; mas as-



céro e pendão, e vou mostrando o caminho a  
 outros mais valentes do que eu. Eya, moços  
 estudiosos, amantes do bom Camoés, terçai as  
 lanças, e arremetei-me com esses espantalhos,  
 derrotai-me esse exército ingrato, que se re-  
 bella contra a Patria, e contra os que com suas  
 doutas pennas a illustraraõ. Se soubessem os  
 táes Francelhos, a estimaçaõ que os estrangei-  
 ros doutos fazem da nossa lingua, quando a en-  
 tendem, e que lem os Lusíadas, ou algum dos  
 nossos Escriptores de bom século; e se soubes-  
 sem a méfa que elles fazem dos que os não  
 sabem imitar, porque não sabem o preço ava-  
 liar da lingua que ora fallaõ, e em que por des-  
 douro seu agora escrevem, envergonhar-se-  
 hiaõ (se ainda de pejo conservaõ algum res-  
 quicio) e se tivessem juizo, cuidariaõ em de-  
 sapprender essa giria da tal Gallici-parla.

---

S O N E T T O.

---

**D**E arco , flechas , e facho carregado ,  
Venda nos olhos , pela Mãe cingida ,  
Me entrou no sótao , ( 1 ) onde gasto a vida ,  
O rapaz , que dá a todos graõ cuidado .

« Rapaz ( lhe digo ) eu acho-te escusado  
» Esse facho a quem traz sempre impedida  
» A vista , como tu . » — Vista homicida  
( Tornou ) me dá , porentre a venda , o Fado .

— E vê , se eu vejo , ou não . — Nisto o maldoso  
Poem mira na alma , e lá certo o lume  
Crava , cévado em amargor cioso .

— Assim págo ( diz rindo o ruin Nume )  
— A quem zomba comigo , e mal-jocoso  
— Me acha escusado o facho de Ciumo . —

---

( 1 ) Vide Ode a Pilaer . — Quando , etc .

## E P O D O .

---

Illi robur, et æs triplex

Circa pectus erat, qui fragilem truci  
Commisit pelago ratem.

*Horat. lib. 3, od. 3.*

---

**C**OM olhos não enchutos, caro Albano (1),

As Tágidas tristonhas

Te verão arrancar do seu regaço ;

Verão a murta, o louro,

Com que ellas te croavaõ à porfia,

Mal-seguros na frente

Descorarem, vergar com feio susto

Do gigante *Infortiato*,

Ordenação, Pandectas, Pusfendorfos,

E Guerreiros, e Pegas.

Quanto entra, pelo Oceano, o Padre Tejo,

Irão as verdes Nymphas

---

(1) O Senhor Desembargador Sebastião José  
Ferreira Barroco.

Accompanhando o teu baixel esquivo :

Os peitos fóra da água ,  
E c'os erguidos braços acenando ,  
Darão o extremo adeos.

Depois curvadas ante o Rei dos mares ,  
Ajudadas de Téthys ,  
Pedirão térnas , para o seu Poeta  
Venturosa viagem.

E tu, perdido o amor à Patria, a Chéllas  
( A Chéllas saudosa ! )

Contra o gosto de Irmans, e dos Amigos ,  
Nos pinhos voadores

Co' as pandas ázas ao Galérno francas ,  
Desamoroso Albauo ,

Irás, rompendo as cóstas de Neptuno ,  
Vêr a curva Bahía.

Ante as áras de Némesis sevéra :  
Irás pezar a culpa

Do bilingue Tapuya , ou çáño Negro ,  
Nas trémulas balanças.

Entre as rumas dos Feitos , entre as Crélas  
Te esquecerás das Musas,

Dos Europeos Amigos saudosos ,  
Te esquecerás de A. ....

As Driadas queixosas deste Valle  
Murmurarão de ti :

« Lá jaz Albano em feio esquiccimento

» Nessa América terra ,

« Nos braços da civil correspondencia .

- » Entre as férvidas Damas.  
« A mui-formosa A.<sup>\*\*\*</sup> descorada  
» C'os sópros da Doença  
» Cansada chamará o sécco Albano,  
» Quando lér seus Poemas.  
» Quem fará resoar em rôda os montes  
» C'os louvores de A.<sup>\*\*\*</sup>,  
» Quando os applausos da Prelada eleita,  
» Em nocturno Parnasso,  
» Pozérem franca a *contumaz* (1) janella,  
» Côro das Musas Lysias?  
» Naõ ouviremos mâis, como *arrancava* (2)  
» *Alcides o membrudo*  
» O ladrador *trifauce a bocca abrindo*,  
» D'entrê as exiles (3) sombras,  
» Nem como a *Pythonissa rabeando*  
» Na tripode sagrada
- 

(1) A invéja, a superstição, a tyrannia formaraõ culpa d'um innocente divertimento; prohibiraõ por longo tempo a A.<sup>\*\*\*</sup> e D.<sup>\*\*\*</sup> chegarem a uma janella conventual, para dali darem mottes a Poetas escolhidos; e dahi veio o epitheto de *contumaz* à tal janella.

(2) Toda a letra ( aqui ) *grypha* pertence a sonettos desse outeiro de Chellas.

(3) *Exilis domus Plutonia*. Horat. lib. 1, od. 4

- ( Do fatídico Deos a mente cheia )
- » Convulsa pelos membros, (1)
  - » Cabellos erricados, rosto em braza,
  - » Alienada de si,
  - » Borbotava enigmáticos furores.
  - » Pela fumante bocca.
  - » Gloria da Elysia, gloria do alto Pindo,
  - » Formosa, e douta A.<sup>\*\*\*\*</sup>,
  - » Não terás quem te diga : — *Se estou triste,*
  - » *Mal vólto à mente a vista,*
  - » *Transtorao-me de triste em ser contente.*
  - » Tu, Filinto queixoso,
  - » Filinto triste, louvarás a D.<sup>\*\*\*\*</sup>
  - » Com raros toscos versos.
- 

(1) Muitos exemplos há em Horacio, Virgilio, etc. de dar como os Gregos accusativo aos adjectivos verbâes : elegancia que imitaraõ os nossos Classicos ; mas sem elipse. Os Leitores que tiverem alargado os seus estudos alem das tróvas dos Poétas de água doce, entenderãõ bem o que eu digo. Os outros, ainda com mãis explicação me entenderiaõ menos.

*Nota do Editor.*

## F A B U L A.

### A LEOA, E O RAPOSO.

---

**C**OM ternura a Leóa a teta dava

Ao filhinho, que em todo esse contorno

Tem de reinar um dia.

Diz consigo o Raposo :

— Antes que um anno volva ( se elle vive )

— De todos nós fará franca iguaria.

— Com bom geito a catástrophe atalhemos.

Lógo vái em pessoa

Visitar a Celsissima (1) Leóa.

— Como, Senhora, ( diz com estranheza )

— Dá vossa Celsitude ao Régio Infante

— Tam liviano sustento ?

— E' criação de mimos.

— Córços, Cábras montezas, górdos Pórcos,

— Bezerros alentados

---

(1) Titulo soberano que se dava aos Princeses Bispos de Liege; e quando se fallava delles se dizia *de sua Celsitude*.

- O manjar devem ser único, e forte
- D'um Rei destas montanhas, e florestas.  
De sangue, e não de leite,
- Se nutra quem do vosso Real ventre  
— Sahio para reinar. —

Conselho, que lisonja, (1)  
Acha no nosso orgulho a porta aberta.  
Assi foi este pela Mãe cumprido;  
E a compleição do tenro Leaõzinho,  
Que des-tetou do leite,  
Não resistindo às forças da carníça.....  
Estourou.

Tal lucro, da Lisonja, a Mãe tirou!

---

Quantos há que se esmeraõ  
Em aguçar o engenho de seus filhos!  
Páe há, que diz: « Meu filho tem sette annos:  
» Mas que grande memoria!  
» Sabe a fábula, a historia...  
» Que há hi, que elle não sáiba! »  
Nem há Páe, entre os Páes, que em pelle caiba  
C'o ouvir papaguear o seu pequeno;  
Que em vez de digerir  
O mui forte alimento,

---

(1) Vamos de vagar, e com sentido: que os leitores, que ainda não leraõ Camoës, cuidarãõ que este *lisonja* é nome, e não é verbo. Pois é verbo que lh'o digo eu aqui muito em segredo.



Com que o estômago débil lho abarrótaõ,  
Embaça , ou arrebenta.  
Eis que a criança tola  
Semelha ao Páe patóla,

---

TROJANI BELLI SCRIPTOREM, MAXI-  
ME LOLLI, etc. etc.

*Epistola 2. do livro 1. de Horacio traduzida.*

**M**A X I M O Lollio , em quanto tu declamas  
Em Roma , repassei eu em Preneste  
Esse Scriptor de guerreada Troya ,  
Que melhor que Crantor , e que Chrysippo  
E mais em cheio , diz o que é formoso (1) ,

---

(1) Chama-se aqui formoso , o que com todos os moralistas Christaõs , e Gentios se chama *honésto*. E na verdade a genuina formosura da alma é a honestidade neste geral sentido. *Honesto* , e *honestidade* não se toma aqui no sentido que lhe dão as vélhas , em cuja intelligencia *honésta mulher* é muitas vezes , o que os franceses chamaõ *femme prude* , mulheres de affectado recato , e alardeado biôco , que entre ellas passa por *honestidade*.

O que é tôrpe , o que é util , ou nocivo.  
Porque eu assim o entenda ( a estares vago )  
Dou meu motivo O Conto em que se narra ,  
Que em lenta guerra , pelo amor de Páris ,  
Se travara c'os barbaros (1) a Grecia,  
Encerra éstos (2) de stultos Reis, e Póvos

---

(1) Toda a gente sabe que tanto Gregos , como Romanos , chamavaõ barbaras todas as naçoês , que não eraõ Gregos , nem Romanos ; mas a razão disso nem todos a sábem. Eu a perguntarei , e quando a souber , lh'a direi.

(2) A palavra *æstus*, de que aqui usa Horacio com tanta energia para denotar os vayvens das paixoês , ou para melhor dizer as marês , que enchiaõ , e vazavaõ no peito dos Achivos , não tem correspondente ( que eu saiba ) em portuguez , senaõ a palavra *éstos* que é latina apor- tuguezada , e da qual usa Fr. Amador Arrâes em varios lugares , e Fr. Manoel da Esperança ( não despiciendo Author ) na sua Chronica Seraphica part. 2 , pag. 459. Alem de afirmar Bluteau , que é usual no Riba-Tejo tomarem *ésto* por *maré*. Alem de saber eu de certo , que por todo o Minho maritimo se diz : *e ésto* , *é bom ésto* , *é alto ésto*. — Quando apprendemos nós a lingua Portugueza de maneira , que por motivo desta , ou daquella palavra , não es-

Vóta Antenor, que a causa à guérria atilhem :  
Mas, por salvo reinar, (1) viver a gôsta,  
Que dirá Paris? — *Naõ podeis forçar-me....* —  
Dá-se préssa Nestôr a compor pleitos  
Entre Achilles, e o Atrida. Amor abraza  
Este, e de maõ commum a ambos Ira.  
Os Gregos pagaõ quanto os Reis deliraõ.  
Motins, dólo, ruindade, ira, e cubiça  
Dentro, e fóra dos muros de Ilion alta  
Saõ culpas lá communs. — Mais: do que pôde  
A virtude (2), e o saber, util transumpto  
Em Ulisses nos poem. Depois que este houve  
Domado Troya, sabedor previsto,  
De muitos homens vio Cidades, Usos;  
E em quanto appresta a vólta a si, e aos outros  
Muitas penas soffreu pelo mar largo,  
Sem que as ondas adyversas dos trabalhos

---

teja a cada instante um desgraçado author à  
batti-barba c'ò perluxo, ou ignorante leitor!

(1) *Reinar* não significa sempre *dominar como Rei*; mas muitas, e muitas vezes os Latinos dizem reinar por viver *a la grande*, regalar-se, assoberbar os outros com seu luxo, com opiparos jantares, com esperdiçadas riquezas, etc.

(2) *Virtus* entre os latinos quer dizer esforço de animo, e daqui vem chamarmos *virtudes* as forças que oppomos à violencia das paixões.

O submergissem. Sabes que as Sereyas  
Lhe cantão, que co' a taça o brinda Circe ;  
Que se sófrego, e párvo, como os sócios,  
Tal bébe, agóra tórpe, e des-juizado  
Avassallado á meretriz (1) jazêra,  
Qual Caõ immundo, ou Porco affécto ao lódo;  
Nós só viémos a fazer quantia,  
E a consumir seáras, quâes Amantes  
De Penélope ruíns, ou quâes os Moços  
De Alcínoo Cortesaõs, que se esmeravaõ  
Em curar o carão mãis do que é justo,  
Dormir té meio dia caprichavaõ,  
E pôr às lidas cábo ao som da Cythara.  
Ladroës se érguem de noite a mattar homens (2) ;  
Tu, por guardar-te, naõ é bem que acórdes ?  
Se naõ córres, em quanto tens saúde ,

---

(1) *Circe*. Que atrevida insolencia a do sen-  
hor Horacio, a de chamar meretriz a uma  
filha do Sol! *Sub domina meretrice*. Dado que  
duas filhas engendrara o Sol, esta Circe, e a  
senhora Pasiphae, que foraõ mãis castiças, que  
castas. — Mas a uma nympha, a uma rainha,  
e ambas de tam esclarecida prosapia, é desa-  
foro! é desacató, por mãis que digaõ.

(2) Já desse tempo os Ladroës se naõ con-  
tentavaõ com tirar a bolsa.

Correrás quando hydrópico; e se os livros  
E a luz não pèdes, antes que abra o dia;  
Se não fitas no estudo, e honestas cousas  
O teu animo, apenas que despèrtes,  
Tem de te dar tortura o Amor, a Inveja.  
Se não dize: porque a tirar te appressas  
O que te empéce à vista, se demòras,  
Para alem do anno, o que a alma te consume?  
Metade avança de óbra o que a coméça.  
Arroja te a saber. — Encéta. Aquelle,  
Que furta o corpo a melhorar de vida,  
É bem como o Aldeaõ, na ába do rio,  
Que espèra que elle escòe; e o rio corre,  
E correrá voluvel éras, e éras.  
Toda a mira se aponta em ter dinheiro,  
Em ter mulher formosa, nébre, e ricca, (1)  
Que lhe procrée filhos; e a que o arado  
Domestique (2) maninhos, e devezas.

---

(1) *Beata*, que vem no texto, e que entre nós quer dizer mulher de idade, papa-sanctos com contas na mão, borracha à cinta, significava entre os Latinos mulher, que por formosa, fidalga, e rica, é já bem-aventurada neste mundo, se dessas boas qualidades se aproveita.

(2) No cazo que o verbo *domestique* scandalize alguns illustrissimos censores, ponhão

Naõ queira mãis quem tem sufficiente :  
Naõ Cazas, naõ Herdades, nem Dinheiro  
Despêdem fêbres, salvaõ de cuidados.  
Convem que o possuidor ande sadio,  
Se intenta dar bom uso a seu grangeio.  
A quem cubiça, e téme tanto valem  
Cazas, ou Cabedaes, quanto Pinturas  
Aos ólhos emplastados, ou à góttã  
Fomentações, ou Cythara a ouvidos  
Doridos das matérias nelles podres.  
Quanto deitas em çujo vaso azêda.  
Desprêsa os appetites. Appetite  
Que se compra com mãgoas é damnoso.  
Sempre vive em pobrezas o Avarento..  
Poem alvo abalisado a teus dezejõs.  
Definha se o Invejoso, em vér o estranho  
Medrado em bens. Os Siculos tyrannos  
Mór tormento que a Inveja naõ traçaraõ.  
Quizêra o que naõ foi à maõ à Ira,  
Naõ ter feito o que fez mal-conselhado  
Da dor, da mente ruin, se prepotente  
Se assomou no punir com òdio inulto. (1)

---

em seu lugar *arrotée*, ou qualquer outro dos  
que vem no Auto de Catharina Lopes Cris-  
talleira, segundo melhor lhes contentar.

(1) Este *inulto* tem dente de coélho. Varios  
expositores li n'uma livraria em que havia com-  
mentadores às carradas: mas a genuina intel

Insania brève é a Ira. Tu modéra  
A vontade, que se érgue c'o dominio,  
Se a não trazem sujeita ; esta soppèa  
Com freio , com grilhoês. Em quanto é dócil  
O pôtro, e a cerviz tenra, o Mestres o adéstra  
A seguir o caminho, que lhe ensina  
O Cavalleiro. O Caçador cachôro,  
Desque soube ladrar, na salla, à pelle (1)  
Do Veado, guerrêa pelas sêlvas.  
Recólhe agóra, oh Moço, estas palavras  
No peito, que ainda é tempo ; e te offerece  
A quem melhores, (2) saiba. Longos tempos  
Conserva a infusa o cheiro, em que embedida  
Foi, quando nóva. E, ou fiques, ou brioso  
Te adiantes; ronçeiro, não te aguardo ;  
Nem lido em me hobrear c'os que ante-cor-  
rem. (3)

---

ligencia ainda para mim ficou no fundo do  
saco. Feliz quem dér com ella !

(1) Foi costume pendurar uma pelle de veado  
diante dos caês, para os ensinar a ladrar-lhe,  
quando os levassem à caça.

(2) Horacio não se gaba de dar a mais apu-  
rada doutrina, antes aconselha, que sigão phi-  
losophos avantajados a elle.

(3) Metaphora dos que em Roma corriaõ no  
Circo para ganhar o prémio deparado para  
quem primeiro tocasse a méta.

Dirá algum Critico, que esta traducção não iguala o original : e eu direi que tem razão, e que esse defeito me descontentou sempre nella. — Mas para que a imprimiste ? ( me dirá elle ) Isso são outros quinhentos. Se eu estivesse lá ao pé do senhor Critico dir-lho-hia ao ouvido muito em segredo. Mas..... estamos tam longe !!!

---

OS NOVOS GAMAS.

O D E.

—— Nil mortalibus arduum est,  
Cælum ipsum petimus.....

*Horat. lib. 1. od. 3.*

---

**A**SSIM (1) deixou de Créta as cem Cidades  
O fabuloso Mestre, (2)

---

(1) A admiração deu o nascimento a esta Ode, e com effeito a grandeza, e a novidade do spectaculo dera assumpto a melhor canto, se a veyá do Poeta fôra de mais alta classe.

(2) Dædalus, ut fama est, fugiens Minoia regna  
Præpetibus pennis ausus se credere cælo.

*Virgil.*



As estranhadas nuvens dividindo  
Com atrevidas pernas ;  
Assim nos ensinou, a ser Monarchas  
Do ligeiro elemento.  
Mas, do arrojo agastada a Natureza,  
Sob alçapaõ ferrado  
O temerario arcano pôz seguro,  
E aos séculos vindouros  
Com manto espesso de nublada tréva, (3)  
Lhe encobrio o jazigo.  
Que não vence indefesso, improbo estudo,  
Que poem na gloria o fito!  
Que márcos não transpoem esporeado,  
Destemido dezejo!  
Viraõ da Morte a hedionda catadura

---

(3) Alguns meninos, ainda boçães em Poesia, me censuraraõ de ter eu usado *tréva* no singular; porque tal vez só se lembraraõ da quarta feira de trevas; aos táes lhes lembro aqui, além de outros, que não escrevo, estes tres lugares de Camoës, que tenho aqui à mão.

Acorda e vé feridã a escura tréva.

*Canto 2, est. 64.*

Todos nus, e da côr da escura tréva.

*Canto 5, est. 30.*

Divina assim tirou da escura tréva.

*Canto 3, est. 15.*

( E com pausados olhos )  
Os Heróes arrojados , que na lança  
Levaraõ sanguinosa  
Conquistados Imperios , e deixaraõ  
Impávida memoria.  
E os que , seguindo as leis da ardua Virtude  
Calcaraõ denodados  
O collo insidioso da Calumnia ,  
Dragaõ de átro veneno.  
Já tinha em fragil lenho submettido  
Os Reinos de Neptuno  
Mortal , desprezador de dubia morte ;  
E , alongando a carreyra ,  
Da roxa Aurora visitado o leito ;  
Do tardio Boótes  
Penetrado os gelados escondrijos  
C'o sagaz Astrolabio.  
Já , devassando os términos de Mundo ,  
Inquiétos humanos  
Tinhaõ sérras longinquas , invios érmos  
Trilhado aventureosos ;  
Com maõ profana as lôbregas entranhas  
Da terra revolvido.....  
E tu , Vulcano , que as Lipáreas Ilhas  
Regias idomavel ,  
Regido foste , e a sabias maõs sujeito ,  
Para os humanos Jóves ,  
Em dura schóla , trabalhaste os rayos ,  
Que estalaõ com ruina

Nas cerradas phalanges, nos reparos  
Das munidas Cidades.  
As Estrellas, os Orbes despedidos  
Reconheceraõ régras; (1)  
E o Rayo assustador, que vago, e sólto  
Estendia, ou quebrava  
O roxo trilho do farpado incendio,  
Hoje a Franklin submisso, (2)  
Pela perita barra, (3) ingrata via,

---

(1) Não tinha animo, nem paciencia (nesta Ode, que primeira imprimi em França, como tambem n'outras que lhe seguiraõ as pegadas) de pôr nôtas em semelhantes bagatellas; mas como tanto me tem soado nos ouvidos, que achaõ escuros alguns lugares dellas, me sinto no lance de pôr mais patente, o que me parecia trivial, e claro. Assim direi que as régras de que fallo são as de Newton.

(2) De quem disse Turgot: — *Eripuit cælo fulmen*, etc.

(3) A barra do *paratonnerre* não tem mais sciencia, que qualquér outra barra de ferro, mas foi perito Franklin, que ensinou com ella a dirigir o rayo, para onde queiraõ. Assim o pente de que falla o Garçaõ na Ode ao Delfim, não éra mais déstro que qualquér outro pente de córno, e ainda mesmo da mais fina tartaruga, mas na mão de Gabillon fazia maravilhas.

Reluctante discorre:  
Só resistia ufano, e mal-soffrido  
Ao tentame frustrado,  
Do vasto Eólo o Imperio mal-seguro,  
Diaphanás campinas.  
Os rijos Aquiloés, Euros fogosos  
C'o sôpro amedrentavaõ  
A progénie arriscada de Japêto:  
As aguas infamadas,  
C'o nome do Mancebo (1) mais-que-affoito,  
Com descorados médas  
A empresa ambiciosa reprezavaõ.  
Debalde a Natureza  
Ao pertinace esforço se esquivava,  
De sustos povoando  
O largo plaino dos desertos ares,  
Desamparadas quèdas  
Oppondo, escarnecidas, por barreiras!  
O Disvêllo incansado  
Que aguça a vista à Sensaçãõ reflexa,  
Arremessado rompe  
Pelos montoés de obstáculos, e invêste  
C'os penetráes vedados,  
A arrancar o segredo perigoso.  
Para escalar os Astros  
Intexe um Globo, imitador dos Orbes,  
Que giraõ no ar vazio.....

---

(1) Icaro.

**Eu mesmo o vi. (1) Obediente ao mando**  
Deixou ayroso a terra;  
Sobre as frentes dos homens assombrados  
Levantado Planeta,  
Sulcava as raras ondas magestoso :  
( Em soberbo triumpho  
A regrada Sciencia aos Céos subia )  
E furtando-se aos olhos  
A nóva Estrella prefazia o gyro.  
Tal Jupiter subido  
Tira bizarro, pelo ethéreo campo,  
Os satéllites fidos,  
De um Pólo, ao outro Pólo (2) passeando,  
Na clara, estiva noite.

---

(1) Em quanto o globo de messieurs Charles et Robert subia mui sereno entre acclamações e assombro de todos os que o viaõ, tecia eu esta Ode, quasi tal, que aqui vái impressa, salvo as correccões, que lhe fiz ao escreve-la.

(2) Não me amofinem com astronomias, nem com Pólos daqui, nem Pólos dalli, que muito bem se sabe que os planetas não correm de Pólo a Pólo. Leiaõ Camoës, e veráõ que elle mette Pólo a toda a casta de mólho.

---

---

## TRADUCTION

### De l'Ode précédente.

**C**'EST ainsi que jadis d'un vol audacieux,  
Dédale osa franchir l'immensité des cieux,  
Et que, planant soudain au-dessus des nuages,  
A ses pieds orgueilleux il foula les orages,  
De l'empire des airs il traça le chemin;  
Mais dans les noirs replis d'un vaste souterrain  
La nature, en courroux contre ce téméraire,  
Enferma son secret : et sa prudence austère  
Contre un desir fatal voulant nous prémunir,  
En déroba l'entrée aux races à venir,  
Et les enveloppa d'un voile de ténèbres.  
Mortels ambitieux ! pour que vos noms célèbres  
Passent de siècle en siècle à vos derniers neveux,  
Que ne surmontez-vous ? Quel précipice affreux  
A vos bouillans desirs peut servir de barrière ?  
Les héros, emportés par leur fureur guerrière,  
D'un regard intrépide, en volant à l'honneur,  
Ont fixé du trépas le glaive destructeur ;  
Ils ont, d'un fer sanglant dirigeant la victoire,  
De leurs noms redoutés éternisé la gloire.  
De l'austère vertu, d'autres suivant les lois,  
Ont de la calomnie étouffé les cent voix,

Et sans craindre l'effet de sa dent venimeuse,  
D'un pied hardi foulé sa tête insidieuse.  
Méprisant les fureurs du perfide élément,  
L'homme avait asservi l'empire du trident.  
Emporté vers les lieux où le jour vient d'éclorre,  
Il avait salué le berceau de l'aurore,  
Et l'astrolabe en main, le pied sur les glaçons,  
Parcouru des autans les sauvages prisons;  
Sur un mobile pin, faible jouet de l'onde,  
Des mortels inquiets, aux limites du monde,  
Avaient déjà porté le ravage et la mort,  
Et s'étaient confiés aux caprices du sort,  
Dans des climats lointains, où l'œil découvre à  
peine

De quelque être vivant une trace incertaine.  
La terre avait senti leur sacrilège main,  
Mesurer ses hauteurs et déchirer son sein.  
Toi qui, dans Lipari, tenais le rang suprême,  
Indomptable Vulcain, tu fus contraint toi-même  
De fléchir sous la main d'un habile artisan,  
Dans un étroit fourneau, resserré, mugissant,  
Tu te vis obligé de forger le tonnerre,  
Pour en armer les bras de ces dieux de la terre,  
Qui dans les murs d'acier des bataillons pressés,  
Et les débris sanglans des palais renversés, (ge.  
Se font jour, et près d'eux font marcher le carna-  
Bientôt on vit dans l'air suivre une règle sage,  
A ces corps dégagés, ces globes radioux, (cieux.  
Qui jusque-là semblaient être errans dans les

La foudre en vains éclats consumant sa puissance ,  
A nos fers aimantés soumit sa résistance.  
Du vaste dieu des vents les fluides éclats  
Résistaient glorieux à nos vains attentats ;  
Ce dieu gouvernait seules ses transparens domaines,  
Des fiers enfans du nord les sifflantes haleines  
Effrayaient de Japet les fils aventuriers.  
Cet Archipel fameux , dont les flots meurtriers,  
Ont hérité du nom du téméraire Icare ,  
A leurs projets hardis ouvraient un gouffre avare.  
Pour dompter leurs desirs sans cesse renaissans,  
La nature toujours prit des soins impuissans ,  
Des champs aériens peupla les vastes plaines ,  
De soucis dévorans et de chutes certaines ,  
Leur fit voir des rochers les sommets décharnés.  
Leur trépas instruisant les peuples consternés....  
Mais rien ne les retient, et, rompant les barrières,  
De ces lieux interdits à leurs yeux téméraires ,  
En arrachent soudain les secrets dangereux.  
Un globe, tel que ceux qui roulent dans les cieux ,  
Gonfle ses vastes flancs d'une vapeur légère ,  
Monte avec son auteur , et plane sur la terre.  
Moi-même je l'ai vu , d'un air majestueux  
A son ordre docile , étonnant tous les yeux ;  
S'élever dans les airs, et, voguant avec grace ,  
Laisser loin après lui l'empreinte de sa trace.  
C'est alors qu'emporté sur ce char glorieux  
Le génie alla prendre un rang parmi les dieux ;  
Puis en astre nouveau, loin de nos yeux profanes,



Décrire son orbite aux plaines diaphanes.  
Tel un beau soir d'été du Monarque des cieus,  
L'astre replendissant se soustrait à nos yeux,  
Et marchant entouré de ses gardes fidelles,  
Trace d'un pôle à l'autre un sillon d'étincelles.

---

## S O N E T T O.

**N**A O pesquizes , Leitor , com cenho austero  
Tôscos versos , às magoas arrancados ;  
Ao som de meus grilhoês foraõ cantados ,  
Em captiveiro de rigor severo.

Longe depuz o alinho , longe o esmero ,  
Com que cantei favores delicados.  
Penas , rigores (1) sahem mal-limados.  
Das fábricas d'um Nume duro , e fero.

---

(1) Alguns prétendem que não se possa repetir n'um soneto a mesma palavra , fundados em certa regra da poetica de Boileau. Não discuto a qui se teve , ou não bastante motivo para pôr mais esse encargo aos soneteiros de França. Lá se avenhaõ os soneteiros com Boileau , e Boileau c'os soneteiros. Eu atenho-me aos Italianos , que nestes poemas foraõ sempre os Mestres ; e que sonetos mui poéticos , e de quem

Mover a mágoa quiz com ays sentidos ; (to,  
A mão que me prénheu(1) com meigo encan-  
Quando , por versos , entoei gemidos.

Para os que Amor condemna a amargo pranto ,  
Para os peitos de crus farpoës feridos ,  
Naõ para vós , Censores , sólto o canto.

---

com justas causas se pôde dizer que um bom soneto vale um poëma. Os Italianos naõ se estreitaõ , ( ainda os mais modernos como o Zappi , e outros Arcades de nome ) a tam miudas regras. Quanto mais , que semelhante regra destruiria uma das mais bellas , e as vezes , das mais patéticas figuras , qual é em lugar proprio a repetiçaõ da mesma palavra ; de que há tantos exemplos em Virg. etc. etc. Se , nada obstante prevalece o máo gosto , e vinga o constrangimento , que dá semelhantes escrupulos por preceitos , cá os assentarei no meu cahenho , com os *simul-cadentes* , *simul-soantes* e *lunares* do doutor Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

(1) Me juvat in gremio doctæ légisse Puellæ ,  
Auribus et puris scripta probasse mea.  
Hæc ubi contingerinti populi confusa valetō,  
Fabula : nam domina judice tutus ero.

*Propert. lib. 2 , eleg. 7.*

---

---

## H Y M N O A B A C C H O .

— Dulce periculum est,  
O Lenæe, sequi Deum  
Cingentem viridi tempora pampino.  
*Horat. lib. 3, d.*

I.

VEM, vem, potente Baccho,  
Vem domador das Indias invencivel,  
Que os mosqueados,  
Rábidos tigres  
Reges sobrano,  
Cum açoit de vides dobradiças;  
Que a desdenhada crôa da Princeza  
( Antes que estrellas fosse )  
Com corymbos, com pampanos ornaste.

I I.

Tu, grande Rei, governas  
Os reinos da Alegria, e do Deleite;  
Nossos humores  
Rápidos, lentos,  
Punges, refreas:  
Tu animas as danças, os festejos,  
E ameigas no teu collo as lindas Graças,  
Que o riso airoso negão  
Aos ímpios, que os altares teus não bejaõ.

( 41 )

I I I.

Cáhe aos teus pés rasgado  
A teu aceno o sello do segredo ;  
    Francas as portas  
    Tens dos Ministros ,  
    Dos Reis cuidadosos ,  
Se entrar em seus defezos Paços dignas ;  
Tu , se co'a recedente , invicta dextra  
    O coração lhe espremes ,  
Pela bocca espirrar-lhe o arcano fazes.

I V.

Com branda , amiga força  
Despêdes das contentes companhias  
    Rancor pezado ,  
    Secco silencio ,  
    Grave Etiquetta ;  
Tinges de meiga côr nossos costumes ,  
E a fronte do sizudo desencrespas.  
    Por ti , ri a Virtude  
Ao Amor , e a seus brincos buliçosos.

V.

Vem , Baccho , de mãos dadas  
Co a molle Ociosidade voluptuosa ;  
    Vimineos cestos  
    De almas botêlhas  
    Satyros leves

Dos hombros fulos ante mim deponhaõ ;  
Aqui vazem rubi, aqui topazio  
De trasbordada escuma,  
Aqui rindo o sedento seyo alaguem.

V I.

Oh Nyctileu valente,  
Só de entoar na lyra os teus louvores,  
Naõ sei que flamma  
Vívuda, fulgida  
Serpêa, e corre  
A assettear, c'os petulantes rayos.  
As costas encurvadas dos Pezarez.....  
Eis que trépa.... eis que sóbe  
A' caza da Razaõ, e m'a allumia.

V I I.

Novo discernimento  
Com novo ràdio estréma idéas novas.  
Cruzaõ em bandos  
Gentis conceitos  
Louçaõs, garridos.  
Nòva série de acçoês de Heróes corados (1)

---

(1) Perguntei ao Poéta porque razaõ chamou *corados* estes Heróes; e elle me respondeu, que nunca vira amante affincado do sumo da cêpa, que naõ lhe sahisse pelas faces a côr do sumo. Ainda me disse mais, que conhecera

Essaõ mostrá no espelho do Futuro :

Outro Povo, outros Tempos  
Se me offrecem, me esperaõ, me convidaõ.

V I I I.

Que furor me arrebatá !  
Que novos Ceos descubro, novos Mundos !  
Tudo saõ vinhas !  
Tudo parreiras....  
Um mar vermelho  
Se estende, e ondeia, crespo de navios,  
Sem flammulas, sem vélas.... Naõ, saõ dórnas ;  
Saõ frótas, saõ armadas  
De undivagos tonéis conquistadores.

I X.

Cá desdem dos montanhas  
Despenhadas correntes auri-dulces  
Do Carcavéllos,  
Do bom Setubal,  
Que aquéce o seyo,

---

elle certo Thesoureiro d'uma Freguezia de Lisboa (que nunca bebia mais água que a da missa) cujo suor lhe sahia do corpo tam vermelho, que, no veráo mormente, lhe pintava a camiza; e tres-passando a lôba, lh'a roxeava. E perguntai aos sabios de escriptura que ségredos saõ estes da natura.

*Nota do Editor.*

Que ameiga , que aviventa a alma dos Velhos.  
Aqui dormentes sombras prazenteiras  
Se debrução das pãrras  
Sobre alaistradas moitas de Bacchantes.

X.

Como ronca o Sileno  
Entre vazios pótes do cheiroso  
Nectar sádio !  
Pelos bigodes  
A crespá escuma  
Lhe ondeia ao som do fôlego cantante.  
Arrepiados, stridulos adufes  
Alli jazem cansados  
C'os pampinosos vingadores thyrsos.

X I.

Sobre esteyos nodosos  
Repouza , e estende os racimosos braços  
A alegre vide;  
C'o inchado bojo  
Regala a vista  
O bago aceso; guápo as maõs convida ,  
Entre as viçosas folhas reluzindo.  
Que de enfeitados templos!  
De Devotos , que o bom Eván consola !

X I I.

Destemido me assento  
Ante esta ára divina , e rubicunda .....  
Como apressados

( 45 )

Mil sacerdotes  
De pés fendidos,  
Carregados de victimas undosas  
Vem ornar-me este altar! Ponde no meio  
A grande, a das quatro azas,  
A m'a adornai com bastioés de frascos.

X I I I.

Pela micante borda  
Desta bojuda taça espanca-enfados  
Saltaõ Prazeres.....  
Vê como pulaõ,  
Vê como estoirão,  
C'os pés brinçoés, as apinhadas bôlhas!  
E no meio do lago, que derrama,  
Olha nadando as Nymphas,  
As Nymphas da Alegria galhofeira.

X I V.

Olha, a travéz das ondas  
Que talhaõ co' alvo peito, lá no fundo  
Baccho risonho,  
Mui recostado  
N'um throno de éra,  
Que me acena co' thyrsos folheado.  
Eu vou, eu vou, Lenéo irresistivel.  
No palacios do seyo  
Meu hospede serás. — Entra de golpe.

X V.

Oh como, um Deos é grande!



Onde quér que aposenta, occupa tudo.  
Os quartos da alma,  
Os da memoria,  
Té qui taõ cheios  
De mordazes tristezas, de infortunios,  
Tudo desalojou, tudo acha estrcito  
Para a pouzada sua.  
Baccho embebeu-me todo, e eu sou um Baccho.

X V I.

Em fogosos Etontes  
Nos léve a repelloês Apollo o dia;  
Como uns instantes  
As Horas voem;  
Tácita a Lua  
No carro argenteo acolha o fugaz Tempo:  
Que eu transbordando Baccho zombo e rio  
Do seu bater das azas,  
E lhes dou vayas c'o tinnir dos cópos.

X V I I.

Váyas lhe dou sonóras,  
Quando cheio de Ti, por Ti Poéta,  
Nos bordoês gróssos  
Da cáva Lyra  
Dou quatro gólpes,  
Com que este ar fréme, atroa, estruge,  
E vai pelas cavernas rimbombando,  
Té que acórda a Marfisa,  
Que do folguêdo de honte inda-hoje dorme.

( 47 )

X V I I I.

Onde foste esconder-te ,  
Deslavado Dorindo , (1) que os mysterios  
Do augusto Bromio  
Celebrar hoje  
Foges esquivo!

Vem beber côres , vem beber saúde  
Nas sacras taças deste altar perenne :  
Affoga-me esses philtros  
Com que Esculapio te danou o peito.

X I X.

Tu por acazo julgas  
Que uma agoa sem sabor , sem côr , sem força ,  
Nas froixas veias  
Pinte , apressure  
Pallido. sangue ?

Encha de ardor o coração ensosso ,  
E discretas faiscas mande à testa ,  
D'onde alegria aos olhos  
Desça , e desça a bocca o dicto agudo ?

X X.

Só foi dado a Lyéo  
Povoar de altas idéas o juizo.  
No verde Pindo  
O douto Horacio  
Nunca vio Nymphas,

---

(1) O Snr D. P. B. chamo-lhe *deslavado* ,  
naõ porque elle o seja , mas porque o deslavra-  
raõ entam aqui com....

Sem que a mente primeiro confortasse  
Com sangue de bacello (1). Dalli versos  
De atrevida harmonia,  
Dalli Prazer lhe vinha, vinha força.

X X I.

Cheio de ousado brio,  
Que esta crôa me dá de Louro, e de Éra,  
Aqui aguardo,  
E os desafio  
C'o cópo. em punho,  
Os duros Valentoês famigerados  
Da viçosa Chamusca, ou Lavradio:  
Naõ ha hi desalmado  
Gigante, Encantador, que eu naõ arrote.

X X I I.

Accende em rôda os fachos  
De resinoso, crepitante pinho:  
Entre mil lumes  
Trémulos, rútilos  
Bebo esta grande  
Taça ao grande Évio, estoutra a ti, Marfisa,  
Que auri-crinante chegas opportuna.....  
Ay como os campos dançaõ!  
Dança a meza! — Dobrados vejo os frascos!

---

(1) Satur erat cum dixit Horatius Evoé.

*Juvénal.*

Horace a bu son saoul quand il voit les Menades.

*Boileau, Art Poétique.*

**VERSOS**  
**DE**  
**FILINTO ELYSIO.**

1875

1875

**V E R S O S**  
D E  
**F I L I N T O E L Y S I O .**

---

---

**Tomo VIII.º**

---

---



**PARIS,**

**Chez BARROIS, Libraire, quai  
Voltaire N<sup>o</sup>. 5.**

---

**Anno de 1806.**

1911

---

---

# O NOVO POÉTA (1)

## LAUREADO.

*Panditur interea domus omnipotentis Olympi.*

Estava o Padre alli sublime e dino. . . . ,  
E em luzentes assentos , marchetados  
De ouro e de perlas , máis abaixo estavaõ  
Os outros Deoses todos. — Camões.

---

**D**escrever Jove , arremessando à terra  
Trisulco rayo , vingador de crimes ;  
Confiar à penna a roupa adamantina  
De Mavórte feróz ; ou bem , tirada  
Por ufanos pavoês de olhudas plumas ,  
Na celeste campina , a régia Juno ;  
E as Graças co'a bellissima Dione  
Passeando airozas nos jardins de Idalia ,  
Assumpto foi de Engenhos muito primos ,  
Que o senso de seus rasgos engenhosos ,

---

(1) O Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. José Maria de Souza , Enviado extraordinario , e Ministro plénipotenciario de S. Maj. Fid.ma em Paris.



E o segredo das tintas esconderaõ  
Das mãs inéptas de enguiçados Vates ,  
Por esquivar, ao destampado fluxo  
Do mascavado Caldas, todo o intento  
De ir desbotar, de ir devassar seu tino ,  
Em prosissimas prósas deslavadas.

Nem eu serei tam atrevido , e louco ,  
Que' tracte pinceis táes , com mão profana ,  
Quando o Vate José descrever quéro  
Laureado por todo o argel dos Numes.

Alli vieraõ , à função machucha ,  
Todos os Deoses do luzente Olympo ;  
Quantos o Austro tem, e as partes onde  
A Aurora se érgue , e aonde o Sol se esconde.  
Mas, de todo o Congresso endeosado ,  
Só tres nomearei , que allí máis péto  
Se sentaraõ de mim. Era o Deos Conso , (1)  
Que em cõxins cramesis d'um sophà molle ,  
Repatanando a sonsa mandriiçe ,  
Pósta à Malbrucka a branca górra , os ólhos  
Pisca , à sombra da arcada sobranceilha.  
Junto delle Esculapio (2) surrateiro ,

---

(1) Representado pelo Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Antonio de Araújo, e Azevedo, Pinto, Pereyra ,  
etc. etc. etc....

(2) O Doutor Benjamin de Sola.

Goloso de bons chicos, bons boccados,  
O medico bordaõ, sem cucurûto,  
( Ou disforme serpente — de Epidauro )  
Adrede, e muito sonso tinha occulto.  
Seguia-o Mómo, (1) em trajés de Gerundio;  
Que com duas rodélas de vidraças,  
Espreitava as palávras, que partiaõ,  
Para as fréchar, com dardos de Capucho.

Mas já descia Apollo auri-crinito,  
Das innuptas Donzellas rodeado.— (2)  
Ao comprido José fazem mesura;  
E com a dignidade competente  
D'um Reitor de Coimbra embarretado,  
A tecida Cappella lhe encaixaraõ,  
Na frente, em versejar loura, e noviça,  
Ao som do graõ Trombaõ, das curvas conchas  
Dos Tritoeãs de Neptuno, da Harpa Eolia.  
Retinniaõ, no Cónclave sonoro,  
As palmádas, os vivas, o arrepia  
Dos adufes das Mênades, e os discrimés (3)  
De sette vozes, capadora Gàita

---

(1) O Senhor Francisco José Maria Britto.

(2) *Utque viro Phaebi chorus assurrexerit  
omnis.* — Virgil. Eclog. 6,

(3) *Septem discrimina vocum.*

De Faunos, e Sylvanos : retumbavaõ ,  
Com eccho rebramante , ôccos tambores.

'Eis que Jupiter se érgue atordoado  
Da sublime assuada ebri-festiva ,  
E dando um grito , que ensurdece a sphera ,  
Cóze c'o chaõ , d'um tombo , a quantos bérraõ :  
« Que é isto aqui ? Olá ! Que bebedeira !  
» Sômos no Pindo , ou sômos na taverna ?  
» Quem gôsta de gritar désça lá abaixo ,  
» A' Opera , a Paris , ou bérre em Mafra.  
» Neste monte só canta Apollo , e as Musas ,  
» Ou Vates inspirados , e Divinos ;  
» E se ao meu parecér quereis dobrar-vos ,  
» Deixai que cantem sós as Raparigas  
» Algum triste Londun , que alégre a gente. —  
» Mas cantem cà de longe : ... que o tal Vate,  
» Que quereis celebrar , tem-me vidonho ,  
» ( Sé bem nos ólhos , no nariz lhe encaro )  
» Que naõ viraõ de là muito Donzellas. »

---

## H Y M N O D A S M U S A S .

Io triumpho , oh Vate , Io triumpho !  
Tam ditoso encetaste a árdua carreira ,  
Que vences os provéctos , e promettes  
Proézas máis preclaras.

( 5 )

Io triumpho, oh Vate, Io triumpho !  
Honra, e brazaõ da esclarecida próle ;  
Porás , primeira , no affadigoso monte ,  
Poética baliza.

Cheios de inveja , attonitos da empreza ,  
Todos os Souzas , em palreiras lettras ,  
Assentarão o insolito talento ,  
No Gentilicio livro.

Io triumpho, oh Vate , Io triumpho !  
Com respeitoso assombro là , da campa ,  
O Tio Embaixador òlha os teus versos.

Bons , — sem *massacre* , e *Egidio*. (1)

---

(1) Muitas cousas escrevem os Poétas, que alludem a acontecimentos, que nem todos conhecem. Este *massacre*, e este *Egydio* são desse lote. Eu sei a allusaõ; mas prometti segredo. — *Nota do Editor*.

---

O D E  
A O D E S P E I T O ,

DEDICADA

AOS QUE FALSAMENTE (1) SE CHAMAVAO  
MEUS AMIGOS.

---

O Cives, cives, quærenda pecunia primum est,  
Virtus post nummos. — *Horat. lib. 1, ep. 1.*

————— Omnis enim res  
Virtus, fama, decus, divina, humanaque pulchris  
Divitiis parent. — *Id. lib. 2. satyr. 3.*

---

**D**ivindade, que o templo teu sentaste  
Nos ultrajes do saõ merecimento,  
Na Amizade estragada, em seus devêres  
Tibios, ou naõ cumpridos:

---

(1) Vulgare amici nomen, sed rara est fides.  
*Phædr.*

Tu ; que dar sábes ( quando cumpre ) a força  
A' Razaõ provocada , e ressentida ,  
Tu me dicta palavras espinhadas  
De exprobrador conceito.

Ou, se com Jóve tanto váles , e ousas ,  
Tóma-me affouto em teus irados braços ,  
E transfere-me aos muros de Ulysséa ,  
Ao ninho meu Patérno.

Quéro de pórtta em pórtta , ir , a teu lado ,  
Envergonhar os Lares (1) esquecidos  
Dos desleaes amigos , da voluvel  
Fortuna companheiros.

Quéro apontar-lhe , aos rostos insensiveis ,

---

*Amicus res rara , quæ non alibi magis deest ,  
quam ubi creditur abundare. Atria hominibus  
plena sunt , amicis vacua. — Senec.*

(1) Os Deoses Lares tinhaõ ( para com os  
antigos ) cuidado , naõ só da Caza , e Donos  
della ; máis ainda dos que a ella, por direito de  
hospitalidade , e convivencia, lhe eraõ annexos.

(2) *Falsi amici sereno vitæ tempore præsto  
sunt ; simulatque adversam fortunam viderunt ,  
omnes avolant.*

*Autor ad Herenn.*

A viva tócha da Amizade pura ;  
E se inda do Devêr lhes pulsa o alento ,  
Ver-lhes córar as faces.

- « E podeis reclinar-vos saborosos ;
- » No grémio do prazer, e dos regalos ,
- » Debuxando na mente, em quadros nówos  
» Vindouras alegrías ? (1)
- » Em quanto o bom Filinto, em seu desterro ,
- » Cravado com punháes de agudas penas ,
- » Géme c'o dissabor, accurva ao pézo  
» Da perdida ventura ?
- » Elle enfermo, elle póbre , arcando em lotta
- » Com frios , fómes , québras da velhice ,
- » Vendo só nas carrancas do Futuro  
» Ameaças de Morte ?
- » Quando vós , empégados no superfluo ,
- » Deitáes a rôdo , pelas verdes bancas ,

---

(1) Consortium rerum omnium inter nos facit Amicitia ; nec secundi quisquam singulis est , nec adversi. In commune vivitur. Nec potest quisquam beate degere , qui se tantum intuetur, qui omnia ad utilitates suas convertit. Alteri vivas oportet , si vis tibi vivere. Omnia enim cum amico communia habebit , qui multa cum homine. — *Senec. ep. 48.*

- » Disperdícios culpados , que podéraõ  
» Erguê-lo do infortunio ! ...
- » Dispertái do descuido. Olhái o exemplo,  
» Que elle estampou nas almas desvalidas ,  
» Quando , com maviosa, occulta dextra ,  
» Lhes deu brando soccorro.
- » Sem esperar rubor de rôgo humilde ,  
» Foi préstes co' conselho , co' a abundancia;  
» Passos , valías disferindo activo ,  
» Homem humano a todos.
- » Amigos , que dos visos da Disgraça  
» Vibrar naõ vêdes o Celeste lume  
» Da Virtude , e da Honra ; e só quando arde  
» Em Candelabros de ouro ;
- » Adorai o dinheiro : que a Virtude  
» Desdenha adorações de baixos peitos ;  
» Tólhe , que o umbral Ingratidoês lhe cruzem ,  
» Ou fálhas na Amizade. (1)

---

(1) Anaxágoras determinou-se a morrer de fôrme , quando vio , que seu amigo , e alumno Pericles , que tudo podia em Athenas , se descuidou de acudir-lhe com o preciso. — *Tanto fortior* ( diz Seneca de tranquillitate vitæ ) *tanto felicior : hominis effugisti casus , livorem , morbum : existi è custodia : non tu dignus*



- » Pois que entregáes às mãos do Desemparo
  - » Um amigo fiel, teme o golpe
  - » Da Mórte irreparável. Vede-a préstes ,  
» Que vo-lo rouba , ... e o vinga. (1)
- 

*mala fortuna Diis visus es; sed indignus in quem jam aliquid fortuna posset.*

(1) Vieyra, no sermaõ dos pretendentes, pregado diante de ElRei, na Cappella Real, aconselha ao soldado, que bem-servio a Patria, que naõ lhe mostre mais as honradas cicatrizes, de que ella desviã ingratamente o rosto, por lhe naõ acudir com o premio: « *Mórra ... e vingue-se.....* » Que mais perde a Patria, que elle. Este *Mórra, e vingue-se* me pareceu sublime, sempre que o li. E muitos rasgos tam sublimes como este, encontraríamos nos nossos Classicos Portuguezes, se os indagassemos, como nas Naçoës estranhas o fazem os Doutos, nos seus autores, e como elles os assoalhássemos.

---

S O N E T T O.

---

Venus queixou-se a Jove que os mundanos  
Amavaõ o que amar é defendido ;  
Que negavaõ ao seu gentil Cupido  
Os cultos , e a valia os mãos humanos

Que as lisonjadas sallas dos Tyrannos  
Lhe roubavaõ o incenso a si devido ;  
Que as Riquezas, que o Mando appetecido  
Só eraõ Numes — Numes soberanos.

Mas Jove c'uns sorrisos amorosos  
A consolou : « Melhor que em outra era  
» Terás , oh Filha , cultos numerosos :

» A Divindade , que hoje em França impéra ,  
» Destruindo esses cultos viciosos ,  
» Toda em Venus servir, e amar se esméra.»

---

---

---

S O N E T T O,

M O T T E.

BELLEZA SINGULAR , E PEREGRINA.

---

**D**E marfim tranças , de carmim pestanas ,  
De evano as faces , de coral os dentes ,  
E os labios Lyrios : — pérolas pudentes  
Das fréstas do nariz pingaõ ufanas.

Rubis os ólhos , crespas flagranas  
De azul sovacos ; unem transparentes  
Saphyras os fendidos entrementes ,  
Das polpas, que c'o andar bambaõ maganas.

Eu , Poéta approundiz , busquei na schola ,  
Dos Méstraços pintura a mais divina ;  
Cada Méstre me deu a sua esmola.

Um deu ouro , outros pérolas , e a fina  
Gran , Lyrios , e rubis , que desenrola  
Belleza singular , e peregrina.

O ordinario dos retratos poéticos, feitos a senhoras, é metter nos versos muito rubi, muito ouro, muita perola, etc. etc. Ora a fina está em arruma-los. Um Mestração pinta *secundum artem*, um apprendiz lança as côres, como Deos o ajuda. È o mesmissimo que me succedeu nesta glossa. Se a Pessoainha, a quem ella foi dedicada, entende melhor o ponto, do que o Poeta, póde, de seu vagar, assentar o que achar mal applicado, no sitio, que melhor lhe conviér; e este retrato será entam igual, ou talvez melhor, que os outros, que por ahi andaõ.

---

---

---

## C A R T A.

Hoc maxime officii est, ut quisque magis opis indigeat, ita ei potissimum opitulari.

*Cicer. de offic. lib. 1. cap. 15.*

Et tant que quelqu'un manque du nécessaire, quel honnête homme a du superflu ?

*Rousseau, Nouvel. Héloïse.*

---

**D**e que vem. Mathevon, (1) que poucos hoje  
Tem lizo o coração ? tem a alma limpa  
De Ambição, de malévolas Invejas ? (2)

Nascêmos para amar, e ser amados ;  
Servindo, (3) ser-mos uteis (4) uns aós outros :

---

(1) O Senhor Antonio Mathevon de Curnieu.

(2) Invejas hà de tantas côres e feitios !

(3) En ce monde il se faut l'un l'autre secourir ;  
Il se faut entr'aider, c'est la loi de Nature.

*La Fontaine.*

(4) Périsset l'ame froide, insensible, stérile  
Que n'inflamma jamais le plaisir d'être utile.

*Dorat.*

**E o n'osso amor só jáz , e o bom serviço  
Nas doces fállas , no charéu cortéz.  
Que o Rancor lávra dentro , lávra a Astucia  
Para rasgar a fama , e a innocencia ,  
Para roubar os bens do cortejado.**

Quam poucos vi , no meu desastre duro ,  
Lastimar-me sincéros , dar-me alivio ,  
Com navioso seyo , amiga sombra !  
Os mais se deslebraraõ.... talvez fólgaõ  
Que os Satellites t'órvos da calumnia  
Me despójem.... dos ólhos seus arredem  
Um padrasto , que lhes travessa a vista ; ( 1 )  
Um exemplo daquella antiga , e rara  
Lealdadé , e Franqueza bem-feitora ,  
Que na alma , que no rosto bem parece ;  
Um refléxo sem mácula , e singélo  
Do saõ Merecimento , e san virtude ,  
Sem desdem , sem vanglória , — que reprende  
C'o puro obrar , as fé-perjuras ( 2 ) fállas  
Do vicio , do amor-proprio occulto , e torpe ,

---

(1) Invident ei , qui virtutem capere potuit,  
et inique ferunt id habere aliquem quod ipsi  
non habent. — *Lactanc.* 6. 4.

(2) Damiaõ de Goes , *Chronica d'ElRei D.  
Manoel.*

Que tanto com me vêr, se desprazia. ( 1 )  
Disséras , que os cortejos , e os protéstos  
( Douradura bem falsa de alma iniqua ! )  
Eraõ pérfida arãgem , que ajuntava  
Nuvens , e dàva forças à tormenta ,  
Que disparou depois com rayos , pédra  
No misero baixel , que navegava  
Descuidado , inexperto , em mar de leite ,  
Entre infidas voragens , e cachópos.

Ei-los contentes ! Derrubou-se a rócha  
Que aos olhos lhe empecia : desterrou-se  
A Lizura , que os peitos lhes cansava. ( 2 )

Como pódes tu vêr , tratar táes monstros  
Abrochados , de vêsgo engano cheios ,  
Tilheiros de traiçoës , vasos de infamia !

---

(1) Invidiæ præterea multitudinis , atque  
ob eas, benemeritorum sæpe civium expulsiones,  
calamitates, fugæ. — *Cicer. off. lib. 2. cap. 20.*

Urit enim fulgore suo , qui prægravat artes  
Infra se positas ; extinctus amabitur ipse.

*Horat. lib. 2. ep. 1.*

(2) Expedit enim vobis neminem videri bo-  
num ; quasi aliena virtus exprobratio delicto-  
rum vestrorum sit. — *Senec.*

Porque com névoa espessa, e feya sombra  
Deos encubrio dos homens mal-guardados  
O escuro Livro dos fatáes Destinos?  
Se uma hóra só, na vida, aos mortáes fosse  
Concedido o poder de abri-lo, e lê-lo;  
Eu só quizera, com lembrados ólhos  
Nas páginas vedadas lêr os nómes  
Dos amigos fieis, e os dos fingidos. —

Quando, as vélas soltando, a fóz do Tejo  
Já atrás de si deixáva o pio lenho,  
Que os Fadós meus, comigo carregava;  
Subindo à tólda, e o tres-noitado côrpo (1)  
Encostando ao debrum das amuradas,  
Para a fugiente Elysia os longos ólhos,  
Estendendo às moradas dos amigos,  
Comigo debuxava a saudade,  
Que lhes ansiava os peitos pezaróses;  
E pela minha dôr, media a sua.

Já dizia entre mim : « Agóra juntos,  
» O meu funésto cazo deplorando,  
» E os sobressaltos, e os bebidos sustos,  
» Se consólaõ, no meigo pensamento,  
» *Que às maós da Tyrannía, e inveja cruas,*

---

(1) Nos onze dias que estive homiziado, nunca o socego de spirito foi tam sobejo, que desse largas ao somno.



» *Salvou-se illésa a victima votada.* »

Da Virtude a Amizade e companheira;  
De si, como a Virtude é esteio, é prêmio:  
Opposta ao Vicio, como a luz às trevas,  
Não entra em corações, que o Vicio enfusca.  
E é chrysol da Amizade o Des-fortunio,  
Que as fezes do Interêsse apura, e queima.  
No lance estreito o Amigo sobre-sahe,  
Disfere o vigor da alma, expoem o peito  
Ao pelouro, que silva, a setta hervada,  
Por cubrir o, que jaz por terra pôsto,  
Charo amigo, que os tiros derribaraõ.  
Entam no rijo encontro, nos refregas,  
No assomo de acudir com força, e brãos  
Ao prostrado valor, aos gólpes dados  
Pela mão da ferrenha Desventura; —  
Entam o forte amigo, ao rijo assopro  
Que lhe espálha as quiétas, mudas cinzas,  
Lança a chamma de luz, que lhe dormia  
Nas brazas da feliz seguridade. (1)  
C'o rayo da Esperança bonançosa  
Córre, allumia, aquece, anima, espérta,  
Do desvalido amigo des-corçoado

---

(1) Vid. Addison *cato. Act. 2. scen. 4.*

The Gods, in bounty work up storms about us  
that give, ect. etc.

O lastimado peito escuro , e frio.

Táes no embate das ondas verde-negras  
Alastradas de escuma sonorós,  
De entre os horrendos roncós da tormenta,  
Que estála , que assovia , que ensurdece ,  
Se erguem , no irado mar , amigos lumes , (1)  
Que vão pouzar nas assustadas vérgas;  
Annuncio alegre aos marinheiros lassos ,  
Que fraquêa a borrasca , e céde em pouco  
O equoreo campo (2) à plácida bonança.

Oh dom do Céu, delícias dos humanos,  
Amizade Divina, as tuas chammas  
Ateia em corações virtuosos , limpos ,  
( Raros , por nosso mal , no esquivo mundo ! )  
Homens humanos , dignos de os prendêres  
Com regalado cinto de venturas :  
As opulentas mãos sobre elles véрте

---

(1) O Espírito santo lhe chamaõ os marinheiros;  
outros lhe chamaõ Santélmo.

Concidunt venti , fugiuntque nubes ,  
Et minax . . . . . ponto  
Unda recumbit.

*Horat. lib. 1. od. XII.*

(2) *Æquora campi.*

De almos, jucundos, fortunosos dias. (1)

Quando da Elysia os tectos alterosos,  
Co' a fuga do baixel, vaõ abatendo,  
E da alva Cynthia o pedregoso pico  
Apenas móstra, em mal-distincta sombra,  
A verde fralda de aspera espessura,  
Té que inteiro se esconde em roxas nuvens,  
Que o sol pintava, entrando saudoso  
No humido seyo do inquieto Oceão:  
Outra nuvem de lóbrega tristeza  
Os olhos me abafou desconsolados,  
E sobre o peito me pezou escura.

Entam, a mim tornádo, revolvía  
Todas as folhas da loquaz Memória,  
E com prazer intérrno repassava  
As fállas, as caricias da Amizade:  
Prazer puro, na sequidaõ da ausencia,  
Irmaõ da Saudade, e seu alivio;  
Prazer, que só deleita almas egrégias,  
Que em seus braços prendeu mutua Virtude.

Ateado no fogo, que ella sópra  
Nos peitos bem-formados, dignos délla,  
Tómo na alégre maõ a prompta pluma,  
E, na folha estendida, fiél lanço  
Rápidos nomes, que effioaz Lembrança

---

(1) *Amen ! amen !*

Em rondaõ de seus cóffres me entornava:

Aqui meu gôsto, sem-igual, pendia  
Da leitura das Cartas; das respostas  
Tecidas de recíprocas saudades,  
Comque enchesse da ausencia as hórass longas. (1)  
Que quadro tam formoso me eu pintava  
De constancia fiél, viváz lembrança!  
Que óbras me promettia generósas,  
Abonadoras dos sentidos peitos  
Dos Lusitanos Pilades, e Oréstes;  
Iguáes das abundósas esperanças,  
De que trazia o seyo inchado, e ricco!

Nésta doce Lisonja embelesado;  
Quando entrei em París, novo horisonte  
De bríllantes douradas ventoínhas  
Se me abrio ante os ólhos; e corádos  
Os gróssos véos do sobranceiro susto,  
Mais puro o ar, o Céu mais radioso,  
Se retratou à cubiçossa vista.  
Que é mui forçoso o encanto da Esperança,

---

(1) Quando eu escrevia estes versos; tinha ainda de baixo do borrador, a lista, que entam tracei mui cuidadoso, na firme esperança, que teria mais de duzentas pessoas, que me escrevessem. Vinte e seis amos há, que escrevi a lista, e outros tantos há, que me é inutil.

Quando vem refinado nas proméssas,  
E adubado de prosa lisonjeira.  
Por moéda de lei o tóma, e guarda,  
A Amizade, encostada em sancta crença  
D'um innocente coração singelo,  
Limpo de ambiçiosa, tórpe nódoa,  
Que por génio óbra bem, e bem espéra.

Ah! quanto em meu conceito erreio prumo ! (1)

Quanto aqui descontei do largo sonho,  
Que acordado tracei na mente ingénua!  
Que mal dos homens conhecia o peito  
Avarento, esquecido, refochado,  
Quando, por este meu, os seus medía!

Entam sondei ao justo a differença,  
Que córre entre a Esperança lisongeira,  
E o tardo Obrar, esquivo, e descontente.

Sim, Mathevon, a tárda Experiencia,  
Quando, c'o dêdo mostrador, me aponta  
As gravadas figuras do passado,  
Me inteira bem da sua vera effigie.

Vejo o nosso Esperar, como um Menino  
Mui formoso, mui louro, e boqui-rubio,  
Borbotando assomados appetites;

---

(1) Pro superi ! quantum mortalia pectora cæcæ  
Noctis habent !

*Ovid. Met. 6. v. 472.*

Nada tem por defêso , nem custoso ;  
Quanto c'os olhos cerca , audáz cubiça ,  
E a abrange-lo c'os braços prompto acóde.  
Dá-lhe uma canna : ufano cavalleiro ,  
Vai campeando airoso , e se contenta  
Dos regos , que lavrou pela poeira.  
Pendurado do altivo papagayo ,  
( Senhor dos áres , precursor dos Globos ! ) ( 1 )  
De vê-lo remontar tem regozijo ,  
Entam lhe sólta mais folgadas rédeas ,  
Por que se entranhe pelas cégas nuvens ,  
E em perdê-lo de vista se recreia .

Naõ assim nosso Obrar . Pintaõ-no um Vêlho  
De alva melêna raro-semeada ,  
Que ronceiro , e pezado tira a rojo  
Ora uma perna ressequida , ora outra ;  
Curvo o côrpo , e em molêtas derreado ,  
Traz perdida a vontade , os ólhos turvos ,  
Frôxas as mãos , gelâdos os sentidos ;

---

( 1 ) E' certo que ninguem preconizou aos homens , que algum dia peregrinariaõ pelos ares . Toda via já os papagayos lhes tinhaõ apontado o caminho ; assim elles attentassem bem no módo , com que o ar sustentava materias mais pezadas que elle . Mas o acazo ensinou sempre aos homens , o que as Universidades ignoravaõ .

Sóbe um monte empinado , pedregoso ,  
De intrincado sylvédo abastecido ,  
Para ir colhêr das pontas dos pinheiros  
Duro , mesquinho , aperreado fructo.

E como bem senti quanto discórdã  
Esperanças , e Obras ! Quanto amárgo  
Me verteu pelo seyo esta Experiencia ,  
Quando , assaktado de improvísos gólpes  
Do pungente pezar desmerécido ,  
Envidou contra mim a Sorte crua ,  
De suas iras a atraçoada força !

Bem poucos dos Amigos se lembrãrãõ ,  
Que desterrado em França éra Filinto ;  
A quem , quando presente , e venturoso  
Protestaraõ sincéros pensamentos.  
Poucos que ( em rãra escripta ) breve prazo  
Delle buscaraõ desleixadas novas :  
Os mais... ( Nem que o miserrimo Filinto  
Das crúas Parcas fora já despojo )  
A Amizade enterraraõ com a Ausencia ,  
Na mesma deslemburada sepultura.

Viraõ com sêccos ólhos , — e com surdas  
Orêlhas despiedosos escutaraõ ,  
Que um innocente amigo , alvo das sétas  
Da Inveja pertinaz , e do Odio injusto ,  
N'um tam prolixo hynverno (1) rigoroso ,

---

( 1 ) Naõ há memoria que se sentisse em

Vazia a bolsa , a guardaroupa nua ;  
Passou , sem lume , as noites desbaridas ,  
E os dias com mesquinhos alimentos ,  
De acerbíssimas lágrimas molhados.  
Homens ingratos , infieis amigos  
Soubéraõ com desdem — mãis que descuido ,  
Que sobre as minhas câns desamparadas  
Rodou tres lustros o tardio Tempo  
O carro de pezados infortunios ;  
Que fome , e frio , e roedor Cuidado ,  
Desdouro , e desvalidas esquivanças  
Foraõ manjar usado em meu desterro. (1)  
Viraõ — e ouviraõ — Mathevon honrado ,  
Este fio tam longo de desdítas , (2)

---

Paris tam rigoroso frio. Publicas saõ as desgraças , e mortes , que elle causou ; e sinalou o Thermómetro 18 grãos abaixo do gelo.

(1) *Is locus officio, cum cessant prospera, cumque  
Dura ad opem Fortuna vocat. Nam læta fovere  
Haudquaquam magnanimi est decus.*

*Sil. Ital. lib. XI. vers. 167.*

(2) *En ego non paucis quondam munitus amicis  
Dum flavit velis aura secunda meis,  
Ut fera nimborum tremuerunt æquora ventis  
In mediis lacera nave relinquer aquis.*

*Ovid. de Ponto. lib. 2. eleg. 3.*



Sem dar um passo, sem crear no peito  
Um só desejo de amansar o rijo  
Tezaõ da minha estrella deshumana. (1)  
Nem que eu, de homens, e Numes execrado,  
Sanguento malfeitor, facinoroso  
Roubára aos Cidadoës os bens, e a vida,  
E os óssos de meus Pães aos caës lançára!  
Dái credito aos cortejos, às proméssas,  
A lisonjeiras, cavillosas fállas  
De amigos, sobre ingratos, esquecidos!  
A vossa ingraticidaõ, feyo desprezo  
Apenas que eu a sinto, ou que eu o alcanço  
Gravados na lembrança vingativa,  
Quizéra ser remórso, e a cada instante  
Morder-vos da alma as bárbaras medullas;  
Que, nem de abutres esfaimados, Ticio  
Devorado no inferno, padecesse  
Intima dôr igual ao cru remórso.  
Amigos infieis, e ousáes sem pejo  
Profanos proferir o sacro-sancto  
Nome da fidelissima Amizade?  
Envergonhai vos! — Se ella as alvas nuvens  
Rasgando, aqui baixasse a criminar-vos....

---

(1) Oh quantum caliginis mentibus humanis  
objecit magna felicitas!

*Senec. de brevit. vitae.*

Cuido , que ouço bater ázas de Génios  
Nas campinas dos ares , e de entre elles ,  
Descer à terra o Numen da Amizade....  
Cuido , que ouço romper-lhe a vóz do peito ,  
E ultrajada de vós , de vós queixar-se ,  
Exprobrando esse duro esquecimento :

« Já da Memória vos cahio Filiato ,  
» Aquelle , a quem chamaveis *charo amigo* ,  
» Sincero observador de meus preceitos ,  
» Objecto de cortezes rendimentos ,  
» De festejos annuaes , em quanto a áura  
» Lhe soprouda Ventura; que hoje (oh infamia!)  
» Objecto é de descuido, e desamparo ;  
» C'os bens que ahi perdeu , perdeu amigos? (1)  
» Acazo esperaes vós , que venha a Mórte (2)  
» ( Que a tristeza lhe appressaõ, lhe aguilhoaõ )  
» Cortar-lhe com a fria fouce o laço  
» De maviosos dias malogrados ; (3)

---

(1) Tendo respeito só a vivo interesse  
Inclinação perversa dentro escondem  
Nos peitos attéstados de malicia ;  
Amigos mostraõ ser nas apparencias.

*Naufr. do Sepulveda. Cant. 2.*

(2) Heu nefas !  
Virtutem incolumem odimus ,  
Sublatam ex oculis quærimus invidi.

*Horat. lib. 4. od. 24.*

- » Para acudir-lhe com tardio amparo ;
- » Como ao Vate Camoës , já n'outras éras ,
- » Ingratos a deshóras accorreraõ ?
  - » Como tendes de o pór sobre as estrellas ,
  - » Quando morto de angustia e de miseria ,
  - » Do pezo do socorro vos descargue ?
  - » Como haveis , entre os gâbos da Amizade ,
  - » Mostrar , na mão ufana , a Ode impressa ,
  - » Com que decóra o vosso ingrato nome ! —
  - » E vivo — ( oh ingratidaõ ! ) não teve abrigo !
    - » Erguei ólhos aos meus altares puros ,
    - » Onde as amigas leis estaõ sculpidas ;
    - » Lêde o desdouro vil , as sévas penas ,
    - » Que ameaçaõ a Amigos negligentes ;
    - » Meditai figurados os exêmplos ;
    - » Pelas parêdes de meu Templo illustre.
    - » Aqui por seu Oréstes aventura
    - » O seu amigo , a todo o custo , a vida :
    - » Alli Theseo , por outro amigo , desce
    - » Do Inferno as profundezas temerosas....
      - » Quanto efficazes sempre , quanto activos
      - » Vos devêra encontrar o desditoso !
      - » Sempre abértas as mãos ; abérto o peito ;
      - » Ellas para aparar no broquel de ouro
      - » As sétas da Pobreza , e da Disgraça
      - » Que ao saõ Merecimento o Odio atira ;
      - » Este para acolher com meigo affago ,
      - » A dôr , o pezadume do affligido....
        - » Amigos insensiveis , animai-vos ;

» A' férvida Amizade abri o seyo ,  
» Té qui cerrado com ferrenhas pórtas ,  
» De quem Philáucia torpe as chaves guarda.  
» Imitai os dous (1) unicos amigos ,  
» Que hoje de tantos , tam promettedores ,  
» Fiéis consérva ; a quem com toda a ira  
» De sua atróz , e negra catadura ,  
» Naõ pôde affugentar iniqua estrella.  
» Por elles poem Filinto , noite e dia ,  
» Nas áras de meu Templo , agradecido ,  
» Sagrados vótos de perenne affécto ;  
» Porque lhe sejaõ táes no curso escasso  
» Dos dias , que cansados mal-espéra ,  
» Quáes téqui os seutio , leáes e honrados ,  
» Nas improbas refrégas do Infortunio. »  
Naõ póssó mais. (2) — O frio as mãos me géla ,  
E poem atalho ao despenhado ríó ,  
Que da alma despeitoso se despenha

---

(1) Vix duo vel tres de tot superestis amici  
Cætera Fortunæ , non mea turba fuit.

*Ovid. trist. lib. 1. eleg. 4.*

(2) A Amizade ainda ía com a ladainha por  
diante : mais eu fiz-me surdo , e metti as mãos  
debaixo dos braços. — *Apaga ! Crescéríã a Carta ,*  
*além da medida de S. Christovão,*

Naõ t'o encarêço : o frêo é desmedido ;  
O vento cõrta a càra , e pìca no ôsso ;  
Branços os tectos , brancas as campinas ,  
Saõ as rûas um gêlo , o rio é estrada ,  
É práça , é cõrro de homens , de carrõças. (1)  
Como novo Moysés , a pé enchuto ,  
D'uma à outra ribeira atravessado ,  
Deixo , com secco passo , o duro Sêna ,  
Mais que o mar rôxo nomeado , e visto.  
E tu poderás crêr , que me alvejava  
Nas pestanas , e embaço do capõte ;  
O bafo , que recûa ao desferido  
Açoute do Nordêste arrepiado ?  
Ainda agõra ao pé de dous tiçoês ,  
Que se bejaõ na mórna cheminé ,  
C'os engelhados dêdos , que sacudo ;  
Que es'régo uns pelos outros , por que aqueçaõ ;  
A maõ entorpecida traça a troncos  
Éstas barbaras linhas , e c'o pállido ,

---

(1) Diante de mim , quando o atravesssei , ãa  
uma berlinda com um Bispo dentro , e atraz  
della um carro de pipas de vinho ; estava o gelo  
tam duro por baixo , como uma pederneira , e  
por cima c'o rodar das carruagens esmiudava-  
se em poeira.

C'o mal-tépido sópro, a tinta preza,  
Na inérte pluma descóalho, e sólto.

---

Amigos meus me affirmaõ que grangeei com a minha Carta à cerca da pureza da nossa lingua, muitos inimigos. Naõ o posso erer. Eu achei ridiculo que quatro Tarclos, porque se enlabuzaraõ no Francez, mettaõ à queima-roupa, phrazes d'um idioma, que elles entendem mal, n'uma lingua como a Portugueza, derivada da latina, onde phrazes tães nem a murros entraõ. Virem-me dizer que Doutos Jurisconsultos, eloquentes Pregadores, elegantes Cortezaõs se amuàraõ comigo, é dar-me a ler o dictado de — *quem se queima àlhos come* — E' possivel que esses Senhores ignorem, que para o officio, que tem, é principal encargo saber bema propria lingua, se naõ querem que os que a apprenderaõ, delles zombem?

*Sans la langue, en un mot, l'Auteur le plus divin  
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écri-  
( vain.*

Deveraõ por seu bem callar-se, engolir a pirola, estudar os Clássicos, e fallar depois como compete ao seu estado; — agradecer-me o aviso, em vez de se amuarem, e dar exemplo aos outros, para que nos entendamos todos.

---

IN BRITANNOS  
BELLA RENOVANTES,

ANNO XI ( 1803 ),

CARMEN.

---

Facit INDIGNATIO versum.

**L**EGES Juraque proterat,  
Obscœnoque Fidem posthabeat lucro, et  
Turpi Justitiam utili!  
Et quœcunque ferat non satiabilem  
Auri atque imperii sitim!  
Et clamet licitum quod libuit nefas!  
Jactet se dominum œquoris  
**MERCATOR POPULUS**, nuper atrocium  
Bellorum et scelerum artifex!  
Ille et gemmiferæ regna Mesoliæ,  
Et quas Sol oriens videt,  
Et quas occiduus Sol videt insulas;  
Extremumque nocentiùs

O D E

T R A D U Z I D A .

---

**L**EIS, e direitos pize ,  
Posponha ao torpe lucro a fé ; o honesto  
Por uteis vis quebrante ;  
Léve a todo Orbe a sêde insaciavel  
De ouro , de predomínio ;  
Clame licito o mal , se é seu capricho ;  
Senhor do mar se ufane  
**MERCANTIL POVO** , artifice de atrózes  
Guérras , e infames feitos.  
De Missoure gemmi-fera as provincias  
E as ilhas , que nascendo  
Vê o sol , e as que vê , quando vái por-se ,  
E mais culpado o Ganges

\*



Gangem divitibus junxerit insulis !  
Orbisque arbiter impudens ,  
Terras undivagis classibus ambiat ,  
PRAEDATOR temerarius ! . . .  
At quis Castaliis acrior haustibus  
Mentem corripnit calor ?  
Et quò proripiet me rapidi parens  
INDIGNATIO carminis ?  
Plerumque est avidis exitio fames :  
Damno Nequitia est sibi ;  
Causaque immodicis proximus imminet.  
Oderunt Superi impias  
Vires : quæque humiles prætereunt casas  
Turrim nubibus æmulam ,  
Magno cum sonitu , fulgura proruunt :  
In tuto salices virent ;  
Celsas dejiciunt flamina fraxinos.  
Virtus quas bene temperat  
Vires ulterius Dî quoque promovent :  
Qui mundi gelidum latus  
Regnator tenet , hinc et mare Caspium , hinc  
Curvi littora Baltici ;  
Et quæ non-humilis rura Borysthenes ,  
Et quæ Vistula præfluit ;  
Dum leni populos arbitrio reget ,  
Pacis cultor et Artium ,  
Præsens ille suis Divus habebitur.  
Blandus Te quoque , Gallia ,  
Crescentem placido lumine respicit .

Lá remoto, junte inda às ilhas ricas ;  
Arbitro des-carado  
Com undivagas frótas o Orbe abranja  
Temerario PIRATA.....  
Com que pungente ardor Castalios sôrvos  
A Mente me arrebatãõ ?  
Onde me impelles, Mãe de versos rápidos ,  
Oh INDIGNAÇÃO ! A miúdo  
Sólta a fome ruína a Cubiçosos ;  
E o mal é a si n civo :  
E se módo não tens, tens péto a quêda.  
Nunes tem odio às forças  
Impias : rayos , que as chóças humilhadas  
Perpassãõ , vaõ com ruido  
Alluir a torre, que co' as nuvens róça :  
Verdeja a silva, e zomba  
Dos sôpros, que altos freixos desarraigaõ :  
E os Deoses favoneãõ  
As forças , que a Virtude bem governa.  
Esse que em plagas frias  
Do mundo impera, em Caspio mar, em Prayas  
Do baltico encurvado ,  
Em Campos, que o Corysthenes soberbo ,  
E o Vistula discorrem ;  
Regendo os póvos seus com brando aceno ,  
Da paz honrando as artes ,  
Te-lo-hãõ por Divo os seus , aos seus presente-  
Tambem com meigos olhos  
Te vê medrar benigno , oh França , Jove

Cœli ex arce Diespiter :  
Adsit Mæoniâ qui celebret tubâ  
Victis gentibus additum  
Albim , et versa retrò , viribus integris ,  
Nullis cædibus agmina ;  
Insanique DUCIS præcipitem fugam :  
Adsit qui Calabrâ fide  
Dementesque minas , ultimaque ebrîæ  
Dicat fata Britannîæ.....  
Ingens cura Deûm , Tu Juvenis , novi  
Tutela imperii et decus ;  
Tu vir Marte potens , pace potentior ,  
( Oh ! sis usque potens tui. )  
Te qualem Assyrii littoris incola , et  
Tellus inclyta Memnonis ;  
Et qui Danubium , quique Tybrim , et nives  
Volventem Eridanum bibunt ;  
Talem Te aspiciet qui Thamesim bibit.  
Hydræ colla tumentia  
Contundes opibus Herculeis : Tuæ  
Quid non efficient manus  
Quas armat duplici Gallia fulmine ,  
Tanto non operi impares ,  
Quod seris recinat Fama nepotibus.

---

De seu Celeste alcaçar.

Haja quem cante na Meonia Tuba

O Albis junto aos vencidos

Rios ; sem perder forças , perder sangue

Retirados exércitos ,

Do insano Cabo a despenhada fuga.

Haja uma Lyra Ausonia

Que ameaços loucos diga , e ultimos fados

Da attontada Britannia . . .

Graõ disvello dos Numes , honra , e amparo

Do novo imperio , oh Joven ,

Grande , qual Marte , em guerra , em paz mais

( Oh grande a ti te venças ! ) ( grande

Qual te vio de Memnon a terra illustre ,

E o que ára Assyrias margens ,

O que o Tibre , o Danubio bebe , e o Pado ,

Que os gelos vai volvendo ,

Tal te verá quem bebe ondas do Thamesis.

Tens de esmagar dessa hydra

A tumida cerviz , com planta Herculea.

Que não cumprirão essas

Maõs , que arma a França com dobrado rayo ?

Maõs cabáes para o feito ,

Que a Fama há de cantar aos tardos nétos.



## SONETTO.

---

VI, que cansado de frechar, um dia  
Cupido, sobre a rélva reclinado,  
N'um sêcco esgalho o cóldre pendurado,  
Contente do amplo estrago alto-dormia.

Vi, que Élia astuta, c'um listaõ, prendia  
Ambos os pulsos do Rapáz vendado :  
Arco, e fârhoes no joélho re curvado  
Quebrava, e a venda em tiras lhe fazia.

Acórda Amor; e — « Oh Elia, que fizeste ?  
» Eut'as levava, as armas, que quebraste,  
» Findoo sommo, que incáuta me rompeste.

» Sabe, que néssa venda, que rasgaste,  
» Librava o meu poder, tu m'ó tolheste ;  
» Mas de vencer os Numes te privaste. »

## O D E

Ao feliz nascimento do Real Infante, conseguido  
pela Intercessão de S. Antonio de Padua,  
nosso Patricio.

*Jubilemus Deo.*

---

1.

**A**GÓRA, que da estragadora guérria  
Cessa o sanguineo brado,  
E já desassustado,  
Fende o cultor, com manso arado, a terra;

2.

Quando farto de brigas Marte ocioso  
Nas parédes pendura  
A rútila (1) armadura,  
E o broquel gotejando sanguinoso,

---

(1) *Horat. lib. 1. Od. 6.*

( 40 )

3.

Quando , a frente cingindo co' a oliveira,  
Désce a Paz suspirada  
Da supérna pouzada ,  
E nos amostra a face prazenteira :

4.

Agóra, oh lyra de ouro , o dom, que houvéste  
Das Filhas da Memoria ,  
Vem desparzir com gloria  
Neste Hymno mais que humano, antes celeste.

5.

Por longo tempo a dôr te soffreu muda ;  
Mas hoje a canto altivo  
Te chama grao motivo ;  
Sê nobre , déspe os sons de lyra ruda.

6.

Ouçate o Ganges, ouça-te, do Sena ,  
O Téjo triumphante ;  
Sobre as ondas levante ,  
De limos coroadá, a azul melena.

7.

Bafeja este Hymno , oh Numen da harmonia ,  
Que com o assumpto iguale :  
Deosas do sacro valle ,  
Soprai-me illustres sons de gran valia.

8.

Lávre em meu peito o ardor desse Thebano  
Que os animos roubava ,  
Que as faces descorava  
Dos émulos , quando soltava ufano

9.

Cadencias de lei sóltas ; a Hyppocrene  
Nas veyas me discorra ;  
E a pura inveja morra  
O mesquinho , que os vóos meus condemne.

10.

Jà cheio de furor , rasgando os ares ,  
Vou transpondo as fronteiras ;  
Nas terras estrangeiras  
Aponto o fito , e nos remótos mares.



11.

Por onde quér que lanço a aguda vista  
Vejo a Patria estampada ;  
Na adusta , e temperada  
Zona , os padroës me clamaõ da conquista.

12.

Oh saudosas lembranças , quanto honrosas !  
Os feitos Portuguezes  
Dos Nunos , dos Menezes  
Saõ flores do valor , sempre viçosas.

13.

Nem pode com a fouce destruidora  
Inda o Tempo corta-los ;  
Inda ouço memora-los  
Mouros, Indios, que vem mais cedo a Aurora.

14.

Là vos ergueis de escuro monumento ,  
Magnanimos Guerreiros ,  
Maduros Conselheiros  
Para ver este dia de contento.

( 43 )

15.

Albuquérquer terrível, que assentaste  
Valeroso, prudente  
Em Goa, o prehemimente  
Sòlio do imperio Indiano, que fundaste;

16.

Vós Castros, Ataydes, e Bragança,  
Do sangue que vertesteis,  
Das leis, que aos Póvos désteis  
A gloria ao Reino, aos Lusos Reis alcança;

17.

As riquezas, que as ondas accurvaraõ  
Do Soberano Tejo,  
São preço não-sobejo  
De braços, que batalhas não cansaraõ;

18.

As, vassallagens de Orientaes Imperios,  
Muita Asia a Christo, dada  
Vértem da lidã honrada,  
Com que dáes aos Pagaõs da Cruz mysterios.

19.

Vós pelejando , vós as leis trazendo  
A's gentes que vencieis,  
As Ordens bem cumprieis  
Fiéis , ao Rei fiel obedecendo.

20.

Que sempre os Lusos Reis transumptos foraõ  
Da Christan Lealdade ;  
A Justiça , a Bondade  
Delles aos Nétos vem , nos Nétos móraõ.

21.

Contemplai neste Ramo florescente ,  
Neste Principe Augusto  
Um Páe benigno , e justo ,  
Que a guérra ao pôvo evita , em paz contente.

22.

Alhanái-vos , caminhos des-campados  
Do Templo de Memoria.  
Com virtude notoria  
João vos trilha a passos denodados.

( 45 )

23.

Já publico o lá poz com justo affecto  
Em bronzes esculpido  
O povo agradecido  
E lá tem seu lugar quando provecto.

24.

Confirmarãõ gostosos os vindouros  
Este abono avançado :  
Merece ser louvado  
Quem nos faz beneficios duradouros.

25.

O Céu o vê propicio : e Deos envia  
Seus Anjos protectores  
Velar Reis bemfeitores ,  
A quem Religiaõ , sérve de guia.

26.

Do Céu com dextra pródiga derrama  
Bençoës da alta ventura;  
Com graças assegura  
A Dita destes Reinos , que tanto ama.

( 46 )

27.

Penhor de sua graça poderosa ,  
É o Régio novo Infante ,  
Que elle ao rôgo incessante  
Concedeu de Joaõ , da Real Esposa.

28.

Vinde , oh Sanctos Ministros dos altares ,  
Prostrar vos reverentes ;  
Vinde , piadosas gentes ,  
Por tal dom lhe dáí graças a milhares.

29.

Tambem as dáí com affeição devóta  
A Antonio glorioso ,  
Sancto de Deos mimoso ,  
Que os thesouros do Céu por nos esgóta.

30.

Sim , que d'um tal patricio nos honramos  
Nós todos Portuguezes ;  
De Vós , que quantas vezes  
Perdêmos , o perdido em Vós achamos.

( 47 )

31.

Vós este Infante , a Deos intercedendo ,  
Aos Pães benigno o destes ;  
Das mãos de Deos o houvestes ,  
Que a Dita nos dará , por Deos vivendo .

32.

Infante de benção serás traslado  
Da charidade acceza  
Dessa esmolér Princeza ,  
Quando as Virtudes lhe hajas copiado .

33.

Verás , oh Povo Luso venturoso ,  
Quanto elle ao Páe imita ;  
Quanto à virtude o incita  
O exemplo de seu Páe tam virtuoso .

34.

Como elle serás sabio no Conselho ,  
Firme na fé sagrada ;  
Na alma ao bem inclinada  
Serás moço no ardor , nas obras vélho .

( 48 )

35.

A's Sciencias darás , e às Artes nóbres  
Como teu Páe amparo ;  
Serás do mal reparo ,  
Alívio de Viúvas , Páe de Póbres.

36.

Musa , a quem hoje o assumpto sanctifica ,  
Só canta d'óra em diante  
A Princeza constante ,  
E o Principe , que a Antonio se dedica.

37.

E aos Principes , e a Antonio péde , e implora  
Te valhaõ no desterro ,  
Aonde izento de erro  
Na fé , Filinto póbre sóffre , e chóra.

F I M.

---

---

# MOLHADURA

## DE CERTA OBRINHA. (\*)

---

...Barb'rous nations, and most barb'rous times  
Debas'd the maiesty of verse to rhimes.

Maudit soit le premier dont la verve insensée  
.....  
Voulut avec la rime enchaîner la raison.

*Boileau.*

Maldito consoante a quanto obrigas,  
Que fazes serem brancas as formigas!

---

**A**FFIGURAI-VOS um possante Váte,  
Que (naõ como quem busca, ou quem reflecte)  
Hardido corre, vóa, ségue, alcança,  
Nunca em seu vôo affrouxa; e se por caso

---

(\*) Muitos annos depois de correrem por esse mundo algumas trovas minhas, que primeiras imprimi, me veio à mão uma Satyra contra ellas, e o Amigo que m'a deu, nunca me quiz nomear a pessoa, que a fez, sómente me disse



Saiz da sphèra descer, lógo atrevido  
 Fórça as azas, e no Olympo as plantas pouza.  
 Nos ouvidos lhe trôa a voz de Apollo,  
 Que o chama; a que elle acòde, como a flécha,

---

(rindo) que a fizera uma mulher, e que a emendara um frade; que a mulher era velha, e tinha cara de Bruxa, e que o frade era de corôa, porém leigo. Não fiz entam caso algum da Satyra, nem da vélha, nem do frade: porque a *minha gorda Pachorra amiga vélha* me aconselhou sempre, que desprezasse todo o papél satyrico: alem de que tive por máxima usual, que o melhór mòdo de responder a sátyras é envidar todo o engenho, em dar obras menos imperfeitas. Um Amigo porém, de quem eu respeito muito as advertencias, me intimou, que não para responder à Sàtyra, mas para desabusar os que todo o merecimento poético julgão nullo, se lhe fallece a rima (principal pédrada, que me atira a tal Satyra) devia eu dizer o que sentia na matéria. Peguei na penna, e sahio isso, que ahi vai. Não é com tudo minha intenção offender ninguem: e affirmo que se soubera o nome de quem me satyrisou, não o derreara c'ò tal papél, e deixaria passar esse destempêro, como mil outros, que me tem vindo à noticia.

Bem disparada do arco, no alvo fere:  
Ora, coberto de poeira honrosa, (1)  
Do Laurifero Pindo baixa opimo,  
C'os despojos vocaes de Hymnos eternos,  
Com que o virtuoso amor da Patria c'roa.

Ey-lo que assento as Musas lhe franqueaõ  
No veloz carro; e eis que elle estende a dextra  
Acenando, co'a palma triumphante,  
Ao forte vencedor, que os inimigos  
Do Rei, da Patria destruiu com arte;  
Ao sapiente Juiz, que insubornavel  
Fécha à calumnia a peçonhenta bôcca,  
Doma a cerviz do maculoso vicio. (2)

Seus versos astros são, que a luz espalhaõ,  
Nos longinguos vindouros, penetrando  
Pelas sombras do Tempo esquivo, e cégo.  
Seus Cantos battem ázas, que os remontaõ  
Pela amplidaõ ethérea, e que os remessaõ  
D'um Pólo ao outro Pólo — des-medrosos  
Da Invéja, ou já do jugo de Pedantes.

Rompendo assim as nuvens, ólhos fitos  
No Olympo reluzente, ou já nas folhas  
Do austéro Fado, em que gravados jazem

---

(1) Non indecoro pulvere sordidum.

*Horat. lib. 2, od. 4.*

(2) Maculosum edomuit nefas.

*Horat.*

Da Éra vindóura incógnitos successos,  
 Acaso cuida o desenvolto Váte,  
 Que há no mundó uma velha Philaminta,  
 Que só conhece os versos, quando arrastaõ  
 Por rabo-léva, aguados consoantes? (1)

Maldito consoante, ensósso filho  
 Do bastardo saber presumptuoso,  
 Ind'-hoje por Poetastros perfilhado,  
 Para aleijado espéque de más tróvas,  
 Para entuffar Sonetto campanudo,  
 Ou d'um Outeiro a Décima rançosa.

Como sua, e tres-sua o triste Orate,  
 Quando teimosa, oh Rima, lhe escoucinhas  
 No peccante toutiço ammartellado!

(1) Los que introduxeron en el mundo poe-  
 tico la preversa secta de las rimas, ó de  
 los consonantes, que con su cola de dragon  
 arrastrò traz de si la tercera parte de las  
 estrellas, quiero decir, que ha sido la per-  
 dicion de tantos nobles ingenios, los quales  
 hubieron enriquecido à la posteridad con mil  
 Divindades; y por estos consonantes ( Dios  
 me lo perdone ) felizmente ignorados de toda  
 la antiguedad, la dexaron un tesoro inego-  
 table de pobrezas, de impropriedades, y de  
 ripios iusufribles.

*Histor. de Fr. Gerund. pag. mihi 162.*

Quantas penas forrara, quanto enojo,  
 Com mandar à tabûa a Rima arisca,  
 Com gastar o espedicio dessas hórâs,  
 Em bons versos, que soltos brilhariaõ!  
 Porque não dispendeu proficuo o tempo  
 Em traçar tal ficção com gosto puro,  
 Em sôlto verso, que contente os sabios,  
 Pela valente, e bem polida phraze?

Vi eu Poéta, obediente à Rima,  
 (Que com elle jogava as escondidas)  
 Dar maior torcedor ao pôbre engenho,  
 Que não dá trátos pícaro Alfayate  
 Ao panno escasso, co'a fiél medida,  
 Quando arma a surripiar ou manga, ou nêsga,  
 Sem que o Dono o perçeba, o talhe o sinta.  
 Digaõ que usou Camoês, que usou Bernardes,  
 E Ferreira, e Caminha, e tanta gente  
 Pôr, nas fraldas do verso, esses cadilhos  
 Pendurados; — que em Odes muito guapas  
 Do Diniz, do Garção campão colleiras  
 Mui garridas de chocalheiros guizos, —  
 Que eu direi, que os não louvo, nem reprendo.  
 Se esses Poétas bons, que eu amo, e estimo,  
 Inda, máo grado seu, grudaõ a rima  
 A bons versos, quem sabe se assim usaõ  
 Por ameigar, co' éssa lisonja, ouvidos  
 Estragados; ou se é que pôz a penna,  
 Chocalhinhos no verso, affeita, há muito,

De usança antiga, a consonos badalos; (1)  
E por irem co'as turbas; ou por pejo,  
(Pejo máo!) que Tarêlos, que Mulhéres  
Lhe arguaõ não ter pôsses consoanteiras.  
Alguns há, que talvez poem, sem resguardo,  
(Tal já me succedeu) algumas rimas, (2)

---

(1) Rimas, que não são para comparar com as de que falla a Gazetta de Lisboa de 9 de Mayo de 1795, quando diz: « Alli foraõ *cantadas* em verso *sublime* por alguns dos *Generaes*, não somente aquellas virtudes das familias reaes *Fidelissima*, e *Catholica*, que excitaõ o amor dos seus vassallos; mas tambem o valor daquelles que derramaraõ o seu sangue para sustentar os *attributos d'onde emana a felicidade dos Povos..* »

(2) Muito poderosa é a forza do exemplo! Os nossos vélhos, fundados na experiencia, o consignaraõ assim no Proverbio, que diz: « A raposa vái pela vinha, por onde vái a Mãe, vái a Filha. Ora eu fui testemunha do exemplo seguinte, que não vem no Báculo Pastoral. Um filho d'uma cristalleira minha vizinha (morava eu entam na rua dos Mercadores, por de traz da rua nóva dos ferros, ruas que lá se perderaõ em Lisboa, com o

Que imprevistas; e esconças lhe escaparaõ.  
 Que assim vái a Devóta, ( em companhia  
 Da comadre, ou vizinha, a vida alheia  
 Des-cosendo, e trincando ) uma traz outra,  
 Passando as contas do usual Rosario,  
 Sem cuidar, que convérsa, e que não réza.

« Tu fallas contra o bello consoante (1)

---

Calçado vélho, Matta-pórcos, etc. etc. Tudo o bom se perde! ) Tinha um gattinho, a quem elle chamava o *Bidaiquinho*. O triste gátto, de mui manso que elle éra, deixava fazer ao rapaz, ( que hoje é Padre, e se chama A. J. G. ) quantas judiarias lhe vinhaõ à vontade. Este rapaz, pelo uso que tinha de ver as ajudas, que a Mãe deitava a quantos se serviaõ do seu préstimo, tantas ajudas de agua fria deitou ao gátto, que este morreu empiemático. Que talvez que inda hoje vivera, se a Mãe do tal rapaz não fora cristalleira.

(1) Assim me arguio já Dona Fufia de Rebi-que, e Barambazes, n'uma Satyra, que fez, contra os primeiros versos que imprimi; à qual ella ( por maganice, ou por esturdia ) poz o titulo de Apologia. Cá a tenho na gavêta, com as notas margináes, que lhe ajuntou o senhor Clemente de Oliveira e Bastos. Talvez que um dia lh'a remetta.

( Me diz dalli mui lépido um Peralta )

» Porque veja não tens ; não tens nos cascos

» Cabedal de Poéta ; e co' essa prósa

» Mal-amanhada , que alcunhaste VERSOS ,

» Nos desgostas da rima , que não trincas ;

» Como a Rapôza de uvas , *que são verdes.* »

— Delambido Peralta , ( lhe retruco )

— Não consiste , em vencer difficuldades ,

— O mérito d'um Váte , a Apollo acceito.

— Já , para ser corrente , e sonoro

— Tem que empenhar sobejo esforço , e lida ,

— Sem lhe ajonjar da Rima o atróz trambolho.

— Não seja o Váte volantim de còrda ,

— Que equilibre a marôma , e danse têzo ,

— C'os pés dentro d'um sacco , para gôzo

— De pretos , ou de pícaros basbaques. (1)

---

(1) The measure is english heroic verse without rhyme, as that of Homer in greek, and of Virgil in latin; rhyme being no necessary adjunct, or true ornament of poem, or good verse, in longer works especially : but the invention of a barbarous age, to set off wretched matter, and lame metre : grac'd indeed by the use of some famous modern Poets, carried away by custom; but much to their own vexation, hindrance, and constraint to express many things otherwise, and for the

- A rima, que te enléva, e que assim gábas,
  - Quando achada, depois de mil torturas,
  - Fez perder ao Poéta um pensamento,
  - De mâis valor, que cem milhoês de rimas;
  - Deslavou toda a cor, mareou o brilho
  - Do verso, que ia enérgico sem ella.
- 

most part worse, than else would have exprest them. Not without cause therefore some both Italians and Spanish poets of prime note have rejected rhyme, both in longer and shorter works, as have also long since our best english tragedies; as a thing of it self, to all judicious ears, trivial, and of no true musical delight: which consists only in apt members, fit quantity of syllabes, and the sense variously drawn out from one verse into another; not in the jingling sound of like endings; a fault avoided by the learned ancients, both in poetry, and all good oratory. This neglect then of rhyme so litte is to be taken for a defect (though it may seem so perhaps to vulgar readers) that it rather is to be esteem'd an exemple set, the first in english, of ancient liberty recover'd to heroic poem from the troublesome, and modern bondage of rhyming.

\*



- Como rompe da Aurora o alégre carro;
  - Trazendo a Luz, que as terras allumia,
  - Vinha rompendo na alma do Poéta
  - Uma ficção mui guapa, mui luzida....
  - Eis que emperrada a sarrazina rima
  - Deita à ficção um véo de esquecimento,
  - Que chupa, que desbóta, que desmancha
  - A pôlpa, a côr, o fio bem traçado,
  - Dá com tudo a travéz, ou já des-médra,
  - Que é morte côr, o que era imagem viva.
  - Bem foi de certos Mócios a ufanía
  - Tanger com garbo, no pandeiro Délphico,
  - As soalhas dos *ados, idos, osos*,
  - Cuidando tantas lanças metter na Africa
  - Do Pindo, quantas rimas garganteavaõ.
  - Mas luzio-lhe a Razaõ, quando maduros;
  - Sentiraõ que o *tim-tim* dos consoantes,
  - Em vez de modular, faziaõ grulha,
  - Contra as leis do bom gosto; e os proscree-
- ( veraõ. (1) )
- Para a Razaõ quadrar c'o consoante,
  - Éra força estirar o pensamento;
  - E o que n'um verso cabe, sem aperto,
- 

(1) Il vero paragone di un Poéta pare esser dovessero i versi puri e spogliati dalla maschera della rima.

*Maffei, lettera sopra la Meroja,*

- Tóma lugar sobejo em dous; que a Rima
- É desse desperdicio á causadora.
- Sentiraõ, que era força pôr inuteis
- Epêthetos, pôr cunhas, e mâis cunhas,
- Para dar do repique as badaladas,
- No metrico-sonante campanario.
  
- Naõ vi eu tal Poeta consoanteiro
- Arrumar o enxadrez de *inos*, e *anos*,
- Antes que lhe apontasse o pensamento,
- Com que havia de encher as cazas vagas
- Do taboleiro seu? — Naõ vi por isso
- O sonette-sahir tal e que jando;
- Por ser, para o Patão metrificante,
- A rima tudo, e o pensamento nada?
  
- O pezado grilhaõ do consoante
- Arrastra as azas do Estro sempre altivo;
- E québra o soffrimento, c'o aturado
- Cavar da rima; embóta-lhe a agudêza,
- Com que penetra no amago do assumpto;
- Destrúe a ideia, se naõ trouxe rima,
- Quando nasceu, ou naõ achou Padrinho,
- Que, ao baptismo, lh'a desse; e encaixa-lhe
- ( outra
  
- Idéia, em seu lugar, sem-saborona,
- Mui somenos, que lhe abortou rimada.
- Razão, que só bastara a bons juizos
- Para a Rima enterrar no esquécimento:
- Que se conforme fôra da Poesia

- A' Natureza a Rima, a Natureza
- A déra a Gregos, e Latinos, quando
- Lhes deu benigna o méτρο harmonioso. —

« Mas ( me direis ) os Gregos, e os Latinos  
» Tinhaõ os espondeos, tinhaõ os dáctylos,  
» Com que a seus versos davaõ formosura. »

— Quem vos tólhe ( digo eu ) dar-lhes, como  
( elles,

- Medindo, e modulando o rythmo vosso,
- Igual canto, ou diverso no concerto,
- Tam mimoso aos ouvidos, que bem valha,
- Sem rima, o canto Grego, ou já Latino?
- Não deu a Italia canto harmonioso,
- Sem soccôrro de ensôços consoantes?
- Não o deu a Castella? E nós, os Luzos
- Não cantámos tambem sem essa rima?
- Inda o Milton, na sibilante lingua
- Da Britanna Albion, não deu Poêma,
- Em verso branco, que ganhou renome,
- Nas naçoês eruditas desta Europa,
- Ao seu Author? à Patria? Léde, Léde. —

Deixo já de fallar ( tempo perdido! )

C'o tal Peralta, que me cansaõ nescios. —

Eis me vem abafar os sons da c'rela

Minha gorda Pachorra, amiga velha,

E c'um tal segredinho, que me embórca

Nos attentos ouvidos, me dá parte

Da matreira intenção, porque esses Bichos

Pela patrôa Rima tanto punem.  
Sabei, que esta os defeitos lhe disfarça  
Co'a zanga (1) tonadilha; que sem ella,  
A' vergonha do mundo apparecerão:  
E que o valente, e puro verso solto,  
De que Milton usou, usaraõ Mestres  
Na arte de poetar destros pintores,  
Pède vasto saber, pède mèstria  
Na erudição da lingua, a fim que as vozes  
Escolhidas com arte a luz espalhem  
Na teia da ficção; essa é a causa  
Porque no seu perdido Parayso,  
Usa hyperbatos, usa latinismos,  
Usa palavras, usa antigas phrazes  
( Que Addison (2) tanto louva em seu estylo )  
Por desviar-se da commum loquela,  
Armazem dos pedantes consoanteiros.

Sim; que com sizo creu, que a pécca rima  
Nunca appósito foi frisante, e guapo  
Para ornar Poesias de árduo empenho;  
Mas somente ouropél, que a triviâes trôvas  
Dê guapice, com falsos luze-luzes;  
Ou muléta, que ajude os aleijados  
Versinhos de má morte. — Uso, e máo uso

---

(1) Chamaõ os Hollandezes *Zang* o que nós chamamos modinhas, e os Franceses *air*.

(2) Remarks, art. Venise.

Lhes deu vóga; e correntes, e moentes  
Tégora os deixou ir por esse mundo,  
Para empecilho serem, serem sécca  
Do genuino Váte. O Inglez Homéro  
Jamâis imaginou, que desinencias  
Tam sem-sabores fossem harmonîas,  
Que mimosos ouvidos deleitassem.  
Sentia muito bem, que a quantidade  
Das syllabas, saber bem alterna-las,  
( Como as falsas, e consonas, na musica )  
Varia-las n'um verso, e n'outro verso,  
É quem dá boa musica à poesia.  
Tanto mãis, que antes que elle, o tinhaõ feito  
Perîtos Hespanhóes, e Italianos,  
Tornando à antiga liberdade as Musas,  
Sôlto, o poêma heróico, dos cêpos.

Demos, que Homéro, vindo dos Elysios,  
Dêsse cá vólta ao mundo, curioso  
De saber como cantão cá os Cysnes  
Descendentes de Godos, e Sicambros;  
Demos, que encontre certa mulherinha,  
Que faz beicinho a versos não-rimados. —  
Como lhe vejo arcar a sobancelha,  
Olhar por cima do hombro, e com desprezo  
Dizer-lhe : « Tôla! E quem te deu licença  
» De fallar, ante mim, da poesia?  
» Cuidas, que é ser poeta, a fraca industria  
» De marchetar com rimas pécca prosa?

- » Péga na agulhá, os trapos arremenda .
- » De teu Marido, e as cusinháes rodilhas.
- » Deixa os vérsos a quem no sp'rito férve
- » Estro ardente, um Engenho alto, e facundo,
- » Què com sublimes sons enléva as almas,
- » Debuxa ao vivò, e as côres do conceito
- » Re-luz no coração, na idéia cála,
- » Onde abraze, estremeça, onde lastime.
- » Táes são da poesia os dons valiosos;
- » Táes, se soubéras ler-me, em mim os viras,
- » Em Pindaro, em Virgilio, e Horacio os viras,
- » Não rimas, e iguáes drògas — atavios
- » Lidados, mal-assentes, e enojosos.
- » Mil consoanteiros tômos delambidos
- » De Academicas tròvas serãõ lixo,
- » Se concorrem c'uma Ode, onde rutilem
- » Os dotes da facundia ousada, e nobre,
- » Os rasgos do pincel, rayando vida,
- » Acçaõ, affeitos, em seu breve quadro..... »

Mais ía por diante. — Eis que repara  
Que, com a bocca aberta, a Philaminta  
Ouvia tudo, e nada comprehendia. —  
Vai ter com quem o entenda, e deixa a vèlha.

E nós deixemos lá o Homero, amigos;  
Fallemos entre nós no nosso assumpto.  
Reflecti sem paixãõ na traquinada  
Do ajoujado zam-zam dos consoantes,  
( Traquinada pueril ) e achareis certo,

Que o que nelles disfarça o absurdo, é o uso  
Em que estâes de os ouvir : que assim não férem  
Os ouvidos da antiga visinhança,  
Do ferra lor os mazorrâes martéllos.

Ponde ante os ólhos sempre este axioma,  
Que Estro é quem faz bons versos, não arima : (1)  
Que esta os versos tam pouco afformosêa,  
Que antes lhes é ridiculo flagéllo;  
E que é um frenesi disparatado  
Teimar contra a razaõ, que a desapprova,  
Contra o bom Gosto, e sancta Antiquidade,  
Que nunca conheceu tâes consoantes,  
E que, se os conhecera, os apupara.

Um crime ( e esse é bem grave ! ) bastaria  
Para a perpetuo exilio enviar a rima (2):

---

(1) Ce qui fait la poésie c'est la vivacité de la fiction, la magnificence des figures, la hardiesse des inversions, la beauté et la variété des images; c'est l'enthousiasme, le feu, l'impétuosité, la force, je ne sais quel tour de pensées et d'expressions que la nature seule peut donner.

*Sanadon.*

(2) La rime rend souvent Corncille diffus, embarrassé, inintelligible; elle gâte plusieurs morceaux pleins de verve et d'élévation.

*Mercier.*

O enojo que ella dá a eximios Vates,  
E a taréfa de ata-la ao pensamento.  
Vede Corneille, tam diffuso às vezes,  
Tam enleiado em declarar a idéia,  
Que hardido (1) concebeu com estro activo,  
Quando encostado aos mâis divinos quadros,  
Lhes reverbera a côr nos seus poemas.  
Quem foi ré desse enleio? Foí-o a rima. (2)

---

(1) Não sei porque motivo os nossos classicos, que tomaraõ a palavra *hardido* dos Franceses, lhe não conservaraõ o *h* em lembrança da etymologia.

(2) La rimaille ne passe point de mode; les cafés sont des endroits contagieux, où des poëteraux s'entichent réciproquement de cette puérilité. Il n'y a rien ensuite de plus ridicule, que la manière dont le Mercure annonce un concours académique. Le plat phrasier, au sujet de quelque rimaille, parle de la Grèce, des Jeux Olympiques, de la couronne flottante; et des Mirmidons s'imaginent bonnement qu'une médaille est de la gloire, et voilà leur cerveau gâte pour une majeure portion de leur vie. On ne voit que des rimailleurs qui s'entre-dévorent pour des hémistiches. Rien de plus dangereux que ces prix de poésie. Le gouvernement devrait les inter-



Dize-me, Apollo, que conceito fazes  
Disto, que chamaõ rima uns mèlquetrèfes, -

---

dire. La moitié des jeunes gens fainéantisent ,  
en disant qu'ils travaillent pour l'Académie.

Tous nos Poètes regardent la rime comme  
partie intégrante de la poésie ; elle en est  
le ridicule et le fléau. Il est devenu impos-  
sible d'enfanter un long ouvrage, sans se briser  
sur l'écueil.

Cette rime tyrannique, cette ritournelle de  
consonances, ce tintement puérile, font perdre  
à la langue sa netteté, sa précision et sa  
flexibilité même. Cette coupe gênante étrangle  
la pensée, et par là le style devient uniforme  
et haché. Nulle rondeur, nulle plénitude,  
nulle majesté. La prose la plus commune a un  
caractère plus libre, et plaît d'avantage à tout  
homme sensé. Il faut être maniaque, ou Vol-  
taire, pour faire des vers français après vingt-  
huit ans, lorsqu'ils sont si peu lus.

Je plains fort cette foule de jeunes gens qui  
s'adonnent à la rime ; ils négligent tout le  
reste pour posséder leur *Richelet* ; ils veulent  
mettre en vers tous les Poètes anciens : ce qui  
annonce d'abord un défaut de jugement. Ils se  
tourmentent en pure perte. Plein de compas-

Uns biltres , umas certas sabichonas ,  
Regateiras de trovas burdalengas ,

---

sion pour les tortures qu'ils éprouvent , j'admire en pitié leurs peines infructueuses.

Nos voisins se sont dérobés à ce joug barbare , que nous nous sommes stupidement imposé ; et la poésie a commencée à naître parmi eux.

Il me semblerait bien digne du siècle présent , de secouer le joug de la rime. Nos chefs-d'œuvres dramatiques me paraissent gâtés par ce faux agrément , que l'habitude soutient encore , tandis que nous gagnerions beaucoup à être affranchis de cette insupportable monotonie.

Les ouvrages en vers ont beau trébucher les uns sur les autres , preuve frappante du dégoût universel , la satiété ne corrige point les malheureux rimeurs ; ils s'obstinent à mettre en vers alexandrins , lourds et pesans , Thompson , Zacharie , Télémaque , Gesner , Buffon , et puis ils appellent poème un salmigondis poétique , qui donne à tout un public une indigestion de vers pour dix années.

On n'imagine pas combien la rime coûte à la pensée , même dans nos plus grands poètes. On conçoit dans une pièce de théâtre un

Que ignorantes da sólida poesia,  
Do celeste fallar, do arreatado  
Vão, que enfia o Estro ( desdenhando  
Preceitos de grammaticos magriços,  
De Authores de poéticas, que nunca  
Viraõ a luz de teus potentes rayos )  
Vái beber, no congresso dos celícolas,  
As liçoës da virtude, os saõs louvores  
Dos Herões, que orna o Váte com seu Canto. (1)  
Dize; e não me encareças a resposta;  
Que quero um piparote dar, com ella,  
A certo Bonzo, a certa Bruxa tonta, (2)

---

sentiment profond; on ne trouve pas de rime:  
il s'en présente une qui n'exprime qu'une  
idée ordinaire. On s'y refuse d'abord; on  
s'échauffe la tête pour allonger, raccourcir,  
tourner, retourner sa phrase; on torture son  
cerveau: l'inflexible langue ne présente aucun  
tour que la rebelle rime ne répudie. Celle qui  
s'ajuste au trait léger, est employée; et le  
personnage, qui allait voir une physionomie  
burinée, n'offrira qu'une figure sans caractère.

*Mercier.*

(1) Et centum potiore signis,  
Munere donat.

*Horat. lib. 4, od. 6.*

(2) Mécontente de ramper au bas de l'Hé-

Rebutalho do Pégaso enjoado.

Bruxa, que inchada, ao ver-se arrumadora

D'umas régras compridas, e outras curtas,

Em que, como atafáes de arrieiro novo,

Entrançou ella alagartadas rimas,

Nos quér des-bautizar, do nome Délphico,

Quantos nos versos o zam-zam desprezaõ,

Quantos sabem ser versos, e bons versos,

Os que cantaraõ Gregos e Latinos,

E nás línguas modernas mil poemas,

Que essa párvoa não leu, ou não entende.

Nem para ouvidos táes, de liçaõ baldos,

Poetaraõ tam inclytos Engenhos.....

Màis rédea ãa u largando aos chascos;

Que tem largas ensanchas este assumpto....

( D'outro gólpe virá, se não vem deste. )

Quando. — Eis me atálha um ronco strepitoso,

Com que se ábre a paréde, ao réz da banca,

Em que, por des-fastio, escrevo a miudo

As tróvas, que aqui vendo para ajuda

De comprar paõ, feijoões, e às vezes carne,

Nos dias domingueiros; e oh prodigio!

Eis que rôta (1) despède um braço nu,

C'um bilhette na mão, e em Grêga nóta.

---

licon, elle décoche des flèches émoussées contre  
ceux qui en occupent la cîme.

*Lettre sur les œuvres et la vie du Chiabrera.*

(1) A parede, e não a banca. Entendamo-nos.

Foi gran ventura achar-se à minha ilharga,  
N'outro lado da banca, estudioso  
Escrevendo stenógraphas rabiscas,  
O pacato P.<sup>\*\*\*\*</sup>, que lê Grego.  
Elle me accorçoou, e deu sentido  
As greguices do escripto, as quâes rezavaõ :

« Ao vir ao mundo o Filho d'uma Virgem,  
» Todo o Nume até entam Orac'li-parla  
» Perdeu a voz : Eterno cadeado  
» Lhes póz o Deos Menino, que não gósta  
» De gente, que dà muito à taramêla.  
» Mas, como não tolheu a nòta escripta,  
» E como sei, d'há muito, que és mimoso  
» Das nóve Raparigas do Parnasso,  
» Espéra um pouco, em quanto aquí te arrumo,  
» N'outro papél, um conto acontecido  
» Nas fraldas desta bífida montanha. »

Em quanto espéro, tiro de algibeira  
O lenço, e lógo a caixa de tabáco,  
Resfólgo uma pitada retumbante,  
E aguardo-lhe a resposta pachorrento,  
Commentando o successo, c'o P.<sup>\*\*\*\*</sup>.

Ei-lo, que tórna o mensageiro braço,  
Ei-lo o P.<sup>\*\*\*\*</sup>, que traduz, do Grego,  
O promettido conto, e assim dizia :

« Quando Virgilio, à beira do Permésso (1)

---

(1) Segundo a antiga crença des Gregos,

» Ouvio fallar de *rima* , e *consoante* ;  
» E que ninguem sem rima ousava agóra  
» Cantar Hymnos, fallar em seus amores ,  
» Nem Baccho saudar n'um Dithyrambo ;  
» Franzio lógo o nariz , e deu aos hombros,  
» Com desprezo de qnem de tal usava. »  
— Que pifia poesia ! — « Eis se despéde  
» Menencorio no rosto , e vai-se em busca  
» De Horacio , e de Catullo , a quem reconta  
» Assim o seu enojo. » — Vossês sabem  
— Que dróga é *consoante* ? Ou tem ouvido  
— Desses , que désçem do canóro monte ,  
— Do concelho das Musas , que mania  
— Prendeu nêssas Muchachas , para urdirem  
— Tal zigue-zague em mélicos labores ?  
— Sem esses perendengues farfalhudos  
— Não eraõ nossos versos, e os dos Gregos

---

e Romanos , no Elysio achavaõ os bem-aventurados dessa Religiaõ , tudo o que lhes podia contentar o animo , alli se exercitavaõ nas artes , a que se tinhaõ dado , em vida : os Atridas viaõ nova Troya , Edipo nova Sphinge , etc. etc. Leiaõ o 6º. livro da Eneida , e acharãõ a prova do que digo. Ora que muito é que Homero, que Virgilio encontrassem por là nova Agannippe , novo Pindo , novo Permesse , e outras cousinhas mãis ?

- Bem lidos , bem presados ? E inda agóra
- Os genuínos Vates não se illustraõ
- Co' a nossa imitação? Ou por ventura
- Cuidaõ esses Patáos , que a aguada rima
- Lhes dá a graça , que aos nossos versos falta?
- Como são néscios ! Que não stá na rima
- A Delphica donósa formosura ,
- Na ficção nóva stá , e na urdidura ,
- Na valentia , e côres do phrazeado ,
- Na gala da allusaõ , no ousado trópo ,
- Ousado , mas pedido , mas frizante ,
- Que regale , que enlève , ouvido , ou lido. (1)
- Dem-lhe alma , dem-lhe rosto ao pensamento ,
- Que elle singélo em seu formoso asseio (2) ,

---

(1) La parole animée par les vives images , par les grandes figures , par le transport des passions , et par le charme de l'harmonie , fut nommée le langage des dieux.... La rime ne nous donne que l'uniformité des finales , qui est ennuyeuse , et qu'on évite dans la prose , tant elle est loin de flater l'oreille. Cette répétition de syllabes finales lasse même dans les grands vers héroïques..... La rime est plus difficile elle seule que toutes leurs règles ensemble.

*Fénélon , lettre sur l'éloquence.*

(2) *Simplex munditiis.* Hor. lib. 1, od. 5.

— Rejeitará

- Rejeitará mal-postas maravalhas.
- E eu, d'antemaõ, bem firme l'es seguro,
- Que quem lhe ouvir seus versos, mal attente
- Se trazem guizo, ou naõ, de consoante. —
- « Acho, que tens razaõ (lhe diz Horacio)
- » Mas tambem acho, que com-nosco perdes
- » Tua eloquente-apõstola parlenda.
- » Razoës disseste lá, que nós na ponta
- » Da lingua temos, como tu, sabidas;
- » Que, por sabe-las bem, bem pratica-las,
- » Com deleite saõ lidos nossos versos,
- » E de cór os memóra quem bem sabe.
- » Mas dessa, com que vens seccar-nos, rima,
- » Naõ sei mãis novas, que da velha Sérpe. (1)
- » Aqui péрто, neste ambito de murtas,
- » Ouvimos conversar Chiabrera, e Tasso

---

(1) Naõ estranhem fallar Horacio na Sérpe; que enfeitava a nossa processaõ do corpo de Deos, nas éras atrazadas, como agora a enfeitãõ os cavallinhos de S. Jorge; que muito natural é aos que vivem no outro mundo cubiçar nóvas cá deste nosso; e Horacio que era curioso-curiosa *felicitas*-perguntaria bem quanto por cá passa, aos poetas que morreraõ no tempo da Serpe e do Drago; e talvez que àcerca da Serpe esteja elle hoje melhor informado que nós.



» Mais modernos, que nós, talvez que indiquem  
» Alguma luz, que te esclareça o ponto.»

— Bons dias, meus amigos ( diz Catullo  
Entrando o myrtheo cerco ) Que tal corre,  
— Cá pelo sítio , a veyá Caballina ?  
— Há por hi nóvas Odes altaneiras,  
— Que o Carro a Phebo, a Jove o Rayo roubaõ,  
— A Venus a Cintura , o Nô às Graças ? (1)  
— Há poemas de altisona escriptura ?  
— Nova Argos, novo Typhis sulcaõ mares,  
— Estranhados das vélas atrevidas ? .....

— Mas não — Vimos os tres de rexa vélha  
— Saber de vós, que Bicho, ou que Aventesma  
— Seja o que chamaõ *rima* , e qual influxo,  
— Ou qual prestimo tenha. O bom Virgilio,  
— Só de ouvir fallar nella, por acaso,  
— Todo se estramunhou, depréssa veio  
— Tirar de nós, do enigma a quinta essencia;  
— Mas nós, que estamos tam patinhos que elle  
— No cazo, que a pedrinha no sapato  
— Lhe deitou, aqui vimos que desates,  
— Mui *tin tin* por *tin tin* o nó da cousa. —

« Não direi o que é *rima* ( acõde o Tasso )  
» Que enfadou-me ella muito; e quiz lança-la

---

(1) Segnesque nodum solvere Gratia.

Horat. lib. 3, od. 21.

- » A' margem, como mula des-serviça;  
» Bem o sabe o Chiabrera. » — Sim (diz este)  
— Mas eu t'a explicarei, sem ser diffuso: (1)  
— Sem que por tanto cuides que eu a estimo;  
— Antes sou da opiniaõ do amigo Tasso.  
— A rima é um cascavél, que os Trovadores (2)  
— Punhaõ na cãuda a certa prosa insulsa.  
— Ignorantes do verso harmonioso,  
— E pés cadentes dos poemas vossos;  
— (Como a quem negou Phébo o dom celeste,)  
— Capucharaõ discantes enfezados,  
— Fundados (quem o sabe) n'uns tães versos  
— *Leoninos* chamados, porque davaõ,
- 

(1) Quanto a me *manet alta mente repostum*, che con terze, ottave rime, o con altra maniera obligata, non si possa fare narrazione poetica, con somma dignità; e pero io propongo a V. S. di esaminare questo articolo, e la consiglio a poetare in versi sciolti: e lealmente affermo, che Torquato-Tasso mi disse voler fare um poema in verso sciolto, non si soddisfacendo dell' ottave. La poesia eroica finora é imperfetta, cerchisi dunque di ridurla a perfezione; ed una delle cagione, onde ella si fa imperfetta é, non le dare il verso vero.

*Vita di Gabriello Chiabrera.*

(2) *Vid. Encyclopédie mot Troubadours.*

- Co' a desinencia , estálos nas ilhargas , (1)
- Como faz o Leão , quando co' a cãuda
- Açouta os dous quadrís para assanhar-se. (2)
- Aos homens e mulhéres dessa quãdra,
- Meio-brancos, ou stupidos guerreiros,
- Lhes toou mui-gáiteira a chocalhada
- Da rima, e lhes fez eccho, no ócco da alma;
- Como o som dos badalos das garridas,
- Como o som da tremónha dos Moínhos,
- E o som da nóra, na calmosa sésta,
- Como o som dos chocalhos da *manada*,
- E outros mil de monótona *toada*.
- Ouviste este *ada, ada?* pois é rima:
- Que a fiz sem o querer. Que gôsto lhe achas,
- Catullo? — « *E' bem bestial sem-saboria.* »
- Como tu, Horacio, nos ouvidos tôscos,
- Nem tu, Catullo, brécha abrir podéras,
- Podéraõ bem entrar nelles a frôxo
- As verdoengas tróvas, colleiradas
- Co' chocalho da rima *zanga-zanga*.

---

(1) Os unicos versos Leoninos, que agora me lembraõ, são estes táes e quães:

*Brixia vestratis merdosa volumina vatis,  
Non sunt nostrates tergere digna nates.*

(2) *Vid. Histor. naturel. de Buffon.*

- Depois viémos nós, a quem foi cargo (1)
- Ornar de guizos a theórba nossa,
- E pôr negaça a gostos corrompidos,
- Para os colhêr na réde, e doutrina-los (2)
- Na schola das virtudes, e altos feitos.
- Este é todo o mysterio, e o mais é pulha. —

« Mas, meu Chiabrera ( o Tasso lhe replica )  
» Não dizes tudo. Dize, que eu zangado  
» Co' a rima, quiz compor em verso sólto;  
» Que ordinario clamei, que a consonancia  
» Da rima é dissonancia do bom senso.  
» Que se é por graõ Poeta celebrado  
» Pelo vulgo, e por sabichoês da môda,  
» Vencedor de barrancos consoanteiros  
» E volteador de córda mui famoso,  
» Quem tróca os pés com graça, e quem ufano  
» Quiz ostentar instincto, e paciencia,  
» Apperreado à rima, e leis modernas  
» De méτρο, nunca em Grécia, ou Roma usadas,  
» Um Achróstico máo, um bem suado  
» Mão labyrintho o páreo ganhariaõ,

---

(1) . . . . . *Usque adeo de fonte leporum  
Surgit amari aliquid, quod in ipsis floribus angat.*

(2) *Lectorem delectando, pariter que monendo.*

*Horat. de art.*

- » Em concurso c'uma Ode a mãis formosa,  
» A qual faltasse a fufia tranquitana. (1)  
» Pois vái Philosophia cerceando  
» A escravidão feudal, os desafios,  
» Des-medremos tambem os altos cantos  
» Do captiveiro do insensato emprégo,  
» De andar ao faro da fugiente rima,  
» Como podengos rastreando Lébres.  
» Cortémos-lhe esses feyos barambazes  
» Dos consoantes, que nas mesmas éras,  
» A litteraria Europa accometeraõ,  
» C'os duéllos, de rondaõ; ferropeando,  
» Qual escrava, a Poesia, que libérta,  
» Desde o seu nascimento, campeara;  
» Naõ soffrendo mãis leis, que as leis suaves,  
» Que lhe dictou, com gosto, a Natureza.  
» Québrem-se quantas péas, quantos laços  
» Nos pés, nas mãos das Musas tam-senhoras,  
» Escoimados grammáticos ataraõ.  
» Passeiem, corraõ, voem as Caménas,
- 

(1) La rime gêne plus qu'elle n'orne les vers; elle les charge d'épithètes, elle rend souvent la diction forcée, et pleine d'une vaine parure; en allongeant les discours elle les affaiblit. Souvent on a recours à un vers inutile pour en amener un bon.

*Le même Fénelon.*

- » Soltas, e ayrosas (\*); ostentado ao mundo,
  - » O'ra o rápido tiro de seu vôo,
  - » O'ra o brio dos passos mesurados. »
- 

(\*) La vérité est, dit le chevalier Temple, qu'il y a quelque chose de trop libre dans le génie de la poésie, pour être gêné et resserré par tant de règles; tout homme qui voudra manier son sujet, selon toute l'exactitude et la sévérité de ces règles, il lui fera perdre infailliblement cet esprit et cet agrément, qui sont purement naturels, et qu'on ne peut jamais apprendre des meilleurs maîtres; comme si, pour faire d'excellent miel, on venait à rogner les ailes des abeilles, et les réduire à se tenir dans leurs ruches, ou à ne s'en écarter que peu, et qu'on mit devant elle les fleurs qu'on jugerait être les plus douces, afin qu'elles en tirassent la substance ou la vertu la plus pure, après leur avoir ôté l'aiguillon et en avoir fait de véritables bourdons. Les abeilles veulent la liberté de s'étendre dans la campagne, aussi bien que dans les jardins, et choisir elles-mêmes les fleurs qui leur plaisent, et qu'elles savent distinguer par leurs propriétés et leurs odeurs. Elles aiment à travailler dans leurs petites cellules avec une adresse admirable; elles font l'extrait de leur miel avec un travail sans

- Eu sempre ri de mim ( tórna o Chiabrerâ )  
— Quando arrumei no verso os consoantinhos:  
— Fiz-me comparação c'o fogueitero,  
— Que arruma no cannudo os ingredientes,  
— E os estouros, que haõ-de atroar os ares,  
— C'o rompante fognête de respostas. —  
« Que frizante que vem o teu apódo !  
( Diz d'um canto o Garçaõ, que solapado  
Tinha ouvido a convêrsa. ) « Eu assim sempre  
» Que ouvi stróphes Pindáricas do Pina  
» Ou Sonetto, à Tarouca, do Vahia, (1)  
» Bem campanudo, bem aconsoantado,  
» Por bem fogueteada noite o tinha  
» Em arrayal bizarro, onde se esmera  
» Cirio de Nazareth, ou da Atalaya.  
» Vossês naõ viraõ tal. — Perderaõ muito.
- 

relâche, et elles le séparent de la cire par des petites cloisons si bien concertées, qu'il n'appartient qu'à elles seules de le faire et d'en pouvoir juger.

(1) Lá me ficaraõ em Lisboa bastantes strophes do Pina, e d'outros, que mereciaõ bem tomar aqui assento, mas porei sómente um Sonetto de Fr. Jeronimo Vahia, que inda conservo na memoria, e diz assim.

SONETTO,  
A UM GYRASOL.

---

AMANTE Gyrasol, Aguia das flores,  
Que com *vista* de *bronze*, em olhos de ouro  
Cantas no louro Deos, no Deos do louro,  
Ignâes a suas luzes teus ardores:

Tu, que finezas mil, e mil rigores,  
Mostras sem premio, e véstes sem desdouro,  
Pállido pelo amor, pelo sol louro,  
Cores do teu amor, do teu sol cores:

Tambem pállido sou, tambem amante,  
Um sol amo tambem, pois amo Estélla,  
E *se foges veloz*, sigo constante.

Mas eu te venço a ti, vence ao sol Ella,  
Pois tu no amor pygmeo, eu sou gigante,  
E Estélla é sol na luz, e o sol estrella.

V I V A.

---



---

---

## A P O L O G I A

DAS OBRAS novamente publicadas por  
FRANCISCO MANOEL em Paris.

Ode, que quiz ser Ode, e quiz ser Satyra,  
e parou em cousinha desenxaibida: quiz sol-  
tar canto de Cysne, e destampou em grasnido  
de marréco.

---

**T**EMPÈRE a Lyra em tom alti-sonante,  
Com soberbo furor as córdas fira;  
Do celebrado Pindo,  
Veja sobre elle os rayos vir cahindo: (1)

Invóque as Musas, chame a seu soccorro,  
Grandes idéias (2) dos Heróes antigos;  
Do poetico fôgo illuminado (3),  
Mande ao Céu seu espirito elevado. (4)

---

(1) Que bellos commentarios se podiaõ fazer,  
sobre estes *rayos do Pindo que vem cahindo*.

(2) Que me dizem das *idéias dos Héroes*?

(3) Naõ lhe lembrou à velha tonta, que na  
primeira strophe o terceiro verso que lá pôz,  
era verso curto.

(4) Se o Poeta manda ao Céu o espirito elevado  
fica bêsta, ou ( quando muito ), corpo sem alma,

Busque no antigo Grego, ou no Romano ;  
Naõ desprezando o Venusino Horacio, (1)  
Um venturoso exempló ;  
Que seguir possa da Memoria ao templo.

Ornada conte fabulosa Historia ,  
Conte da Patria os casos já sabidos. (2)  
Mas seja por tal modo (3)  
Que possa comprehende-lo o mundo todo. (4)

Como habil pintor em quadro breve  
Um todo faça de diversas partes, (5)

---

(1) Dá a entender a tal arrumadora de consoantes, que Horacio éra Venusino, e naõ Romano.

(2) Se saõ *sabidos*, para que os hade cõntar ?

(3) Que elegancia ! Que atrevida, e poetica expressaõ !

(4) Menos que naõ tenha o dom dos Apostolos. — *Audiebat unusquisque lingua sua illos loquentes*, naõ sei como possa o mundo todo comprehende-lo.

(5) Mas de que partes ? Partes sei eu, que seriaõ bem do agrado da tal velha ; mas é velha, e como tal « adeos Luzes, que se apagaõ as candeas. »

Nas cores, na expressão, e no desenho (1)  
Mostre feliz o Creador engenho.

Deixe de parte a pompa apparatusa  
De palavras, que muitos não conhecem (2)  
Que se louvor pretende,  
Só o terá de quem o não entende. (3)

Julgue-se emfim no Olympo luminoso,  
Já pelas mãos da Fama coroado,  
Quando, para cobrir mil disparates, (4)  
O estylo imita dos obscuros vates. (5)

---

(1) Este verso desmandou-se da bitóla dos outros Irmãos terceiros; não quiz ser tam acanhado. Estes são os unicos delirios da tal ode por alcunha.

(2) Tam asnos são, que o dizem.

(3) Como é bésta a tal velhorra! Cuida ella que os Lentes, e outros homens doutos que compraõ as obras de Filinto, que escrevem a Paris para que lhe mandem quanto poderem haver d'elle, são tam ignorantes como ella!

(4) Tambem este passou das marcas.

(5) Tam obscuro é Camoës, Ferreira, Bernardes, Garção, Diniz? Leia-os a tóla presumida, e lá achará as palavras, que são a pedra de scandalo para todo o batte-orelha do Par-

Das sibyllas os tempos já passaraõ : (1)  
Naõ illudem phantásticas idéias ; (2)  
Inda que simples seja a Natureza (3)  
Vem em si mesma sólida belleza. (4)

Se queres pois ( contigo agora fallo ) ,  
Armazem novo de rebusco antigo , (5)

---

nasso. Mas naõ tarda quem vem. Lá se imprime em Paris um papelinho, que poem à viola a tal Philaminta, e outros maisconsoanteiros como ella.

(1) Naõ passaraõ : que ainda cá temos uma Sibylla, que sem ser tam propheta como ellas, as representa na idade, e no dar à taraméla.

(2) *Idéias de phantasma* bem pôdem ser as suas, quando ella sáhe à noite vestida de branco.

(3) Philaminta, que engenhou esta mixordia, ou o Bonzo, que lh'a emendou, tam atassalhados andavaõ de invejas, que a cada passo lhes esquecia a craveira, com que mediaõ os pontos ás strophes.

(4) Que quiz ella dizer com o seu *vem em si* ?

(5) Este versinho estou bem certo que lhe deu no gôtto. Ora com effeito elle é como o *quoiqu'on die* da comedia *des femmes savantes*, e eu direi com Belisa :

Il vaut tout une pièce.

Il est vrai qu'il dit plus de choses qu'il n'est gros,

Act. 3, scén. 2.

Seguir sabio conselho,  
Para nada não faças apparelho. (1)  
Falla como fallaraõ teus passados,  
E se Poëta és, ajunta a rima; (2)  
Porêm eu, que de ti penso o contrario  
Conselho-te a fazer (3) um Diccionario.  
Se os olhos não cantares de Marfisa  
E as ternas graças em *suave verso*, (4)  
Talvez que possas com melhor effeito (5)  
Adequirir (6) mais fama, e mais proveito.

---

(1) *Fazer apparelho*—é novo. Creio que quiz dizer espalhafato; mas o diabo do consoante lhe poz cmbargos.

(2) A resposta a este verso ja a mandei buscar a Paris, e lá a mando, apenas se acabe de imprimir.

(3) *Conselho-te a fazer* nunca foi portuguez.

(4) *Suave verso* não é verso suave.

(5) *Com melhor effeito* é cunha.

(6) Falta uma syllaba a este verso : e a tal Philaminta que não sabe latim, pronunciou *adequirir*, e cuidou encher o verso; e o Bonzo, que lho emendeou, não sabia mais orthographia que ella.

---

**E**u não sei fazer criticas anonymas. A quem me quizer responder, aqui ponho o meu nome, e a minha residencia.

*Clemente de Oliveira e Bastos.*

Boulogne sur mer, vis-à-vis la Paroisse.

---

# A VARIEDADE

GARATUJA POÉTICA

DEDICADA

A O SENHOR H. J. B.

Il *Variare* é fonte  
E de' trastulli, e degli uman piaceri.

---

**Q**UANDO me lembro ter entrado em Mafra, (1)  
N'um immenso sallaõ, vestido em ròda,  
D'alto-abaiço, de estantes ajoujadas  
De enfadonhos, chyméricos delirios;

---

(1) Pois que fallo das grandezas de Mafra, não deixarei no tinteiro a grande paixãõ, e afinco, com que o fundador daquelle convento obrigou os Arrabidos, a deixarem o canto da capucha de que usavaõ nos officios divinos, e a apprenderem o cantochaõ à Romana, que elle fundador sabia com tanta perfeiçaõ, que corrigia os descuidos dos cantores; como muitos dos que ainda vivem presenciaraõ : a mim m'o

Que apenas cá, e là, luz um Sallustio,  
Entre as trévas de sabios embelecocos,  
Mâis longe um Píndaro, um Virgilio, um Tasso,  
Quasi quasi corridos de se verem  
Entre bruta, e enojosa companhia,  
Digo entre mim : « Oh quanto a melhor uso  
» O bom Gosto assentára aquí seu templo!  
» Com que ansia eu não iria requerer-lhe,  
» Que mandasse primeiro os seus Meirinhos  
» Fazer penhóra nestes gróssos fardos,

---

affirmou assim o Cantor môr Fr Domingos do Rosario, ( que era um fradalhaõ de maço ) e tambem o Mestre do Seminario Joaõ Rodrigues Esteves. E era el rei tam devoto (digno Páe de D. Pedro 3.) que tinha sempre na tribuna (quando se achava em Mafra) um livro de cantochoã com a réza do dia, para cantar com os frades, e mais apurado que elles.

*Hæc opera, atque hæc sunt generosi principis artes  
Gaudentis fœdo peregrina ad pulpita cantu,  
Prostitui.*                      *Juvé. satyr. 8, v. 224.*

Vejaõ os curiosos a Historia da fundação do Convento de Mafra, livro *in-folio*, muito curioso, muito explicativo, e por muitas razões mui doutrinal.

» E postos em leitaõ , no Pelourinho , os —  
» Comprassem , por dez reis de mez cóado ,  
» As tendas , para embrulhos de alfazema ,  
» Por *sécula* sem fim. Entam lustrando ,  
» Com água benta da Castalia pura ,  
» Estas pollutas , rancidas estantes ,  
» Entráras em triumpho a tomar pósse ,  
» Da sadia morada. Alli , contigo ,  
» Sentada em junto solio , mui graciosa ,  
» Cortejada de Agrados , de Prazeres ,  
» Viria enfeitar tudo a VARIÉDADE ,  
» Com leis fáceis , leis brandas , e agradaveis. »

Oh gracioso primor da Natureza ,  
Attractiva , donosa Variedade ,  
Que quanto ayrosa tóccas , formoseas !  
Tu , pelo Mundo informe , bruto , e feio ,  
Lançaste , no principio , as ricas roupas  
Do vistoso matiz variegado :  
Tu és meu Nume , Nume dos que aspiraõ  
Ao renome immortal do Des-fastio.  
O tempo , que correndo atropellado ,  
C'os pés arraza , ou com a fouce estraga  
Os soberbos , fundados Monumentos ,  
A's leis do teu Imperio contribue ,  
Co' as multímodas faces que renova ,  
D'uma sò que arruinou. Tudo o que agrada ,  
Tem na mudança , tem no vario aspecto  
Fundamento apprazivel. Sem a industria



Déssa tua inventora dextra, o Mundo  
De perduravel fórma, sempre o mesmo,  
Cansaria o dezejo, mais que a vista;  
E os homens morreriaõ definhados,  
Mais de enojo, que de àrida (1) doença.

Ah! vem, oh deleitosa Variedade;  
Acòde-me c'o teu risonho enleio,  
E borrifa de agrado estas rabiscas!  
Quando tu desces do celeste Côro,  
Onde, com diversissimos concertos,  
Divertes os Celícolas ditósos,  
Vem todos teus Ministros diligentes,  
C'os cheios còffres de riqueza immensa,  
C'os artifices vasos de elegantes  
Invençoês multicôres, esquisitas.  
Aos teus joelhos vês prostrados logo,  
Os Alumnos das Artes elegantes;  
Clio te vem pedir festivo enfeite,  
Para o verso sublime, ou delicado,  
Que na mente do Váte, seu mimoso,

---

(1) A muitos Médicôs bem nomeados ouvi dizer que ninguem morria sem febre. Ora fundado nelles puz o epitheto *àrida*; porque com effeito, na minha ultima doença, em que estive desesperado da vida, senti que não há cousa mais *àrida* (ou séca) que a febre.

Com engenhosas mãos, traçou aguda ;  
E Urania um perfumado ramilhete ,  
Com que dê gála, ajunte louçania  
A complicados cálculos austéros ,  
Que alvo pó sinallou em negro mármore.

Se a tua mão viçosa não arruma  
Os quadros, na opulenta galaria  
Do férvido Poéta, escravo do Estro ,  
Na pomposa ficção alti-sonante, —  
Com tristonhos, pezados pés, o Tédio  
Vem tomar pösse da peccante obrinha ,  
Tóma-a nas frias mãos, a apérta, e gela ;  
Com desbotado accessó chega a Obrinha  
Ao sôffrego Leitor, que a cada láuda,  
Depára co'a incivil semsaboria :  
Boceja, as mãos lhe affrouxaõ, cáhe em terra  
O Livro, ou o Papél desenxaibido.

Como são para ver! como recreiaõ  
Verdes Campinas de felpuda rélva ,  
Quando as esmalta de coradas flores  
A liberal, vistosa Primavera !  
Táes são os Cantos d'um sublime Váte ,  
Traçados por Calliope divina ,  
Se vir borda-los quéres engraçada ,  
C'os teus garrîdos, lúcidos matizes.

Entam o Tédio , que anda sempre à l'értá  
De tudo quanto o Engenho em si revolve ,

Mal vê, favónias, da venusta Deosa  
As mãos cheias, verter vîvido ornato  
Nos versos de Garçaõ, de Elpino, e Alfeno,  
Vólta as cóstas, e os olhos retorcendo,  
Murmura, em sua dôr, rayvosas pragas,  
Contra o Nume, que o seu Império estreita :  
Vâi sentar-se, escumando, em amplo throno  
De dourados, não-lidos, larga-margem,  
Volumes Sylvianos (1), e Cujacios, (2)  
E os outros empoeirados bacamartes,  
Que pejaõ, com deshonra, as Livrarias.

Para ensôças espaldas do cadeira  
Das Cadaváes Exéquias (3) fez escolha,

---

(1) Todos sabem que na *Regia officina Sylviana* se imprimiraõ os volumaços Académico-  
Genealógicos, e outros soporiferos alfarrabios  
*ejusdem furfuris*.

(2) Neste nome quiz o Author comprehender  
toda a corja de mãos expositores de Direito,  
toda a farragem de mãos Casuistas, etc. et ue  
a san Philosophia *mandavit guardare cabras,*  
*atque ire tabuam.* *Nota do Editor.*

(3) Livro muito longo, muito largo, muito es-  
tampado, muito sermonado, muito versificado,  
etc. etc. de que se fez presente a todas as  
grandes Livrarias dos Conventos, e a fidalgos.

Com outros livros mãis amplo-stampados  
Das Ceremonias da perluxa Roma.  
Com cappa carmesim de terciopelo,  
Brochas douradas de água, está acenando |  
Sem-saboraã eneósto, sobre a meza,  
A Henriqueida, empolas assoprando,  
Soporifero cóffre de fastio,  
Que entranha o somno, pelo cotovêlo  
De quem nelle se encosta, e vái trepando  
Pelo braço, pescósso, e face acima,  
Té que entra nos retrétes das pestanas.

Que direi dos profundos volumaços  
De Lógica, aguçada de argumentos  
Em *Barbara*, em *Barroco*, em *Baralipton*?  
Que direi eu com vozes competentes  
De pontos melindrosos da Escriptura,  
Tratados, discutidos, explicados,  
*E nucleados* (1) sempre, e sempre escuros?

---

(1) Palavrinha de preço em discurso de fidalgo Académico, e que me dá visos, pelo seu exquisito remeneio, de largos bófes engomados de preguinhas: faz-me lembrar do *Pungebat* para o arguente, e *Dispungebat* para o defendente, nas conclusões do padre Mestre Epiphania-vulgo-Gradil, que pregou em Lisboa na Igreja de S. Juliaõ, umas tardes de Quarésma

Junto às paredes, em comprido fio,  
Póstdos em rumas, pelas mãos do Tédio,  
Os Feitos, os Sermoês, Genealogias  
No pàllido sallaõ de enojo eterno,  
Somnolentas fumãças vaporando,  
Daõ vãgados de illusa doutorice,  
A Leitores de crassa catadura.

Pelo chaõ (gravunhadas alcatifas),  
Se estendem longas Eclogas de Albano,  
Mil versinhos anoês, trovas de outeiro,  
Poemas, sem poético chorume,  
Farfalhudos de Ripios, e de Rimas,  
Cabedal de Tarêlos do Parnasso!

Nas caligantes (1) fréstdas, léves pendem,

---

compostas de cineo prosopopeias cada uma de cinco quartos de hora : houve quem lhe advertisse, que as prosopopeyas eraõ difficeis em oratoria. Deu por resposta, que nada lhe era mais facil.

(1) Fallando Juvenal d'umas janellas tam altas, que perdia o lume dos olhos, quem dellas olhava para a rua, lhe chama *caligantes fenestras* na Satira 6. Ora nós que temos janellas desse lote (por culpa do senado) não temos adjectivo portuguez, que as designe : eu aqui

Dando à lóbrega luz passage esquiva,  
As cortinas de fumo d'um magriço (1);  
Remendaõ de furtados braçoês de armas,  
Das muitas, que no tecto, em pergaminhos,  
Desenrolou o Tédio, ultimo emplastro,  
Com que amadorra o Esprito mais gaiteiro.

Aqui, muito a pedir de bocca, vinha  
Dar noticia cabal de Págens, Servos,  
De Conselheiros, Leis, Usos, Costumes  
Deste Anarcha, e de seus Estados môrnos;  
E eu vos contára tudo por extenso,  
Se não fôra, que alguns dos que hoje vivem,  
( Por modéstos, à môda do Talaya )  
Não folgarão de ver seu nome escripto  
Andar ahî, por boccas desse mundo.

---

ponho este, que me não parece despiciendo.  
No caso que contente, de boa vontade lho dou  
de graça.

(1) J. C. de F. e S. C. de V. de S. Presidente  
que foi de certa Académia dos Poucos Ocultos,  
inventou as táes cortinas, para certo sallão de  
certo bangalé de Diabos, que servia de episodio  
a certo Poema soporifero. E' pena que depois  
de tam recondita invenção, nos não deixasse  
em memoria de que laya eraõ destas cortinas  
os anneis, e os varoês, de que estavaõ pendentos.

Agradeça-me o dó, que delles tenho :  
Bem que muitos me tenhaõ merecido  
( Por inveja, ou malévola calumnia ),  
Que, a baração, e pregação, eu os levasse  
Pelas praças, e ruas litterarias.

A penna quer correr : que é vasto o assumpto  
Quando os Authores máos entraõ em rêstea ;  
Mas mãis que muito, oh Musa tagarélla,  
Pède fim a longuissima carreira ;  
E já me olha jovial-malicio o Nume,  
Que invoquei no rompante do Poema. (1)  
C'um tom de voz galante, e despejado,  
Que aquí ponha o remate me aconselha,  
Se ao Tédio não quizer pagar tributo :  
E apontando umas lettras verde-scriptas, (2)  
No campo da peanha em que preside,  
Li dous versos, que um douto Amigo, há muito  
( Fructos de gosto saõ, lidado estûdo ! )  
Na affortunada Elysia me inculcava :  
LONGOS VERSOS INFLUEM LONGO ENOJO.  
ESCARMENTA NAS ODES DO BEZERRA.

---

(1) A Variedade.

(2) As lettras de ouro para inscripções saõ hoje  
tam corriqueiras já, que até nos rótulos das lo-  
ges dos Remendoês as tenho visto. Justo éra,  
que a Variedade as tomasse de outra côr, e que  
escolhesse a vérde, que é côr alegre

---

# O D E

AO ILL.<sup>mo</sup> EX.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> JOAÕ PAULO  
BEZERRA.

— Nihil maius meliusve terris  
Fata donavere , bonique Dii :  
Nec dabunt , quamvis redeant in aurum  
Tempora priscum. (1).

*Horat. lib. 4. od. 2.*

---

QUAM formosa a Virtude resplandeco  
No seu throno immortal ! A Honra , o Brio  
Oh quanto em nobres animos reluzem ,  
E estimaçaõ grangeaõ !

---

(1) Póde mui bem acontecer, que alguns Leitores, que de livianos attentão só na casca do que lem, applichem o Epigraphe à pessoa , a quem a Ode é dedicada, e entam os dou por enganados de meio a meio. Tem muitas boas qualidades o Senhor, que tomei por assumpto , mas ninguem imaginará, que eu quisesse offender sua modestia com tal descaramento. Leyaõ os táes o principio da Ode , e concluirãõ, que à Virtude só cabem, e a mãis ninguem , as palavras de Horacio , dado que este as applicasse por exorbitante lisonja a Augusto.



Brilhaõ os Castros , brilhaõ os Menezes  
Na sempre viva Historia de seus feitos :  
Um na Africa inda os Mouros amedronta ,  
Outro a Cambaya assusta.

Vimos nos Campos da famosa Ourique *Alm*  
De sangue Hispano outrora avermelhados ,  
Um illustre Joaõ , um claro Nuno  
Provar valor extremo.

Os Aleixos, os Sás quantos abonos  
D'um peito de sans maxims cingido ;  
Avassallando vicios , não deixaraõ  
Aos Vindouros ! — Oh Clio ,  
Tu , que em folhas de bronze as acçoës altas  
Dos Heróes vás fiel dando a mil Eras ,  
Dize em que môdo , e com que alcance os ho-  
Se abrem praça em teu Livro. ( mens

- » Por armas, ou por lettras ( me responde )
  - » Se ganha a fama honrada — mas estéril ;
  - » Se a Virtude , se o Bem da cara Patria
    - » Lhes não arde no seyo.
- » Magnanimo valor as armas pèdem ;
  - » Pèdem ferrenho estudo as lettras ; pède
  - » Màis que estudo , e valor , virtuoso lançaõ
    - » Despido de interesse.
- » Lá jaz a força , jaz valor subido
  - » Na mão soccorredora , que se estende ,
  - » Deixa o ouro cahir , fóge , e se esconde
    - » Que a não veja o mendigo.
- » Desta violencia contra os da Vangloria

*umet fonsa, um Moniz cortar arnezes,  
romper mallas de Mouros valorosos,  
e nos fundar a Patria.  
L'innos... (e) Siljubarrota os campos mostra*

( 3 )

- » Estimulos pujantes só quizéra
- » Ter eu da Historia as páginas enchido ;
  - » Naõ de Ambições , e Guérras ».

Bezerra , quem quér ter , ou tem seu nóme ,  
Nessas folhas de bronze registrado :  
As Leis , que a Musa deu , se as tem no peito ,  
As siga , ou corra a have-las.

---

## MACHAVELICE

### D'UM PRÉGADOR SUÉCO.

---

No mór rigor do hynverno  
Prégava um Prégador , que era tam frio  
O vento , que assoprava pelo Inférno ,  
Que là daria Estiõ  
Esse ar , com que o Auditorio tiritava ,  
( E o Prégador tambem ) — Mal que acabava ,  
Lhe puxa pela lôba um curioso :  
» Como podeis ( lhe diz ) prégar tam fria  
« A pousada do Inférno , que arde em braza ?  
« Tal bofetaõ dareis na Theologia ?  
» Dareis nas Escripturas ,  
» Que clamaõ labaredas , tismaduras ?

( 4 )

- Vossa objecção ( responde ) não me arraza.
  - Se eu lhe dizia à gente
  - Que o Inférno era tam quente,
  - Rebolindo , daqui , toda abalava
  - E , por se ir lá aquentar , só me deixava.
- 

## O D E

A M Y R T I L L O ,

Laurea donandus Apollinari.

*Horat. lib. 4. od. 2.*

---

**Q**UANDO desce do Ménalo sombrio  
O poderoso Bromio ,  
E que em róda os Tyrsigeras Bacchantes  
Redobrando no adufe  
Os rispídos rebates , dão abalo  
Aos circumstantes montes ;  
Myrtillo , sem temor , trépa os rochedos ,  
Salta de penha em penha ,  
E embandeirar-se vái na folgazona ,  
Ebri-festiva trôpa.  
Canta co'as Menadas , c'os Faunos dança ;  
E agradavel a Baccho ,

Baccho lhe escuta os novos Dithyrambos ,  
Com agazalho insólito ;  
Já manda convidar as nove Aónias ,  
De quem colhér anseia  
Que novo stilo ao Vate novo influem.  
Eis que logo Polyhymnia  
Se adianta das mãos , e diz a Baccho :  
« Eu que amei Ulysséa  
» Sempre com gosto igual , como amei Grecia ,  
» Afeiçoada aos Lusos  
» De generoso peito , e sprito ardente ;  
» - Eu , que sempre favonia  
« Dei canto a Sós , Bernades , e Ferreiras ;  
» Eu , que inspirei Elpino ,  
Alfeno , e Coridon , inspirar amo  
Assómos de Myrtillo ;  
Quiz-lhe abrir nóva róta , não trilhada  
Em teus hymnos , oh Bromio ;  
Novo exemplo penduro para Alumnos ,  
Que venhaõ pôr offrendas  
Em teu frondente altar. — O'ha-me grato ,  
Viti-comado Nume :  
O'ha de quanto prémio sou crédora ;  
E a divida me paga ,  
De trimpháes Corymbos coroando  
A frente do meu Vate.

---

---

---

S O N E T T O.

---

**P**OR mais que ouvisse em grave Consistorio  
Encarecer a veyra de Poéta,  
Sempre assentei comigo, que era pèta  
Esse seu tam gabado palavrorio.

Pois Musas !... Pois Apolló !... E'mixtiforio  
Com que o Pôvo coitado se encasquéta.  
Pois a alcunha de Vate !.. E de Propheta !...  
Nem do passado o sabem ser (1) — Irrório !

Fallar cantando, encher de êmphase a bocca;  
Resmungar pela rua, em *ido*, em *ado*;  
Naõ trazer nunca na algibeira sóca,

Saõ cunhos de Poéta. — Um Poéta é nada;  
Pois que verseja Alpoim, Macedo embócca  
A gaita, em Zamperina farfalhada.

---

(1) Allude a um Epigramma de Owen

*Prophetae et Poetae.*

*Illi de rebus prædicere vera futuris,*

*Hi de præteritis dicere falsa solent.*

## O D E

AO ILL.<sup>mo</sup> EX.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. RODRIGO  
DE SOUZA COUTINHO.

Tu civitatem quis deceat status  
Curas.

*Horat. lib. 3. od. 29.*

---

### S T R O P H E I.

**E**u nunca consenti , que a minha Lyra  
Fosse Lyra de Côrtes.

**A** Verdade , a sò unica Verdade  
Soube inspirar-me o Canto (1).

---

(1) Queixaõ-se; e com razãõ , os que lem as  
minhas trovas impressas em Paris , de que sa-  
hiraõ à luz minadas de erros , que muitas vezes  
transtornaõ o sentido. Pois posso-lhes certificar  
que puz todo o disvello , e que naõ consegui o  
que queria. Vejaõ o que eu digo no fim do pri-  
meiro fõmo , e terãõ paciencia, como eu tenho.  
Se se enfadaõ , e se naõ querem consolar comigo ,  
venhaõ a Paris, tragaõ as suas obras Portuguezas ,

Verdade foi meu Nume ; e até Verdade  
Cantei em meus amores.

A N T I S T R O P H E I.

Dize-o , oh Marcia ; dizei-o vòs , oh lindas  
Affortunadas almas ,  
Que gozaes das virtudes , là no Elysio :  
Quando vos cantei bellas ,  
Bellas vos pregouo brado universo  
De veridico alcance.

E P O D O I.

Vòs me affinaste a Lyra ;  
Por vòs surgi Poèta :  
E os myrthos , que inda a fronte me coroaõ ,  
Vossas mãos os teceraõ.

S T R O P H E I I.

Longe , longe de mim , torpe Lisonja ;  
Que te rejeita a Lyra.

---

façaõ-nas imprimir aqui , empréguem o seu di-  
nheiro , e toda a agudeza de suas attenções , e  
se a óbra impressa lhes sahir limpa da tára  
( como diz um Amigo meu , que o entende bem )  
prometto-lhes uma figa de azeviche , ou um  
pucarinho da Maya.

( 9 )

Se nunca te invoquei para os amores ;  
Mais desabrido ainda  
Serei com-tigo para o digno prémio  
Do Varaõ , que ama a Patria.

## A N T I S T R O P H E I I .

Ser nóbre è acaso ; acaso è ter Engenho :  
Ser virtuoso è tudo.  
E empregar as virtudes , os talentos  
Em ser proficuo à Patria ,  
É levar a Virtude ao gráo supremo ,  
Além da commum gloria.

## E P O D O I I .

Assim m'ò gravou firme ,  
Com lettras indeleveis  
A Divina Minérva , quando os passos  
Gúiei ao Templo da Honra.

## S T R O P H E I I I .

No amor da cara Patria , toda a sumnia  
Das virtudes se abrange.  
Nun'alvres , que tomou sobre seus hombros  
A defensão do Reino ,  
Amou a Patria , o Rei , e poz o cume  
A's virtudes , n'um Claustro.

\*



**A N T I S T R O P H E I I I .**

Com Deos na bocca, e Deos no intimo peito  
Empunhou sempre a espada,  
Que descorava as hóstes inimigas.  
Com Deos sempre ante a vista  
Dava saõs pareceres gloriosos,  
No Conselho, ao Rei Luso.

**E P O D O I I I .**

Sempre, co'a Patria em braços,  
Bnscava duro os p'rigos.  
Olhava o Céu, do Céu Ilre vinha á mente  
O acerto nos discursos.

**S T R O P H E I V .**

Servir a Patria! Oh fama duradoura!  
Mâis firme que as estattas!  
As pèdras, bronzes saõ manjar do Tempo.  
Dos corações dos homens,  
Quando mana a memoria saudosa,  
Perenne não se estanca.

**A N T I S T R O P H E I V .**

Assim cõrre inda agõra o ignoto Nilo,  
E correrá perenne,  
Quando já consumidas, e enterradas

As Piramides forem.  
Lerão Homero os ultimos Vindouros,  
E o Patrio amor de Ulisses,

E P O D O I V.

Quando as pédras já gastas  
Do Sigeo monumento  
Nem mostrar possaõ onde o féro Achilles  
Jazeu em somno eterno.

S T R O P H E V.

Eu, que bebi as aguas de Hypocrene  
Em largo vaso de ouro;  
Que sempre com as Musas me acompanho,  
Deixo callada a Lyra,  
Quando um Varaõ, que tanto illustra a Patria  
Reclama os meus accentos ?

A N T I S T R O P H E V.

Vem, oh Clio, e com déstra pluma escreve  
Virtuosas fadigas  
De quem esteia as Artes, e as Sciencias  
Com munifica dextra;  
Quem, de terreno estranho, a sabia Pallas  
Convida a vir à Elysia.

( 12 )

E P O D O V.

Quem lhe aderéça os Templos ,  
Lhe acaréa os Ministros ,  
E c'o affago , e c'os dons da Magestade  
Lhe bafeja os trabalhos.

S T R O P H E V I.

Elysia lastimàva , escurecida  
Seus filhos mal-entrégues  
Aos punháes homicidas ; e os havêres  
Grangeados com suores ,  
Ganho injusto de sévos roubadores  
Na maléfica noite.

A N T I S T P O P H E V I.

Hoje à luz dos revèrberos , que espalhaõ  
Novo dia nas trévas ,  
Contente a Elysia vê seus moradores  
Trilhar segura via  
No amparo de atalayas sempre a l'értã ,  
Que amor da Patria armara.

E P O D O V I.

Os Cidadãos se encontraõ ,  
Sem que um de outro se tema ,

( 13 )

Que no trájo , e na fälla não se esconda  
Quem lhe derrame o sangue.

S T R O P H E VII.

Naõ perde de seu preço , nem se avilta  
Do Bem-publico o anhelos ,  
Que a esmiudada vista desce a empregos  
De não-ufanos nomes.  
Colbert , Sulli não desdenharaõ feros  
Lidas uteis à Patria.

A N T I S T R O P H E VII.

A Patria é grata , os Cidadãos bem louvaõ  
Quem fadigas lhe apouca ;  
O Amigo , que o molesto enfadamento  
Quèr ir depor no seyo  
Do brando Amigo , não pergunta errado  
Nem rua , nem pousada.

E P O D O VII.

Com caridozas letras  
A benéfica dextra  
Do Ministro sagaz lho-aponta , e encurta  
Rodeos enojosos.

S T R O P H E VIII.

Opprobrio das Naçoês , por mal-polida ,

E infestada de abusos ,  
Se hoje essa fronte , oh Lysia , érgues nfana  
Na Europa , entre as Cidades  
Màis luzidas , à minha Clio pede  
Que cante a quem o dèves.

A N T I S T R O P H E V I I I .

A Musa o pregoarà com almo agrado ;  
Que de adular contraria ,  
Sempre a vóz , sempre a Cythara tem prompta  
A celebrar sonora  
Quem lugar se procura , com virtudes  
Na lembrança da Patria.

E P O D O V I I I .

Seu brado aqui resôa  
Nestas longinquas terras ,  
Costumadas a vér Herôes mui-dignos ,  
Aos quães tal nome ajunta.

S T R O P H E I X .

Aqui se ouve com grato acolhimento  
O nome de RODRIGO :  
Aqui daõ por feliz o Reino Luso ,  
Que tal Varaõ possue ,  
E à sombra desse nome os Portuguezes  
Còbraõ màis alta estima.

( 15 )

**A N T I S T R O P H E I X.**

**Eu** triste , eu desvalido sò dezejo  
Ter mór favor das Musas  
**Para** cantar tam alto o nobre Souza ,  
Que me ouça o Nilo , e o Ganges ,  
**E** là no seyo azul saiba o Oceano  
Que ainda hà Portuguezes ;

**E P O D O I X.**

Que Menezes , e Nunos  
E mil passados Souzas  
**Vivem** nesta vergontea esclarecida  
De tam fecundo tronco.

---

## E N I G M A.

---

**T**AL nunca vio humana creatura ,  
Nem verá quem a nós vindouro for ;  
Sahir , como em triumpho da clausura  
    Sonoro Prégador,  
Com sermaõ , que ninguem lhe encommendara.  
    Cheiro de Sancto ? — Naõ :  
Mas quadra o cheiro co'a harmonia rara  
    Do assumpto , e do sermaõ.  
A tal Musica , e a estranha Pregaçaõ  
    Sò dira quem for louco ,  
    Que de Arte , e Engenho abasta.  
Algun ri à surrélsa ; algum se agasta ,  
Mas tudo em vaõ : que o Prégador é mouco.

---

O D E

AO SENHOR ERNESTO BIESTER.

---

But happy they ! the happiest of their Kind !  
when gentler stars unite , and in one fate  
Their fate, their fortunes, and their beings blend !

( will ,  
Thought meeting thought , and will preventing  
with boundless confidence : for nought but love  
can answer love , and render bliss secure.

*Thompson's Spring.*

---

QUAL Rio caudaloso vái a Vida,  
Nas vagas mil acasos revolvendo ;  
Aqui espraya, e réga ; allí arranca  
Corpulentos Carvalhos.

Uma onda em nossos animos encosta

Um Bem , um Mal , que outra onda logo

( arrastra :



Léves casos , que ao Lethes , desdenhosa  
Arroja a mão do Tempo.

Feliz ! o que na somma de annos curtos ,  
Pareilha os bruscos dias c'os alégres ,  
E dizer pôde , com tranquillo rosto :  
— GOZEI de meya idade. —

Tens nos braços Marilia encantadora ,  
Affortunado Biester ; os Monarchas  
O'ha soberbo , na alma Primavera  
De gostos não-defezos.

O que os mimos logrou , e a vóz , e o canto  
Da ardente Sappho , na arenosa praya  
De Lesbos , em seu grémio recostado ,  
Não foi tam venturoso.

Tu discorrendo o mélico instrumento  
Abrias douto stadio à voz da Nympha ,  
A que em brando sussuro entrelaçavas  
Delicado elogio.

Nem debalde ( accorrendo a consola-la )  
Lhe tornaste mais leve o carrancudo  
Semblante da doença , o véo rasgando  
A's lágrimas furtivas ;

E seu doce sorriso mal-occulto  
Recompensou as timidas finezas ,  
E ás lastimosas mágoas , que apertavaõ  
Teu peito enternecido.

Os dias bons , battendo as breves azas ,  
De nós , amigo , a vôo sólto fógem ;

Apenas, na lembrança, o trilho deixaõ  
Do prazer saudoso.

O Prudente das horas se aproveita  
( Se da dextra da Parca lhe cahiraõ )  
Naõ manchadas de lividas trislezas,  
Nem de negros presagios.

---

## C O N T O .

---

**T**RAJADA de Beata, cërta Dona  
Mui contrita, n'um dia de Endoenças,  
Foi ter c'um Confessor, a quem deu parte  
De seus erros; dos erros de seus filhos,  
Dos erros do Marido, e das vizinhas.  
O Capucho lhe diz : *Tem jejuado ?*

### *D O N A .*

- « Se jejuo ! Cousa é que se pergunte ?
- » Toda a Quaresma a fio, sem fallencia.
- » Acto em mim bem penoso, Senhor Padre !
- » Porque sou muî franzina, e mal-sadã.
- » Como à noite tres óvos, em memoria
- » Da Trindade sanctissima ; aos quães óvos
- » Junto, em cabal louvor das cinco Chagas,

( 20 )

- » Cinco peros ; tambem quarenta ameixas
- » A' quarantena do jejum de Christo.
- » Sette göles de vinho em cima bebo
- » A' minha amada Mãe das sette dores. »

C A P U C H O.

*E mais nada ?*

D O N A.

\* Accrescento nestas trévas

- » Treze paõ-de-lósinhos em lembrança
- » Dos treze cirios do bemdito Gallo... »

O Capucho agastado aqui a atalha :

*Quem tal jejua , como — em honra , e gloria  
Das Virgens onze mil — de onze mil cónos  
Naõ órla a Consoada ?*

---

*Haya , 15 do Outubro de 1795.*

C A R T A

A O S.<sup>or</sup> D.<sup>r</sup> M A N O E L C. J. P.

A M I G O E S E N H O R ,

SINTO-ME melanchólico , e triste , porque só.  
Nesta Haya maldita naõ tenho com quem falle ;

nem sei que módo busque para despedir de mim  
( que não passá-lo ) o tempo. Passa-tempos aqui!  
São fructa desconhecida. Para espraiair o animo  
tómo a penna, e lhe darei parte d'um sonho,  
que tive um dia destes. A quanto chega o meu  
desamparo, que recorro a sonhos !

---

## S O N H O.

CONSIDERAUA comigo, que chegava o Hyn-  
verne; entrei a cuidar em me reparar do frio.

---

PENDURO nas espáduas o capóte,  
Tómo o tópo da rua  
Que entésta na *Parada* (1), e vai ao *Pote*; (2)  
Entro na loge: — allí a imagem sua  
Creio que pôz Minérva, em testemunho  
De quam injusto, quam peitado, no Ida  
Déra Páris, a Vénus delambida,  
A maçan, à mais bella em dom devida.  
Esta Minérva éra, sem mais nem menos, a Dona  
Da loge onde se vendiaõ papeis pintados.

---

(1) Praça da Haya, que chamaõ da Parada, pela  
que alli fazem as tropas da guarniçaõ.

(2) Rua assim chamada pelo sitio em que pára.

---

## D I A L O G O

ENTRE MIM, E A DONA MINÉRYA.

---

*E U.*

**T**EM cobertores de papa?

*A D O N A.*

Tenho-os excellentes.

( Dizendo e fazendo, tira a Dona d'uma gavetinha de contador 5 ou 6 cobertores de lan listados, mas tam finos, como lenços patavares.)

*E U.*

Naõ é isso o que lhe eu peço.

*A D O N A.*

Ay, Senhor, não sabe como são quentes.

*E U.*

No veraõ, minha senhora!

*A D O N A*

Ay , não : no hynverno , digo ; que no veraõ abaffariaõ.

*E U.*

V. M. está zombando.

*A D O N A.*

Naõ zombo , tal não cuide.

*E U.*

Como póde um Cobertor tam franzino , e tam delgado. . . . A menos de ser um hynverno tépido, ou de enroupar a cama, c'um cento delles?

*A D O N A.*

Esse é o segredo da nõssa fàbrica. Tal tempera dâmos às nossas lans , que estendidos sobre o corpo , se embebem logo da quentura vivente ; incha a lan , encórpa de maneira, que de fina que era , como um papél , tõtma o fófo d'um colchaõ.

*E U.*

Já não estamos no tempo das Fadas , e Varinhas de Condaõ. Encampe esse segredo às me-

ninas da escola , e não a quem há 50 annos  
que se barbea.

A D O N A .

Que duro é V. M. de crer em gente hon-  
rada ! Ora experimente-o. Ahí esta um leito ;  
dispa-se , que eu o cubro c'uma unica destas  
cobertas : e verá maravilhas.

---

INDA estes dittos seus no ar soavaõ ,  
Que eu mãos , a despojar o fato , metto ;  
Como a palma da mão , despido e nu ,  
Nos lençoes me embaíinho , e a bella Dona  
Co' a fina cobertura me agasalha.  
Já me ía pelos membros recrescendo  
O calor promettido ; eis que , com pasmo ,  
Vejo mui despejada a tal Minérva  
Desunhar-se em despir todo o fatinho,  
E empêlo já, como Eva ( há tempos ) no Éden, (1)  
Entra n'um camarim , tira aguçosa  
Um menino gentil , louro e cabello ,  
Descuidado em annéis , quães vaõ Anjinhos  
Nas processoês , com Caliz , e martyrios.  
Ei la , que méde um pulo , e salta acima ,  
Se me enfia na cama , c'o menino.

---

(1) Nome , que Milton , e outros daõ ao Pa-  
rayso terreal.

Ay, que não sei de nojo como o conte!  
Vistes vós um tonnél, que desembucha  
( Desmentida a torneira ) um jorro de água;  
Alaga-se o sobrado, andaõ boyantes  
Os móveis, uns e'os outros, às marradas? —  
Pois assim succedeu c' o tal menino.  
Destapou o suspiro da arreigada,  
E, entre os lençoês, nos atolou tam alto,  
Que o perum, que no arrôz vái fôfo ao forno,  
Ou sanguineo presunto Lamecense,  
Que se solápa nas suaves massas,  
Não se vê, como nós, tam empapado.

*E U.*

« Mulhér, mulhér, que destampado arrojo!... »

*A DONA.*

Chiton! Como é travêso! Ay! não se mécha;  
Que é sabaõ de estragaõ, isso que o Olho,  
Distilla, do Rapaz. — Mui prestadiõ,  
Limpa as fézes a tudo; os membros todos,  
Em que o sabaõ toccar, ficarãõ puros,  
E cobrarãõ belleza, e mocidade,  
Como se no Jordaõ fossem lavados.

---

SENTI ( confêssõ ) lògo um tal lethargo  
Esparzido por todos os sentidos,



**E nelle um doce enlévo , assemelhado**  
**Ao que a alma sente quando sáhe do Mundo ,**  
**E sóbe ao Parayso de Mafoma :**  
**Do qual quando accordei , já tudo tinha ,**  
**Mudado face , na árca do juizo :**  
**Entam o Rapaz louro , empoleirado**  
**No sobrecéo do leito , já chovía**  
**Sobre nós ( de outra fonte ) tal diluvio ,**  
**Que nos não só desensaboou , mas inda**  
**Continha tal virtude a chuva sua ,**  
**Que sobre dar , como o Jordaõ , lavagem**  
**Das nódoas , das doenças , das velhices ,**  
**Dourou luzente os corpos bem-chovidos.**  
**Que no ricco Brasil , santinho de ouro**  
**Naõ hà , que mais que nós , co' ouro semélhe (1).**  
**Eis-nos dourados todos tres ; e a Lóge ,**  
**N'un de mármore , e jaspes , Templo immenso**  
**Transformada. Eis que vózes e instrumentos**  
**Rompem concerto — ( Delphica Harmonía ! )**  
**Eis , por arte não vista , collocado**  
**Um altar , bem no meyo do Zimbório ,**  
**Todo fêveras de ouro em alabastro ;**  
**E em torno d'elle , em pinha , muita gente**  
**De Lixboa , e París que eu conhecia ,**  
**C'um joelho no chaõ , venerabunda.**  
**Mas eis que me acontece maravilha**  
**Nunca atequi fingida , uem sonhada.**

---

(1) — Puroque simillimus auro.

**Cherubins, Seraphins, em quatro Chóros ,  
Baixaõ das quatro frésta do zimbório ,  
Nos levantaõ da Cama , que de certa  
Varinha de Condaõ ao tóque súbito ,  
Desparece , e a nós tres , assim dourados ,  
Assim nus , sobre o altar nos esbeltaraõ.**

*Panditur interea domus omnipotentis Olympi.*

**De pár em pár , do Templo as pórtas se ábrem ,  
Entraõ , a dous e dous , paramentados  
( Segundo o rito a cada qual devido )  
Sacerdotes de quanto Culto e Crença  
Tráz prenhes os quadrís este Univérso.  
Vistasas , ricas saõ as vestimentas ,  
Com amplo talhe de orgulhosa pompa ;  
Tudo ouro , tudo pérlas , e diamantes  
Nos bordados , nas franjas , e alamares.  
Melchisedech , e Aaraõ vinhaõ no couce ;  
Com elles o Muphti , e o Papa vinhaõ ,  
E mais atrás Bramà , com Zoroastres ,  
Dalay-lama , Dayrî , Bonzos , Faquires ,  
E o mais bando , que engórda com embustes (1).  
Thuribulos de preço , aureas Caçoulas**

---

(1) Bem se vê que fallo dos ultimos , e não dos primeiros , e não de Melchisedech , Aaraõ , nem do Papa. *Vade retro heresia !*

**Nuvens no Templo exhalaõ de perfumes. —**  
Chegados revérentes , e devótos  
Ante nós , ( tres dourados simulachros )  
Todos os Truchimoës , cá pela terra ,  
Da vontades de Deos , sobre as estrellas ,  
Uma Musica sôa deleitosa  
De flautas , e de Angelicas gargantas ,  
Discantando de Orpheo um Hymno Grego  
Em toda a lingua , e gente intelligivel (1) ;  
Como o já foraõ os sermoës de Pedro ,  
E máis companhia , em tempos atrazados.  
A signal cêrto os instrumentos páraõ :  
Prostra-se toda a corja Pontificia ,  
Com profundo-humilhado acatamento :  
Por entre as duas náves , larga via  
Vái do altar estendida até á praça ;  
D'onde um Consul trajado de escarlata  
( Bastaõ de General lhe peja a dextra , )  
Cercado de Legados , de Centurios ,  
De Pendoës da Répública , e das Aguias  
Tira apoz si Romana soldadesca ,  
Com ricas , reluzentes armaduras ,  
De prata escamas , pregaría de ouro ;  
Elmos , broqueis , braços tem de relêvo ,

---

(1) Não é consa nova. Leiaõ o primeiro Capitulo dos Actos dos Apostolos; e veráõ , que não é a primeira vez , que tal succede.

Que estancaõ do Perù toda a riqueza :  
Marchaõ ao som dos pífaros, das trompas ,  
E c'os contos das lanças, c'os pés battem  
O militar compasso bem-medido.  
Alveja entre elles bando de Donzellas ,  
De setim branco em roçagantes ópas ,  
Que largas fitas tricolores cingem ;  
Nas mãos ramos de enzinha , louro, e palmas ;  
Longo tracto , apóz éllas, se agiganta  
O Homem de fêrro do brigaõ saõ Jorge ,  
Que traz a pino a Nacional Campana (1) :  
Séguem-no em Batalhoês lindos Meninos ,  
Guardas Nacionaes, de azul trajados ,  
Damasquinos alfanjes meneando. . . .

— Arréda. — Arréda !

Da Convençaõ de França é o Presidente.  
De plumas no chapéo cocár soberbo ,  
Que enxérta n'um chuveiro de brilhantes ,  
Lhe assombra , balançando , a altiva frente :  
Dos hombros lhe descende um ricco manto ,  
Lhâmma de prata ; as órlas saõ erguidas  
Pelas mãos de seis gôrdos Secretarios ,  
Com tógas de azul-claro terciopêlo :  
Com broslados de perlas, e topazios ;  
Riccas toucas Indianas na cabeça ,  
Com fiós de rubís , trancelins de ouro ,

---

(1) La sonnette du Président.

Adiante ; e atraz , e deste , e de outro lado ,  
Respeitoso cortejo lhe faziaõ  
As Porteiros da Canna da Assembléa ,  
Com pendentes medalhas sobre o peito ;  
Aureas medalhas cáem d'aureos colláres.  
Segue-os a Convenção com galas ricas.  
E quem a vista estende alem do Templo ,  
Vê pelos campos , muitas léguas longe ,  
Exércitos sem conto , e em frente os Cabos ,  
As Insignias , a Musica , — áscua de ouro.  
Chega ante o nosso altar o Presidente ,  
E , apenas chêga , sáe d'uma ala , e d'outra ;  
O Papá Pio Sexto , e o Dalai-lamá ,  
Cada um c'nma aurea táça cravejada  
De rubís , da grossura d'uma nóz ,  
Que presentaõ , com muito acatamento ,  
A' Minérva dourada , que me fica  
A' direita no altar : ésta dos peitos  
Espremendo um licor. — O'leo de rosas —  
Encheu as duas taças trasbordando.  
Entam o Presidente , grave ordena  
Que a mim as tragaõ , e que as bêba me óra.  
— Mas , para que ! E quem sois vós ( pergunto )  
— Quem é ésta Mulhér , e esta Criança ? —  
Aqui se fez no Templo alto silencio ;  
E o Presidente , com despejo nobre ,  
Tira , da profundissima algibeira ,  
Uma flautinha de marfim lavrado ,  
Pela qual , em falsete , assim me canta :

« **A**quella alta Senhora , que eu venéro ,  
» **É** a Constituição sob'rana , e sancta ;  
» **Tu** , Cidadão , Pentarcha Executivo ,  
» **O** licor , que ella espréme , e que tu bébes ,  
» **Succo** é das leis , que tu cumprir t'obrigas .  
» **E** esse almo , e bello , aditador Menino ,  
» **Que** , entre vós ambos , nos recrea os olhos ,  
» **Das Nações** todas é o feliz Fado ,  
» **Que** muito ha-de medrar à sombra vóssa. »

**Disse** ; e ao metter a flauta na algibeira ,  
**Dispara** uma festiva Symphonía ;  
**Abalaõ-se** no Templo as alas ambas ,  
**Dansa** o Papa , o Muphtî , o Presidente ,  
**Com** toda a Cõvenção ; dansaõ soldados ,  
**Dansaõ** as Mõças , dansa toda a turba ;  
**E** dansando , outo a outo , de mãos dadas ,  
**Bando** a bando , ante mim , vem todos vindo ;  
**Cada** bando , ante si , traz o seu Preto  
**Da** Vîrgem do Rosario , co'a bacia ;  
**E** a esmóla , que me pédem , são decretos  
**De** fiõ pergaminho , que enrolados ,  
**Enfitados** , com sette sêllos de ouro ,  
**Aos** borbotoês me estouraõ do embigo ,  
**Com** tal chorrilho , e tam precipitado ;  
**Que** não ha hi poder-lhes dar vazãõ . . .

---

Ainda o Sonho iria por diante , se não me vem accordar o Ex<sup>mo</sup>. S<sup>or</sup>. A. d'Ar. para recomendar-me uma Carta para sua Prima , etc. , etc. , etc.

---

## SONETTO.

---

**P**ELOS campos hervosos vecejavã  
O verdor, que aljofrara a pérla fina,  
Com que os ornou a Aurora matutina,  
Quando aos balcoês do Oriente se assomava.

E a lâmpada (1) dos Céos já acubertava

---

(1) *Postera quum primum lustrabat lampade  
terras. — Aeneid. 7. v. 148.*

Parece affectaçã de Latinorio acarretar um  
verso de Virgilio, para authorisar uma triste pa-  
lavra d'um miseravel Sonetto. Ah, meus amigos,  
e Senhores, se a VV.mms ( como a mim ) lhe  
chovessem em caza as criticas, e os reparos de  
Censores bons e mãos e intermeados,

*Talvez que entam cobrisem  
Com mais solidas telhas a morada.*

como ja cantou uma douta poenna.

Aquí me amanhã eu sempre armado de espada  
e rodéla, e sempre de vigia, — olho atraz, olho

( 33 )

Os montes Ulisseos com luz divina :  
Já no ramo , que vérga , o Melro afina  
A voz , que ao Páe do dia saudava.

Entam Filinto triste , e saudoso  
Reclamava dos Numes a ventura ,  
Que da alma lhe arrancou o Fado iroso ;

Levando-lhe da vista a formosura  
De Marcia , e seu olhár terno , e mimoso ,  
Para a ir pôr nas mãos da Ausencia dura.

---

adiante — e nada basta contra esses malsins de  
palavras , que poem lógo as mãos em cima a al-  
guma pobrezinha , que apanhaõ desgarrada.

---



O D E.

— Et justa fides et plena pudoris  
Libertas, animusque mala ferrugine purus.

*Panegyric. ad Pison.*

---

**A** barba, e espessa grénha (1) penteando,  
Dos Hyperbóreos sérros desce o Hynverno:  
Eis das mãos engelhadadas nos arrója  
Regêlos passadores.

---

(1) Talvez se assemelhe esta Ode a outra, que começa — *Vejo apontar o Hynverno pelos cumes*, etc. etc. — O que vem de as ter eu ambas feito no Hynverno; e me lembrar nesse caso mais do frio, que sentia, que das Odes, que compozera. — Mas podia emenda-las no verào — (me dirà algum pronóstico, que me não conhece) .. Mas não m'o consente certo peccado velho, a que chamaõ perguiça (lhe respondo) nem o pouco caso, que fiz sempre dos meus versos. Deixo aos Meninos, que fazem décimas para freiras, o cuidado de pentear os versos, e lambe-los.

\*

Sanhudo , as crêspas azas sacodindo ,  
Ourica os troncos de espinhadas néves ;  
Alcatifadas de granizo agudo  
Alvejaõ os Campinas.

Em redór do Carvalho chammejante  
As Graças tiritando vem sentar-se ;  
E as torpecidas mãos, as frias plumas  
Aquécem os Amores :

Este alastra , co'as pinças , roxas brazas  
No rescaldado lár , aquelle céva  
As clarí-rubras tremedoras flammás  
C'o sobre-posto lenho.

Feliz , quem póde néstas quádras frias  
Aos Penates manter perpétuo fôgo :  
Da antigua Vésta disvellado Guarda  
Velar , que não perêça.

Mas mais feliz , quem como tu , M\*\*\*  
Góza d'um tepido , amoroso Clima ,  
Onde Apollo com franco mimo esparge  
A proficua madeixa.

Se te érgues com a Aurora , vês os Campos  
Orvalhados c'o aljofar buliçoso ;  
Nem todo o ramo , negrejando , chóra  
A verde vestidura.

Foraõ ditosas as Cimmerias turmas ,  
Que deixando as geladas serranías ,

Beberaõ, nas Hespanhas, longos tragos  
De Zéphyros fragrantés :

Quando trócarãõ, pela lande brava,  
O cheiroso melaõ, a sumarenta,  
Vermêlha, assucarada melancia,  
Os pêssegos felpudos ;

Gostando, em vêz da asperrima Cerveja,  
O saboroso Baccho reluzente,  
Que a padãr mãis mimoso, e regalado  
Plantara incãuta dextra.

Ay, mîsero ! quem longe de táes fructos,  
Longe de ti, dos Lares saudosos,  
Só conserva a tristíssima lembrança,  
Para assanhar-lhe a pena !

E, quando, anciado da affligida lotta,  
Vái a voltar-se no desérto leito, (1)  
Em vêz da mórbida, aquecida Esposa,  
Tópa resfriados linhos.

---

(1) In me nostra Venus noctes exercet amaras.

*Propert. Monobibl. Eleg. 1.*

---

---

PRODIGIOS  
DO ATREVIMENTO.

Audax omnia perpeti  
Gens humana ruit per vetitum nefas;  
*Horat. lib. 1, od. 3.*

---

Nenhum cometimento alto e nefando  
Por fogo, ferro, agua, calma e frio  
Deixa intentado a humana geraçãõ.  
*Camoës. cant. 4. in fin.*

---

**P**ARA andar pela Terra a Natureza  
Nos deu pés; — bem dera ázas,  
Se pelo ar nos quizera dar passeio; —  
Bem dera barbatânas,  
Se a cortar máres fôramos nascidos;  
Inda a pelle nos dera  
Da Salamandra, se viver no fogo  
Fora nósso destino.  
Mas nós, que em tudo alem da raya vamos,

( 38 )

Trilhámos mar com quilhas,  
Sulcámos com baloës líquidos ares ;  
Só no fogo falhámos.  
Falhámos ! — Como é uescio quem tal cuida ! —  
E esse Mancebo virgem ,  
Que entra, e vólve em Pombal n'um fôrno acceso,  
C'uma rosa na bôcca ,  
E delle illeso sáhe , e a rósa frésca ,  
Naõ sábe andar no fógo ?

---

Lugduni Batatiphagorum 16 Nevenbr. 1796.

## O D E.

Conta bem Manoël Joaõ :  
Conta bem que vinte saõ.

*Auto da Paixaõ.*

---

**V**ENHA cà Nécker; venha o mais pintado  
Professor de Algarismo, que me arrume  
Nomeu « *Déve e Ha de haver* » por méz, por  
Os meus florins sessenta, ( dia,

Jà abáto delles dôze , para as Cázas ;  
Mâis dôze , para a Vélha *Nighe-naghe*  
Que a çuja roupa , com lexivias çujas ,  
Restáura à prima alvura.

Do çujo rósto quem me córta o pélo ,  
Me arréda inda outros três da curta somma. —  
Conto entam as reliquias solitarias  
Do desfalcado embrulho : —

Embóra os (1) conto. Acanhaõ-se nos dêdos  
Trinta e tres estafados corropios ,  
Que páрто em tres quinhoês. Cada um tomã  
Sem mâis um bazaruco. ( onze ;

Comei , comei batátas sem-sabores ,  
Bebei água de póços fedorentos ,  
Marfisa , e Monge : — e tu , Filinto , agúça ;  
Que t'as tempére Horacio.

Rôlas , Perdizes , Pátos , Galinhólas ;  
Sab'rosa fructa , generoso vinho ,  
Naõ cóçaõ o padár de quem espréme  
Sette sôldos de gasto.

---

(1) *Os conto* refére-se a corropios. Naõ haja falcatrua ; que inda me lembraõ as regras do Cartapacio. — Algumas , que naõ todas.

---

---

L Y R A S.

---

1.

**N**ÃO ouvias cantar por esse prado ,  
Por onde a mim te appressas ,  
Marcia , o teu nome amado ,  
D'entre as folhas das árvores espessas ?

2.

As canóras pintadas Avezinhas  
Tanto aos rudes Sylvanos  
O ouviraõ , e às vizinhas  
Drias cantar , no dia de teus annos ,

3.

Que enchem com cantos repetidos  
Os ares sonorózos.  
De inveja , e amor , sentidos  
A'ys daõ Lydias , daõ Tyrsoz amorózos.

4.

Vái passear nas aprazíveis prayas ;  
Tritoës espadañdos ,  
E os peixes já des-mudos  
Te darão mais louvor , que às bellas Náyás.

---

## S O N E T T O

AOS ANNOS DA SENHORA MARG. CH.

---

**D**A nuvem transparente, que rasgava ;  
Vinha Venus formosa a nós descendo,  
Com ella o Filho iniquo, appercebendo  
Cruéis vinganças Venus, e este a aljava :

« Ah Cupido que affronta ! ( a Mãe clamava )  
» Desprezar-nos soberba !... ( Assim dizendo )  
— A Ti a accesa vista retorcendo ,  
— Ira a Mãe, sétta o filho disparava.

A sétta, ao seio teu , Marfisa ayrosa  
As vingadoras farpas dirigia ,  
Co' as ázas , que lhe deu Dione irosa (1)

Naõ têmas. O'lhá a dextra que desvia  
A setta... Éa da Amizade! Oh Nympha, gôza  
( Venus raive ! ) o triumpho deste dia.

---

(1) Arbitrio matris de mille sagittis  
Unam seposuit, sed qua nec acutior ulla ,  
Nec minus incerta est ; nec quæ magis audiat  
*Ovid. Metamorph. 3.* ( arcum.



Lugduni Baltatiphagorum 1796. (\*)

O D E.

Hoc precor : hunc illum nobis Aurora nitentem  
Luciferum roseis candida portet equis.

*Tibul. lib. 4. Eleg. 3.*

---

**E**MFIM, já assoma às pórtas do Oriente  
O dezejado dia,

---

(\*) Parece que devia o Author, escrevendo em Leyde, pôr *Lugduni Batavorum*; mas creio que por não ver meza Hollandeza sem batatas, e lembrado desse pouco de grego, que apprendeu, cazou o verbo grego *phago* com as batatas, e appellidou-os comiloês de batatas. Nem tenhaõ a muito atrevimento metter o Author, n'uma data essa pequena greguice, quando eu vejo aquí em París, o quanto lavra nos livros nóvos a bazófia de metter o grego à cara dos leitores : até nos editaes de theatros, e de curiosidades, anda tudo minado de grego. E' um desamparo ! Ahi vái

Em que terras , e már porei em meio  
    Destes fétidos bréjos (1).  
Como acenar-me vejo là de longe ,  
    C'o alegre Desenfado ,  
O umbroso Sena , de cantada veyá !  
    Là me espéra a Saûde  
( A Filha da Alegria ) com risonho  
    Prazenteiro agasalho.  
Lá vou despir o lutto , que trajava  
    Meu peito hà quazi um lustro ;

---

um , que hontem me embutiraõ à queima-  
roupa. Dou-lho para amostra. — *Pyrofanto-*  
*phylie*. — Vejaõ se o adivinhaõ , e mandem-  
mo dizer.

*Nota do Editor.*

(1) Péço encarecidamente aos que lerem esta destampada arenga , que não imaginem , que eu assento no mesmo aranzel todos os Hol-landezes. Sei que há entre elles homens mui polidos , mui sabios , homens que honrariaõ a mais sociavel Patria. Foi desgraça minha não os encontrar : encontrei com o avesso delles. O despeito , o enojo , a solidaõ , a má saude , que logrei na Hollanda , foraõ as instigadores desta , e d'outras similhantes baforadas poéticas , que cá ficaõ na gavêta.

E comprar, nos Bazáres do folguêdo,  
Um traje côr de rósa,  
Que faça rebentar de ira, e despeito  
O Casmurral enojo;  
Se inda não desgarrou inteiro as unhas  
Das magoadas entranhas. —  
Declaro eterno adeos às abhorridas  
Desconversaveis cáras (1),  
Do Sem-sabor hospício sempiterno.  
Com ancia alvoroçada,  
A Sápos, e a Canáes, e a tâes Piúgas  
Darei ligeiras cóstas.  
Já de mim se desprendem com lentura  
Os pegajosos áres,  
As mal-fazêjas névoas que prendiaõ,  
Com streito cingidonro,  
Dos animáes sentidos a pujança,  
E da alma o vôo hardido.  
Eu os vi (1); que subiaõ, com desleixo,

---

(1) Chamo - lhe *Caras*, porquê o seu nome verdadeiro desmentia da medida do verso: e porque em Poesia se tóma a miúdo a licença de dizer uma cousa por outra.

(1) Tenhaõ paciencia. Vaõ lendo; que pelo aranzél adiante acharãõ uns *embryoès*, que são o accusativo deste verbo *vi*. Um pobre

Dos charcos Acheroncios (1)...

Quando, um dia, que, curvo de tristeza,

Sobre um mal-lido livro,

Clio me despertou, e foi subindo

Comigo à Torre da Haya.

Allí, co'a branca mão, co'a mão Divina,

Da humana sombra, os olhos

Me esclareceu; — à origem Promethéa

Tornou da mente o acume.

Entam vi claro erguer-se pela Hollanda,

De seus paêes infectos,

Um vapôr, mal-distincto em seu principio;

Mas, que, affirmando a vista,

Vinha prehe de embryoês(2) de Enfado, e Nojo,

Quaes, lógo que medraraõ

Ao cheiro *creador* de mil (3) Cachimbos,

---

Poeta se vê muitas vezes obrigado a des-locar os ossos do periodo, para lhe entrarem pela betêsga do verso.

(1) Se não são os Charcos Acheroncios, que Virgilio nos descreveu, são ao menos primos com-irmãos delles.

(2) Eylo que chega o ronceiro accusativo. Deos o traga com bem!

(3) O Poeta poz *mil* e podêra, sem encarecimento, pôr Centenas de Milhar de Contos de Contos.

*Nota do Editor.*

As conheci de plano ; —  
Como a Devóta , às tentações affeita ,  
Conhece logo o Diabo.  
Eraõ ( que eu bem os vi ) como alforrécas  
Infórmes , peganhentas ,  
Que ao módo se estendiaõ de alvas óvas  
Estanhadas no Tejo ,  
No tempo , em que na veyá , as Mães des Sáveis  
Depoem o inchado ventre.  
Estes embryoës , com côres de *Icterjéia* ,  
Alando-se , estendendo-se ,  
Amarellando o sobrecéo dos Charcos ,  
Iaõ dando de empurra  
Com homens (1) , e animáes , e alli grudados  
Quáes cáusticos ferrenhos ,  
Chupavaõ a medulla da Alegria ,  
Murchando as côres da alma ;  
E o Gracéjo entam nû de sal , — só fica  
O ensosso da Batata.  
Adeos , adeos , ensôssas Personagens ;  
Adeos , Rhinocerontes ,  
De escura , encantoada catadura (2).

---

(1) Fallo dos estrangeiros.

(2) As Cabelleiras dos seus *Domines* saõ retrato ( menos as bandas ) da Cabelleira de Custodio Nogueira Braga , que muitos dos que hoje vivem , conheceraõ. Saõ uns gordos colchoës com

Adeos grasnantes Gansos,  
Adeos çujos Canáes, adeos Canalha (1) ;  
Com que prazer vos deixo,  
E vou longe de vós saudar o clima  
Da prazenteira gente !

---

setenta, ou outenta óvas de cabello, em palanques de muitos andares, que lhes vem affrontar a cara de maneira, que parece esta, uma castanha, que quér sahir do ouriço, e apenas dá móstra de si.

(1) Allude a uns versos, que lhes fez na despedida, um francez tam enjoado delles, como eu.

Adieu peuplade, à qui Voltaire  
A si bien su donner le nom ;  
Race que Dieu mit sur la terre  
A la requête du Démon.

Adieu canaux, adieu canaille,  
Adieu grenouilles, adieu marais,  
Je n'ai rien vu chez vous qui vaille  
Et je vous quitte sans regrets.

É muito para admirar, que estas coplas, e outras mãis de sua comitiva, as cantavaõ mui desenfadados, os rapazes pelas ruas.

## S O N E T T O

AOS ANNOS DA S.ra D. E. V. M. J. M.

---

**O** TEMPO tragador , co' a fœuce afiada ,  
Córta annos em agraçõ , annos maduros ;  
Do seu cego furor não staõ seguros  
Lettras , Valor , Belleza celebrada.

Móve as sórtes fatács co' a maõ pezada ,  
O Fado , surdo a vótos , e a conjuros ;  
Baralhando c'os nomes vis , e escuros ,  
Um Nuno (1) impávido , uma Inez amada.

Somente fóge ás Parcas sanguinosas  
O nome honrado , o puro beneficio ;  
Illustre esforço de almas generosas.

Consagre-se o teu dia natalicio ,  
Eugenia , com festoës de vivas rosas :  
Dia ditoso , dom do Céo propicio !

---

(1) Nun'alvres Pereyra. — (2) Inez de Castro.

---

---

# S O N H O, (\*)

DEDICADO

AO ILL<sup>MO</sup>. S<sup>NR</sup>. P. M. DE M.

L'aventure était drôle, aussi le Dieu mocqueur  
En rit de tout son cœur.

*Grecourt.*

---

**U**MA noute do tres-loucado Entrudo,  
De alto barulho, e dançatriz farófia,  
De longo rabo-léva, e surriada,  
De pós, talco, filhós, peruns, carniça;  
Eu co'a cabeça quente, e nebulósa  
C'os vapóres de Baccho ebri-festante,  
A redonda barriga ainda himpando  
C'o saboroso-atóla-dente lombo,

---

(\*) Un rêve ! ah ! que je vous embrasse !  
Quelle bonne fortune ! Vous êtes auteur dans  
l'ame. Quoi ! jusques dans le sommeil ! Quand  
vous aurez contracté quelqu'habitude du métier,  
que sera-ce de vous dans la veille !



E cértas trouxas de óvos comesinhas —  
Embruhlado na réde , em Cáza aos passos  
( Não mui seguros ) punha a pontaria ;  
E já Morpheo , das pontas dos cabellos  
Se prendia , trepando-se à moleira ,  
Para no leito me baquear d'um gólpe ,  
Mal que os Penates curto saudasse.

Dispo-me a troncos do prolixo fãto. (1)  
Aquí me cáhe o lenço , alli se entórna  
A caixa de tabáco ; — mal sostidos ,

---

(1) Não sei porque razaõ não admittimos o traje dos Romanos tam decente , e magestoso : ou um coléte ajustado com calças marinharescas , cujos trajas em dous àtomos se vestem , e se desvestem. Não esta bicharia de botoés , fivéllas , ligas , alamares , que é um nunca acabar ao deitar , e ao erguer. Pois que direi de cértas abas de cazacas , etc. inuteis , e pendentas , que nos transformaõ em bonifrates ? um chapéo que nos não resguarda da chuva , nem do Sól ? Et reliqua.

Oh tres , e quatro vezes fortunosos ,  
Vós Gregos , vós Romanos , cujo trajo  
Desprezava botoés , ligas , fivéllas :  
E mais que vós ; oh Negros , oh Tapuias ,  
Que em trajo único andáes , qual do matérno  
Ventre herdasteis , e vos ha-de herdar a terra !

No braço da cadeira , se debrução  
Os calções c'o relógio; e da algibeira  
Pingão vintens , retinem no ladrilho ,  
E vão , em caracól , correndo; — o Gáto  
Pula àquem , pula àlem ; — co'a garra léve  
Dá-lhe um bôfête , os tomba , e os atabáfa.

Dou pouco tino dos vintens rodantes  
Do subtil Gáto resonante preza ;  
Antes durmo , sem vér , sem ouvir sóca ;  
Como quem faz focinho ao mundo inteiro  
Comparado c'um bom dormir machucho ,  
Entre fôfos colchoês aboborado ,  
De mortáes barafundas esquecido. (1)  
Dormir , e pérguiçar foi já o systema  
Do mui-facéto imitador de Esôpo (2)  
Dormir é Irmaão de Cômô , e de Folguédo ,  
Dôce remanso do cansado dia ;  
Da Natureza , e Baccho , é o Morgado ,  
Da vida esteyo , das tristêzas córte , (3)  
De todo o mal suave medecina , (4)

---

(1) Alma quies optata veni; nam sic sine vita  
viveré quam suave est; sic sine morte mori.

*Anonymo.*

(2) La Fontaine.

(3) Menti Deus utilis ægræ. — *Propert.*

(4) Havia aqui uma Greguice , que éra bem  
comesinha ; mas faltavaõ nas cazas do Impressor  
lettras competentes. Paciencia !

E dos grandes negocios Conselheiro.

Quem nos diz, que da Mórte é o sommo imagem  
Nunca soube dormir : — resvála a doudo. (1)

Há ahi velar que affronte um sonho amante ,  
Repinicado de mimosas fallas ,

Com seu posponto de intrincados bejos ,

E travéssos folhados de Cupido ?

Quando é que um avarento mette em cóffres

Cartuchos (2) de dobroës auri-luzentes ,

Como os que vio , em sonho regalado ,

Pelas sôffregas mãos rodar-lhe a frôxo ?

Que Valído subíio a mór altura ?

Que Dama foi do amante máis servida ?

Quem foi jamais , no sêcco da Verdade ,

Tam feliz , como na aurea d'um bom sonho ! (3)

Que digaõ , que da *Morte é o Somno imagem* —

(1) Homer. Iliad. 14. — Este náco de erudiçaõ veio à surrelfa embetesgar-se cá. — Pois que veio, fique ; que é consciencia risca-lo ; quando não fôra máis, que para contentar os que gostaõ de citaçoës.

(2) Deu-se-lhes este nome de Cartuchos , pela vida solitaria, e muda, que levaõ nos Claustros, e dormitorios d'uma burra.

(3) . . . . Or quando è il vero  
Si bello , che si possa a tè preporre ?

*Tasso. Cant. 2.*

Naõ soube o que é dormir quem de u tal motté...

E eu, que estragando a náta dos meus versos,  
Com loucos, de chorudo Somno esquivos,  
Escornava a moéla do meu sonho! —  
Viro de véla, méttö-me no rumo.

Quando pois máis profundo ressonava,  
Engolfado no pégo da modorra;  
Quando o grosso vapôr, que a ideia embrusca,  
Começava a cahir, a esváecer-se,  
Despindo o véo aos quadros da Memoria.....  
Como o Sól, quando a pino em rayos arde,  
Transpassa a névoa com dourado lume,  
E derrõtada em flóccos a affugenta,  
Que vá nos longes cumes enrolar-se: —  
Entam a colcha azul o Céu desdobrá,  
O mar amostra as esprayadas ondas,  
Mostra o monte as madeixas de arvoredó,  
E os valles a alcatifa de verdura.

Assim, no vaõ da tésta ( como no ôcco  
D'uma Camara-Optica ) apparecem  
Bicharia de fósmeas ( 1 ) sem feitio ,

---

( 1 ) Fósmeas intellectuâes chamava o meu  
Lente de philosophia a todas as concepções dis-  
paratadas, e inintelligiveis.

*Velut aegri somnia, vanae  
Fingentur species, ut nec pes nec caput uni  
Reddatur formae.*

Horat. de art.

Cardume atrápalhado de aventésmas.  
 Mas bem imagináes , que pouco a pouco  
 Esses inda-embriões foraõ cobrando  
 Figura , desbastando o enleado , o bronco. (1)  
 Bem presumo de vós , que haveis já lido  
 N'algum roto alfarrabio — ou que a vossa Ama  
 Junto do lar , no hynverno rigoroso ,  
 Lá pela noite vélha , cabeceando ,  
 Ao som da estriga , que na róca ringe ,  
 Quando ao torcer na massaroca a enrola ;  
 Depois de vos contar mil casos bruxos ,  
 Mil embelêcos de sabidas Fadas ,  
 Sediças travessuras de Duendes ,  
 Trouxesse como historia , vinda a pelo ,  
 Os seixos , e terroés , que mal-enchutos  
 Das porfiadas chuvas do Diluvio ,  
 Deucalião , e Pirrha arremessavaõ  
 Detraz de si , que em homens , e mulheres  
 Se foraõ convertendo ; (2) que ao principio

---

(1) Pela figura *Usteron-posteron* usaõ mui  
 famosos Poetas pôr antes o que deveraõ pôr de-  
 pois. Se aquí eu (sendo o minimo dos menores),  
 os imitei , fei-me nos muitos exemplos , que  
 apontarei na 15 edição deste rarissimo opus-  
 culo.

(2) *Paulatimque anima caluerunt mollia saxa.*  
*Juvenal. satyr. 1.*

Tôscos , mal-amanhados , des-geitosos  
Apenas confrontavaõ no pastrano ,  
C'os montanheiros Sanctos d'uma aldeia ; ( 1 )  
Como é claro , e o expoz. o exacto Ovidio. —  
Là tendes um rascunho do meu cazo.

Nesta Camara pois , nesta Marmóta  
Do Cérebro , surdiaõ de malhada  
As vistas já máis cláras , máis seguidas ,  
Do que vai , e não vai por esse mundo. —  
Quanto me não lembrei da Mouraria ,  
De seu nóbre presèpio divertido ; ( 2 )  
Quando Luzbél com Saõ Miguel dançava  
Uma briga ao compasso do Canario ; ( 3 )

---

( 1 ) Rudibus simillima signis. — *Ovid. Meta-*  
*morph. lib. 1. v. 406.*

( 2 ) Dizemos *homem divertido* o que *diverte*.  
Estes adjectivos passivos , tomados activamente ,  
tem muita elegancia na lingua Portugueza.

( 3 ) Era um Outavado mui repinicado na vióla ,  
e dansado com muitas posturas difficeis , e de  
muita gravidade. Eraõ raros os que o dansavaõ  
com perfeiçãõ : e o que máis admirava os bons  
dansantes , éra vêr , com que destreza , os que  
boliaõ os arames o executavaõ nos dous bonécos  
de S. Miguel , e de Lusbel , com sciencia, e com  
graça.

Té que , d'um gólpe de espadaõ vencido ,  
 De Luzbel que éra , em Satanaz trocado ,  
 Cahia c'os Diabrêtes nas profundas ! —  
 Ficava escuro , e mudo o Cháos , e o Nada ;  
 Depois vinha descendo o Padre Eterno ,  
 Com Opa rôxa , e Divinal triangulo ,  
 Fazia o Sól , e a Lua. — Oh , que éra um pasmo !  
 Que lindeza éra vêr Sól , Lua , Estrellas ,  
 Vêr , sem milagre , a Noite , e o Dia juntos !  
 Criar nos bambolins , nos bastidores ,  
 Nos pannos de espaldar , e no tablado ,  
 Tanta arvore com fructo , tanto bicho ,  
 Que se arrasta , que pula , ou se reméxe ,  
 Tanta ave , que voando os àres fende ;  
 Aquí mar , com golfinhos resfolgantes ,  
 Alli veigas , lagôas , lá máis longe  
 Cucurutos de sérras — Meus queridos ,  
 Meus prezados Leitores , perdoai-me  
 Resquicios de saudósa meninice.  
 Que me não deu París , com tódo o Luxo ,  
 Dessa O'pera talvez nimio-gabada ,  
 Gosto igual a aquelle éxtase , e arrôbo , ( 1 )

---

(1) Sempre achei tanta energia nésta palavra  
 Castelhana , que não me pude conter que não  
 usasse della. Quem lê em Hespanhol as vidas dos  
 Sanctos máis contemplativos , v. g. a da amantis-  
 sima Sancta Thereza , e a vê *arrobada* na máis  
 intima contemplaçãõ , etc. etc. tal graça , tal

Com que o presépio me enlevou menino : —  
 A'lem de que , não dána à claridade  
 Um símile de máis , se vem frisando.

Vinhaõ , como em presépio , cá no Sonho  
 Sahindo à luz dos ríccos promptuarios,  
 E armazens da Memória , a eito , a eito ,  
 As espécies , os móveis , as riquezas  
 A largo custo alli depositadas ;  
 Vinhaõ máres , sertoês , vinhaõ Cidades  
 De erguidos téctos , cúpolas douradas ,  
 Nóbre adorno de praças sumptuosas ;  
 A'quem córre um regato serpeando  
 Por um jardim Inglez , e encima a ponte  
 Travada de arte em rusticos madeiros ;  
 A'lém campeaõ poderosos urcos ,  
 Volvendo usanos fúlgidas berlindas ;  
 Máis longe um arvorédo , grato asylo  
 De sombrio silencio namorado ;  
 Lédos verdejaõ pampinosos combros ,  
 C'os dourados racîmos , que reluzem  
 Entre o vergar das trémulas videiras.

Éra um regálo vêr desenrolar-se  
 Pelo sem-margens deste Mappa-mundo ,

---

valentia lhe acha , tal affeição lhe cóbra , que a  
 perfilha ainda que estranha. Não é ella tam estra-  
 nha , que não usasse della Fr. Luiz de Souza na  
 vida de Suso , accrescentado-lhe um u.



Veigas , vergéis , despenhos de caseadas —  
( Cascadas naturáes , alvi-spumantes ,  
Naõ mesquinhos embôrcos de água ténue ,  
Com muito affan poupádos , — e vertidos  
Com grão dispendio , em dias prima-classe );  
Apavonadas nuvens no horizonte ,  
Com debruns de ouro , a vista afformoseaõ  
Do quadro, que vária , e que revêste  
As Campinás , e hervosas ribanceiras,  
D' alvos rebanhos, de gentis Pastoras,  
De choupanas, redís, rabéis, cajados ,  
Ampla matéria , em verso campesino ,  
De seis folgadas Éclogas Albanas. (1)

Eis que toda ésta scena se retira.  
Córre-me a Idéia novos bastidores ;  
Mal que meya modorra me deu azo  
De embainhar nos lençoes certa vasilha,  
Que o que foi já bebido em si recolhe.  
Em véz de aldeans , humildes singellezas  
Vêm todo o orgulho , e fausto de altas Cortes,  
Vêm torreoés, columnas, obeliscos,  
Floreados jardins, alvas figuras  
De Heróes de nome, de gentios Deoses. —

---

(1) Sempre tive cetrina có'a tal Ecloga de  
Albano e Damiana; naõ tanto porque ella naõ  
vale nada; quanto porque pôz a parir tantos  
engenhos, que nos inçaraõ de Eclogas más.

Sóbem rugindo , a arremedar o orvalho ,  
Saltos de água , ás estrellas espremidos  
Do garróte , e gargálo dos repuxos : —  
Fóge a vista por entre as espaçósas  
Alamédas sem fim , pelos passeios ,  
Onde a frôxo se enrufaõ , (1) se apavonaõ  
Possantes Damas , lépidas Mucháchas  
De altos telónios , (2) rûbidos rebiques ,

---

(1) Diz-se dos peruns , quando empavezaõ as pennas , e arrastaõ pelo chaõ a ponta da aza.

(2) Chamavaõ *telonios* aos toucados altos , que se inventaraõ em Lisboa , depois do terremoto , quando as Moças iaõ descaradamente sem manto nem touca , açoutar os ares com o topéte. Este nome lhes veio de ter dito um Prégador no seu sermaõ , que aquelles telónios eraõ thronos do Demonio , como o éra o telónio de S. Matheus.—

Dans le corps humain , la tête y paraît ce qu'il y a de plus beau , et y occupe le plus haut bont. La Nature s'est épuisée , pour ainsi dire , a embellir le visage ; elle y a semé du vermillon , et planté un double rang d'osselets d'yvoire ; elle en a fait le siège des souris et de la pudeur ; elle y a répandu l'éclat et la vie par le brillant des yeux ; attaché , de l'un et de l'autre côté , le merveilleux organe d'un de nos sens , et distribué des airs et des graces qu'on ne saurait

As sedas ruge-ruges arrastrando  
Pela rodante — polverosa areia.

Alli Casquilhos mil , afrancezados ,  
Brinco na orêlha — goélas abafadas  
C'um tuffado lençol , em rancho os guizos  
Pendem c'os farfalhudos perendengues  
De estiradas cadeias do relógio ;  
Quadrado é o talhe da cardada trunfa ,  
Dêngue a servilha prêta , luzidia ,

---

décrire ; elle l'a environné d'une chevelure qui  
releve toutes ces beautés , et qui les fait paraître  
dans tout leur jour ; en un mot , il semble qu'elle  
ait destiné la tête , à servir de comble au plus  
glorieux de ses ouvrages ; et lorsque nous l'ac-  
cablons sous le poids des ornemens inutiles , nous  
détruisons la symétrie du corps humain , et  
nous détournons sottement la vue de grandes et  
réelles beautés , pour la fixer sur de niaiseries ,  
de la dentelle , des rubans , etc.

*Spectateur. tom. 2.*

Tot premit ordinibus, tot adhuc compagibus  
ædificat caput. ( altum

*Juvenal. satyr. 6.*

E é gigante a fivella róça-ruas (1) —  
Seu livro de fitinha na algibeira,  
N'outra a ponta do lenço debruçada,  
Chamariz de cadêmos ratoneiros.  
E' rizo, é compaixão, é menosprezo  
Vê-los em seu meneio, e desengonço!  
Não movem pé, nem mão, não volvem ólhos;  
Que não seja affectada macaquice,  
Consultada c'o espelho, arremedada  
D'algum Marícas do Palacio ensósso.

Quem poderá narrar com claro stillo,  
O que eu com pasmo alli presenciava?  
As voltas, as gaifonas, nos encontros;  
O rapapés, o derrengar do corpô,  
Tremelhicando a apolvilhada grenha;  
As safádas lisonjas delambidas? —  
*Polidos cumprimentos* — por alcunha.

---

(1) Com effeito (*credite posteri*) tam descompassadas as vi, que sobejavaõ por fóra dos beiços da sóla; e máis pareciaõ os sapatos appendix das fivellas, do que estas apêrto dos sapatos. Podia-se dizer dellas, como o outro disse d'um nariz desmesurado. — *Era-se un hombre a una nariz pegado.* — Tam ridiculo foi sempre alargar com demazia as ensanchas às módas!

*Epiphonema,*

Em tal tropél andêjo eu distrahido  
Dava assumpto a jocoso passatempo;  
Quando vejo luzir duas rodélas  
De vidro, n'um nariz vermelho, e grôso  
D'um tonél ambulante, que cingia,  
Com estreito cordaõ, larga roupéta.  
A basta barba branca se lhe espraya  
Pelo peito; na tésta um curuchéo  
D'uma fóta listada esguio sóbe;  
Como pela Ascensã poem carapuça  
Bicudo apagador ao Paschal Cirio.  
Tráz verdes os debruns da ruyva béca,  
Amaréllas as luvas, e os sapatos,  
Com láços rôxos ao desdem prendidos,  
Qual sandálha de arfante Xabregano.

Affinca-se ante mim este estafermo;  
Segúra os grandes óculos, e encara  
Nos meus olhos, pregados n'um tarêlo,  
Que máis, que os outros, estofara os crespos.. —

Aqui, oh Musa, o teu auxilio invóco,  
Neste, tam desigual às minhas forças  
Nunca narrado assumpto em prosa, ou verso.  
Dize, oh Thalía, jovial Camêna,  
Quanto prodigio obrou, quanto me disse  
O homem do curuchéo; e o como a farça  
Pintou viva Morphéo, com maõ de méstre,  
Na abóbada recôncava do cérebro.  
Dize: que attento escrevo. — Ey-lo que entôna  
A biçuda cachóla, e inteiro, e grave,

Me acotovéla, e diz: » Saber quizéras,  
» ( Que no curioso olhar bem t'ó adivinho )  
» Que tramóyas contem, que farelórios  
» Aquelle créspe ouriço apolvilhado?  
» Esse appetite eu contenta-lo quéro,  
» E contentar-to já. — Que por impulso  
» De engenho bem-feitor, peregrinando  
» Por este mundo, ponho em praxe as raras  
» Profundezas do meu saber, co' a mira  
» Em contentar caprichos curiosos,  
» E por-lhe, a seu maneio, o que impossivel  
» Té-qui de alcançar foi — Nem tal te espante:  
» Que, qual me véz, sou Mágico d'arromba,  
» Dos Mágicos do Egypto mil-bisnéto  
» Por linha récta; e de Merlin o sabio,  
» Tenho ( sem que um só falte ) os livros todos:  
» Que os salvei juntos d'uma certa queima,  
» Trocando-os, c'ó Meirinho, por Diurnos.  
» Entre segredos mil, que em taés canhenhos  
» ( Autographos genuinos, bem sellados  
» C'ó sinéte do occulto Trismegisto )  
» Lidei por descifrar, o dom possôo  
» De armar, e desarmar cabeças vivas, (1)

---

(1) Esta idéia não é nova; nem Deos permitta, que eu a dê por tal: antes haverá (segundo minha lembrança) obra de trinta annos, que a li n'um livro Inglez. Qual elle porem fosse,

» Como faz , e desfaz qualquér relógio  
» O *Pires*, ou *Pollet* (1), quando os concérta.

Tira entam da saccóla de camurça ,  
Que ao ládo esquérdo cáhe a tiracóllo ,  
Um estojo de liza Lixa verde ,  
Cheio de mil ferrinhos : » Aqui dentro  
» ( Me dizía ) há engenhos para tudo. »  
E arcando as cabelludas sobranceiras ,  
Embochechando o rosto , continúa :  
» São sem conto os prodigios estupendos ,  
» Que obraõ estes ferrinhos milagrosos ,

---

pergunte Deos por suas cousas. Talvez que se estivesse em meu poder a minha livraria, pelo tino iria acertar com elle , e com gosto citaria o seu Author. Bem sei ( e não faltará quem m'o diga ) que há muitas Bibliothécas em Paris , onde poderia acha-lo : mas tambem sabem todos, que sempre pôde máis comigo a perguiça, que a gloria de citador. Alem de que , se a ideia é alheia , os atavios são todos meus. No cazo porem , que os perluxos Leitores encontrem c'o legitimo possuidor , tenhaõ a bondade de m'o apontar , que eu na segunda edição o citarei , e nas ancas da citação , irá um rasgado comprimento ao atilado e charitativo Apontador.

(1) Relogioeiros muito afreguezados em Lisboa.

- » C'uma déstas franzinas ferramentas
- » Armo eu um Galeaõ n'um sancti-ámen;
- » E com ésta agulhinha de nó-nada
- » Lhe urdo velame , enxárceas , e bandeiras. —
- » Vês este gancho de ouro ? — E' bem delgado !
- » Pois com elle atoei , a salvo , ao pôrto ,
- » Uma armada Turqueza , que ía a pique ,
- » N'um vendaval de ventos assanhados ,
- » Se não lhe acudo c'õ bẽmdito gancho. —
- » Não há traste aqui dentro deste estojo ,
- » Que não seja um compendio de sabença.
- » Tem máis préstimo , estudo , e máis juizo
- » Um férro destes , que não coube nunca
- » Na espessa tẽsta d'um Doutor de bórta.
- » Tõma este vidro. — Bem dirás , que é vidro :
- » Não é vidro. — Do Rei dos Basiliscos
- » Foi já olho ; por mim petrificado ,
- » Polido , preparado com essencias
- » De aço , e óleo Oriental de diamante ;
- » Sêrve de óculo , e vê cousas não vistas
- » Quem por elle quér vêr , — não sendo cégo. »

E nisto subtilmente tócca em róda

C'um ponteiro os encaixes do toutiço ,

E o Crâneo sobreceó claro-destampa.

Que pasmo foi o meu ! que fito de ólhos !

Que bocca escancarada ! — O tal ferrinho....

» Que dizes do ferrinho ! ( me embatûca

» A mágica aventesma ) Este instrumento

» Não tem poder os Reis , não tem thesouros



» Que a par do seu valor, não sejaõ curtos.

Applica esse óculo, e em prodigios tantos,  
Que elle há-de descobrir, admira o engenho,  
» E o que, nelle empreguei, lidado estudo. »

Que burundangas vi! que farfalhadas  
Ferviaõ em bólhaõ, nos reconcóvios,  
E sumiços daquella tóca aéria!  
Miólos; nada! — Havía em lugar delles  
Um volumoso, atrapalhado embrulho  
De escriptos, um fardél de versos terno (1) —  
Uma fita de enágua, um crávo murcho,  
Que foi prenda — adorada, e mui-bejada  
D'uma guápa, que o pôz... à escaravêlha.  
Um comprimento para as boas féstas,  
Com tómas, com ensanchas para tudo,  
E um de igual móldo para dias de annos (2).

---

(1) Versinhos de Caldas, versinhos de Chagas, para Nerinas, para freirinhas, mui doces, mui delambidos, mui óccos, mui mólles, e mui sonòros. — *Versus inopes rerum, nugaeque canorae*; ou como Quintiliano diz: *Similiter illa translucida et versicolor quorundam elocutiones ipsas effeminat, quae illorum habitu vestiuntur. Curam ego verborum rerum volo esse sollicitudinem.*

(2) Não é de invenção minha. Sujeito conheci eu, o Senhor J. Q. de M. que compoz um so-

O gosto, que encetei no tal embrulho,  
Foi-me apontando o O'culo ladino  
Para os máis recantinhos, e refolhos,  
Daquella *feira frívola da Ladra*;  
Qual ségue a agulha (1) a mão, que empunha o  
Por cima dos fieis rayados rumos, ( iman,  
A cada vento, que lhe acêna em róda.  
Aquî, àlêm reluzem perendengues,  
Diches, annéis — Encerraõ bocetinhas  
Chesmininés d'alto primor, e chança,  
Finezas, e requébros derretidos,  
Melindres de sem-par chuchurrebío; (2)

---

netto com tal artificio, que trocando as quadra-  
turas e terçarias, de outo maneiras differentes,  
lhe servia com os mesmos Consoantes para outo  
dias de annos. Estes findos, e bem usados, mu-  
dava de consoantes, e tinha para outras tantas  
despesas de dias de annos, *et sic de caeteris* :  
conservando (observai bem!) o sentido primi-  
tivo do sonetto; e os consoantes tâes, que a cada  
canto os deparava, e lhe vinhaõ justos ao cor-  
po do Poema.

(1) Agulha de marear. — Nota do Editor para  
Casquilhos, que só viraõ o mar, do adro das  
Chagas.

(1) *Chuchurrebío* — Palávra a máis imitativa, e  
pittoresca (e por isso a máis enérgica) de quan-

Quintas essencias — o bejinho, a náta  
 Do aperaltado, come-em-vaõ namôro :  
 Tudo arrumado, e fófo, entre camêlhas  
 De ambri-odôro algodaõ. — Vi n'outro cóffre,  
 De talco, encaixilhado em flagrana,  
 Fúndos suspiros (cascaveis das ansias!)  
 Da ausencia os ays, e os trémulos soluços;  
 Mólhos de phrazes vans, com seus atilhos  
 De *Mas, porém, oh Céos! Que dita e gloria!...*  
 Fôra um nunca-acabar, ir descrevendo  
 Todo o sarapatél, que o vaõ pejava  
 Da tál bóla, armazem da parvoice :  
 Só, para dar remate a tudo, digo,  
 Que em róda a vi por dentro afestoada  
 De espelhados, pendentés avelórios,

---

tas inventou a redonda *Grecia quibus dedit ore rotundo Musa loqui*; — De quantas ainda hoje blasona a imaginativa Arabia. *Chuchurrebío* significa pois o ultimo *quod sic* das cousas, que bem se gostã, *Chuchando-as*, remexendo-as, remoendo-as, visitando com ellas, na pa da lingua, toda a cúpola do paladar, e todos os gabinetes dos gorgomilos; é como quando não temós palavras, que supraõ o nosso encarecimento, nos servimos d'um gésto admirativo, — e scholasticamente, de um assobio, que diz às vezes mais que uma Oração gratulatoria, consta por essa

Onde ufano e rizonho se revia ,  
A cada instante , o instincto do Peralta.  
« Viste ( me disse o hómé habilidoso )  
» O que há lá dentro ! — Fécho, e re-componho :  
» Que te quero mostrar , com igual arte ,  
» O coração daquella Logrativa ,  
» Que de tanto Casquilho os ólhos lévã ,  
» E lévã as affeições. — Ah insensatos !  
» Que chóros ameaçaõ , que despeitos  
» Aos que se enlévaõ no fallaz sorrizo !  
» Quanto tem que sentir iniquos Fados !  
» Nesse mar , que os embála , ( már de leite ! )  
» Lógo empolado em náufragas montanhas ,  
» Pasmaraõ de ir a pique. Incautos ! na áurea  
» Bonança das caricias se enfunaraõ ! —

---

razaõ a nossa palayra *Chuchurrebío* da mãis ricca, e mãis sonóra onomatopeya. — *Chuchudo* verbo *chuchar*, de que só usamos para com as cousas que mãis delicada, e golosa, e regaladamente nos saboreaõ; os dous *rr*, que saõ em cifra uma allusiva repetiçaõ do verbo regalar, recrear, regozijar, e cujos *rr* denotaõ aquelle *retorneio*, que a cousa *regalada* vai, como de *romaria*, fazendo pelas *roscas* da garganta. E emfim aquelle *bío*, que é o sonído final do *assobío* sinétte de encarecida admiraçaõ, que serve de remate, e corõa à preciosissima palayra *Chuchurrebío*.

» Miseros , que assim ardem nesse lustre ,  
» Com que intentada (1) engóda os inexpertos!  
» Mariposas, da luz que os matta, amantes!  
» Ah! se qual eu agora t'ó descubro  
» Vissem o coração déssa , que adoraõ. . .  
» Como as cóstas voltàraõ aos agrados,  
» Que aquelle rosto vario lhes prométte!  
» Mas antes que eu coméce a abrir os seyo  
» Dessa intricada mina, é bem que saibas  
» Que nesse coração, que a o ver te inculco,  
» Há táes vóltas, marânhas, labyrinthos,  
» Tanta dobrêz, tam fementido enleyo,  
» Que não coube a Theseo, não deu Ariadna;  
» De fio guiador sabio novello,  
» Que ao mãis ladino acérte co' a sahida.  
» Olha primeiro o empedernido, e nêgro  
» Cállo, que o cóbre, e escuda aos crébros tiros,  
» De que o véz d'alto abaixo espicaçado:  
» São das fêchas do Amor frustrado impulso,  
» Perdidos gólpes, dádos n'um rochêdo. »  
Quando elle ergueu, com delicado engenho  
Essa côdea durazia, e que olhei fito. . . .  
Oh meu Deos! (exclamei) Que torcicólos  
Que encruzilhadas, bécos, e Xancudos (2)

---

(1) Camoões, Cant. 4. ést. 104 v. 7. *Quibus intentata nites*. Horat. lib. 1. od. 5.

(2) Certo páteo, por detrás do Calçado velho, onde morava, antes do terremóto, uma Par-

(Obra mais que Dedálea) se enredavaõ,  
Sem nenhum ir cruzar co' as pórtas da alma.  
Sim, senhores, é assim. Que eu curioso,  
C'um subtil alfinête, achei que todos,  
Voltando sobre si, surgiaõ fóra.

De tam cégo escondrijo os vãos incluem  
Maços de enfeites, vidros de posturas,  
Estójos guápos, óptimas pastilhas,  
Pintados léques, luvas perfumadas....

Se não me engano, zúne-me aos ouvidos  
Cérta chacóta crítica; e diz élla:  
« Como cábem, n'uma área tam pequéna,  
» Maços, vidros, e tanta bugiganga,  
» Que apênas n'um báhu cabêr podiaõ? »  
Mas eu, que ja em críticas fiz cállô, (1)

---

teira, muito conhecida, chamada Catherina  
Lópes; que cahindo em idade, e desviando-se-  
lhe por essa causa a freguezia de seu partejo,  
se metteu a Cristalleira, e dizia um auto de  
Catherina Lópes, que eu ví impréssô, com as  
licenças necessarias. — *Que para pértô se mu-  
dou.* — O tal Auto, que me não deixará mentir,  
traz na face o retrato da Cristalleira, com seus  
óculos mui magistráes, e nas mãos o fólle, e o  
tachiño. Vista faz fé.

(1) Spiritum Graiæ tenuem camenæ

Parca non mendax dedit, et malignum

Spernere vulgus. *Horat. lib. 2. od. 16.*

Naõ me empâcho c'ò mofador zumbido.  
Co' as vistas da Marmóta lhe respondo.  
Como cabe París, Veneza, Londres,  
Em tam mesquinho quadro? E mais pergunto  
Como cábem dos ólhos na retina  
Déz léguas de alto mar, armadas frótas,  
Mil objectos de vásta perspectiva?  
E é nos ólhos ò espaço inda mais curto  
Que o vaõ do coração. — Quináõ. Léve essa ,  
Senhor critico, e sirva-lhe de ensino —  
Ei-lo que abaixa a prôa; Ei-lo basbaque ;  
E a critica em pantána. Dei retruque ,  
Por esta véz, naõ mais; que as maravilhas  
Quéro ir enfiando do meu sônho.

Lá , n'um retréte avisto um mafaméde  
De miúdas garridas gavetinhas ,  
Enfeitadas de fulgidos lettreiros. —  
Eu nunca vi botica encharolada (1)

---

(1) Se já naõ vem pela quarésma a Charóla da Ajuda dár um descante ao Divino , pelas rúas de Lisboa , necessario será contar aos rapazes de agòra a composiçaõ della. Pelo pouco que me recórdo, creio que era um andorsinho assentado em dous varapáos, cangado nos hombros de dous saloyos, acubertado c'uma toálha de mãos, como carro de romagem, com muitos senhorinhos dos passos, muitos peniten-

tes





» Contêm , para brazaõ , ésta gavêta  
» Mil coraçõs amantes , envolvidos  
» Em escriptos de lânguidos amores ;  
» O rótulo por fóra indica os nomes  
» De seus esperdiçados. Olha attento  
» ( E este é o mór prodigio dos prodigios ! )  
» No largo coraçãõ , que tanto abrange ,  
» Esse espêlho , que é cúpola do Templo  
» Da presumpçosa Deosa , com que industria ,  
» Com que ladina subtileza móstra  
» As offrendas , que na ára saõ acceitas. —  
» Arfantes cruces , saltos encarnados ,  
» Cláros diamantes , chicos ( 1 ) reluzentes ,  
» Bófes tuffados , ouriçadas trunfas ,  
» Tem franca entrada , reservado assento ;  
» Tanto mãis alto , tanto mãis vistoso  
» Quanto o Dõno é mãis fõfo , ou mãis basbaque...  
Mas nisto tal zóada , tal balburdia  
De máscaras , de bêbados , de gõzos  
Se levantou na rua alvoroçada ,  
Que o sonho tam egrégio me quebrou.  
Sobresaltado accórdo , e tómo susto ;  
Nem que a cidade fõra por assalto  
Entrada de improvisos inimigos ;

---

(1) Como há 26 annos que sahi de Lixboa ,  
naõ sei se ainda chamaõ , como entam *chicos*  
as meias dobras de 6400.

Ou que ardêra de ponta a ponta , a rua ,  
Em fumi-flavi-ruyvas (1) labaredas.

---

(1) Como um Portuguez Poéta bem conhecido , e de ajuizado voto na matéria , me deu o exemplo de palavra quadri-compôsta à imitação dos Gregos , eu que não sou nem grande Poeta , nem tam affouto , contento-me com uma tri-composta ; a unica talvez , que se achará em meus rascunhos. A quadri-composta de que fallei , chama-se — *Doce-ambri-fogo-ondeante* , e se acha no Dithyrambo à S. D. M. etc. etc. Mathevon.

Se depois da minha morte se imprimirem estes meus destempéros , como imprimiraõ as semsaborias de Fernão Alvres d'Oriente , e as senequices acconsoantadas do Caminha , e se ainda houverem prolixos ociosos editores , como o da Lusitania transformada , pôdem já desde aqui dar-se os parabens algumas palavras minhas , que acharaõ Editor grammaticaõ , que m'as approve , e as appóye com razões machuxas , e authorisados exemplos. Alegrai-vos , tripudiai , versinhos meus ; que até , para vos parecer-des c'o Virgilio de Maswicio , vos honraráõ com um index locupletissimo , que vos sirva de reportorio , e de recâmara. Léve o Diabo paixões. — Deixai palrar os criticos.

---

---

# CARTA, (\*)

AO MAL. LUIZ DE C.

Neque enim concludere versum  
Dixeris esse satis : neque siquis scribat uti nos  
Sermoni propiora , putes hunc esse poetam.

*Horat. lib. 1, satyr. 4.*

---

**T**U sabes o que vai? Houve cá hoje  
Uma tal Processaõ, que é mui bonita.  
Léva tanto santinho!!! Tanta gente!!!

---

(1) Devo advertir os senhores, que me lêrem, que esta carta foi feita ao correr da penna; e que é a resposta d'outra, com que nessa mesma noite me honrara o ditto Senr. Marec.; e que alem disso o portador partia no outro dia de madrugada. Mas *objicies primo* : tempo teve o Autor para a emendar depois. *Concedo*. Mas a perguiça, que advoga mui persuasiva a sua causa para comigo.... *Objicies secundo* : não há necessidade de imprimir os primeiros borrões..... *Concedo etiam*. E confesso ainda, que mesmo eu lhe não acho desculpa, nem mã, nem boa. Fa-

E gasta a preparar-se tanto tempo,  
Que já, do anno passado, cuidaõ nella.  
Na ante-véspera já da grande fésta,  
Promptos os sanctos, promptos os andores,  
Janéllas já pedidas, fátos feitos,  
Moças alvoroçadas, e Peraltas —  
Tomava aos Irmaõs (1) sécios graõ disgosto,  
Que o prazer da Função desenxaibía.  
Vinha a ser grandes nuvens de poeira,  
Que tam guápo festejo enxovalhassem :  
De là véрте o disgosto *ingente, infando*.  
Vái nisto o céo cortéz, e compassivo  
Manda chuva, que abate o pô das rúas,  
E des-tristece o rôsto à afflictta gente.  
Graças ao Céo, que assim nos é benigno!

---

ção os Leitores de conta, que não está impressa; voltem folha, e passem adiante.

*Objicies tertio* : Demos o nosso dinheiro, e queremos mercadoria que sirva, e não obra de pôr ao canto. Respondo : Lem Ums. a Bulla, pela qual pagaõ tantos reis? Lem Ums. o papelinho de S. Lazaro? Lem Ums. etc. etc. E mais custaõ lhe dinheiro. E ainda mais; os que lhes encampaõ Bullas são mais ríccos do que eu, que fiz muitas dessas tróvas, para me darem vintens para a tenda, e para o pádeiro.

(1) Irmaõs terceiros.

Bons rosarios mammáraõ, boas missas  
Do Purgatorio as Almas prestadias.

Remidas da poeira, e lâma as ruas,  
Chega o dia feliz, e suspirado.

Começaõ lógo, c'o 'a alvorada, as Mõças  
A edificar no monte sem mióllo (1)

Castellos váos de flores, e de fitas,  
A vestir galas, a pregar cambráyas. —

Os Peraltas tambem não se descuidaõ:  
Jantaõ de pé, vestidos, penteados;

Da meza passaõ présto o corpo à rua.

Daõ tres hóras. — Coméça-se o fadário : (2)

Espreitaõ-se as Janellas, povoadas

De Deosas, Nymphas, Damas e Rascoas:

A rua entra a ferver de ponta a ponta

Com soldados, com frades, com Lacayos,

Com garôtos, com caës, com ratoneiros. —

Crésce o tropel. — Vem vindo as carruagens —

( ) Arréda ( ) Arréda ( ) \*Ay, Ay, que me pizáraõ. \*

( Pára — Pára — Não mátte éssa criança. . )

): Oh Joaõ, — anda cá. — O'ha éssa sége :(

---

(1) . . . . . Tanta est quærendi cura decoris  
Tot premit ordinibus, tot adhuc compagibus  
Edificat caput. ( altum,

*Juvé. satyr. 6, vers. 500.*

(2) A scena se representa na rua Augusta,  
pérto da rua dos Retrozeiros.

† Em mã hõra eu cà vim. † | Quem traz comsigo  
Crianças, naõ vem vér funçoẽs de apêrto. |

*Tiririn, Tiririn*, retine ao longe

O agudo som das louras charamélas,  
C'os ruffos dos Tinbáles rebatidos. —

« *Là rebenta o Pendaõ, juncto ao Rocío.* »

Grita a chusma de squalidos marmanjos;

E a Mãe, muito devõta, intima à Filha:

( ) Naõ te arrédes de mim. — Naõ dêś mais tréla ( )

« Ao Peralta, e se acazo o pé te piza,

» Assenta-lhe à maõ-tente um tápa-olho.

» Péga nas contas, vái rezando aos sanctos.

» Là vem cinco — e tam lindos. — Olha o Mouro

» Com o alfanje! — Ah cachorro! — Está mattando

» Os santinhos, que mòrrem pela fé. »

( ) *Nuõ morrem pela fé, mas por teimosos.* ( )

( Diz dalli um Inglez arreminado;

Desses que em *Flos sanctorum* crem mui ponco.)

« Là vem mãis n'outro andor Nossa senhora.

» Francisca, quantos saõ? — Tõma sentido. —

» Conta bem. — Até-quî saõ tres andores. — »

( ) Naõ senhor. — Saõ só dous — Este e mais o outro.

( ) E o Menino Jezus vem feito Archeiro! (1)

---

( 1 ) Houvẽ razaõ para assim vir; porque quem o vestio para ir na Processaõ, era mulher de Archeiro, e o andor, e o Menino Jezus eraõ da confraria dos Archeiros. Já um anno antes

( ) Mae-zinha! — Vem bonito. — E um sancto  
( Prêto!!!

( ) Como vem luzidão!!! E este sanctinho

( ) Pôde entrar todo negro assim no Céu? ( )

Tem alma branca os sanctos, e a alma é que  
( Diz muito reverenda a Mãe à Filha ) ( entra.

( ) Ay, Mãe, tanto Paé-zinho, e tam porquinho!!! ( )

| *Hà-hà-tchí; pàssa fora , canzoada. |*

( Vinha a apupada erguida là de longe

Da multî-modã gáffa rapaziã. ) —

Mas, nisto.... se levanta um reboliço....:

Méche se a gente toda.... | Apánha — Apánha —

| Que é um ladraõ, que léva dous relógios |

): Cà me falta o meu lenço. :( † Ay, minha  
( bolsa! †

\* *Eis ahí o de que éstas funções sérvem!* .

(Dizia um vélho mui poupado, e ricco)

\* Eu, quando venho vê-las, deixo em caza

\* Fechado na gavéta — até o còbre. .

† Mas, com que hei-de apontar ao *Whist*, à  
( noite? †

— Là vem um grande andor, que é no feitio,

— Bargantim, se meu ôlho me não mente. —

---

na Processão do corpo de Deos da freguezia da  
Pena, o Menino Jesus ia n'um andor vestido  
de Cadête de verde; porque a Freira de Sancta  
Anna, que o vestio gostava de Cadetes da Armada.

- .. Que diz, senhor Heréje ? (lhe retruca  
Um alti-magro, muito explicativo.)
- .. Que diz, senhor Heréje ? Faz escárneo
- .. De Deos ? dos seus mysterios ? dos seus sanctos ?
- .. Olhe, que não stá longe a sancta caza,
- .. Onde blasphemias táes se págaõ caro. —
- .. O que vem de joélhos adiante
- .. É o senhor sancto Escôto, o mayór sábio,
- .. Que o Mundo conheceu, desde que é Mundo.
- .. E' o grande Defensor da Conceiçãõ,
- .. Contra todo o tropél dos Dominicos.
- .. Elles o sábem bem os *Azeiteiros* :
- .. Que, por não vêr passar o seu flagello,
- .. De chólera, as janéllas, que tem vista
- .. Para o Rocío, himpando, lhe fecharãõ.
- .. Désta banda o segundo é sancto André,
- .. Vestido de saêta azul e rôxa,
- .. Côres, que trajou sempre nas Missoês
- .. De seu acceso, e longo Apostolado.
- .. Là traz na mãõ, escripto em pergaminho,
- .. O summario do que prégou, ácerca
- .. Da intacta Conceiçãõ *in primo instanti*.
- .. Este Padre daquî, da cabelleira
- .. Loura, cóvinhado das bexígas,
- .. Que vai ao pé do Irmaõ do habito riceo,
- .. É quem fez este andor. — E' muito douto !
- .. Elle é, que deu a idéia disto tudo ;
- .. E é que achou as palávras, que escrevera



∴ O Apost'lo sancto André. — Trabalhou muito  
∴ Para as achar, que faltaõ na Escriptura. —  
∴ Mas tanto esgravatou, que deu com ellas. ∴

Eis que um vélho de aspeito venerando,  
Que lhes ficara ao pé, entre a máis gente,  
Póstos, nos dous, os ólhos, meneando  
Tres vezes, a cabeça, descontente,  
O nariz grosso um pouco arrebitando,  
Que os dous, de péto, viraõ claramente;  
C'um saber só de experiencias feito,  
Sorrio-se, e o mais callou no experto peito. (1)

† Lá vem o Pallio já. — Ajoelhêmos. —  
† E os frades vem marchando, ao som dos Pifres!!!  
† Està galante!!! E o como marchaõ cértos!!!  
† Asneiras forãõ frades! — São Francisco,  
† Se os vira assim marchar, tanto a compasso,

---

(1) Esta Outava de Camoës veio-me aquí  
(com pouca mudança) tanto a pélo, que não  
pude conter-me, que a não escarrasse toda in  
teira. Além de que, ella é a pintura genuina  
do Sr. "\*\*\*\*" que por motivos bem sizudos não  
nomeio; elle se achava à minhailharga, e via  
passar a processão, sem dizer palavra; e o  
gêsto, que me fez, ouvindo as explicações *acima-*  
*dittas*, não me esquecerà em quanto eu viva.

(†) Os diferentes signaes † ( ) ( . ) : | ∴  
).( . \* denotãõ as diferentes pessoas, que fallãõ  
no entreméz.

† Bordados pluvias bamboleando,  
† Que não escumaria lá no Céu,  
† De vér tornados em galans bonécos  
† Os modelos da rôta penitencia. †  
Deu fim este entremez. Vai-se indo a gente;  
Vaõ descendo as visitas. Finda a fésta;  
E tambem finda a carta E' meia noite,  
Saõ horas de dormir; e vou deitar-me. (1)

---

## S O N E T T O.

**N**A véspera timbales, e fogueiras,  
No dia de manhan, na Igreja armada,  
Vélas a arder, Mordomos na bancada,  
Vestidos sécios, crespas cabelleiras.  
No chorétto as rebeccas grunhideiras,  
E os musicos começaõ a assuada;  
Sóbe em tanto um Burél a estreita estrada  
A vazar do alto gral sacco de asneiras.  
Férve o namoro, anda alvo lenço em quente,  
Todo o Peralta, e toda a Moça boa  
Pisca seu olho, ou arreganha o dente.  
Escarrinho daqui, dalli resôa  
A trompa do nariz.... E é o Céu conténte  
Deste culto de Deos cá de Lixboa?

---

(1) Opere in longo fas est obrepere somnum.

*Horat. de Art.*

---

---

C A R T A,  
AO MAL. LUIZ DE C.

Nigrorumque memor, dum licet, ignium  
Miscē stultitiam consiliis brevem.

*Horat. lib. 4, od. 12.*

---

**P**ÉDES nóvas em vaõ, Amigo, em tempos  
Tam escassos de guápas aventuras.  
Estão séccas as fontes das noticias,  
Co' as calmas do político ciúme.  
Naõ campa o Stráws com rijas luminarias,  
Nem sinos com repiques repinicaõ.  
Que a nossa corte pósta na retranca  
Nem quér cazar, nem quér parir, teimosa.  
No ricco Oriente, na Africa guerreira  
Já naõ peleja o Lusitano brio,  
E as Náos que vaõ e vem da Europa à India,  
E as Náos que vem e vaõ da India à Europa,  
Em vez de trazer novas de conquistas,  
E tributos de Reis avassallados,  
Como em tempos de Castro e de Albuquerque,  
Vem prenes de futuro coscorrinho  
Em proveito de Caldas, e Bandeiras,

E outros chineiros mais de grosso amanho.  
Do Brazil vem melásso, vem assucar,  
Vem ouro e diamantes, não vem nóvas;  
Que as gentes molles déssas térras quentes  
Naõ lem (1) R....., R....., V.....;  
Fésta, comédias, musica, namôro (2)  
O sprito, como os membros lhes derreiaõ,  
E lhes roubaõ o tempo melhor-dado  
A cuidados civiz, ao justo côbro  
Da dignidade de homem, tam perdida  
Tam descuidada de uns, tam preza em outros.  
Os Mineiros riccassos se ennobrecem  
De ao Visorêi compôr luzida côrte;  
Mui contentes que os ôlhos, de relance,  
Quando entra, ou sahe o Visorei lhes ponha;  
Ufanos se lhes falla, ou os saûda.  
Defêzo é virem de estrangeiros climas  
Relaçõs de Politicas maranhas:  
Fallar no gabinête astucioso  
Da refinada França, é já ferrêtte  
De génio espreitador, que agudo sonda  
Mystérios diplomáticos. — Coitado!... —  
Que à Junqueira irà ser longo inquilino!  
Castélla é como nós. — Dos outros Reinos

---

(1) Alguns, mas poucos.

(2) *Et ce qui s'en suit:*

( Molière, *Précieuses ridicules.* )

Nada se alcança; e o que as gazettas páltraõ ,  
É falso , — ou de tal módo o desfiguraõ ,  
Que pérde o parecer claro e nativo ,  
Com que ao mundo sahio ; — como o Evangelho  
Pérde as feições n'um bom sermaõ Capucho .

Pois que fallo em sermaõ , e que ésta murcho  
O ramo das noticias , sermaõ seja  
A nova , que eu te possa dár mais frésca ;  
Que em Lixboa ( a Deos graças ! ) só se cuida  
Em Processoës , em Bullas da cruzada ,  
Em *Te Deums* , em musicas de estrondo ,  
Em Valentins , em Marra , em Lourencinho .

Fui pois ouvir um tal sermaõ vasado  
Do pùlpito das Chagas milagrosas .  
Là stáva o Gabriél , Pregador louro ,  
E o pulchro Monsenhor dom Dominguiños ,  
Brazaõ da Patriarchal mais adamada ,  
E que eu não minto abonaraõ contéstes .  
Guinchavaõ más Rebeccas no chorétto ,  
Fungava o Rebeccaõ , roncavaõ Trompas ,  
E no meio da Orchéstra , entabaccado  
Cantava o Fanha (1) um squálido Mottéto .  
Eis sóbe garanhaõ pela escadinha  
Do pùlpito o tremendo Padre Méstre  
*Perada* , Lente mór de Theologia .

---

(1) Musico daquelle tempo , empregado nas  
féstas de menos póрте.

Em quanto elle ajoelha, entuffa o cóllo  
Nas dóbras do Seráphico gargálo,  
E daõ fim do Mottêto as Allellúyas,  
Te encampo o figurãõ do Reverendo,  
O seu alto saber, déstra inventiva,  
E o que Arte e a Natureza obraraõ ne'le,  
Quando um chapado Pregador moldavaõ.

Este frade ( se bem me lembro agóra )  
É douto Irmaõ d'um lépido Alfayate,  
Que alto móra na rúa de saõ Bento;  
Que Alfayate da sécia é nomeado  
Por quantos bebem da água de Ulysséa.  
Contaõ inda hoje, as vélhas do seu bairro,  
Que em estudos, em têrmo, o rapáz ( 1 ) fôra  
Um perfeito exemplar de Frei Gerundio. ( 2 )

---

( 1 ) Assim chamavaõ as vélhas ao M. R. P. M. Perada, quando estudante; e algumas ainda ( sem respeito à sua dignidade ) quando já P. M. Tanto pôde nas mulheres, e nos homens o uso, e o vézo.

( 2 ) Aqui se enganou o Author; porque por máis diligencias que fiz nunca achei noticia entre as mulhéres da rua de S. Bento, que alguma déssas vélhas tivésse lido a engenhosa vida do prodigioso Pregador de Campazas. — E' comtudo muito provavel que o author combinando os ditos dessas vélhas com os succéssos

De quanto ouvia, e via a seu vizinhos  
Pedreiros, taverneiros, algibébes,  
Tirava appontamentos, que escrevia  
Com sollicita penna : alto peculio,  
E mina de carôço, destinada  
A ser de bons sermoês pingue recheio.  
Quando via o Irmão, para um capóte  
( Capóte azúl com viva cór de róza,  
Garrido fórrro de arfador Marujo )  
Talhar sizudo c'os sonóros férros  
Tres grandes cabeçoês, co' a bôcca à ilharga,  
Jà gizava dalli os seus tres pontos  
Pará um sermaõ de arromba, que devía  
Machúcho, acreditar toda a seráphica.  
Quando via embutir pontudas nêsgas,  
Pelas dóbras das bífidas cazácas,  
Lógo, em tropél, à tésta lhe acudiaõ  
Pontudos textos de sirzida prova,  
Com que enviosar da prédica os peneiros. (1)

---

de Frei Gerundio, os achasse tam confórmes,  
que por antonomasia, ou qualquer outra figura  
de rethorica, que aqui venha mais a pélo,  
o pozésse aqui.

*Nota do Editor.*

(1) Por atrevimento poético tomou o autor  
aqui os peneiros, com que se refastellavaõ anti-  
gamente as ábas das cazas, pelas abas mesmas.

Em fim, mil outras prendas, que não conto,  
Por não ser mais perluxa a narrativa. —

Ey-lo, que estende as mangas, compoem prégas;  
Derrama um douto olhar pelo auditório;  
E inculca nos affagos do circilio,  
No remenear a goéla, estar dizendo :

« Aqui está Salomaõ; aqui quem campa,  
» E a nata dos sermoës mais puro estrêma. »

Benze-se, escárra, e o texto deita aos mares,  
E o cabeçalho do sermaõ empurra.

Que cuidas tu que encaixa por exórdio?  
Rifaõ sedição em trajas de sentença?  
Allusão de Escriptura? Os Alexandres,  
Os Cesares, çafadas estallagens  
Das laudatórias do loquaz Macêdo?

Palavras sem chorume, e sem sentido,  
Que encadeou com barafundos néxos,  
Um phantasma strambótico, rançoso  
Que em França *Galimathias* s'appellida;  
De cuja emmaranhada tecidura

---

Alguma figura achou o meu Poéta no seu  
Quintiliano, ou no seu Vieyra, a que se en-  
costou; por quanto eu sempre o conheci mui  
appaixonado de figuras, e sem ellas (dizia)  
que se não podia fallar bem, nem escrever.  
Talvez que tivesse razão para o sentir assim.

*Nota do Editor.*



Te dou contente uma amostrinha guápa :  
Ei-la : — e bem comesinha : « *Santo Antonio*  
» *Deste rotundo globo circumdando*  
» *A sphera orbicular.* » Tudo isto é delle.  
São palavras formáes do seu exordio.  
Naõ minto : tenho boas testemunhas ;  
De que já te citei duas não-pêccas.

Vai se não quando , o Pregador se assóa  
Com estrondo de Lente jubilado ,  
Mette o lenço na manga ; e d'outra manga  
Tira outro lenço de subtil cambráya ,  
Com que o suor enchuga do Evangelho ;  
E embetesgando-o , com desdem , no bôlso ,  
Nos solta em pézo a gróssa baforada  
Dos tres pontos , mui nóvos , mui do trinque.

Dizer-te os pontos só , dà mais que rizo :  
Dá chólera , e despeito. Que tal soffraõ  
Gentes que tem juizo ; em tal cidade !  
Em tal éra ! um tal Rei (1), um tal Ministro !

Promettia provar que sancto Antonio  
Fôra , quantos no Céu blazonaõ sanctos :  
Por que a algum baptizou fora Baptista ;  
Fôra Estévaõ , Vicente , Sóter , Cayo ,

---

(1) Advirto que éra entam rei D. Jozé primeiro , e secretario de Estado o marquez de Pombal Paé , não este de hoje.

Porque fôra à Mourama a ser là Martyr;  
Fôra Inez, fôra Oláya, e Catherina,  
Fôra as onze mil Virgens, porque têve  
A graça de ignorar como foi feito.

Desta boa relé foraõ as próvas  
Deste ponto, e dos outros dous seguintes.

No segundo dizia : « *Que por isso,*  
» *Que todos sanctos junctos éra Antonio,*  
» *Éra Antonio o maior dos sanctos todos.* »  
Disse-o, e provou-o. A próva é d'igual laya.

Onde elle porém máis deitou ufano  
Vélas ao vento no sermaõ de arromba,  
Foi em provar no seu terceiro ponto,  
*Que éra o seu sancto Antonio uma pessoa*  
*Da Trindade sanctissima.* — Oh prodigio  
Da prédica rançosa! — Se tu viças  
Como dentro do gral se espanejava,  
Bracejando vermélho, em gróssos máres  
D'apócrifos milagres, flos-sanctórios,  
E outras lendas de credito fallido!....  
Oh meu Deos! — Aqui vinha o bom repáro,  
O frizante. — *Oh deixai.* — Vinha o meneio  
Do pescôço, os affágos das preguinhas,  
E puxar o cordaõ juncto das mammas;  
Vinha o dengue da mão, com garbo abérta,  
Os olhos requebrados, o debruço  
Do peito a meia esguélha, sobre as filhas

De Jórzalm (1), fréguezas da Parróchia....

Mas querer-te eu contar os gatimanhos ,  
As franjas predicães , com que broslava  
O meu bom Pregador o seu discurso ,  
Fôra encher mâis papél , que a carta péde ;  
Fôra moêr-te os óssos da pachorra.  
Assim acabo , com te dar o fêcho ,  
Que épilogo chamou , que eu chamo couce  
Da longa processaõ de parvoices ,  
Que nos desembéstou do catavento  
Do seu çujo bestundo avêssô , e esconço.

Citem-me , quanto queiraõ , com a Biblia  
C'o — *Nil ubi sole novum.* — Zombo , e rio :  
Que o meu fradépio deu-nos novidade  
A pezár de citadas escripturas.  
Deu-nos do sáculo , onde amaõ bons engenhos  
Achar conceito novo , ou nova phrase ;  
Onde amava tirar o Venusino  
Cousa nóva , não ditta de outra bocca (1) ;  
Mas deu o Frade o avesso á novidade  
( Que achou estérco , onde outros achaõ pérlas )

---

(1) Assim o diz o Povo em lugar de Jerusalem,  
como Joaõ de Barros, e outros dizem *esnoga* em  
vez de *synagoga*.

(1) Dicam insigne novum indictum ore alio.

*Horat. Lib. 3, od. 25.*

Deu nova asneira, em todo o ponto nóva.

« E como tenho ( são palavras suas  
Fielmente retidas na memoria )

- » Um tam douto auditorio, e tam conspicuo ,
- » Quéro acabar com um conceito novo ,
- » Que atégora não veyo à douta mente
- » De Prégador algum. — Fez Deos a graça
- » Ao nosso thaumaturgo sancto Antonio ,
- » De lho reproduzir nos céos á lárgea
- » Em tantos sant'-Antonios gloriosos ,
- » Quantos sant'-Antoninhos cà na térra
- » Em évano, em marfim, em pédra, em barro,
- » Em estampas, paineis, em bordaduras
- » A grata devoção parisse ao mundo.

- » Que graça! que favor! que maravilha!
  - » Nunca outorgada ao mais pintado sancto! »
- Exclamava o men Padre, farfalhudo.

E exclamo-te eu tambem : ( ) Manda azoar-me,  
( ) Manda-me esses perluxos, que me néguem  
( ) Poder-se inda forjar asneiras nóvas; ( ) (1)  
Que eu bem sei onde tenho de manda-los : —  
Mando-os lógo aos sermoës de frei Perada.

Quando o meu Padre levantou a lébre

---

(1) Croire tout découvert c'est une erreur  
(profonde ,  
C'est prendre l'horison pour les bornes du  
(monde.

Deste conceitarráz estou seguro ,  
Que deu pulos na célula, de contente.  
Pouco faltou, que não corresse em fraldá  
Pelos largos contornos de Xabrégas ,  
Qual o grande philosopho de Samos,  
( ) *Inveni* ( ) *Inveni* ( ) quando deu co 'a méstra  
Demonstração da quadra Hypotenusa.

---

## O D E,

Em 23 de dezembro de 1800 día dos meus annos.

Non, le bonheur des plus grands rois  
A mon sort n'est point comparable,  
Quand je vois briller à-la-fois  
Le vin, et mon Iris à table.

---

**E**SCAPEI, escapei; (1) mas não sem custo  
Do meus sessenta e seis; e bem disposto  
Encéto ainda outro anno, c'os auspícios  
De melhorada sorte.

---

(1) Uma velha, das muitas que em Paris  
abriraõ logea de Cartomancia, me annunciou

Apezar de defluxos enfadonhos ,  
Darei passagem franca à vóz, ao canto  
( Canto de velho ) e temperando a Lyra,  
Celebrarei meus annos.

Madama Alix, Marfisa c'o bom Monge  
Empinarão risonhos ao Poéta,  
Revezadas saúdes, que daõ brilho,  
Daõ alma alegre aos olhos.

Com gosto entoarão os sons festivos  
As constantes Irmãos, em quanto o Esposo  
C'os ólhos em Nenilly, (1) traça projectos  
De vaccas, e coelhos:

E coçando a grisalha do toutiço  
Cerrando os beiços, e o nariz franzindo,  
A *Polarda*, as Eiròzes nos promette,  
Com môlho à *la Tartara*.

Mas vós não vedes uma branca nuvem ,  
Que a mim direita vem ? Não sentis cheiro  
Sobre humano ? e uma musica donosa  
Que em torno de nós sôa ?

---

que a minha sina me prognosticava grandes  
desastres para o anno 66 de minha idade ;  
e que se eu delles escapasse, bem me podia  
pendurar de cera.

(1) Há nesta Ode alluções, que explica-las  
mui longo fóra.

Eu creio ver este ar todo povoado  
De angelicos meninos, sacudindo,  
Das azas de ouro e azul, nítido orvalho  
De jubilo, incessante?

Eis que a Amizade, que dos Céos bem rara  
A' terra desce, e que só peitos lizos,  
Sacrarios de virtudes, quér por throno,  
Se nos descobre à vista.

Que a nuvem, que a cubria, pouco a pouco  
Se nos foi ante os olhos dissipando:  
Como ao nascer da aurora, a turva sombra  
Se descóse, e esvaéce.

Já deleitosas flammias desparzindo  
Nos cópos trasbordantes de almo Baccho,  
Cobre a meza de Lyrios, e de rozas,  
Colhidas com mão lãrga.

Abre depois o pródigo regaço,  
E as frentes nos corôa com grinaldas  
Sempre frescas, gentis, sempre cheirosas,  
Symbolos de tal Nume.

« Sereis felizes ( diz ) em quanto os laços  
» Sagrados não quebrardes, com que agora  
» Os coraçõs vos cinjo, em grato applauso  
» Dos annos de Filinto. »

---

---

Londres, 29 de gbro de 1791.

## EPISTOLA

Ao Mto. Revdo. S<sup>nr</sup>. Fr. JOZÉ  
DO CARMÉLO.

---

**E**M quanto punes pelos sacros fóros  
Da lésa humanidade, e te malquistas,  
Famoso Pregador, co' esses esteyos  
Da nutante-assombrada Tyrannia,  
Indignado Salicio estes lançava  
Rápidos rasgos de aquecida veyá  
No borrador inculto, que te envia.

Deixa, oh Ministro ignaro, deixa livre  
Ao pensamento, à pluma o stadio abérto,  
Onde desfira a rapidez, a força  
Das sublimes lembranças arrojadas.  
Se lhe encólhes o voo; a força atálhas,  
Mâis rijo, mâis violento rompe os ferros,  
Mâis irado dispara trovejando.



Naõ , vil algôz da candida Verdade ,  
Naõ foi dado téqui ao Despotismo  
Algemar o alvedrio , que sobrano  
Dentro de seu sacrario zomba , e môfa  
De satéllites vis , de escrâvas ordens.  
Se lhe enérvas a lingua , a maõ lhe prendes ,  
Em quanto habita o chaõ , que tôrvo opprimes ,  
Vê como sólta os laços feiticeiros  
Da suspirada Patria , e vai ao longe  
Beber , nos ares livres , largo alento.

Debalde entam povôas as fronteiras  
De esfaimados malsins , pouzas vexames ,  
Na Cidade , na Aldeia , nos caminhos ,  
Levantas tribunâes devassadores  
Da palávra , attributo innato do homem.  
Como se a livre vôz , que nos é dada  
Pará entreter commercio de alma a alma ;  
Navegando nas azas do ar corrente ,  
Da plena bocca aos ávidos ouvidos ,  
Fôra campêche , ou sórdido tabáco ,  
Mercancía de cáuto contrabando.

Em vaõ profanas o sagrado sello  
Das Cartas , que reclamaõ violadas  
O publico foral , publico asylo.  
A verdade ( que engróssa n'outro clima )  
Estendendo seus rayos luminosos ,  
Vem chegando , e ja hátte nas murélhas ,

Nas masmorras — que trémem c'os pavores,  
C'os vayvens do Futuro esclarecido.

Estas piedosas térras, que rodéias  
Com triple cinto de venâes espias,  
Tem de ser (e quanto antes!) libertadas  
Do jugo vil da tabida Ignorancia.

A longa experiência, que prevista  
No ante-mural dos séculos se encôsta,  
Nos aponta o pharôl, que a Natureza  
Ergueu para guiar-nos à Ventura.  
Nem pôdem (que não valem seus podêres)  
Tolher-nos os Tyrannos, os luzeiros,  
Que as sombras dos enganos lries des-técem:  
Como quando, arrayando nos cabeços  
Das mâis altas montanhas, affugenta  
O Sol os véos da Noite denegridos,  
E mette o dia pelo largo mundo.

N'um mar de erros fluctua o nosso engenho,  
Em quanto aos olhos fementidos Bonzos  
Da opiniaõ as vendas nos apértaõ.  
Mas um dezejo, que de ser felizes  
No centro da alma brota, e sempre crêsce,  
Rodando por montoês de altos embustes,  
De despenho em despenho, dà de acerto  
Por fim, com a véreda da Verdade.  
Entam, mâis forte que os cerrados cércos;

( 4 )

Que astucia vil lhe oppoem, sobre-pujando ;  
Atropellando obstáculos absurdos,  
Derribará as áras da Mentira,  
Inda tinctas do sangue da Innocencia.

Se, dos golpes dos Déspotas azedá,  
A Natureza erguesse o véo antigo,  
Que còbre tantos crimes, tanto engano,  
Que inferno de attentados, commettidos  
Contra a singela fé da liberdade,  
Patente fôra aos olhos té-qui cégos  
C'o lenço, que a superstição lhes punha !

Sempre o Philosopho, a travez do manto  
Sagrado, que lançara em todo o tempo  
O Tyranno por cima das cruezas,  
Vio luzir o punhal acicalado,  
Os fachos, as dolósas labaredas,  
Que queimaõ da Verdade as sacras folhas :  
Ouvio pizar as hérvas venenosas,  
As cicutas dos Socrates modérnos ;  
E passando enojado a mão affouta  
Na préga da vedada cobertura,  
Pôde o tronco empunhar envenenado  
Da arvore, que alimenta os ruins fructos.

Já subida em seu lucido oriente,  
As flammigeras ondas a Verdade  
Derramando no Pólo, aclára o mundo,

Rompe a tréva ferrenha , raya luzes  
Nos juizos , que os Erros emnoitaraõ :  
Todos os dias crésce , e vem correndo  
A tomar pôsto na central esphera.  
Tal vem Phêbo , nos ultimos Dezembros ,  
Subindo ao frio Aquario , e medrar busca  
Na zôna mais amena , até que vingue  
Ao cume do Zenith , e espalhe a frôxo ,  
Limpa de nuvens , a dourada coma.

Faquires , Talapoês , Bonzos , Dervizes ,  
Temei , aréstas vis do Despotismo :  
Canalha multi-fórme hoje temida ,  
Mas pizada àmanhan , e destruida.  
Temei o nobre esforço da Virtude ,  
Das curvadas té-qui Lettras , Talentos.  
Temei , oh Charlataês supersticiosos ,  
As sêttas da sciencia penetrantes ,  
Bem dirigidas por sagaz despeito ,  
Quaes já soaõ na fórja , e já se aguçaõ  
Na moral Philosòphica Officina.  
Jà se atezaõ os arcos recurvados ,  
Que poem a mira no damnado peito  
Da devòta Calunnia , e sancto Orgulho.

Naõ ouviz a stridente e reforçada  
Trombeta da Razaõ , que pèrto sóa ?  
Que abalados os montes , e as florèstas  
Jà retumbaõ , já trémem , já pregoaõ

A sentença voraz, que vinga o insulto  
 Contra as livres idéias commettido ?  
 Consumir ameaça no alveo ingente  
 Toda a turba de Edictos vedadores,  
 Deixando apenas a mordaz lembrança  
 Para labéo dos Reis — Reis que os passasteis,  
 Cuidaveis que ereis Reis, e escravos ereis  
 Dos Bonzos, por quem stultos perseguieis  
 Os mais puros, os mais fieis vassallos,  
 Os sequazes da lúcida Verdade,  
 Ingrata ao falso zelo, ao fanatismo,  
 A' Lucrosa Ignorancia. — Já lá assoma,  
 Montando Augusta um carro de ouro puro  
 A sublime Razaõ, accompanhada  
 De sevéros Ministros, que ante os olhos  
 Da celeste Rainha iraõ julgando  
 Estólidos verdugos, que empregavaõ  
 Toda a crua officina dos tormentos  
 Nos membros da Verdade, e pertendiaõ  
 Privar do mais cabal de seus direitos  
 O Homem, que nasceu para ser livre,  
 Livre em suas açcoës, em seus conceitos,  
 E livre em largamente derrama-los,  
 Quando à social Ventura não empêcem.

Môrra o torpe Impostor, que onson astuto  
 Do Author proficuo a-grilhoar a pluma,  
 Que esclareceu dos homens os juizos,  
 As hypòcritas máscaras rasgando.

Morra quem alvitrou ir persuadiado

Assim os parvos Reis com feyo engano.

Falla assim a Razaõ. Mas diz o Erro :

- » Quem disse aos Reis que os Bonzos embrutecem
- » Os Pòvos para haver delles riquezas
- » Com que adquiraaõ podêres , e regálos
- » É impio , e blasfemou das Escripturas :
- » Quem dos Pòvos defende os saõs direitos ,
- » Ou quér embrandecer o sceptro de aço ,
- » Protector da Ignorancia , e Tyrannia ,
- » É mais que Barrabàs , é ruivo Judas ».

Sabios, mostrai-lhe aos òlhos enganados  
O escuro horror , o detestando Crime  
Dessa alma apodrecida na maldade.

América feliz ! Naçaõ briosa.

Que rompeste os grilhoës do captiveiro !

Tu os fachos viste , viste as labarédas ,

Que os livres pensamentos , que os da pluma

Rasgos mais nobres , linhas mais valentes

Com soffrega violencia consumiaõ.

O sancto lume da commun Ventura

Vos rutilou na mente : « Erguei ( vos disse )

- » Nestas plácidas terras avisadas ,
- » O pendaõ da celeste Tolerancia :
- » Vêde , quâes vos daqui móstro patentes ,
- » Que horrendos saõ os penetrâes occultos
- » Da sagrada Vingança enraivecida ,
- » Que aflõga , e queima a pròvida Verdade ,

- » Mal que ella (em damno seu) no Orbe apparece.
- » Que tristes ! que piedosas são as térras
- » Em que ella o tórvo seu impèrio exèrce !
- » Vê seus Pòvos mesquinhos , desprezados
- » Faltos da luz do Sòl da Liberdade ;
- » Da Mãe das Artes , do Saber sublime.
- » Como arrastraõ nos brejos da Ignorancia
- » Duas tam gróssas , tam brutães cadeias ;
- » Que atou Superstiçaõ , e Despotismo !
- » Esse estandarte que àrvoræs prudentes ,
- » Tecido por Francklin com mão divina ,
- » Serà phanal , que avise dos baixios ,
- » Em que tantas Provincias naufragaraõ.
- » Seja brazaõ , que honrando a humanidade,
- » Despèrte invejas , afervore as gentes
- » ( Té-qui cégas , e frouxas ) a imitar-vos ».

Oh ditosos ! oh bons Americanos ,  
Porque o tam venturoso exemplo vòsso ,  
As protectoras àzas despregando ,  
Naõ visita , e empenhado naõ consòla ;  
Com seu vôo , os impèrios desastrosos ,  
As miserandas gentes opprimidas  
Da fradesca relé tyranna , e nescia !

! Oh França illustre , das Nações Rainha ,  
Tu sacudiste o vergonhoso encargo ,  
Que à imprensa abafava o claro grito :  
Tu a remiste , ella hoje te liberta.

**Indocil re-mordias duro freio ,**  
**E o Despeito aldavadas já mui-rijas**  
**Dàva às portas do Brio esperguiçado ,**  
 Quando as armas , que em torno de teus muros ,  
 Começaõ a luzir , e os ameâcos  
 Da escravidão mais dura , e mais estreita  
 Êrguem na alma as lembranças desabridas  
 De extorsoês , de tributos , de masmorras  
 Abertas para os bons , para os zelosos  
 Do bem da Pátria , os Escriptores claros ,  
 Descubriores de verdades uteis ,  
 Victimas de sagrados impostores ,  
 De inertes Cortezaõs , de in-castas Damas.  
 Nos magnanimos peitos fêrve , e estoura  
 Ancia briosa de metter os hombros  
 A' Conquista da chara Liberdade.  
 Escravos hontem , são Romanos hoje !  
 Cerraõ c'os muros , co'as horrendas portas  
 Da armada Tyrannia ; — Ao despeitozo  
 Vayvem de ancians vinganças assestadas ,  
 Ródaõ por terra alluïdos baluartes ,  
 Descobre-se a hedionda bruta face  
 Do maléfico irado Despotismo.  
 Sôa no aureo sallaõ do luxo impuro  
 O estrondo das masmorras arrazadas ;  
 E o voraz Monstro , do covil sahindo  
 Torpe do negro sangue mal-coalhado  
 Das victimas , Serpente enorme e squalida ,  
 Torcendo , e destorcendo a longa càuda ,



Vai rojando o squamoso largo ventre ,  
E, olhando para traz , silva raivosa.

Dos Dêspotas , nos pâteos assustados ,  
Clama vinganças , e impotentes iras.  
Eis lôgo os braços , que atezava o Orgulho ,  
Para descarregar pezado açoute ,  
Co'a triste nôva desmayados câhem ,  
Tam dêbeis , quanto outrora corajozos  
C'o estejo dos canhoês , e bayonetas.  
De encolhidos , c'o susto , não são vistos :  
Que se vão pouco a pouco desfazendo  
Aquellas pêlas de vaidozo vento. —  
Eis que arrancaõ a rápida fugida ,  
E o som da Liberdade , que os atrôa ,  
Métte espòras no bojo dos cavallos.

Povo feliz , que resgataste os fóros  
Da Liberdade , a tantos des-vestida !  
Só vòs sois homens. Sim , que os mais quâes  
Enfreados por mãos do Despotismo , ( brutos )  
De ôcca Supertição , de Enredo cêgo ,  
De tantas leis dolosas , e oppressivas ,  
Sentem nas curvas , fustigadas côstas  
Do açoute despiedado os vergoês rôxos ,  
Por mãos imperiosas sacudido ,  
Se bôto o engenho , com vendados olhos  
Não vão calcando a re-trilhada senda ,  
Que lhes traçou , mofando , a Astucia altiva.

Ay dô escravo infeliz , se dos açoutes  
Se dôe , desprêga a voz , ou rasga a venda !  
Apertão-lhe os grilhoês , em calabouços  
Lhe agravaõ mór tormento , e là na praça  
Lhe estaõ tecendo undi - flammâs fogueiras —  
Estremeço do horror ! bravejo de ira !

Quem forjarà na nossa Elysia ) oh Patria ,  
Oh Patria , que soubeste ambos os jugos  
Sacudir , do Hespanhol , do Mouro , e dar-te  
Claro nome ! ) quem forjarà os rayos  
De livre ideia , que de Deos vem livre ,  
E livre a Deos , de si , razãõ sò deve ,  
Rayos , que assustem pàllidos Tyrannos ?

De vòs nos venha , oh Povo generoso ,  
Que em vòs achou asylo , em vòs impèra  
A Verdade , a Razaõ , a Estima , o Brio,  
Avexados no mundo , e foragidos,  
De vòs nos venha o rùbido ferrêtte,  
Que assinàla de hypocritas a fronte ,  
Lançados , por miserrimo ludibrio ,  
A's pragas , aos baldoês tam merecidos.

de V. Reverencia

amigo , e muito venerador criado

Ignacio de Sequeira Massueles,

---

---

## D E N U N C I A .

Venit summa dies et ineluctabile tempus.

*Virgil. Æneid. lib. 2.*

---

**A**PAGADAS com crenças, com chyméras  
As luzes da Razaõ, que a Natureza  
Cauta nos accendeu no intimo da alma ,  
Veio Supersticiaõ pôr em destroço  
Os dons preciosos , que os mortaes gozavaõ :  
A' sublime moral simples, e pura  
Sobrepóz devoçoês , miúdas rézas ,  
Romarias , alampadas , verónicas ,  
Ritos risiveis , sumptuosos nádas ,  
Baldáõ , e escarne de homens sabedores ,  
Baldáõ de Protestantes ; que tomando  
O Evangelho por nórtte , o acharaõ mudo  
Em Rosarios , Bentinhos , e Irmandades ,  
Penitentes de açoute , andôres , bullas ;  
Obra de frades , como é nóto ao Mundo !  
Se os Reis tivessem tino , houvéraõ rôto  
Em todas as tyrannicas clausuras  
Seus vótos imprudentes , ou matreiros ;  
E dado à Pátria Cidadoês — baldados  
Em rezas vans , ridiculos tregeitos.

Os Reis tem toda a culpa ; que accolherão ,  
Em seus Reinos , ruíns abelharucos  
Que o mól da sociedade Colmeia cõmem ,  
Nãõ lidando no Bem , mas na Maldade ;  
Accurvando a cerviz do ignaro Povo ,  
E inda a cerviz dos Reis ao duro jugo  
Dos Dèspotas de Roma , e seus meirinhos ,  
Frades de toda a cõr , de todo o lóte.

Que tinhaõ que dever os Reis , c'os Papas ?  
Que bem lhes vinha à Christandade , aos Reinos ,  
De virem Cardeães , virem Legados  
Sorver thesouros , com que Roma engórde ,  
Por dispensas , annátas , indulgencias ?  
Quebrar da sociedade íntimos laços ,  
Erguer Inquisições , pôrem mordaças ,  
Dar tratos , confiscar , armar fogueiras  
A quem lhes conheceu o vicio , a astucia ,  
E póde descubri-lo ao Povo simples ? ( \* )

---

(\*) L'abbé Brizard , Massacre de la St.-Barthelémi , vol. 2 , pag. 189.

Depuis la renaissance des lettres , et sur-tout depuis la mort de Léon X , qui comme Pape avait été assez impolitique pour les favoriser , ses successeurs avaient senti le besoin du Tribunal de l'Inquisition pour arrêter le progrès des lumières ; aussi avaient-ils donné une nouvelle activité en Italie , et cherché a l'étendre dans

Dos homens de valor , e de alto senso  
Escravos , composeraõ , delatores ;  
Ignorante relé , que arrastra o pezo  
Dos grilhoës , que lhe atou algoz fradesco.

Vòs Reis tendes a culpa , que estes lóbos  
Naõ espancães do meio das ovelhas ;  
Vòs que o sabeis de infinda experiencia  
De tanto Rei apunhalado , ou mórtó  
Com veneno subtil , traidoramente ,  
Por mãos sagradas dado , em sacro rito ;  
Quam pouco vossas c'roas resguardaraõ  
Esses facinorosos , quantos crimes  
A mui cruel sacerdotal vingança  
Designa commetter , se lhes dáes tempo ,  
E naõ lhes preparaes tam justo estrago ,  
Que , para commum mal , nunca re-nasçaõ.

*Anonymo.*

---

tous les Royaumes de leur dépendance. Ce Tribunal était sur-tout érigé contre les hommes éclairés, les gens de lettres, tous ceux qui avaient peine à soumettre leur raison aux rêveries des Moines, et leur liberté au despotisme de Rome; et à mesure que l'univers faisait des efforts pour se débarrasser des langes de l'ignorance et de la superstition, ce Tribunal redoublait de vigilance pour éteindre les lumières et dégrader la raison.

## O D E. \*

Extremum , Arethusa , mihi concede laborem ;  
Pauca meo Gallo. . . . .  
Carmina sunt dicenda : neget quis carmina Gallo ?

*Virg. Eclog. X.*

Concede , oh Musa este ultimo trabalho ,  
Que a Gratidaõ te pède.  
Ao *difficil* Tiburcio poucos versos ,  
Sò de nova arte agradaõ :  
Mas quem pøde a Tiburcio negar versos,

---

\* Esta ode tinha riscado o titulo da pessoa a quem foi dedicada. Eu sei que o Author foi infeliz, dedicando algumas das suas obras a ingratos que as desmereciaõ; e esta foi uma das odes mal-empregadas. O Author que a riscou, soube, mas tarde, que fizera versos a um nescio porque só nescios podem ser insensaveis a obsequios de tal valia. Toutes les fois qu'un homme de le ttes loue un Ministre ou un Prince, il conserve le droit d'effacer ses éloges, s'ils cessent de les mériter. — Volt..

*Nota do Editor.*

Que o coração inspira!  
Canta este dia, (1) fausto à Liberdade ;  
E às cívicas coroas (2) ;  
Fausto dia , em que incolume Filinto  
Se desprendeu das garras  
Do hórrido truculento Fanatismo.  
Eu vi o infando Monstro  
Sopezado nas azas sanguinosas ,  
Amedrontando torvo  
Da enfiada Elysia as cúpulas soberbas ,  
Rebanhar a seu lado  
Com penetrantes, assanhados sylvos ,  
O negro bando infame  
Dos satellites seus , (3) com voz pezada

---

(1) Anniversario de 4 julho de 1778.

(2) Que só se davaõ em Roma aos que salvavaõ a vida aos cidadãos.

(3) Sans les lois tyranniques ... et le glaive du Despotisme, comment des Prêtres intolérans et fanatiques forceraient-ils tout un peuple de se soumettre à des dogmes, à des pratiques qui blessent la raison et revoltent l'humanité? Mais le Despote ordonne, menace ... et soutient l'autel et la chaire par des échafauds et des bûchers. La ligue de ces deux monstres impies a souillé de crimes toutes les pages de l'histoire

Designar a masmorra.

Os fuzis dos grilhoês já os ouvia

Rugirem arrastados ,

Ranger equuleos , e os ministros duros

Entrançar os cordéis. . . .

Já lá se érgue a despótica fogueira (1)

Que convence a Innocencia

Com cem linguas de fogo abrazadoras....

Quam falsas , quam diversas

Das linguas, que um Deos justo, um Deos piedoso

Mandava ( 2 ) aos varoês brandos ;

---

(1) En même tems s'éleva un tribunal de sang chargé de faire les recherches les plus rigoureuses , ayant pour loi de regarder le soupçon comme crime , et traîner des malheureux au bûcher sur la déposition du plus vil délateur. C'est à cette occasion que se forma cette Inquisition que la France , qui la vit naître dans son sein , a rejetée avec horreur ; mais qui , réverée en Italie et en Espagne , y a exercé long-tems les plus grandes fureurs , sous la bannière d'un Dieu de clémence.

*Tableau de l'Histoire moderne.*

(2) No Cenáculo , aos Apostolos no dia de Pentecostes.



Que com vozes de mansidão venceraõ

O reluctante mundo!

Eu te vejo... Eu te vejo , oh Deus clemente ,

Entre rasgadas nuvens

De azul e branco , recortadas de ouro ,

Sentado magestoso ,

Arvorar o signal da Piedade ,

O redemptor Madeiro.

Da tua doce falla estes me soaõ

Maviosos queixumes :

» E pôde quem Ministro meu ( 1 ) se chama

» Armar-se co'as segures

» Da séva tyrannia ? ( 2 ) Assim se imita

---

(1) Heu primæ scelerum causæ mortalibus ægris  
Naturam nescire Deûm

*Sil. Ital. lib. 4. vers 794.*

(2) Estas palavras são dignas de Jesus-Christo, que com os exemplos de toda a sua vida, provou que a mansidão e a charidade são o character do Christaõ. Que a Religiaõ dêve ser livre, como o são todos os actos da vontade. Se a fé pôde tudo em nós, que necessidade hà de armar de lanças, e espadas os Ministros da Religiaõ ? As armas sim férem e mattaõ; mas não mudaõ, nem obrigaõ os animos : as fogueiras pôdem queimar os corpos, mas não persuadem. A Religiaõ christan é mansa e humilde, como

» Um Deos , que deu o sangue  
» Por dar das culpas o resgate aos servos? »

Subito acena affavel

A' serena Amizade , que do seyo

Eterno à luz sahira ,

E que a seus pés , no throne , tem assento ,

Vá salvar de Filinto

Os não-culpados, sempre-ingénuos dias ;

E à Compaixão ordena

Que dos ultimos seus tenha disvello.

Eu vi , Tiburcio , a Deosa

Pelos liquidos ares vir descendo ,

Guiar a mim o vôo ,

---

o seu Author; e os Ministros della querem ser  
Déspotas soberbos , cruéis , e vingativos. São ab-  
surdos e impios os que imaginaõ tam fraco o Deos  
supremo , que não póde suster a Religiaõ ,  
se elles lhe não acódem com o braço do  
carrasco. Deshonraõ a Religiaõ os que assim  
pertendem defende-la. Préguem , não prendaõ.  
Brilhem com o ouro do bom exemplo , não  
com o ouro do Fisco. Persuadaõ , não mättem.  
Porque , quando clamarem. — *Viva a Religiaõ* —  
Se não sub-entenda ( com discrédito seu , e  
della. ) — *Reine o Interesse.* —

*Nota do Editor:*

( 20 )

Alvas e roxas desfraldando ao vento

As infunadas roupas....

Que brandura no gesto lhe vertia!

Que doces, meigas fallas!

Que cuidado benigno a des-socéga

A' vista de affligidos!

Eu não sei... Ou me engana a vista absorta

Em tantos resplandores,

Que das abertas nuvens vem aos olhos;

Mas vi em seu semblante

Tuas nobres feições, tua brandura

~~No gesto mavioso.~~

AGOSTINHO SOARES

DE VILHENA E SYLVA.

---

## O D E.

Quippe ita formido mortaleis continet omneis  
Quod multa in terris fieri cœloque tuentur ,  
Quorum operum causas nulla ratione videre  
Possunt, ac fieri divino numine rentur.

*Lucret.*

---

**C**OSTUMADOS a vér descer dos áres  
Granizo , ráyos , séccas , e diluvios ,  
A um morador d'além dos àres déraõ  
Do Universo o dominio  
Os homens , ( 1 ) e óra ao sól , óra à chiméras  
Nascidas na ôcca idéia de embusteiros  
Levantaraõ altares , em que novos  
Verteraõ leite , e fructos. ( 2 )

---

( 1 ) Fallo dos adoradores de falsas Divindades.

( 2 ) Nulla res efficacius multitudinem regit  
quam superstitio. *Quint. Curt. lib. 4.*

Medrou c'o médo o Engâno, e a Barbaria  
Tingiraõ , ante o Deos ignoto, os impios  
Cutélos nas gargantas innocentes

De pallidas Donzéllas : (1)

Os dons da Natureza desmentindo,  
Perfidos Bonzos, dos mortaes a dita  
A' sugeiraõ, às victimas, á crénça:

Astutos a attribuem.

Nem saõ, se tréme a Terrá , ou Volcaõ rompe,  
Séccaõ seáras, ou se alagaõ campos,  
Crises deste Orbe, mas ultrices penas

Do desacato aos Numes.

Insulto afroz commette o que investiga  
Physico arcano, causa dos successos:

Querer ser como Deos sabio e previsto

Contra embustes de Bonzos.

« Póvos sêde ignorantes e submissos »

( Vos clama a fé, vos clama o sacerdocio )

« Dai-nos honras, dai vidas, e fazendas

» Dar-vos-hemos valia ,

---

(1) *Tantum Religio potuit suadere malorum.*  
*Lucret. lib. 1.*

» Co'as Divindades , que nos céos tratamos ;  
» Que nos daõ o poder , que os bons ádita ;  
» Nos daõ o açoute , que no ousado vinga

» Mal-curioso Engenho. » (1)

Que crimes se pouparaõ ! Que Hyerophantas  
No Nada se sumiraõ , se alcançassem  
Os mortáes , que da térra se levanta  
O Rayo , que os assusta ! (2)

DO MESMO AUTHOR.

---

(1) Nè encor ti scuoti onnipotenza ultrice ?

Ed oziosa ancor ti resti e dormi ?

Ed ancor l'ira tua sterminatrice

Lascia impunita le bestemmie enormi

Che di religion tentan con velo

Associare ai gran delitti il cielo ?

(2) Timor fecit esse Deos.

---

Como achei , entre os papeis , que um amigo  
me remetteu , o anno passado , de Lisboa , ou-  
tros Poemas do lote da Epistola , quiz junta-los  
a ella ; que dado sejaõ de Authores differentes ,  
trataõ todavia parecido assumpto.

O Editor Joaõ Charlos ROBINOT.

*F I M.*

T III









